



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Keila Maria de Araujo Silva

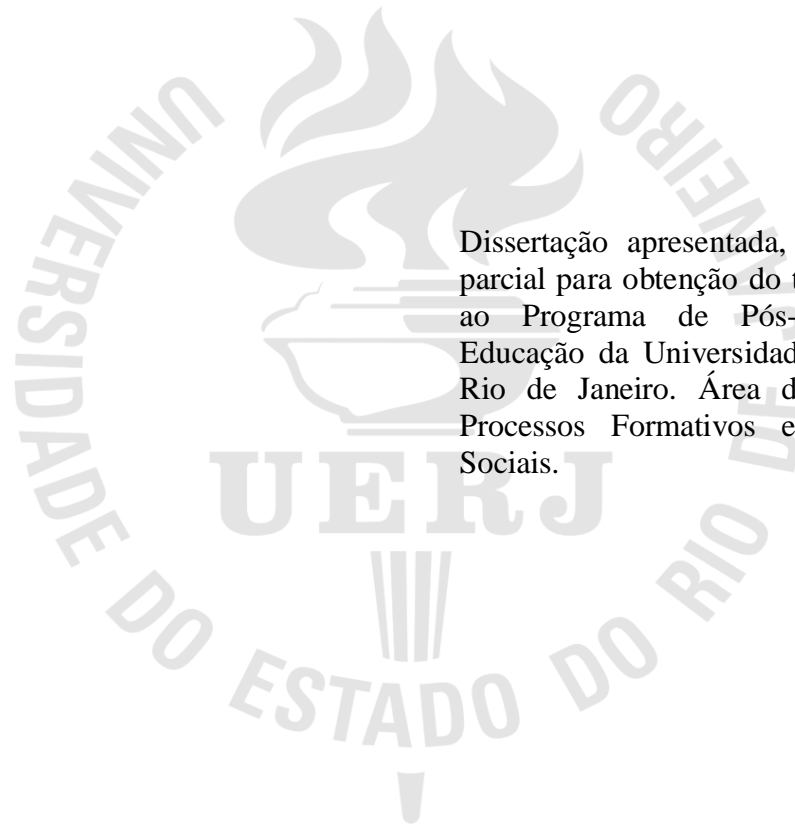
**Infâncias que (se) falam: memórias de infâncias de moradores do Morro do
Alemão e a luta pelo direito à educação**

São Gonçalo

2019

Keila Maria de Araujo Silva

Infâncias que (se) falam: memórias de infâncias de moradores do Morro do Alemão e a luta pelo direito à educação



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Processos Formativos e Desigualdades Sociais.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Tereza Goudard Tavares

São Gonçalo

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

S586
TESE

Silva, Keila Maria de Araújo.
Infâncias que (se) falam : memórias de infâncias de moradores do Morro do Alemão e a luta pelo direito à educação / Keila Maria de Araújo Silva. – 2019.
168f. : il.

Orientadora: Profª. Dra. Maria Tereza Goudard Tavares.
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Infância – Teses. 2. Educação de crianças – Teses.
3. Crianças – Biografia – Teses. I. Tavares, Maria Tereza Goudard. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CDU 37-053.2

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Keila Maria de Araujo Silva

Infâncias que (se) falam: memórias de infâncias de moradores do Morro do Alemão e a luta pelo direito à educação

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Processos Formativos e Desigualdades Sociais.

Aprovada em 18 de fevereiro de 2019.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Maria Tereza Goudard Tavares (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof^a. Dr^a. Carmem Sanches Sampaio
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof^a. Dr^a. Valéria Oliveira de Vasconcelos
Centro Universitário Salesiano de São Paulo

Prof^a. Dr^a. Mairce da Silva Araújo
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

São Gonçalo

2019

DEDICATÓRIA

Aos velhos do Morro do Alemão, os protagonistas desse trabalho de pesquisa.

Aos meus velhos preferidos, meus pais Edite e Edson (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Maria Tereza Goudard Tavares, minha querida orientadora, que me convidou a caminhar por novos caminhos, as infâncias, e eu fui, seguindo a sua orientação firme, carinhosa, cuidadosa, fraterna, paciente, amiga. Nunca imaginei ir tão longe. Muito obrigada por me levar!

À minha amada e tão preciosa família de quem recebi parceria, carinho, força e amor incondicional. Néri (marido), Bia (filha), Edite (mãe), vocês foram fundamentais para o meu caminhar.

À FFP/UERJ, instituição que sofreu e vem sofrendo com o descaso das autoridades governamentais do Estado, mas resiste e vai sempre resistir. Agradeço o acolhimento, a troca e partilha. Agradeço pelo impecável, competente e amigo corpo docente.

Aos colegas da turma de mestrado, em especial à Carolina Alencar e às grandes companheiras do grupo de pesquisa GIFORDIC, o meu especial agradecimento. Vocês são demais!

Aos meus chefes e amigas de trabalho do PROURB/FAU/UFRJ por estarem sempre ao meu lado e pela parceria em todos os momentos de minha ausência.

Às queridas Professoras Carmen Sanches Sampaio, Mairce da Silva Araújo e Valéria Oliveira de Vasconcelos pelas necessárias e importantes contribuições no exame de qualificação e a disponibilidade para seguir na construção e finalização do meu trabalho.

Ao Instituto Raízes em Movimento e seus maravilhosos projetos e eventos, incentivos para o meu caminhar pelos becos do Morro do Alemão: Obrigada Alan, Ricardo, Renato, Ana Lúcia, Pablo, Thiago e Eric.

Aos sujeitos dessa pesquisa, que me receberam de braços abertos, abriram o coração e compreenderam que as memórias, as vozes aqui registradas fazem parte da luta por um futuro melhor para crianças, jovens, adultos e velhos moradores do Morro do Alemão.

Obrigada meu Deus por chegar até aqui!

A experiência que passa de pessoa à pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.

Walter Benjamin, 1987

RESUMO

SILVA, Keila Maria de Araujo. *Infâncias que (se) falam: memórias de infâncias de moradores do Morro do Alemão e a luta pelo direito à educação*. 2019. 168f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2019.

A presente pesquisa buscou problematizar a importância das experiências e lembranças de infâncias de antigos moradores da favela do Morro do Alemão – Rio de Janeiro, uma área que sofre com a violência num cenário que se repete há décadas, sem os devidos investimentos do poder público. Passado mais de um século desde o surgimento da primeira favela na cidade do Rio de Janeiro percebe-se ainda o resquício da invisibilidade que a tem ferido profundamente, deixando marcas por esse abandono em seus moradores. Parece-me que ainda não há um reconhecimento socioespacial da favela no cenário político e urbanístico da cidade do Rio de Janeiro. As memórias de infância(s), histórias de outro espaço-tempo podem fornecer instrumentos que levem as crianças dessa favela a imaginarem o passado e colorirem o presente e o futuro em suas experiências. A memória é um elemento constituinte da identidade pessoal e coletiva. Neste sentido, a presente investigação teve como foco, a história oral de alguns moradores que viveram suas infâncias no Morro do Alemão, a educação popular, os processos formativos a partir dessas narrativas e as relações intergeracionais envolvidas nesse processo. Assim, por meio de uma pesquisa de campo fundamentada em entrevistas orais, procurei conhecer pistas e possibilidades epistemológicas para pensar a infância, a educação infantil e o direito à educação nesta favela. Busquei referencial teórico, sobretudo em Conceição Evaristo, Ecléa Bosi, José de Souza Martins, Maria Tereza Goudard Tavares, Michael Pollak, Paulo de Salles Oliveira, Paulo Freire, Pierre Nora e Victor Valla que apontaram caminhos para a pesquisa prosseguir e ser desenhada, sendo esses os passos para tratar das memórias de infância(s) do Morro do Alemão.

Palavra-chave: Memórias de infância. Histórias de infância(s) das camadas populares. Morro do Alemão. Educação popular. Encontros intergeracionais.

ABSTRACT

SILVA, Keila Maria de Araujo. *Childhoods that talk to each other: childhoods memories of residents of Morro do Alemão and the fight for the right to education.* 2019. 168f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2019.

The present research sought to discuss the importance of experiences and childhood memories of former residents of the slum of Morro do Alemão-Rio de Janeiro, an area that suffers from violence in a scenario that has been repeated for decades, without the proper care of power Public. More than a century since the emergence of the first slum in the city of Rio de Janeiro, it is still perceived the remnants of invisibility that has deeply wounded it, leaving marks for this abandonment in its residentes. It seems to me that there is still no socio-spatial recognition of the slum in the political and urban setting of the city of Rio de Janeiro. Childhoods memories, stories of another space-time can provide tools that lead the children of this slum to imagine the past and colour the present and the future in their experiences. Memory is a constituent element of personal and collective identity. In this sense, the present research focused on the oral history of some residents who lived their childhoods in Morro do Alemão, popular education, the formative processes based on these narratives and the intergenerational relations involved in this process. Thus, through a field research based on oral interviews I sought to know epistemological tracks and possibilities to think about childhood, child education and the right to education in this slum. I searched for theoretical referential, especially in Conceição Evaristo, Ecléa Bosi, José de Souza Martins, Maria Tereza Goudard Tavares, Michael Pollak, Paulo de Salles Oliveira, Paulo Freire, Pierre Nora e Victor Valla who pointed out ways for the research to proceed and be drawn, these were the steps to deal the childhoods memories of the Morro do Alemão.

Keywords: Childhoods memories. Childhood stories of the popular classes. Morro do Alemão. Popular education. Intergenerational meetings.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 -	Banco de Teses e Dissertações CAPES.....	25
Mapa 1 -	Localização das 15 favelas – Complexo do Alemão.....	37
Mapa 2 -	Estrutura do Complexo do Alemão: Delimitação – Bairros e Estações.....	38
Quadro 2 -	Censo demográfico – Complexo do Alemão – IBGE 2010.....	38
Quadro 3 -	Faixa Etária – Complexo do Alemão – IBGE 2010.....	39
Figura 1 -	Vista do Complexo do Alemão – 1940.....	40
Figura 2 -	Vista do Morro do Alemão a partir da Estação do Morro da Baiana...	40
Figura 3 -	Vista do Morro do Alemão a partir do Teleférico.....	42
Figura 4 -	Instituto Raízes em Movimento em dia de Evento.....	45
Quadro 4 -	Moradores do Morro do Alemão – Entrevistados.....	66
Figura 5 -	Biblioteca Roberto Gonçalves – Morro do Alemão.....	77
Figura 6 -	Árvore sobrevivente da antiga Praça de Árvore.....	81
Figura 7 -	Mulher e criança subindo o Morro carregando água.....	82
Figura 8 -	Vista do Morro do Alemão.....	100

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACM	Associação Cristã de Moços
BEM	Biblioteca Escolar Municipal João Ribeiro – Olaria/Ramos
CUFA	Central Única das Favelas
ECA	Estatuto da Criança e Adolescente
FAU/UFRJ	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/Universidade Federal do Rio de Janeiro
FFP	Faculdade de Formação de Professores
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
GIFORDIC	Grupo de Estudos e Pesquisa da(s) Infância(s), Formação de Professores (as) e Diversidade Cultural – FFP - UERJ
IES	Instituição de Ensino Superior
IESP/UERJ	Instituto de Estudos Sociais e Políticos/Universidade do Estado do Rio de Janeiro
IFCS/UFRJ	Instituto e Filosofia e Ciências Sociais/Universidade Federal do Rio de Janeiro
IPPUR/UFRJ	Instituto de Planejamento Urbano e Regional/Universidade Federal do Rio de Janeiro
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
NEPP-DH/UFRJ	Núcleo de Pesquisa em Políticas Públicas e Direitos Humanos/Universidade Federal do Rio de Janeiro
ONG	Organização Não-Governamental
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento
REMA	Relatório de Entrevistas no Morro do Alemão
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UPP	Unidade de Polícia Pacificadora

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	PERCURSOS DE UMA PROFESSORA QUE SE TORNA PESQUISADORA APRENDIZ.....	18
1.1	A relação entre o Morro do Alemão e a pesquisadora – limites e vicissitudes no campo de pesquisa.....	22
2	MEMÓRIAS DE INFÂNCIA(S) E EDUCAÇÃO POPULAR EM FAVELAS: DIÁLOGO COM ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE A TEMÁTICA.....	25
3	APRESENTANDO A FAVELA – O MORRO DO ALEMÃO – UMA FOTOGRAFIA EM PRETO E BRANCO.....	36
3.1	O Morro do Alemão como lugar de memória e Educação.....	46
4	NA BUSCA DOS SABERES DE MORADORES DO MORRO DO ALEMÃO: OUTRAS EPISTEMOLOGIAS DA ESCUTA E A QUESTÃO DA ENTREVISTA COMO CONVERSA.....	54
4.1	Conhecendo velhos moradores e sua relação com o Morro – infância(s) e histórias de infância(s).....	62
4.1.1	<u>Seu Betinho e o sonho de salvar as crianças do Alemão.....</u>	66
4.1.2	<u>Seu Caetano – levando alegria no transporte alternativo.....</u>	67
4.1.3	<u>Dona Elvira e sua filha Rosemary – a vida difícil na favela.....</u>	68
4.1.4	<u>Seu Zé Antônio – lembranças do futebol no campinho do Morro.....</u>	69
4.1.5	<u>Seu Carlinhos – saudades do casarão mal assombrado.....</u>	70
4.1.6	<u>Dona Dedé – a paixão pelo Morro e pelo samba.....</u>	70
4.1.7	<u>Dona Nilda – saudade da tranquilidade e paz do passado.....</u>	71
4.1.8	<u>Dona Joana – as matinês do Clube Dezoito e o bar da Jacutinga.....</u>	72
4.2	Contribuições das vozes da favela para as infâncias, educação infantil e as relações intergeracionais.....	74

CONSIDERAÇÕES FINAIS, EMBORA PROVISÓRIAS: PENSANDO OUTROS DIÁLOGOS.....	95
REFERÊNCIAS.....	101
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	105
APÊNDICE B – Questionário para as entrevistas.....	107
APÊNDICE C – REMA - Relatório de Entrevistas no Morro do Alemão – transcrições das gravações.....	108

INTRODUÇÃO

Uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa.

Ecléa Bosi

Investigar e problematizar as marcas da memória da(s) infância(s) em diferentes sujeitos, velhos moradores de uma favela carioca, constitui o tema da presente dissertação. Considerei neste contexto, *velhos* como sendo os antigos moradores, que passaram suas infâncias ou acompanharam infâncias na favela e que se mantêm ainda joviais em espírito e exercendo a função social de lembrar e transmitir suas lembranças e experiências do passado. Ao ouvir as vozes dos moradores da favela, aproximei-me do conceito de *escrevivências* de Conceição Evaristo (2017), ao escrever as vivências da vida cotidiana em suas histórias de amor, alegria, dor, miséria, luta de homens, mulheres, velhos e crianças de uma favela mineira, personagens que habitaram a própria autora, numa mistura de vida real e ficção nos “Becos da Memória”.

Procurei realizar a *escrevivência* desta dissertação, trabalhando na perspectiva de que a memória vai muito além do simples conceito de conservação da lembrança de estados de consciência de uma época e as suas associações. A constituição do ser no presente está imbricada ao passado, que o influencia por meio das memórias pessoais (individuais) e do grupo (coletiva) ao qual pertence. Paul Ricoeur (2007) me fez refletir sobre a teoria agostiniana do *tríplice presente* (2007, p. 112) e o que seria *o tempo*. Convidou-me a pensar no tempo cronológico e na nossa temporalidade – seres temporais e finitos. Ricoeur ressalta que na visão de Santo Agostinho, o tempo é uma dimensão da alma humana, único; um agora, um eterno hoje, sendo o passado, o presente e o futuro modulações do presente. São três as instâncias temporais a partir do centro que é o presente e que explode em três direções diferentes: o presente do passado é a memória; o presente do presente é a visão, a atenção e o presente do futuro é a expectativa. Aquilo que permanece do passado é o vestígio, os rastros de imagens e impressões, presentes na alma. O rastro é a marca do passado que se volta para o presente. É por meio das memórias, lembranças de velhos, moradores da favela do Morro do Alemão – RJ, onde essa pesquisa foi desenvolvida, que investiguei e delinee suas histórias de infâncias.

Acreditando na contribuição trazida pelas memórias de velhos moradores da favela do

Morro do Alemão, a pesquisa buscou compreender a relação intergeracional entre crianças e velhos, os seus processos formativos e a educação popular presentes na vida cotidiana.

Trata-se de trazer a valorização daquele território, seus processos formativos, cultura(s), histórias, força de luta e o sentimento de pertencimento ao lugar, um enraizamento. Ecléa Bosi (1996) retrata um profundo significado para a palavra *enraizamento*, nos relatos de Simone Weil, filósofa francesa que abandona o magistério em 1934, aos vinte e cinco anos para trabalhar na linha de montagem de carros da Fábrica Renault e conviver com os operários de igual para igual. Em meio aos diversos escritos sobre trabalho opressor e as condições operárias vivenciadas, ela nos presenteia com a importância do enraizamento natural, definindo como sendo talvez, a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana.

O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, isto é, que vem automaticamente do lugar, do nascimento, da profissão, do ambiente. (WEIL, S. apud BOSI, E., 1996, p. 411).

Trazendo ainda o pensamento de Weil (1996, apud BOSI), há também as trocas de influências entre os diferentes ambientes, porém não como uma importação, mas como um estímulo exterior provocador. “Quando um pintor de real valor vai a um museu, confirma sua originalidade”. À luz dessa reflexão, a filósofa também nos apresenta a noção de *desenraizamento*, levando-nos aos caminhos das conquistas militares, impondo a sua ordem e permanecendo estranhos àquele território do qual se apoderou. Percebemos que as instalações das UPPs (Unidades de Polícia Pacificadoras) nas favelas cariocas talvez tenham seguido essa mesma trilha, sem a mescla devida, sem políticas públicas, sem o trabalho social necessário, sem o pertencimento esperado. “O desenraizamento é quase uma doença mortal para as populações submetidas” (WEIL apud BOSI, 1996, p. 412). Refletindo sobre os moradores da favela pesquisada, observei o pouco valor que atribuem aos seus conhecimentos, cultura, permitindo que somente tenha valor o capital e tudo adquirido por meio dele. “Mesmo sem conquista militar, o poder do dinheiro e a dominação econômica podem impor uma influência estrangeira a ponto de provocar a doença do desenraizamento”. Quando as pessoas que vivem em situação de pobreza como nas periferias e favelas interpretam que por viverem nessas condições são menos capazes, pouco inteligentes ou mesmo merecedores daquele infortúnio, esse acontecimento desnuda sinais de uma sociedade de fato, doente. Uma sociedade verdadeiramente mais justa deveria promover o enraizamento dos mais oprimidos. As

lembranças trazem para o hoje, as raízes do passado.

Lembrar não significa reviver e sim ler aquele instante do passado com uma nova emoção, numa tentativa de unir os fragmentos que o tempo deixou na memória.

Atentei para o fato de que as memórias de velhos moradores podem ser um importante aporte para pensar as infâncias de hoje. O passado trazendo experiência, vida, criatividade ao presente. Nesse sentido, a pesquisa apresenta como objetivo geral conhecer e problematizar as histórias de infâncias de velhos moradores do Morro do Alemão – RJ por meio de suas memórias. A partir dessas narrativas, os objetivos específicos do estudo são conhecer os lugares de memórias da favela, a relação dos velhos moradores com as infâncias de hoje e a contribuição dessas reminiscências para a educação e para a história não oficial da favela.

Assim, procurei ouvir as vozes de crianças ainda latentes nas lembranças dos entrevistados e atar os fios dessas reminiscências com as infâncias de hoje dentro do contexto do Morro do Alemão. A descoberta de outros saberes a partir desse caminhar pela favela, alcançou potência no encontro e no caráter educativo que nele reside. Encontrei nesse trilhar, um labirinto de fios arrumados tão entrelaçados, quase como os feitos pelas “rendeiras do nordeste”, cuja tarefa com bilros, fios, linhas, grades, telas, agulhas, atividade tradicional e antiga resulta num admirável trabalho, passado de geração a geração. As histórias da favela vão se transpassando, como o tear das artesãs, compondo uma trama delicada e revelam experiências de vida, um longo caminho de luta em busca de direitos e liberdade humana.

Ao refletir sobre o estado de abandono da esfera do direito das classes populares, especialmente as que vivem nas favelas, encontrei no diálogo com Vera Malaguti Batista (2011) a complexidade existente no movimento de pacificação das áreas de risco e do fracasso do poder público do Estado no desenvolvimento das ações de intervenção no Morro do Alemão. As estratégias da segurança pública visivelmente fracassaram, gerando mais violência ao tentar acabar com ela. Esse diálogo me ajudou a compreender o quanto o Programa de Pacificação imposto às favelas no Rio de Janeiro somente aprofundou as *desigualdades e as segregações socioespaciais* já existentes.

Dentre as muitas questões constitutivas do trabalho dissertativo, a principal questão da pesquisa está na indagação: Que contribuições as memórias de velhos moradores do Morro do Alemão trazem para a(s) infância(s) na favela?

Que lições se pode tirar das memórias de moradores que viveram suas infâncias no Morro do Alemão? A despeito do pouco valor social dado à favela, um dos principais berços da cultura popular e aos saberes por ela produzidos, o meu objetivo foi investigar os conhecimentos diversos advindos dessa periferia, desconstruir o panorama somente de

violência já estigmatizado e revelar outras histórias.

Busquei um diálogo teórico, sobretudo em Bosi (Memórias de velhos), Michael Pollak (Memória individual/ Memória subterrânea), Pierre Nora (Lugar de memória), Maurice Halbwachs (Memória coletiva), José de Souza Martins (Infâncias das classes populares), Maria Tereza Goudard Tavares (Infâncias e Educação Popular), Marília Sposito e Victor Valla (Educação Popular) os quais orientaram os caminhos da investigação.

Refletindo sobre a minha relação com o campo da pesquisa, faço um retorno ao meu passado não tão longínquo e fica ecoando a razão que me levou a seguir pelos caminhos, becos e vielas dessa favela. O trabalho feito com adolescentes das áreas pobres do entorno da Ilha do Fundão – Rio de Janeiro, em um projeto social, despertou o meu interesse em pesquisar as lembranças e esquecimentos da favela, ouvindo as histórias contadas pelos estudantes com os quais trabalhava. Morando bem próximo ao Morro do Alemão e a convite de professores e pesquisadores que já atuavam na favela através dos projetos sociais da ONG Instituto Raízes em Movimento, fui inserida nesse universo e percebi o quanto as memórias dos velhos, suas histórias e conhecimentos adquiridos ao longo da vida me afetavam. Passei a problematizar essa questão e pensar como o morador da favela sobrevive e lida diariamente com os problemas sociais, família, falta de recursos, saúde, educação, violência e a infância. Que dispositivos utiliza para afirmar a sua luta nas mais adversas situações enquanto a sociedade capitalista dificulta essa afirmação, negando seus direitos fundamentais, sobretudo o direito a uma vida digna e feliz? Acompanhar o cotidiano dos moradores do Morro do Alemão e a sua fragilidade diante de tanta injustiça social me mostrou um caminho a traçar na luta por mudança, numa relação de solidariedade com esses sujeitos de pesquisa, visto que também faço parte de um grupo de brasileiros que luta para sobreviver - de origem humilde, negra, mulher, trabalhadora. Decidi então, trazer a valorização das memórias da favela como problemática de pesquisa, apontando as lembranças de infâncias de um grupo de velhos moradores com o desejo de pensar questões sobre o direito à infância e aos modos de ser criança hoje na favela investigada. Julgo a pesquisa importante pela urgência do tema tratado, sobretudo no tocante ao agravamento das perdas de direitos sociais e o reflexo disso na vida societária. As grandes questões que afetam a vida das classes populares e os privilégios e direitos historicamente concedidos apenas às classes abastadas. Investigar e conhecer os seus problemas e os divulgar por meio do trabalho acadêmico aumentam as possibilidades de construção de caminhos rumo às soluções reais, pensando num país mais justo e melhor para todos. A produção acadêmica também faz parte da luta para o fim das injustiças sociais. O tema fornece base para o debate e potencializa a superação das desigualdades nesse momento

de barbárie em que passa o Estado do Rio de Janeiro e o país, como também por representar um ato de resistência às forças hegemônicas que continuam a sangrar as camadas populares e a classe trabalhadora. Considerando também, uma luta contra o desmonte das Instituições Estaduais Públicas do Estado do Rio de Janeiro, visto que em 2017, ano de meu ingresso no Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação: Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a Instituição ainda passava por sérios problemas políticos, econômicos e administrativos por total incompetência e irresponsabilidade do Governo Estadual que cuida do assunto com descaso, diante da importância da nossa Instituição no cenário brasileiro. A UERJ continua resistindo e lutando para se manter coesa com esforço e união de sua comunidade.

Ao ingressar no curso de Mestrado PPGedu/FFP/UERJ, passei a integrar o Grupo de Estudos e Pesquisa da(s) Infância(s), Formação de Professores (as) e Diversidade Cultural coordenado pela Prof^a. Maria Tereza Goudard Tavares, orientadora desse trabalho de pesquisa. No grupo GIFORDIC, como carinhosamente o chamamos, o feliz encontro com o tema *infâncias*, aguçou ainda mais o meu interesse em investigar as memórias de infâncias junto aos moradores da favela do Morro do Alemão. Os aportes recebidos do grupo em nossos encontros de pesquisa compõem grande parte do alicerce desse estudo. O Grupo discute infâncias e os caminhos epistêmicos e metodológicos utilizados nas diversas pesquisas que aglutina, me fortaleceram e me ajudaram a traçar o percurso no campo das infâncias narradas pelos velhos moradores do Morro.

O campo da história social ainda pouco valorizada, muito tem a contribuir e em meu trabalho se constitui como um procedimento teórico e conceitual fundamental para discutir essas memórias. O trabalho de escuta, produção de dados e reflexão junto aos velhos moradores pôde me possibilitar outros conhecimentos, valorizando a narrativa e a viagem ao passado proporcionado pelas histórias de vida desses sujeitos. Nessa investigação, as fontes orais constituem um caminho rumo à análise e reflexão, aliada à história documental utilizada em diálogo com a história oral advinda das narrativas dos moradores entrevistados. Percebe-se o uso crescente da oralidade como transmissora do conhecimento e nesse sentido, a subjetividade das narrativas só enriquece e desvenda a história a partir das memórias. As narrativas adquiridas por meio de entrevistas possibilitaram lembranças de infância, sendo também estimuladas pelo uso de fotografias e objetos (apoio à memória) que puderam acessar o passado e transmitir diferentes histórias dessa favela.

Assim, compreendo que a pesquisa pode ser um convite à reflexão sobre memórias de

moradores antigos e velhos e sobre a sua contribuição para as infâncias do Morro do Alemão – Rio de Janeiro.

A partir dessas questões, a “escrevivência” (EVARISTO, 2017) da dissertação foi pensada em quatro capítulos, a saber:

O capítulo I – “Percurso de uma professora que se torna pesquisadora aprendiz e a sua relação com o Morro do Alemão – os limites e vicissitudes no campo de pesquisa” apresenta a pesquisadora, seu percurso profissional e acadêmico. Ressalta a relação com o Curso Pré-vestibular na UFRJ, com a ONG Raízes em Movimento no Morro do Alemão e com a linha de pesquisa Políticas, Direitos e Desigualdades/FFP/UERJ. Evidencia as escolhas com relação ao tema de pesquisa e as descobertas e compreensões que foram se desenhando ao longo das investigações concernentes às suas próprias concepções de favela e de direito à educação para as crianças da favela do Morro do Alemão.

O Capítulo II – “Memórias de infância(s) e educação popular em favelas: diálogo com estudos e pesquisas sobre a temática” apresenta um levantamento bibliográfico sobre os temas pertinentes à pesquisa e traz a importância do estudo, visto que o tema é pouco tratado de acordo com os resultados da consulta feita ao Banco de Teses e Dissertações da CAPES. Destacou-se também a obra de Bosi, trazendo uma reflexão sobre a velhice, bem como os conceitos de emancipação intelectual e educação e cultura populares encontradas nas obras de Gilberto Velho, Jacques Rancière, Marília Sposito, Maria Tereza Goudard Tavares, Paulo Freire e Victor Valla.

O Capítulo III – “Apresentando a favela – O Morro do Alemão – Uma fotografia em preto e branco” apresenta a favela juntamente com um histórico sobre a sua origem, sua transformação ao longo do tempo e as guerras pela territorialização do tráfico de drogas num diálogo com o geógrafo Andreilino Campos (2007), a quem homenageio (in memoriam – 21/05/2018) e cuja contribuição foi imensamente valorosa na tessitura desse capítulo. Apresenta também o trabalho das ONGs e o Morro do Alemão como um lugar de memória à luz dos conceitos de Nora (1993).

O Capítulo IV- “Na busca dos saberes de moradores do Morro do Alemão: outras epistemologias da escuta e a questão da entrevista como conversa” aponta caminhos metodológicos, a escuta sensível (BARBIER, 1993) e a busca dos saberes e fazeres dos antigos e velhos moradores da favela, destacando o cuidado com a ética ao lidar com subjetividades no resgate de lembranças. Apresentaram-se os velhos/as moradores/as (entrevistados/as), a sua relação com o Morro do Alemão e as contribuições de suas vozes para as infâncias na favela.

1 PERCURSOS DE UMA PROFESSORA QUE SE TORNA PESQUISADORA APRENDIZ

Graduei-me em Letras (Licenciatura Plena – habilitação: Português/Inglês) pela FINAM – Faculdade Integrada Augusto Motta em 1986, iniciando desde então minhas atividades no magistério. A experiência, cerca de vinte e dois anos lecionando para o ensino médio me levou à Coordenação do Projeto Universidade – Curso Pré-vestibular AJAC¹ - Ilha do Fundão de 2008 a 2013, uma atividade que me trouxe alegria, sentido político e pedagógico ao trabalhar na coordenação, visto que inicialmente, o curso era destinado a um público específico de funcionários da UFRJ e seus familiares. Com o sucesso alcançado pelas aprovações nos exames vestibulares para as universidades públicas, logo se estendeu à comunidade externa e do entorno da Ilha do Fundão, que também se mostravam bastante interessadas, não só em função de seu reduzido custo, como também por ter em seu quadro de professores, profissionais que já desenvolviam suas atividades no espaço universitário, conhecendo mais de perto suas especificidades e problemas, como no meu caso, que passara a fazer parte do quadro administrativo da Universidade Federal do Rio de Janeiro em janeiro de 1994. Considerei esses anos no pré-vestibular e as atividades lá desenvolvidas como um convite ao aprofundamento das ações políticas e culturais que surgiam com as práticas, além de testemunhar o movimento de servidores, seus dependentes e funcionários da UFRJ na luta pela manutenção do curso, de tamanha valia para o público por ele atendido. O resultado daquele movimento, atualmente me faz refletir sobre o pensamento de Marília Sposito (1993), quando nos traz os efeitos do “quefazer” político nos movimentos sociais, que vão surgindo com as práticas coletivas, valorizando as decisões democráticas.

Mas é preciso ainda avançar na reflexão, porque as implicações desse “quefazer” político, transcendem a dimensão propriamente política ao possibilitarem redefinição mais radical das relações entre o público, o privado, entre o cidadão e o indivíduo na sociedade moderna (SPOSITO, 1993, p. 326).

As ações gestadas em torno da crítica ao modelo tradicional de educação passam a ser práticas políticas que deixam de ser privilégios dos setores dominantes da sociedade, sendo então, uma modalidade de ação de homens/mulheres comuns. Buscávamos também

¹ Curso Pré-vestibular AJAC – curso social, que funciona na Ilha do Fundão – RJ e que atende aos funcionários da UFRJ e seus dependentes e os jovens das regiões mais pobres do seu entorno. A pesquisadora participa ativamente das atividades acadêmicas do curso, tendo exercido a coordenação entre os anos de 2008 e 2013.

desenvolver no aluno do pré uma consciência cidadã e trazer as realidades das Universidades Públicas, colocando-os a par dos problemas existentes na estrutura educacional brasileira como um todo. Mesmo ainda não pensando em Educação Popular naqueles idos de 2005, ano do meu ingresso no Curso AJAC como docente, os meus caminhos sempre foram atravessados pela busca por uma educação consciente.

A partir do ano 2016, tive de me afastar das atividades do AJAC para dedicar-me mais profundamente ao projeto de pesquisa para postular ao curso de Mestrado que começava a se desenhar.

A necessidade de não somente estar envolvida mais diretamente com o campo do ensino e da educação escolar, mas igualmente procurar saberes sistematizados e direcionados ao campo da pesquisa em Educação, me incentivou a buscar o curso de Especialização (Universidade Cândido Mendes – 2011), onde comecei a fazer as primeiras investigações sobre o Ensino de Língua Portuguesa e em especial sobre as atividades desenvolvidas nas escolas públicas das regiões de risco como a favela do Morro do Alemão, região muito próxima à minha residência.

Em virtude da função técnico-administrativa que desenvolvo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/UFRJ, tenho acompanhado bem de perto o trabalho dos pesquisadores e historiadores da Unidade que investigam a história, os espaços, as políticas habitacionais e as políticas públicas de diversas favelas no Rio de Janeiro. E, por intermédio de um grupo de pesquisadores das favelas cariocas, pude me aproximar do Instituto Raízes em Movimento², uma Organização Não Governamental com sede no Morro do Alemão e que desenvolve um importante trabalho junto às crianças, jovens, adultos e idosos da favela.

O Instituto Raízes em Movimento está localizado na Rua Central, Morro do Alemão, e carrega como objetivo principal, promover o desenvolvimento humano, social e cultural da favela e demais comunidades; fundado em 2001 por jovens e universitários da área e que trabalhavam com projetos sociais na região. Os projetos desenvolvidos no Raízes, como afetivamente o denominamos, têm como objetivo o resgate da memória local, propondo novas formas de se conhecer o Complexo. No capítulo de descrição do Morro do Alemão, apresento com mais detalhamento os principais projetos em curso no Raízes e a importância da instituição para o Morro do Alemão.

² O Instituto Raízes em Movimento é uma Organização Não Governamental, localizado na Rua Central nº68, fundada em 2001 por jovens e universitários da área que trabalhavam com projetos sociais na região (www.raizesemmovimento.org.br).

Desta forma, a pesquisa foi se construindo, encontrando no Instituto Raízes em Movimento, apoio e segurança para percorrer os diversos pontos da favela, garimpando as suas memórias.

A inserção no Programa de Mestrado em Educação: Processos Formativos e Desigualdades Sociais da UERJ trouxe-me as motivações, o foco e as condições acadêmicas e institucionais que faltavam para o desenvolvimento da pesquisa, uma articulação entre crianças e velhos, alinhavada pelos fios das memórias de infâncias dos moradores do Morro do Alemão.

Identifico-me com a linha de pesquisa Políticas, Direitos e Desigualdades, sobretudo por esta linha dialogar com o campo da Educação Popular e Processos Formativos em Periferias Urbanas, escolha esta, justificada pela expectativa de dar continuidade à minha trajetória de formação e adensamento profissional na área de educação, além de fundamentar e procurar dar continuidade à pesquisa iniciada no curso de especialização em Docência do Ensino Superior.

Na pesquisa proposta, procurei investigar o cotidiano e as histórias de infâncias contidas nas memórias de velhos moradores da favela do Morro do Alemão, contadas em suas narrativas, procurando fazer uma vinculação entre essas infâncias, a do passado e a de hoje, a partir de um diálogo intergeracional na tessitura de um pertencimento àquele lugar.

Ao iniciar a pesquisa no Morro do Alemão, pensei *a priori* sobre os sujeitos com os quais trabalharia, assim havia a pretensão de tentar investigar as memórias de infâncias das crianças (10-12 anos) frequentadoras das Escolas Públicas Municipais da região que atendem à favela, porém os trâmites burocráticos e a dificuldade de inserção concreta nestes ambientes escolares fizeram a pesquisa seguir por outros caminhos.

Busquei as respostas às minhas inquietações nas infâncias de outrora, vivas nas lembranças dos sujeitos da pesquisa e essa visitação ao passado possibilitou a certeza de que as infâncias se falam nessas memórias.

As infâncias se tocam, se atravessam, se complementam e se educam no convívio entre os mais velhos e os mais novos, avós e netos. Em “Vidas Compartilhadas”, Paulo de Sales Oliveira (2011), apresenta ao leitor a chegada de novos desafios a partir de um caminho de mudanças que avós e netos passam a percorrer juntos, vidas compartilhadas. Os desafios revelam *o inacabamento* desses sujeitos, particularmente dos velhos, que certamente ainda são capazes de mudanças a despeito da idade e da dúvida de muitos. Oliveira (2011) fala do “processo de coeducação, com influências e modificações recíprocas, movimento longo, cujo

fim não se vê” (Idem, p. 371). Afirma que as possibilidades de entendimento social das gerações são inúmeras, supondo *gerações em movimento*.

No fazer-se, a geração além de ser vista como depositária de uma época, e, portanto banhada por um tempo datado historicamente, pode além disso ser percebida como modeladora das marcas de sua passagem, no tempo e no espaço. Tais vestígios estariam impressos na cultura material e simbólica, que comporia, vamos dizer assim, o conjunto de oferendas das gerações, umas às outras (OLIVEIRA, 2011, p. 27).

Em diálogo com trabalho de pesquisa de Oliveira (2011), envolvendo crianças e seus avós, deparo-me com as questões aqui levantadas com relação aos velhos do Morro do Alemão que, igualmente aos sujeitos de “Vidas Compartilhadas”, também não conheceram outra realidade além da vida dura de trabalho desde a infância e muitos deles ainda seguem ativos em seus ofícios e/ou têm o compromisso financeiro e na criação de seus netos. Tentei investigar e retratar vidas que, de um modo ou de outro, sofreram diferenciadas formas de opressão.

Ainda tratando das questões intergeracionais, sobre a relação entre velhos e crianças, refleti sobre “O futuro da infância: os impasses nas relações intergeracionais e das crianças com seus pares”, em diálogo com Lucia Rabello de Castro (2013, p.37) que me levou a pensar sobre a questão do risco das relações intergeracionais estarem fragilizadas na sociedade contemporânea. A autora faz um histórico sobre o lugar da infância ao longo da nossa história e o adultocentrismo por ela alcançado na atualidade. Não faz julgamentos moralizantes em torno dessa “infância adultizada”, mas chama a atenção para a semelhança que ora se desenha; adultos e crianças estão cada vez mais parecidos, “denota o esvaziamento do sentido da longa caminhada que um dia as crianças tiveram que percorrer para alcançar o lugar de adulto” (2013, p. 58). Compartilho das suas reflexões quando ressalta que na relação entre o adulto/velhos e o jovem/criança, a ciência e a técnica substituíram a experiência, tida nesse contexto como “acumulação do humano”, impossibilitando a mediação intergeracional. Aponta que a ciência moderna nasce da desconfiança em relação à experiência, ciência esta, cercada de certeza nos instrumentos e números produzidos por ela. Dialogando com o pensamento de Agamben, Castro constata: “a experiência é incompatível com a certeza. [...] Não se pode formular uma máxima nem contar uma estória lá onde vigora uma lei científica” (AGAMBEM, apud CASTRO, 2013, p 61).

O sequestro da experiência pela ciência significou que perdeu força simbólica o lugar das gerações mais velhas na transmissão geracional viabilizada através das identificações dos mais novos com os mais velhos. [...] A ciência e o aparelhamento técnico da sociedade deslocaram para fora do eixo geracional a verdade da

transmissão fazendo dos mais velhos meros representantes e personagens de um saber do qual eles já não são mais autores nem detentores (CASTRO, 2013, p.61).

Nessas minhas *escrevivências* (EVARISTO, 2017), foram narradas histórias de uma vida sofrida, de exclusão, de silenciamento, de marginalização, mas também de luta, de solidariedade, de alegrias, bem como do lugar da infância na favela presente nas lembranças dos velhos moradores.

1.1 A relação entre o Morro do Alemão e a pesquisadora – limites e vicissitudes no campo de pesquisa

Sou moradora do bairro de Olaria, mas morei durante 30 anos em Bonsucesso, que é também um dos bairros que cercam o Complexo do Alemão. Sendo assim, tenho também um envolvimento muito forte com esta favela e trago em minha memória, lembranças da infância, principalmente dos tempos de minha escolarização quando frequentava a escola pública do bairro, onde terminei o primeiro grau (ensino fundamental), Escola Municipal Alcide de Gasperi. Lá, conheci muitas crianças vindas da favela e que foram abandonando a escola ao longo da escolarização. Durante as entrevistas, fui observando as narrativas dos sujeitos da pesquisa e compreendendo com maior intensidade porque muitas daquelas crianças da favela se foram e não aparecem na minha fotografia de formatura ao final da oitava série. A escola da minha memória era perfeita, sem contradições e na inocência de criança, não alcancei a complexidade e crueza da realidade social, a seleção, a apartação lá presente, até começar a me envolver com as pesquisas na favela, com as memórias e as infâncias dessa área nas décadas de 60/70. Desta forma, também me sinto parte de tudo. Nesse contexto, finalizar o ensino fundamental era um privilégio para alguns, uma triste constatação de uma realidade social ainda tão presente na realidade da vida de crianças que moram na maioria das favelas cariocas. Algumas das histórias coletadas fazem parte das minhas reminiscências. Hoje, consigo vislumbrar com mais clareza e entender melhor as infâncias do passado, buscando nos referenciais teóricos fios para a tessitura das memórias dessa favela.

O Morro do Alemão é uma das favelas que compõem o Complexo de favelas do mesmo nome. Quando adolescente costumava frequentar os bailes do Social Ramos Clube, bem como participar dos gritos de carnaval do Bloco Cacique de Ramos e da Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense, todos no bairro de Ramos, divisa com a favela. Sempre

passei em frente à entrada principal do Morro (Av. Central), como via de acesso para entrar e sair do bairro de Olaria, onde resido, e não podia imaginar que lá seria o meu campo de pesquisa.

O Morro do Alemão já enfrentou diversas mudanças em seu espaço. Aproprio-me da definição de *espaço* de Milton Santos (1978, p.122) que o apresenta como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente; “o espaço é um verdadeiro campo de forças cuja formação é desigual. Eis a razão pela qual a evolução espacial não se apresenta de igual forma em todos os lugares [...] a utilização do território pelo povo cria o espaço”. As vicissitudes dos espaços do Alemão, com o passar do tempo, deixaram marcas em seus moradores, marcas contraditórias, umas positivas e outras negativas. Numa atenção permanente, entre períodos de paz e de violência, o Morro apresenta enfrentamentos e dificuldades que só aumentam com o domínio da criminalidade e a inoperância das forças de intervenção urbanas. Portanto, as desigualdades e segregação permanecem no cotidiano da favela. O Programa de Aceleração do Crescimento - PAC, parceria entre o Governo Federal e o Governo do Estado Rio de Janeiro (2008), trouxe a Unidade de Polícia Pacificadora - UPP, o teleférico, Clínica da Família, creche, colégio, novas moradias, iluminação, saneamento, mas esses direitos não abraçaram todas as comunidades do Complexo. A maioria dessas intervenções urbanas ficou ao longo da Estrada do Itararé (principal via da região), visíveis a quem passa pelo conjunto de favelas. No interior da favela ainda encontram-se situação de miséria, esgoto a céu aberto, precariedade e a esperança em dias melhores, que na minha humilde visão, trata-se de respeito por esses cidadãos de direito.

No Morro do Alemão, de modo geral, o trabalho de campo tende a ser um tanto *arriscado* nos momentos de incursões militares e/ou guerra entre grupos rivais. Esse é um dos limites que a pesquisadora é obrigada a transpor e seguir em frente na busca pelo conhecimento e por histórias de infâncias. Na maioria das vezes, a minha caminhada é tranquila e confesso que, não havendo a presença de tiros, policiais e traficantes armados, nem atento para o fato de que estou numa favela tida como perigosa³. Subindo de Kombi ou moto

³ Durante décadas o Complexo do Alemão (e suas quinze favelas) foi considerado um dos lugares mais perigosos do Rio de Janeiro e do Brasil. Palco de grandes atos de violências, como a guerra entre os grandes traficantes dos anos 90, o assassinato do jornalista Tim Lopes em 2002, diversas mortes que acompanharam a ocupação policial em 2010 no processo de pacificação e ainda muitas vítimas de balas perdidas durante os atuais confrontos entre o tráfico e as forças policiais. Ao longo de sua história, em muitos momentos, o Complexo do Alemão se assemelhava a um verdadeiro barril de pólvora, trazendo medo e insegurança para os seus moradores, como também para os bairros do entorno.

táxi, estou sempre atenta e me sinto forte para adentrar e discutir o trabalho de campo como criação nos encontros com os entrevistados.

O Instituto Raízes em Movimento forneceu suporte documental, bem como a indicação dos possíveis sujeitos da pesquisa e alertas quanto à minha segurança ao caminhar pelos becos da comunidade.

Ao retomar o trabalho de pesquisa, depois de uma pausa posterior à conclusão do curso de Especialização, escolhi o Morro do Alemão, lugar a princípio tão familiar e ao mesmo tempo tão desconhecido, tão distante e tão próximo; cujas histórias se confundiam com as minhas e era com esse lugar e para ele que gostaria de olhar, escutar e escrever as memórias de infâncias de alguns de seus velhos moradores. O lugar me desafiou a compreendê-lo a partir das vozes dos sujeitos que ali vivem, isto é, os seus moradores mais antigos. Acredito que as vozes dos velhos moradores resultaram em conhecimento de experiências e o compartilhamento delas, possivelmente, pode contribuir para que as crianças da favela possam compreender a força e o valor do seu lugar como espaço de pertencimento. Retomando Weil (1996, apud BOSI), o enraizamento como uma forma de estar e habitar os lugares no mundo.

2 MEMÓRIAS DE INFÂNCIA(S) E EDUCAÇÃO POPULAR EM FAVELAS: DIÁLOGO COM ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE A TEMÁTICA

Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que aprendemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação.

Paulo Freire

Um trabalho dissertativo, uma pesquisa não se faz sem estudos aprofundados e leitura de fontes que nos auxiliam e convidam ao aprofundamento teórico-conceitual. Para início do levantamento bibliográfico das produções acadêmicas relacionadas à pesquisa, busquei, o Banco de Teses e Dissertações da CAPES, dos anos mais recentes cujas palavras-chave tivessem relação com “Memórias”, sendo encontrados 6.697 títulos. Ao traçar um refinamento de meus dados de pesquisa, obtive: 47 títulos para “Memórias de Infâncias”; 12 títulos para “Memórias de Velhos”, 6 títulos para “Morro do Alemão”; 4 títulos para “Memórias da Favela”, 1 título para “Educação Popular em Favelas”.

Quadro 1 - Banco de teses e dissertações CAPES

PESQUISA PARA O TÍTULO:	RESULTADO:
Memórias	6.697
Memórias de Infâncias	47
Memórias de Velhos	12
Morro do Alemão	06
Memórias da Favela	04
Educação Popular em Favelas	01

Fonte: A autora, 2018.

Devido à limitada produção existente sobre as memórias e as infâncias do Morro do Alemão, procurei analisar aquelas que mais dialogavam com a pesquisa em curso. Selecionei 04 trabalhos, sendo 3 dissertações de mestrado e 1 tese de doutorado, pesquisas eleitas pelo conteúdo teórico como também pela utilização de análise de memórias e da entrevista como metodologia.

1 - Destaquei o trabalho de Carla da Cruz Rodrigues Cardoso, intitulado “Um olhar no passado: Memórias de Infâncias em Tanguá”, dissertação de Mestrado da PUC-RJ, defendida em março de 2017, sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Sônia Kramer. Cardoso (2017). Delineia em seu estudo a relação entre a Cidade de Tanguá no estado do Rio de Janeiro, os velhos, as infâncias e o resgate das experiências a partir das memórias dos velhos moradores da cidade. Faz uma análise das memórias de infâncias visando conhecer o seu lugar na história da cidade. Os principais teóricos que fundamentaram a sua pesquisa foram Walter Benjamin, Ecléa Bosi e William Corsaro, valorizando a narrativa, o encontro e a relação entre as pessoas como princípio para a compreensão crítica da memória das infâncias dos velhos em Tanguá. A pesquisa de Cardoso carrega características semelhantes às da presente pesquisa, além de ambas as pesquisadoras possuírem um elo forte com o campo.

2 - A tese intitulada “A escuta de memórias nos labirintos da favela: reflexões metodológicas sobre uma pesquisa-intervenção” foi muito enriquecedora para o desenvolvimento da presente pesquisa. O trabalho é uma tese de doutorado da PUC-RJ, de autoria de Cíntia de Souza Carvalho, sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Solange Jobim e Souza, apresentada em abril de 2015. A pesquisa-intervenção faz uma análise das questões metodológicas que envolveram a produção conjunta de um trabalho desenvolvido pelo MUF (Museu de Favela) e o NIMESC/PUC (Núcleo Interdisciplinar de Memória, Subjetividade e Cultura), em torno das memórias das moradoras das favelas Pavão-Pavãozinho e Cantagalo. A pesquisa fez o acompanhamento e observação das entrevistas de memórias realizadas pelo Museu com as candidatas de 2012 ao Prêmio Mulheres Guerreiras, uma atividade anual, cujo objetivo é homenagear mulheres que possuem um valor social para a favela. Bastante interessante esse desdobramento, pois a partir dessas observações, a pesquisa implementou junto ao MUF uma Formação das “Escutadoras de Memória” no ano de 2013, sensibilizando as moradoras convidadas a participarem desta formação, cujo objetivo era a valorização da memória coletiva no fortalecimento da identidade social e o desejo de escuta aliado ao reconhecimento das histórias de vida. O trabalho dialoga com os autores Walter Benjamin, Mikhail Bakhtin, Michael Pollak.

3 - A dissertação intitulada “Memórias (In) visíveis: Narrativas de velhos sobre suas infâncias em Belém do Pará (1900 – 1950) me trouxe colaborações bem significativas para a realização de minha pesquisa. Trata-se de uma dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Pará, de autoria de Antonio Valdir Monteiro Duarte, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Laura Maria Silva Araújo Alves, defendida em 2008. A pesquisa versa sobre as infâncias na cidade de Belém do Pará no período de 1900 a 1950, e tenta entender a criança de uma determinada época, marcada por grandes transformações devido à grande produção de borracha na região. Os sujeitos da pesquisa, velhos moradores da cidade, foram selecionados conforme critérios de idade (acima de 80 anos) e em condições físicas e psicológicas para lembrar e narrar as suas infâncias. Buscou referenciais bibliográficos em diversos autores dentre eles, cito: Aldrin Moura de Figueiredo, Franciane Gama Lacerda, Maria de Nazaré Sarges, De Campos Ribeiro que discutem a Região Amazônica e ainda Jorge Nagle, Diana Gonçalves Vidal, Paul Thompson, Ecléa Bossi, Sônia Kramer, Verena Alberti, Maurice Halbwachs entre outros, focando infâncias, narrativas e memórias. Ressalto nessa pesquisa o tratamento dado ao material iconográfico apresentado pelo pesquisador e pela escolha do recorte temporal do trabalho.

4 - Muito importante também, o trabalho intitulado “Infância: imagens e memórias de adultos” de autoria de Bruna Breda, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo em 2010, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Letícia Barros Pedroso Nascimento. A pesquisa tem por objetivo identificar imagens de infância de adultos que tinham em comum o fato de seus filhos frequentarem uma instituição pública de educação infantil. A pesquisa se desenvolveu numa instituição de educação infantil universitária, denominada somente, Creche. O trabalho está alicerçado no referencial teórico da sociologia da infância, com apoio nas teorias de memória coletiva. Por meio da pesquisa de campo, a autora identificou que as experiências vividas pelos sujeitos adultos quando crianças como as representações sociais da infância influenciaram na maneira de se ajuizar e imaginar a infância de hoje. Seus principais teóricos são Maurice Halbwachs, William Corsaro, Manuel J. Sarmiento, Jens Qvortrup, Philippe Ariès, Henri Bergson, Michael Pollak, Allison James, Chris Jenks e Alan Prout. Os apontamentos sobre as relações intra e intergeracionais apresentadas por Breda agregaram informações pertinentes acerca do que foi observado no grupo pesquisado do Morro do Alemão.

Em linhas gerais, o levantamento bibliográfico feito foi fundamental para o aprofundamento de meu referencial teórico-conceitual, principalmente pela possibilidade de conhecer a escrita acadêmica no campo da educação e da temática da memória social.

No próximo item procurarei relacionar memórias de infância e educação popular no Morro do Alemão.

Memórias de Infância(s) e Educação Popular em favelas

Do ponto de vista da categoria Velhice, Bosi em seu livro *Memória e Sociedade: lembranças de velhos* (1994) trouxe-me uma reflexão profunda sobre as memórias reconstruídas por meio de entrevistas feitas com idosos, maiores de 70 anos e que moraram desde criança em São Paulo Capital. A autora ancora-se nos conceitos dos teóricos Bergson, Halbwachs, Barlett e Stern. Na obra de Bosi, encontrei um porto seguro para ir além dos limites do olhar na relação infância/velhice. Em seu capítulo “Memória e Socialização”, a autora revela como a criança capta as histórias vividas pelas pessoas de idade e que fazem parte da sua socialização (1994, p. 73)

A criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória (BOSI, 1994, p.73).

Neste sentido e dialogando com o texto de Bosi, essas memórias de infância, quando narradas pelos avós, tios, padrinhos às crianças, fortalecem o seu imaginário. A convivência com os avós contribui substancialmente para a formação dos *pequenos*, visto que os/as idosos/as, em geral, mantêm uma relação de igual para igual, refletindo sobre acontecimentos políticos, históricos, tal como os interpretam (BOSI, 1994).

Contar histórias é uma arte e foi essa arte que busquei no Morro do Alemão. Trata-se de ter um olhar sobre a velhice, sobre o narrador, figura *entre os mestres e os sábios* (BENJAMIN, 1987, p. 221), que ao narrar recorre ao acervo de toda uma vida e passa ao outro com alegria, a sua experiência. Benjamin (1987) fala em seu texto de um narrador distante e da privação do ato de narrar, alegando que as experiências estão ficando para trás e deixando de ser contadas, passadas adiante. Na relação entre o contador da história e o ouvinte repousa o interesse por guardar o que está sendo contado – *a memória, a mais épica de todas as faculdades* (BENJAMIN, 1987). A narrativa mergulha no narrador que lhe imprime sua marca. Uma mesma história pode ser contada de várias maneiras, a depender da ordem dos fatos, dos diversos ângulos ou pontos de vista e aquilo que afeta o narrador. Benjamin fala da *reminiscência* que funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração.

Ela (reminiscência) tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si. Uma se articula na outra, como demonstraram todos os outros narradores, principalmente os orientais. Em cada um deles vive uma Scherazade, que imagina uma nova história em cada passagem da história que está contando. Tal é a memória épica e a musa da narração (BENJAMIN, 1987, p. 211).

Para Benjamin, a arte de narrar está em risco e foi compensador acompanhar as histórias dos moradores do Morro do Alemão e perceber que na convivência de velhos e crianças brotam experiências e cultura oral. Oliveira (2011) traduz essa minha percepção, “Nesta pesquisa, com felicidade, percebemos que histórias narradas não são histórias-feitas – isto é, produzidas literariamente – e, muito menos, narrativas postíças. São histórias vividas, atravessadas visceralmente pelos dramas do cotidiano” (OLIVEIRA, 2011, p. 23).

Considere na pesquisa, formas de articular as brincadeiras do passado em brincadeiras do presente, visto que é a forma mais simples das crianças estabelecerem elos afetivos com o outro e com o lugar. O imaginário está sempre agindo nas relações com o objeto e as histórias dos velhos fazem a liga na construção dessas infâncias. O objetivo principal no lidar com os velhos é a construção de uma atmosfera de carinho e confiança e a esperança que eles possam expressar o melhor de si mesmos.

Uma prática educativa voltada para as vivências dos sujeitos envolvidos se faz necessária, com conscientização do seu papel político-social. Uma prática educativa que transforme todo o espaço ao seu redor em uma grande sala de aula. É notória a necessidade de políticas públicas que incentivem ações e movimentos com objetivos de elevar e diversificar os processos educativos, traçando um caminho rumo aos direitos humanos dessa população.

O antropólogo Gilberto Velho, em seu artigo “Cultura Popular e Sociedade de Massas: uma reflexão antropológica” (1993) procura situar o conceito de cultura em nossa sociedade, apontando para o fato de que todos os homens e mulheres interagem socialmente e participam sempre de um conjunto de crenças, valores, visão de mundo, rede de significados – é a natureza humana. “A cultura é um conceito que só existe a partir da constatação da diferença entre nós e os outros” (1993, p. 57). Por conseguinte, se há uma multiplicidade de grupos sociais homogêneos entre si e heterogêneos uns dos outros, pode-se conceber a pluralidade de culturas, isto é, a diversidade cultural que compõe a nossa sociedade. O mundo está em transformação e o reconhecimento e estímulo à criatividade das camadas populares é ponto importante para o engrandecimento das classes mais desfavorecidas na sociedade.

Para o professor e pesquisador da Educação Popular Victor Valla, a Educação Popular é definida por ser uma forma de educação que se desenvolve no meio da classe trabalhadora, feita para ela, seja num programa de desenvolvimento comunitário numa favela, seja até

mesmo no ensino formal numa precária escola pública na periferia de uma cidade grande (1986, p.15). Entende como *camadas subalternas*, aquelas frequentemente referidas às classes dominadas ou camadas populares, compostas em sua maioria por operários assalariados e os desempregados e ainda *biscateiros ou subempregados*, produtos do capitalismo monopolista na América Latina (1986, p.16). A sua publicação de 1986, “Educação e Favela” apresenta uma preocupação de Valla com a exploração e subordinação das classes populares. Contrário ao modo capitalista hegemônico de pensar a Educação Popular, ressalta que a mesma não deveria ser obrigatoriamente um fator de transformação popular na perspectiva apenas do desenvolvimento econômico, tratando-se a seu ver, de “uma questão que inclui variáveis tais como a conjuntura política econômica, a organização dos educandos em questão e a sensibilidade política e cultural dos agentes”, o que em minha concepção fortalece a luta das classes populares contra a subalternização capitalista (TAVARES, 2015b). Valla ainda em seu potente texto discorre sobre o surgimento da Educação Popular, a qual corrobora com a proposta de “escolarização universal” e direito de todos. Surge inicialmente como uma “capacitação de mão-de-obra substitutiva, através da alfabetização e/ou treinamento profissional de adultos e posteriormente, através do desenvolvimento comunitário”. Naquele momento histórico brasileiro, as autoridades que tinham maior iniciativa nas atividades de educação popular (Fundação Leão XIII e MOBREAL)⁴ traziam propostas para se resolver o problema dos excluídos das escolas públicas, problema apresentado por uma grande parcela dos países periféricos (VALLA, 1986). Com essa postura, socializavam a ilusão de “oportunidades iguais”, de que as mazelas da sociedade brasileira não se resolveriam por falta de “oportunidades educacionais”. A educação popular, pensada sob a égide do sistema capitalista, não resolve definitivamente a educação nas camadas populares da sociedade, contudo pode impulsionar a luta pelo direito à educação. Acredito que essa iniciativa educacional possa deixar de ser somente uma ilusão de *oportunidades iguais* (VALLA, 1986, p. 19), mas um aliado da escolarização formal no caminho da escola democrática, solidária e emancipadora para crianças, jovens e adultos das camadas populares, a quem foi negado o direito de escolarização, sendo excluídos do sistema cruelmente. É grande o desafio para o professor, pesquisador e todos os envolvidos no campo da educação popular de identificar, articular e implementar ações para as causas sociais. Valla também registra em seu texto, a

⁴ Fundação Leão XIII – Vinculada à Secretaria Estadual de Ação Social e Direitos Humanos de Assistência Social e Direitos Humanos, foi criada no Rio de Janeiro no ano de 1947 com o propósito de melhorar as favelas no aspecto urbano, da educação e saúde. Até 1962 ficou sob a orientação e gestão da Igreja Católica. MOBREAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização – órgão do governo brasileiro, criado durante a ditadura militar em 1968, para substituir ao método de alfabetização de adultos preconizado por Paulo Freire. Vinculado ao Ministério da Educação e Cultura foi encerrado em 1985, com o fim do governo militar.

origem das favelas no Rio de Janeiro, constituídas de migrantes das áreas agrícolas, migrantes provenientes de outras cidades do interior, como também moradores da área urbana do município que necessitavam de proximidade entre o local de moradia e o trabalho. O pesquisador acompanhou de perto as favelas e as adversidades enfrentadas, problematizando a participação social e o reconhecimento do que lá é produzido. Dialogando com o texto de Valla, penso aqui em Maria Tereza Goudard Tavares (2015), que discute em seu texto “Educação popular e movimentos sociais contemporâneos: algumas notas para reflexão”, um breve inventário da Educação Popular, após 50 anos do golpe militar no Brasil e os movimentos sociais que acompanharam essa trajetória. Empenhou-se em refletir sobre como essa pedagogia/epistemologia sobreviveu ao Golpe de Estado de 1964 e continua sendo uma “práxis político pedagógica, uma teoria educativa e prática sociocultural dos oprimidos, dos pobres, dos subalternos”. Ressalta o método Paulo Freire, a sua função conscientizadora, a cartilha de alfabetização e a sua função politizadora, desde a década de 60 na alfabetização de adultos. No contexto, aponta o caminho de sobrevivência da Educação Popular no interior da Igreja Católica, sua reorganização nas Associações de Moradores, nos Movimentos do Campo, Partidos Políticos e Sindicatos, “fóruns de aprendizado da cidadania e discursos de resistência” (TAVARES, 2015b, p.55). Debruçando-me sobre o texto de Tavares (2015), compreendi que a Educação Popular está, visto que lá é também gestada, nos diversos movimentos sociais na busca por direitos humanos,

Como não reconhecer que nas propostas das pastorais da Igreja Católica – pastorais da terra, dos trabalhadores urbanos – nos movimentos étnico-raciais, nos movimentos em torno da criança e dos adolescentes, nos movimentos estudantis, na educação nos presídios, nos projetos de saúde popular e práticas extensionistas das universidades etc. não subsiste o clima da Educação Popular? A luta pelos Direitos Humanos, em sua função educativa, é uma convergência moderna da visão de mundo da educação popular dos anos 1960 – assim como os movimentos em defesa da mulher, da população negra e das populações indígenas. As greves do ABC paulista, das quais nasceu o PT, há 34 anos, não caíram do céu por descuido – elas resultaram de uma acumulação de forças da classe operária, dos camponeses sem terras, dos povos indígenas e suas lutas seculares, além das classes médias urbanas em torno de um repensar político, de uma renovação do sindicalismo, de um salto qualitativo do processo educativo, tudo em sintonia (e também em tensão) por um repensar de mundo, na qual o autoritarismo, a concentração de poder, a repressão e a violência de Estado no campo e na cidade já não podiam ser sustentados e impostos à maioria da população brasileira (TAVARES, 2015b, p.55).

Compartilho do pensamento de Tavares (2015) e pondero sobre os movimentos diversos dos grupos do Morro do Alemão, ONGs, Associações, Igrejas e Templos que se unem num trabalho conjunto, mesmo cercados de muitas contradições e tensões que essas

vozes implicam, sobretudo no atual contexto político-social brasileiro de expansão do conservadorismo e tentativa de destruição do campo democrático.

No Brasil, fruto de nossa formação colonial e estrutura societária profundamente desigual, apenas em raras ocasiões políticas conjunturais houve uma real atenção e preocupação com a moradia, saúde, modo de vida e educação da população pobre já marcada pela remoção brutal do cortiço à favela. Parece-me que se trata de uma história a ser esquecida. O modo de produção capitalista do espaço sempre encontra um mecanismo de explorá-los, de mantê-los distante de algo que não foi feito para eles. O poder público ainda os vê como um grande problema, porém valorosos no que diz respeito aos interesses pela força de trabalho que neles reside. De fato, há uma falta de vontade política quanto à questão da integração da favela no cenário social, com acesso aos serviços públicos de qualidade como cidadãos que são. As leituras que se faz da favela, como um lugar precário, ilegal, inacabado, desordenado e inseguro (SILVA, 2013) a tornam um território ilegítimo na cidade. Em pleno século XXI, as crianças da favela pesquisada procuram até hoje o seu lugar, seguro e de acolhimento, pois não encontram um espaço digno de brincar, somente cantos no meio do lixo, do esgoto e da precariedade das moradias. As crianças serão adultas amanhã e nesse contexto, reflito sobre as palavras do inesquecível geógrafo Andreilino Campos⁵, quando em seu livro (2007), trouxe a realidade de um possível futuro para as crianças da favela. Apresenta o espelho que hoje a infância dessas regiões vislumbra sobre o seu o destino. Em sua maioria, olham os traficantes de drogas como verdadeiros heróis da favela, uma postura bem diferente das crianças na memória dos sujeitos dessa pesquisa, que tinham como heróis, os grandes personagens das novelas da época, como será revelado mais à frente. Ao perguntar para uma criança/adolescente, “o que ele vai ser quando crescer?”, Campos salienta que se espera obter, médico, engenheiro, professor, entre outras como resposta quando se pertence às classes média ou alta. Essa expectativa é atendida de acordo com o investimento da família e na trilha de profissões dos pais, tios, avós, etc., que estão presentes no cotidiano desses meninos e meninas. Servem de espelho construído com o universo à sua volta. “E o modelo das classes mais pobres?”

Funciona hoje como antes? Vejamos. O emprego é difícil, mal remunerado, e quase sempre não representa o que poderia ser chamado de sucesso profissional. A esses fatores deveremos acrescentar o ambiente das favelas. [...] Com a atual conjuntura,

⁵ Prof. Dr. Andreilino Campos foi professor do Departamento de Geografia da FFP/UERJ, falecido em maio de 2018 e com tristeza, deixo registrada nesse trabalho de pesquisa, essa perda, mas também a minha admiração e gratidão pelos conhecimentos comigo partilhados pessoalmente e por meio de sua obra, onde o negro e as classes populares são reafirmados como sujeitos da História.

existem mais membros das famílias que estão desempregados que aqueles inseridos no mercado formal de trabalho [...]. Na escola, onde estava [...] um dos melhores exemplos, o professor, é hoje alguém triste, mal remunerado e insatisfeito com a sua profissão. Deixou há muito de ser copiado como modelo. Infelizmente, restou aquele que faz sucesso nas favelas ou em qualquer lugar em que a população mais pobre vive; o traficante. Este é o protótipo do sucesso para os jovens pobres [...]. Uma questão fundamental: ele, de alguma maneira, é “respeitado” por todos (CAMPOS, 2007, p.127).

Há uma busca pelos espaços, práticas, conhecimentos, relação com o lugar, criatividade, diversões e brincadeiras das infâncias dos velhos moradores do Morro do Alemão, uma esperança de que atravessem as gerações e permaneçam vivas nas crianças de hoje.

Nesse sentido, defendo que as memórias de infância de uma época que já se foi podem reconstruir histórias que contribuam para aproximar a vida cotidiana da favela aos processos formativos das crianças do Morro do Alemão.

Em linhas gerais, o olhar preconceituoso e eivado de senso comum da sociedade contemporânea cria verdadeiras barreiras a uma visão sem pré-julgamentos, não permitindo sentir e colocar-se no lugar do outro, num exercício de alteridade. Nota-se um afastamento, uma discriminação com aqueles que residem na favela – asfalto X favela – como se todos os seus moradores fossem criminosos. Criou-se um estigma de associar a favela à criminalidade. Nos últimos anos, as favelas têm sido pauta nas discussões em vários fóruns, que cuidam com profundidade de temas importantes sobre a realidade, o empreendedorismo, a arte da favela e a meu ver, trata-se de uma ferramenta potente contra o preconceito e uma visão estereotipada que precisa ser removida.

Mapeando essas lembranças de outro espaço-tempo acreditamos encontrar ferramentas simbólicas e materiais que levem adolescentes e crianças do Morro do Alemão a conhecerem o passado da favela, sua história e processos formativos. A história oral produzida a partir de narrativas dos moradores pode impedir o esquecimento dos *acontecimentos*, *sulear*⁶ o estudo das raízes e contar histórias não oficiais. Cabe aqui um breve esclarecimento sobre os conceitos de “*fato*” e “*acontecimento*” a partir de reflexões filosóficas sobre o tema. Fato é uma ocorrência, diferente de acontecimento que é a interrupção de uma rotina. Utilizando os conceitos de Paul Ricoeur (2007, p.191), fato não é o acontecimento. “O acontecimento, em seu sentido mais primitivo, é aquilo sobre o que alguém dá testemunho. É o emblema de toda

⁶ Freire (1992, p. 112) usou a palavra “suleá-los” para ressaltar uma ideologia implícita no vocábulo *nortear* que determina que o norte está em cima, na parte superior, quem orienta. Ao *sulear*, busquei não apenas uma metáfora espacial, mas um diálogo mais ao *sul epistêmico* e não ao *norte*, colonialmente considerado o lugar do norte, associado ao pensamento, *lugar da “verdade”*.

a coisa passada [...]. Mas o dito do dizer do testemunho é um fato [...]”. Nesse sentido o acontecimento ou evento chega a nós por meio de testemunhos e/ou pistas, indícios. O fato é aquilo que ocorreu, o fenômeno. Sendo assim, o acontecimento é um fato, mas nem todo fato é um acontecimento. Uma narrativa, uma declaração, uma imagem/foto de algo não é o fato em si e sim algo testemunhado pelo sujeito conhecedor do fato, admitindo-se interferências e/ou distorções de acordo com o seu ponto de vista. O fato é a realidade pura. O acontecimento é imprevisível e rompe com uma continuidade.

Ao trazer o “contar histórias não oficiais” da favela, deparo-me com a VII Tese de Walter Benjamin (1987, p. 225) onde o autor apresenta um conceito de história da cultura atrelado e vinculado às condições sociais e políticas que dela se apropriam. Ao ressaltar a cultura, Benjamin tem um olhar politicamente engajado em favor das classes oprimidas, bem perceptível em seu texto. Utiliza o “escovar a história a contrapelo”, referindo-se à concepção da história sob o ponto de vista dos vencidos em oposição à história oficial. Atribui ao historicismo a forma de olhar e apresentar a história sob o ponto de vista dos vencedores, classes dominantes, fazendo uma analogia, discorre sobre a guerra, porém de classes e não às guerras/batalhas, onde os dominantes levam sempre o prêmio ao analisar o historicismo cultural e sua identificação empaticamente às classes no poder. Benjamin descreve o método da “empatia” para romper o materialismo histórico, pois sua origem está na “inércia do coração, a acedia”.

Para os teóricos medievais, a acedia era o primeiro fundamento da tristeza. [...] A natureza dessa tristeza se tonará mais clara se nos perguntarmos com quem o investigador historicista estabelece uma relação de empatia. A resposta é inequívoca: com o vencedor. Ora, os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores. [...] Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão (BENJAMIN, 1987, p. 225).

O autor também salienta que o monumento de cultura é também um monumento de barbárie. Nesse sentido, a cultura não é isenta de barbárie e nem o processo de transmissão da cultura. Sendo assim, o autor destaca que o materialista histórico tenta desviar-se dela (barbárie), conceituando essa tarefa um “escovar a história a contrapelo”.

Entendemos que ao ouvir as histórias de infâncias da favela do Morro do Alemão abro a possibilidade de compreender outros lados da mesma história, sob os olhos de seus velhos moradores. Nesse sentido, pretendo aqui escovar as histórias de infâncias e da própria favela do Morro do Alemão a contrapelo, nas vozes de seus velhos moradores.

Houve um comprometimento com a escuta dessas vozes e uma postura ética e atenta ao seu registro, ressaltando o valor do resgate das reminiscências de um determinado grupo. A memória é um elemento constituinte da identidade pessoal e coletiva. É seletiva e nem tudo se consegue guardar. A memória pode anunciar uma identidade e é a sua base. As revelações por meio de negociação e apropriação de reminiscências do passado refletem e reafirmam uma identidade.

Segundo Pollak (1992), a memória é um fenômeno construído social e individualmente. Afirma que quando se trata de memória herdada, há uma ligação fenomenológica estreita entre a memória e o sentimento de identidade, sendo este tomado no sentido mais superficial, no sentido da imagem de si, para si e para os outros:

Nessa construção da identidade – e aí recorro à literatura da psicologia social, e, em parte, da psicanálise – há três elementos essenciais. Há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados. [...] Podemos, portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletivo, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p.204).

A construção da identidade está fortemente atrelada ao *Outro*, havendo uma negociação, onde se levará em consideração os critérios *de aceitabilidade, de admissibilidade e de credibilidade* para consigo mesmo e com o grupo. Dialogando com a citação acima, as memórias auxiliam o ser humano a se reconhecer e identificar o seu lugar no grupo, no mundo. Um sujeito que perde a memória perde também a sua identidade. A memória coletiva desperta o sentimento de pertencimento ao grupo por dividir com ele a mesma experiência no ato de recordar.

No capítulo abaixo, procuro apresentar a favela do Alemão em seus contornos históricos e espaciais, trazendo o Morro do Alemão como uma construção socioespacial, mas, sobretudo como um lugar de história e de memória.

3 APRESENTANDO A FAVELA – O MORRO DO ALEMÃO – UMA FOTOGRAFIA EM PRETO E BRANCO

Antes, porém, de apresentar o Morro do Alemão, lugar de minhas investigações, relembro a leitura dos textos de Andreilino Campos, em seu livro “Do quilombo à favela: a produção do espaço criminalizado no Rio de Janeiro” (2007), onde descreve a “estigmatização do espaço” (2007, p.63) da favela pelos grupos dominantes, ou seja, o favelado sendo em geral considerado como “classe perigosa” por representar o diferente, “o outro”. Campos esclarece em um dos seus capítulos o que chama de “transmutação do território criminalizado”.

A favela surge no cenário urbano do Rio de Janeiro, [...] sem estar contextualizada em um processo social, mas como resultado de fatos espaciais e temporalmente delimitados. No nosso entender, uma das possibilidades é compreender a favela como uma transmutação do espaço quilombola, pois, no século XX, a favela representa para a sociedade republicana o mesmo que o quilombo representou para a sociedade escravocrata. Um e outro, guardando as devidas proporções históricas, vêm integrando as classes perigosas: os quilombolas por terem representado, no passado, ameaça ao Império; e os favelados por se constituírem em elementos socialmente indesejáveis após a instalação da República (CAMPOS, 2007, p.63).

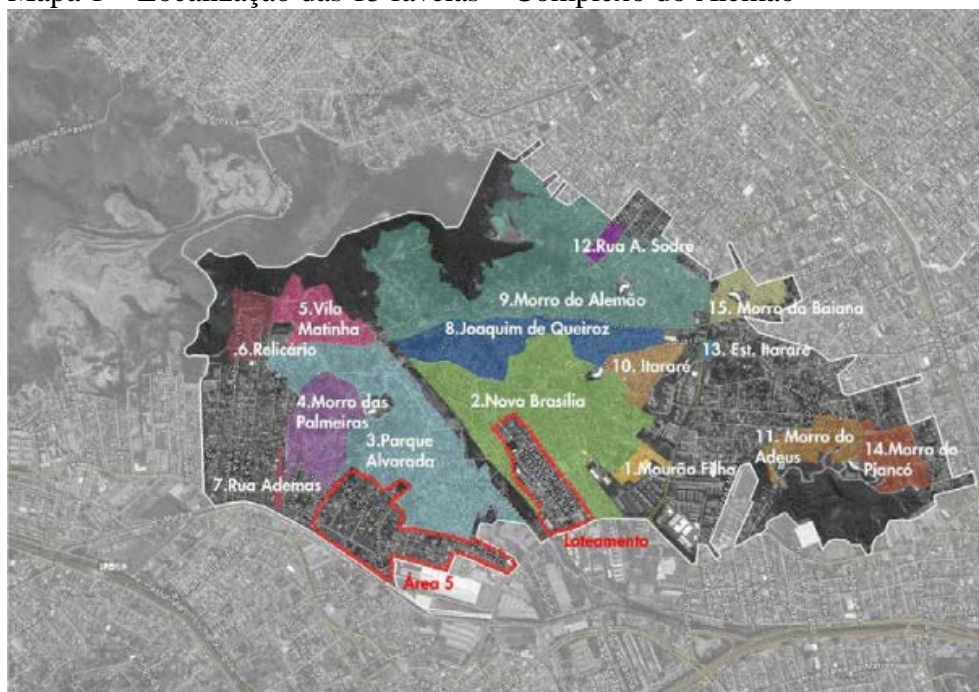
Andreilino Campos (2007) também historiou o surgimento das favelas no Rio de Janeiro e juntamente com os seus teóricos (CHALHOUB, VAZ, CUNHA, BERNARDES, ABREU, SODRÉ e outros), apresentou três versões para a origem das favelas no Rio de Janeiro: A primeira versão fala sobre o surgimento em 1870, por ocasião do fim da Guerra do Paraguai. O governo imperial havia prometido alforriar os escravos que fossem em combate. Sem ter para onde voltar ao fim da guerra, ficaram acampados provisoriamente nas encostas da área central, nas proximidades do Ministério da Guerra. Muitos retornavam mutilados e também se alojavam naquela região, tudo isso aliada à destruição dos cortiços na zona central da Cidade. A segunda versão data de 1897, já extinta a escravidão, não havia emprego que garantisse a sobrevivência desse segmento social excluído. Naquele ano foi dada a autorização para que os praças, retornados da Campanha de Canudos ocupassem provisoriamente os Morros da Providência (Morro da Favela) e de Santo Antônio e que logo passaram a local permanente de moradia. Esta é a data mais divulgada nas pesquisas em geral. A terceira versão mostra a favela iniciando em 1894, resultado do fim dos cortiços a partir de ideologia higienista, justificativa para a remoção – “os hábitos de moradia dos pobres eram nocivos à sociedade”, focos de epidemias diziam os “intelectuais-médicos”. A preocupação

das elites era a grande quantidade crescente de trabalhadores, escravos alforriados que chegavam ao Rio de Janeiro, tidos como “classe perigosa” (2007, p.60).

Dialogando com Campos, dos quilombos às favelas da atualidade passando pelos cortiços, o cenário ainda parece ser o mesmo: discriminação e preconceito. As classes dominantes continuam exercendo o controle, deixando os moradores das favelas à margem, sendo ludibriados com projetos sociais e programas de urbanização que raramente atingem o objetivo desejado, na maioria das vezes, atrelados a interesses escusos das classes dominantes e do Estado. Assim entendo a favela investigada e que ora começo a apresentar.

O Complexo do Alemão é um conjunto de quinze favelas, oficialmente um bairro desde 1993 e se mistura com outros bairros da Zona Norte da Cidade do Rio de Janeiro, como Ramos, Higienópolis, Olaria, Penha, Inhaúma e Bonsucesso. Possui aproximadamente 60.555 habitantes, distribuídos pelas quinze comunidades que o compõem, a saber: **Morro do Alemão**, Itararé, Joaquim de Queiróz, Mourão Filho, Nova Brasília, Morro das Palmeiras, Parque Alvorada, Relicário, Rua 1 pela Ademas, Vila Matinha, Morro do Piancó, Morro do Adeus, Morro da Baiana, Estrada do Itararé, e Armando Sodré.

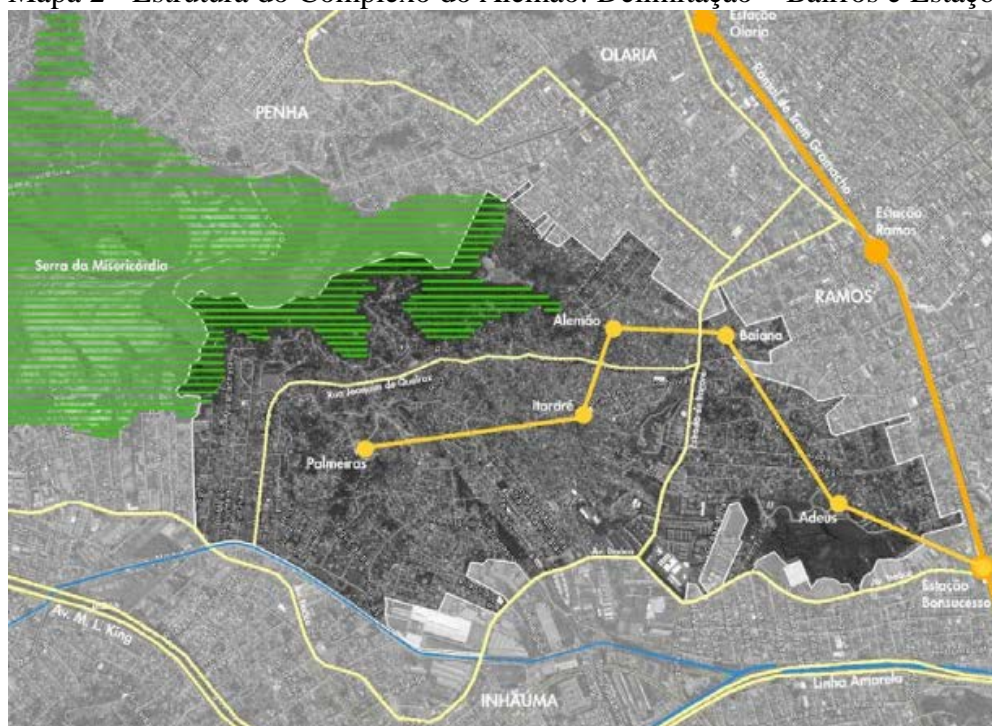
Mapa 1 – Localização das 15 favelas – Complexo do Alemão



Legenda: (1) Mourão Filho – (2) Nova Brasília – (3) Parque Alvorada – (4) Morro das Palmeiras – (5) Vila Matinha – (6) Relicário – (7) Rua 1 pela Ademas – (8) Joaquim de Queiróz – (9) Morro do Alemão – (10) Itararé – (11) Morro do Adeus – (12) Rua Armando Sodré – (13) Estrada do Itararé – (14) Morro do Piancó – (15) Morro da Baiana.

Fonte: CAVALCANTE, 2017, p. 15.

Mapa 2 - Estrutura do Complexo do Alemão: Delimitação – Bairros e Estações



Fonte: CAVALCANTE, 2017, p. 15.

Num levantamento de dados feito pelo IBGE – Censo 2010, pode-se observar a população, o número de domicílios e os percentuais por faixa etária do total de favelas que compõem o Complexo do Alemão.

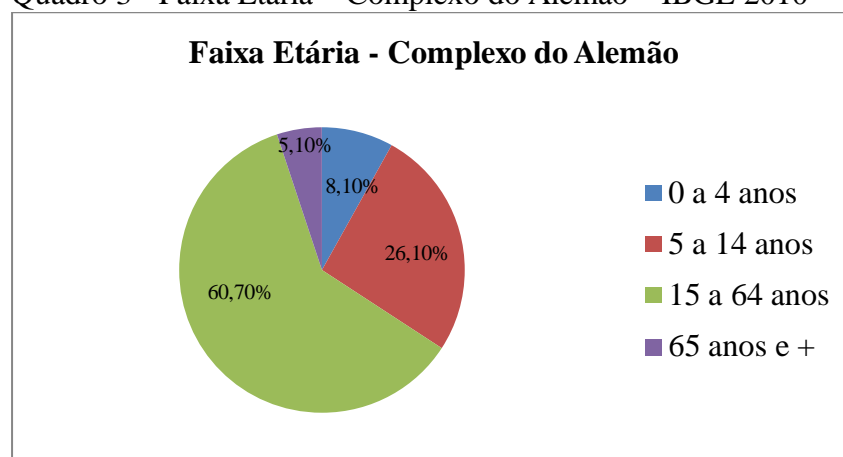
Quadro 2 - Censo demográfico – Complexo do Alemão – IBGE 2010

FAVELAS	Nº de domicílios particulares permanentes	População em domicílios particulares permanentes
Morro do Alemão	4.138	14.413
Itararé	505	1.568
Joaquim de Queiroz	2.090	6.995
Mourão Filho	443	1.336
Nova Brasília	5.750	18.744
Morro das Palmeiras	688	2.138
Parque Alvorada	2.641	8.912
Relicário	24	83

Rua I pela Ademas	14	40
Vila Matinha	359	1.221
Morro do Piancó	344	1.166
Morro do Adeus	345	1.102
Morro da Baiana	669	2.086
Estrada do Itararé	22	75
Armando Sodré	194	676
COMPLEXO DO ALEMÃO	18.226	60.555

Fonte: Portal Geo Rio, 2018.

Quadro 3 - Faixa Etária – Complexo do Alemão – IBGE 2010

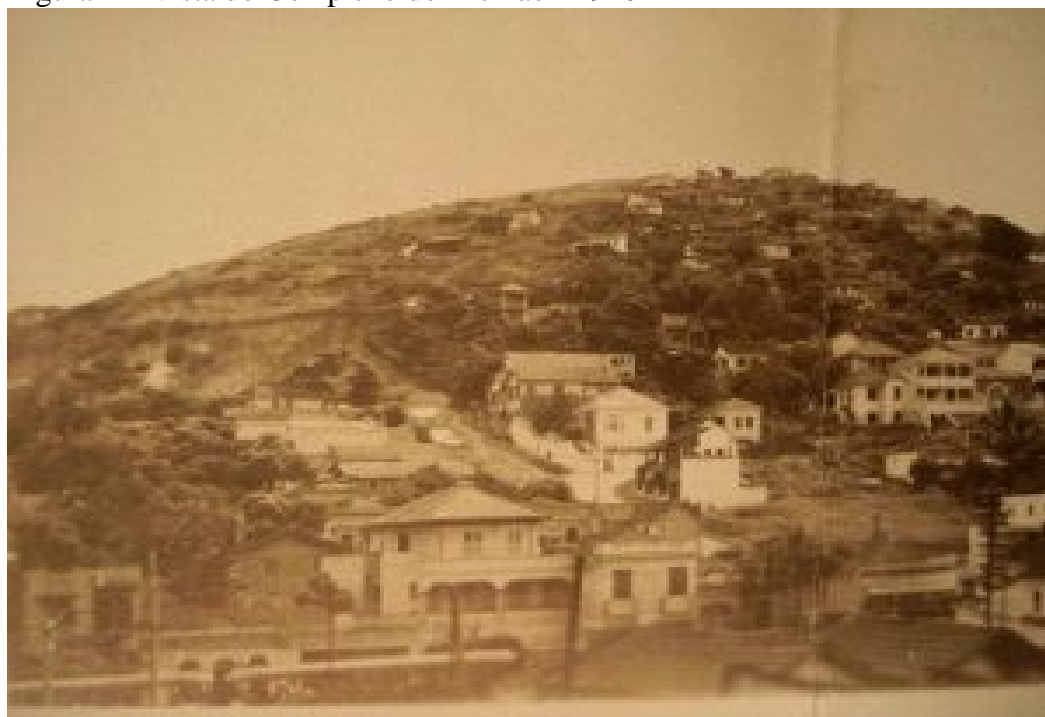


Fonte: Portal Geo Rio, 2018.

O Morro do Alemão, nosso campo de estudo, faz parte do Complexo, sendo a principal das quinze comunidades e a que dá nome ao Complexo de favelas. Possui cerca de 14.000 habitantes.

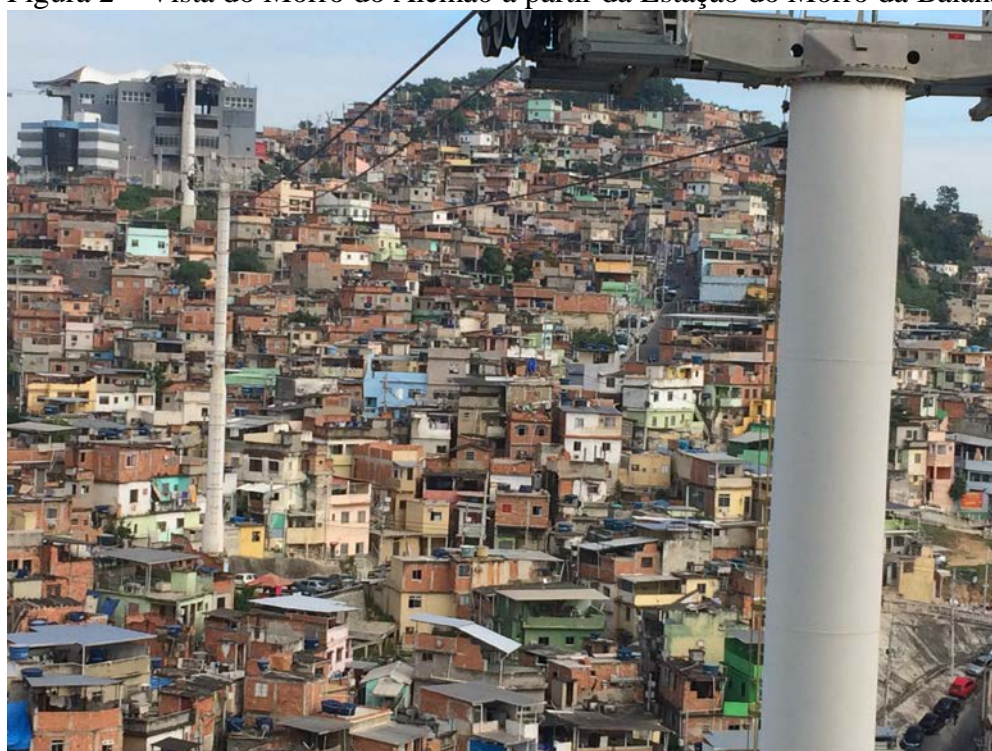
Pesquisas registram que antes da colonização portuguesa, as áreas próximas eram povoadas pelos Índios Tamoios às margens do Rio Timbó, lugar que no século XVIII foi ocupado pelos jesuítas, após o extermínio dos índios. Com a expulsão dos jesuítas por volta de 1760, as terras foram desmembradas em fazendas que deram origem aos bairros da região. Na figura 3, pode-se observar a parte leste da Serra da Misericórdia, região onde se registrou o começo das comunidades mais antigas, entre 1940 e 1950, que fazem divisa com os bairros de Bonsucesso, Ramos e Olaria.

Figura 1 – Vista do Complexo do Alemão - 1940



Fonte: Imagem obtida no site do Diário do Rio – História do Complexo do Alemão - acesso 16/12/2017.

Figura 2 – Vista do Morro do Alemão a partir da Estação do Morro da Baiana



Legenda: Estação do Teleférico do Morro da Baiana, localizado em frente ao Morro do Alemão.
A Estação ainda encontra-se fechada, sendo o meu acesso autorizado pelos responsáveis pela UPP do bairro.

Fonte: A autora, 2018.

O nome “Alemão” refere-se ao primeiro dono daquelas terras, limitadas entre a Travessa Laurinda e o Largo do Itararé, um polonês chamado Leonard Kaczmarkiewicz, cujo apelido lhe foi dado por volta de 1920 quando chegou ao local na Serra da Misericórdia, Zona da Leopoldina, uma zona rural naquela época. Em 1951 o polonês Leonard vendeu sua fazenda que então começou a ser ocupada pelos trabalhadores, em sua maioria nordestinos, que chegavam ao Rio de Janeiro, atraídos pela transformação da região que avançou na implantação de indústrias tais como a fábrica têxtil Nova América, a Marialva, a Cica, o Café Capital, a Castrol e outras, marcada também pela abertura da Av. Brasil (1946). Entre os anos 1920 e 1960 era comum o arrendamento de terras para uso rural, mas com o passar do tempo, houve a prática de aluguéis dos pequenos lotes. Com a ausência de políticas habitacionais e o crescimento demográfico da região, inúmeras invasões foram feitas e os terrenos, cavados nas encostas dos morros. Esse modelo de ocupação das encostas contribuiu para o surgimento da favela, sendo alternativa habitacional da classe trabalhadora que escolheu o lugar para morar.

Na conversa (entrevista) com D. Elvira, um dos sujeitos da pesquisa, hoje com 88 anos, ela narrou-me suas lembranças das vendas dos lotes pelo “*velho Leonardo, o Alemão*” e da impossibilidade de comprar a sua casa por falta dinheiro e então se mudou para outra casa de aluguel de propriedade de D. Pedrina, a parteira do Morro. Contou que muitos dos seus vizinhos conseguiram comprar suas casas, porém ela, grávida na ocasião, juntamente com o marido perderam aquela oportunidade.

Semelhante ao construído em Medellín, Colômbia, a favela conta hoje, com o Teleférico do Complexo do Alemão, inaugurado em julho de 2011, ligando a Estação de Trens de Bonsucesso até o ponto mais alto do morro, Palmeiras, Estação de retorno do transporte.

Figura 3 - Vista do Morro do Alemão a partir do Teleférico



Legenda: Imagem feita durante uma visita ao Morro do Alemão em outubro de 2014.

Fonte: A autora, 2014.

O Teleférico do Complexo do Alemão pertence ao sistema de transporte ferroviário e possui seis estações, a saber: Bonsucesso, Adeus, Baiana, Alemão, Itararé/Alvorada e Palmeiras. Um total de 152 gôndolas, com capacidade para seis passageiros em cada uma, percorrendo três quilômetros e meio de extensão entre a primeira estação (Bonsucesso) e a última (Palmeiras). O Teleférico se encontra desativado desde 2016, com a promessa do Consórcio Rio Teleféricos e da Secretaria Estadual de Transporte do Rio de Janeiro de reativação do transporte no segundo semestre de 2017, não efetivada até o momento da finalização desta pesquisa. Afasto-me do Complexo do Alemão e passo a tratar das especificidades do Morro do Alemão, lugar encarnado de minha pesquisa.

A história desta favela se assemelha às experiências de memória descritas por Pollak (1989) ao examinar as contribuições da história oral aflorada em momentos de crise ou conflitos, como as analisadas nas memórias de dissidentes soviéticos e de prisioneiros de campos de concentração, delineando o que foi realmente esquecido e o que não foi dito. O Morro do Alemão vivenciou em meados dos anos 90, a grande guerra travada entre os traficantes Orlando da Conceição, o Orlando Jogador e Ernaldo Pinto de Medeiros, o Uê, que tentavam dominar o tráfico de drogas de toda a região. Numa época de territorialização do tráfico de drogas e do uso de armas de guerra, a favela foi transformada em base de operação

e recrutamento de jovens e homens adultos para o narcotráfico. Portanto, durante muito tempo o Morro vislumbra toda essa guerra pesada e certamente ainda sofre com tantas formas de violência, incluindo milícias que tentam penetrar e disputar o espaço com os traficantes, ignorando a instalação das UPPs.

A UPP, Unidade de Polícia Pacificadora, é um projeto do Estado do Rio de Janeiro, criado pela Secretaria de Segurança Pública para desarticular o crime organizado nas principais favelas do Estado. A UPP do Morro do Alemão foi criada em 2012 e segundo os próprios moradores, a falta de políticas públicas pós-ocupação confirma e resulta no fracasso do projeto. A UPP parece não ter terminado com o tráfico de drogas na região, apenas deixou a falsa impressão de segurança, principalmente para aqueles que estão ou vivem fora da favela.

Pensando na UPP do Morro do Alemão, me reporto mais uma vez ao texto de Vera Malaguti Batista (2011), que trata das políticas de pacificação nas favelas do Rio de Janeiro e as suas contradições. Em o “O Alemão é muito mais complexo”, a autora considera que a presença da polícia de pacificação nas favelas do Rio de Janeiro assemelha-se mais a um instrumento de controle da população pobre da favela que propriamente um modelo de segurança e paz.

[...] a segurança pública só existe quando ela decorre de um conjunto de projetos públicos e coletivos que foram capazes de gerar serviços, ações e atividades no sentido de romper com a geografia das desigualdades no território usado. Sem isso não há segurança, mas controle truculento dos pobres e resistentes na cidade (BATISTA, 2011, p. 106).

Em sua afirmação apresenta elementos que me conduzem a pensar na naturalização da truculência contra os pobres e na transformação desse ato de violência em *aplausos* (2011), quando trata em seu texto do processo de pacificação do Complexo do Alemão em 2010. Pontua que a pacificação e a ocupação das favelas dominadas pelo tráfico de drogas no Rio de Janeiro, se deram em forma de guerra, afetando diretamente a vida cotidiana dos pobres que lá habitavam (BATISTA, 2011).

Corroboro com essas ideias e tenho clareza de que o caminho é árduo na tarefa de administrar desigualdades num território que está tendendo a abandonar seus sonhos, “deixou para trás uma utopia de escola onde os jovens possam desfrutar de suas potências, ou de uma sociabilidade prazerosa entre diferentes” (BATISTA, 2011, p 108). O capitalismo determinou que esses territórios são suas novas colônias – é o neocolonialismo – realizando o massacre dos libertos mas ainda *escravos* (CAMPOS, 2017). Após essa leitura, ficou ecoando em mim

a seguinte reflexão da autora: “Isso se dá porque antes da ocupação territorial já se tinham ocupado as almas” (BATISTA, 2011, p.108).

A operação policial denominada *Pacificação* pareceu aos olhos da favela, um caminho bem distante dos discursos de *tranquilidade, segurança e ordem*. Talvez, o melhor termo seria *medo* para definir o sentimento daquele território.

O Estado do Rio de Janeiro vem passando desde 2016 por uma grave crise econômica, que certamente chegaria à segurança pública do Estado. O Governo Federal decretou intervenção federal no Rio de Janeiro em fevereiro/2018 com previsão de término em dezembro de 2018, sendo vista como uma ação de combate à violência, porém tem-se acompanhado pela mídia um aumento desses índices, ou seja, a violência não parou, tendo até aumentado nesses últimos meses. Muitas ações policiais/militares não se justificam e não há balanços satisfatórios sobre as incursões e ações. Faço uma expansão das ideias e penso nas ações dos policiais nas incursões no Morro do Alemão e demais favelas como também em toda a história das guerras urbanas (ou não), das diversas ações incumbidas às forças de segurança, *ações quase suicidas* que produzem também a *brutalização*, como ressaltou Batista (2011, p. 109), desses homens, “com níveis baixos de qualidade de vida, são atirados à tarefa de massacrar seus próprios irmãos”. O mais assombroso nessa nossa realidade é a naturalização do processo, a *adesão subjetiva à barbárie* (BATISTA, 2011). Nesse contexto, somos todos vítimas de um sistema doente e cruel que busca mitigar a vida e produzir a naturalização da morte das *classes perigosas* dos favelados.

Atualmente, o Morro do Alemão é atendido por algumas Organizações Não Governamentais que discutem propostas sobre temas como saúde, segurança, meio ambiente, educação e estão sempre tentando ações sociais em conjunto com o governo. Uma dessas entidades locais, como já havia assinalado, é o Instituto Raízes em Movimento, principal responsável pela minha inserção como pesquisadora na favela, bem como pelo circular nos espaços, ruas e vielas na busca de lembranças para ilustrar as memórias a serem narradas. Como já mencionado na introdução desse trabalho, o Instituto Raízes em Movimento tem a sua sede na principal via do Morro do Alemão. Criado em 2001, o Instituto tem por objetivo promover o desenvolvimento humano, social e cultural do Alemão e conta com a participação dos moradores como os protagonistas desses processos. Surge com um grupo de jovens e universitários moradores da área que, a princípio, atentaram para a questão ambiental, para a promoção de atividades esportivas e ações para a educação e cultura. A ONG promove uma diversidade de eventos, pesquisas e possui grandes parcerias com outras organizações da sociedade civil e dos movimentos sociais.

Figura 4 – Instituto Raízes em Movimento em dia de Evento



Legenda: Imagem feita durante o Evento Circulando – Diálogos e Comunicação na Favela – Temática central: “Rolêbilidade – Direitos à Mobilidade”, no dia 09/12/2017 – organizado pelo Instituto Raízes em Movimento.

Fonte: A autora, 2017.

O Instituto foi fundado e é coordenado por Alan Brum Pinheiro, nascido e criado no Alemão, que estudou antropologia na UERJ e junto com uma equipe de estudantes, pesquisadores e moradores, cuida dos projetos lá desenvolvidos. Dentre os projetos e eventos do Raízes, destacamos: A Oficina Crítica de Fotografia, de Audiovisual e Grafite, o Cineclube (trabalho com cinema de rua), o Favela.doc (produção de filmes como o “Quando você chegou, meu santo já estava”), O Circulando (evento que ocorre no final do ano, promovendo um intercâmbio cultural – diálogo e comunicação - poesia, música, dança, teatro) e o CEPEDOCA (Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Complexo do Alemão), que desenvolve um trabalho importante para a favela concernente à preservação, à história e memória local.

No livro *Complexo do Alemão – Uma bibliografia comentada* (2017), organizado pelo Secretário Executivo e Coordenador, Alan Brum Pinheiro e outros, é possível acompanhar a trajetória da instituição e de seus idealizadores que hoje contam com o Centro de Pesquisa, Documentação e Memória, sendo um projeto de extensão, apoiado com recursos de emenda parlamentar bem como parcerias da FAU/UFRJ, IPPUR/UFRJ, IFCS/UFRJ, NEPP-DH/UFRJ, Fundação Heinrich Boll - Brasil e ainda com a participação indireta do IESP/UERJ, UFRRJ, FIOCRUZ e UFF. Essas articulações expressam um compromisso

público da Universidade Pública brasileira com as forças sociais e redes de atuação nos territórios (PINHEIRO, 2017). Nesse contexto, o livro *Bibliografia Comentada* tem por objetivo ser uma sólida fonte de consulta para pesquisadores e o público em geral como também oferecer aos professores(as) que trabalham na região, um lugar para acesso aos conhecimentos sobre o bairro, potencializando suas lutas e atuações diversas. Entre as ações do Instituto Raízes, são particularmente relevantes: *O Vamos Desenrolar: Produção de Conhecimento e Memória* – debates articulando saberes acadêmicos e populares, em praça pública do Complexo do Alemão, tendo como pauta, demandas de interesse dos moradores do bairro. *O Coletivo de Pesquisadores em Movimento* – congrega pesquisadores em uma rede para trabalhos conjuntos sobre o Complexo do Alemão. *O Curso de Extensão Raízes Locais* – direcionado a estudantes do ensino médio das escolas públicas do bairro – resgate da memória local e reforço dos laços de pertencimentos por meio da produção de uma cartografia social e afetiva.

3.1 O Morro do Alemão como lugar de memória e educação

A Memória, tratada como categoria da História, é, em certo sentido, uma metáfora. Metáfora magnífica, por abrigar carga altíssima de possibilidades de sentidos, bem como de perspectivas críticas, [...]. Magnífica por acolher, um esforço ordenador, monumentos e obras, fragmentos de ideias e desejos, espalhados por lugares os mais variados e postos de algum modo em intercâmbio [...]. Magnífica ainda por, em sua concreta abstração arqueológica, deslocar-se, tornando-nos felizes por exercermos, ainda que precariamente, nossa capacidade de identificar, distinguir, aproximar, reconciliar ou conflitar desejos, valores e forças até então nela – Memória – arquivados [...]. Colocamos, quando no território da Memória, à caça do esquecido, do soterrado. Tornamo-nos arqueólogos do tempo, obsedantes pelas ideias de permanência, de exposição e de domínio.

Roberto Corrêa dos Santos

No rastro dos movimentos de disputa entre a memória da favela e a memória imposta pela história oficial, iniciei as investigações sobre as histórias de infâncias que circulam nos pensamentos de seus moradores, suas narrativas e a compreensão desses acontecimentos.

Um olhar sobre o Morro do Alemão, entendido como um lugar de memória levou-me a traçar o caminho de aproximação com o grupo de moradores delimitado na pesquisa, construindo aos poucos uma relação de confiança. Nessa relação fui colhendo informações importantes sobre os lugares e acontecimentos que marcaram as suas infâncias e que para eles funcionam como verdadeiros “lugares de memória”.

Para Nora (1993) o conceito de lugar de memória é o lugar em todos os seus aspectos, ou seja, o material e o imaterial, o concreto e o abstrato, numa relação de coexistência. Entretanto para o autor, apenas podem ser enquadrados como lugar de memória aqueles (um documento, uma pintura, um lembrete, um minuto de silêncio, um acontecimento, um monumento, etc.) que possuam “intenção memorialista”, uma “vontade de memória”, aquilo que se perpetua. Para ele, o lugar de memória existe quando o simples registro termina.

São lugares com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é um lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica (NORA, 1993, p.21).

Seguindo as pistas de Nora (1993, p. 27), o que faz o Morro do Alemão um lugar de memória? Em oposição ao objeto da história, o lugar de memória é ele próprio o referencial, em seu estado puro, escapando da concepção de histórico. Sendo assim, “o lugar de memória é um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações”. Nesse sentido, a história oral vinda das pessoas, “fontes indiretas”, testemunhos das lembranças do Alemão, transformam-no em lugar de memória e sendo um misto, também lugar da história.

Através do olhar de um grupo de moradores antigos, definidos em função de critérios previamente estabelecidos, foi possível reviver os espaços de festa, lazer e encontros afetivos, outros lugares de memória, além daqueles de violência descritos pelas páginas das manchetes dos jornais.

Por meio das narrativas desses personagens, observei lugares de extremo valor, que os remetem a um passado “bom de lembrar e outros não tão bons”. Muitos desses lugares em suas narrativas ainda estão lá ou no imaginário que surge diante de uma fotografia e/ou imagem ou acontecimento, desencadeando as reminiscências.

Dialogando com o texto *A memória, a história, o esquecimento*, Ricoeur (2007, p.40) faz um esboço fenomenológico da memória, vinculando a ela uma ambição, uma pretensão de ser fiel ao passado.

[...] desse ponto de vista, as deficiências procedentes do esquecimento,[...], não devem ser tratadas de imediato como formas patológicas, como disfunções, mas como o avesso de sombra da região iluminada da memória, que nos liga ao que se passou antes que o transformássemos em memória (RICOEUR, 2007, p. 40).

Sendo assim, o autor justifica o motivo de acusarmos a memória de ser *pouco confiável*, explicado por se tratar do nosso único recurso para significar o caráter passado daquilo de que declaramos nos lembrar. Ainda ressalta: “Ninguém pensaria em dirigir semelhante censura à imaginação, na medida em que esta tem como paradigma, o irreal, o fictício, o possível e outros traços que podemos chamar de não posicionais” (2007, p.40).

As recordações vão surgindo à medida que representam uma ausência do que não existe mais no presente. É a *imagem-recordação* de algo que não está mais lá, mas que no passado, existiu.

Ainda dialogando com Ricoeur (2007), ao penetrar no mundo das memórias, o pesquisador e a pesquisadora devem estar atentos às armadilhas da “rememoração e imaginação”. Dosar e distinguir os espaços que atravessam a memória e imaginação e que possam estar imbricadas nas narrativas dos sujeitos pesquisados.

A revisão paralela das fenomenologias da lembrança e da imagem encontraria seu limite no processo de transformação da lembrança em imagens [...]. A permanente ameaça de confusão entre rememoração e imaginação, que resulta desse tornar-se-imagem da lembrança, afeta a ambição de fidelidade na qual se resume a função veritativa da memória [...]. E, no entanto, nada temos de melhor que a memória para garantir que algo ocorreu antes de formarmos sua lembrança (RICOEUR, 2007, p. 26).

O autor ressalta que na experiência viva da memória, fica uma pista rígida para o alcance da imagem. “Parece que a volta da lembrança pode fazer-se somente no modo do tornar-se imagem”. Essas imagens podem traduzir um acontecimento, um lugar, pessoas, uma data comemorativa que têm um significado e refletem aquilo que está vivo no narrador.

Do ponto de vista dos objetivos desta pesquisa, a memória das infâncias resgata atividades e brincadeiras de uma época passada, e por meio delas, procurei entender a infância de hoje na favela. Os espaços da favela são importantes nesse processo. Naqueles muros, ruelas, becos, casas reside o valor das reminiscências, os verdadeiros lugares de memória, eternamente presentes nas lembranças dos entrevistados.

No texto de Jailson de Souza e Silva (2005), observam-se os espaços e a intensidade no viver dos moradores da favela.

Nas favelas as ruas são espaços da festa, do lazer, dos encontros afetivos, do trabalho, da brincadeira [...]. Nas favelas também há perigos, sobretudo em função da violência praticada por policiais e bandidos armados. No entanto, as ruas ainda são espaços de aproximação, de sensações de pertencimento e de mobilização em torno de causas individuais e coletivas. Ainda há vida nas ruas, com a presença do inesperado e da supressão do domínio absoluto do privado sobre o público (2005, p.98).

As recordações podem surgir de acontecimentos vividos pessoalmente, de acontecimentos vividos por outra pessoa, por pessoas ou personagens e por lugares.

A memória de ordem sensorial é de grande valia nesse tipo de investigação principalmente no que tange ao uso de imagens. Em seu texto “Lembranças em Imagens”, Nilda Alves (2008) ressalta as *múltiplas redes de conhecimento e significações*, mostrando a importância das narrativas e das imagens, particularmente, a fotografia, chamando a atenção da compreensão de que nela estão contidos fragmentos de um dado momento da vida, aquilo que aconteceu num *espaçotempo*⁷, registrado pelo fotógrafo. O processo de análise da imagem está na relação que se faz entre aquilo que é mostrado e a imaginação de quem a vê e a interpreta. Nessa perspectiva, tentei buscar junto aos moradores entrevistados, fotos de suas infâncias durante os encontros com os mesmos, na esperança e desejo de um reencontro com as suas experiências no lugar, na favela do Morro do Alemão de outras temporalidades.

O que de fato é memória? Seria apenas a guarda de fatos, imagens e pessoas do passado em nossa lembrança? Penso que a memória é muito mais. A memória é a base do conhecimento e das experiências vividas ou ouvidas, a serem utilizadas por toda a vida. As significações construídas pelas memórias se impõem muitas vezes à história, que assume uma natureza universal, uma representação do passado enquanto que a memória é afetiva, vinculada às lembranças (grupais ou individuais), avivadas por gestos, objetos, lugares, sons, cheiros e imagens. Segundo Nora:

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe

⁷ Nilda Alves (professora e pesquisadora da UERJ) aglutina os termos, pluraliza-os, inverte-os e duplica-os propositalmente, como uma forma de ilimitar as significações das palavras nas pesquisas nos, dos, com os cotidianos.

mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado (NORA, 1993, p.9).

Para Nora (1993), a memória é sempre atual, é afetiva e mágica, fruto da reunião do grupo unido por ela, diferentemente da história, que pertence a todos e a ninguém, *o que lhe dá uma vocação para o universal*.

Em outro contexto de estudo, as histórias do Morro do Alemão, uma das maiores favelas da Cidade do Rio de Janeiro, narradas por adolescentes frequentadores do curso pré-vestibular social, numa região próxima à favela, constatei a riqueza das narrativas e a importância de se registrar essas histórias de vida. Caminhando por espaços e vielas, observei a simplicidade e a precariedade no viver das famílias e um cotidiano marcado por sofrimento, como também pela força e alegria que embalam as histórias que surgem em simples conversas. Ao cuidar de mote tão alicerçado nas ciências sociais, me vi mergulhando no universo da favela, onde a atenção à *escuta sensível* (BARBIER, 1993), torna-se o fio condutor do conhecimento. Segundo o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (2000), *olhar, o ouvir e o escrever* estão destacados como três momentos estratégicos do trabalho do antropólogo.

Se o olhar e o ouvir constituem a nossa percepção da realidade focalizada na pesquisa empírica, o escrever passa a ser parte quase indissociável do nosso pensamento, uma vez que o ato de escrever é simultâneo ao ato de pensar [...] é no processo de redação de um texto que nosso pensamento caminha, encontrando soluções que dificilmente aparecerão antes da textualização dos dados provenientes da observação sistemática. [...] o ato de escrever e o de pensar são de tal forma solidários entre si que, juntos formam praticamente um mesmo ato cognitivo (OLIVEIRA, 2000, p.32).

É no ato de observar (olhar, escutar) que o pesquisador, no meu caso, a pesquisadora, vive a experiência de estar no campo, usufruindo das reminiscências fornecidas pelas experiências humanas a partir das relações sociais do grupo, para posteriormente escrever com a mente despida de preconceitos e recepcionar o conhecimento vindo do pesquisado que não é pensado e/ou reconhecido como um objeto, e sim como sujeito da pesquisa. Nessa pesquisa empírica, o objeto passa a sujeito, visto que na investigação, ele é atuante e participativo, o ator, cabendo ao pesquisador à função de observador.

Para Halbwachs (2013) jamais estamos sozinhos na construção de nossas memórias. Esse pensamento é composto de lembranças coletivas. Para o autor a memória individual

[...] não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transportar a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o

funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente (HALBWACHS, 2013, p. 72).

Nos lugares considerados periféricos, a partir das espacialidades definidas pelo modo de produção espacial capitalista, as memórias (individuais ou coletivas) também operam como dispositivos de resistência. Constroem-se linhas de força, que não deixam o fato marcante e/ou específico cair no esquecimento, assim como aquele vivido, testemunhado; marcas da opressão, combatendo uma política de silenciamento, sempre presente nesses espaços. O gesto de falar tem na sua origem uma significação de exteriorizar opinião, desejo, resposta, porém o silêncio também tem a sua significação. No calar pode estar contida uma gama de sensações e sentimentos e que comunicam tanto quanto o falar. “Você pode ficar em silêncio!” é um direito. O silenciamento pode ser reflexão ou uma condição subalterna, educação, respeito, medo, etc., marcas da colonialidade presentes em nós. “O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais” (POLLAK, 1989, p. 6).

A memória tem contribuído significativamente como fonte histórica na contemporaneidade. O uso de políticas de memórias em diversos campos produzem conhecimentos, saberes e outras formas de viver para a sociedade. Esse é o dever da memória. A vida social está atravessada pela memória e sem ela não há possibilidade de relacionamento e convivência.

Segundo Nora (1993), a história é a deslegitimação do passado vivido, ou seja, a anulação do que de fato ocorreu nesse passado. A história transformou-se em ciência social e a memória, em uma manifestação particular. “Uma sociedade que vivesse integralmente sob o signo da história não conheceria, afinal, mais do que uma sociedade tradicional, lugares onde ancorar sua memória” (NORA, 1993, p.9).

Os lugares de memória apreendem a memória refugiada que ainda nos mantém no papel de “devedores” na missão de mostrarmos a realidade não apenas através de uma *história totêmica*, mas também, de uma *histórica crítica*. Nora (1993) ressalta ainda em seu texto, que a sociedade moderna espontaneamente produz trabalhos, arquivos e por meios técnicos, conserva-se essa produção pela superstição e pelo respeito ao vestígio. Trata-se de memória arquivística, o apego ao registro. Para Nora, “menos a memória é vivida do interior, mais ela tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive através delas” (NORA, 1993, p.14).

A necessidade de arquivo, da preservação do vestígio é a certeza do sentimento de desaparecimento rápido das lembranças, “a preocupação com o exato significado do presente e com a incerteza do futuro (...). É a memória registradora, que delega ao arquivo o cuidado de se lembrar por ela”. Para o autor, o que chamamos hoje de memória é a “constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que é possível lembrar” - *memória de papel*. À medida que a memória tradicional vai se extinguindo, surge a necessidade de acumular vestígios. “Há locais de memória porque não há mais meios de memórias” (NORA, 1993, p. 7). Se preservamos hoje os lugares de memória é porque não mais os habitamos.

Dialogando com Nora, a historiografia abraçou a memória e efetivamente, parece-me quase modesto o acontecimento passado de pessoa a pessoa. A transmissão de valores, religiosidade, tradições, práticas, nossas origens, pouco são feitas por intermédio das memórias. Daí o meu desejo de pesquisar e relatar as memórias de moradores de favela e a experiência de suas infâncias.

Ressalto nessas infâncias do passado o compromisso com a força de trabalho contida nessas crianças, bem como a injusta responsabilidade em prover a casa junto aos adultos das famílias. Nas narrativas, por exemplo, observei a *evasão escolar* devido ao compromisso em contribuir nas despesas de casa. No texto de José de Souza Martins (2009), intitulado “Regimar e seus amigos: a criança na luta pela terra e pela vida”, o autor narra e apresenta entrevistas (gravadas e depoimentos escritos pelas próprias crianças) duas das realidades de crianças no interior do Brasil. O autor confronta a infância dos filhos dos colonos na colônia de Canarana, no estado de Mato Grosso e a infância dos filhos dos posseiros de dois povoados da pré-Amazônia maranhense: São Pedro da Água Branca e Floresta. Em ambos os grupos, é constatada a perda da infância para o trabalho no campo, a agricultura. Observa-se a decepção de Martins ao narrar sua expectativa sobre as entrevistas: “*A fala das crianças foi uma fala tristemente adulta, privada da inocência infantil que eu, ingenuamente, imaginava encontrar nelas*”. Os dois grupos de crianças entrevistadas por Martins possuem características distintas e bastante interessantes com relação ao trabalho e com relação às famílias. Os colonos (Canarana) como proprietários das terras, suas crianças são preparadas para trabalhar (trabalho familiar) para um dia herdar essas terras dos pais – herança do camponês. Os posseiros (São Pedro da Água Branca e Floresta), como não têm a propriedade das terras, suas crianças são preparadas para trabalho com a família. Vivem o agora, pois o hoje existe, mas amanhã poderá não mais existir. Essas crianças reconhecem a inexistência da terra, usada somente para o pobre “*botar roça*”. Sendo assim, para os dois grupos: “*A alegria da brincadeira como exceção circunstancial é que define para as crianças desses lugares a*

infância como um intervalo no dia, e não como um período peculiar da vida, de fantasia, jogo e brinquedo, de amadurecimento.” (2009, p.116). Martins define assim, o dia das crianças, sujeitos da sua pesquisa: *“Primeiro trabalham, depois vão à escola e depois brincam, no fim do dia, na boca da noite. A infância é o resíduo de um tempo que está acabando”*.

Martins me ajudou a pensar nas infâncias lembradas da favela do Morro do Alemão, cercadas de restrições, violência e trabalho. Nas infâncias das lembranças dos velhos moradores identifiquei esses traços *“o adulto no corpo de criança”*, e os depoimentos dos moradores entrevistados no Morro do Alemão pareceram também confirmar.

4 NA BUSCA DOS SABERES DE MORADORES DO MORRO DO ALEMÃO: OUTRAS EPISTEMOLOGIAS DA ESCUTA E A QUESTÃO DA ENTREVISTA COMO CONVERSA

Não podemos descansar na luta por políticas-científicas que valorizem o conhecimento (todo o conhecimento), que valorizem a ciência (como ciência e como cultura). Não podemos aceitar [...] que haja interrupções, quebras, que se cortem fios que demoram muito tempo a consertar, a reconstruir, a refazer.

Antônio Nóvoa

Em diálogo com os referenciais do grupo de pesquisa do qual faço parte – o GIFORDIC – estruturei a minha pesquisa numa abordagem qualitativa e como metodologia exploratória, a observação e a *escuta sensível* (BARBIER, 1993), além da história oral dos sujeitos da pesquisa. Essa abordagem qualitativa foi o caminho epistêmico e conceitual que descortinou um percurso desconhecido e instigante principalmente pela experiência de caminhar pelas vielas e becos da favela do Morro do Alemão.

Do ponto de vista teórico-metodológico, as entrevistas/conversação com os velhos moradores da favela do Morro do Alemão – RJ trouxeram para o cerne da questão, a reconstrução da história de infância dos entrevistados. Sendo esse o campo de estudo, levei em conta a vulnerabilidade das questões ligadas ao respeito aos entrevistados e à ética ao lidar com subjetividades e particularidades que envolvem a reconstrução de lembranças. É no diálogo, na conversa, na escuta sensível que reside o segredo da descoberta. A descoberta é o achado de algo guardado, escondido e que é revelado. É chegar num lugar que eu não chegaria sozinha.

Na entrevista está o cerne desse trabalho de pesquisa, envolvendo a história oral, onde a investigação e a prática científica se aliam e produzem resultados (ALBERTI, 2005, p. 81). Aprendi no diálogo com Whitaker (2005) e com Bosi (2003), que “o real se insinua até nas entrelinhas do discurso: cada pausa, cada tema reiterado, [...], cada interrupção ou truncamento, cada idiosincrasia tem um significado para o qual o pesquisador precisa ter muita sensibilidade (WHITAKER, 2005, p. 62) e que “o passado, a rigor, é uma alteridade absoluta, que só se torna cognoscível mediante a voz do narrador” (BOSI, 2003, p. 61). Utilizei um bloco de anotações que não chegou a ser um “diário de campo”, porém um

rascunho/espaco para traçar metas, objetivos, caminhos, escolhas, onde anotar dúvidas, dificuldades e todo o detalhamento do que fiz no campo, tentando me afastar da ideia de perfeição porque nessa busca pelo conhecimento, tinha clareza que erros e falhas poderiam acontecer.

Para empreendermos tal aventura, útil é nos munirmos como os etnólogos de um diário de campo, onde iremos registrando dúvidas e dificuldades. Nossas falhas, longe de serem um entrave, irão, se compreendidas, aplainar o caminho dos estudiosos que nos agradecerão por tê-las apontado (BOSI 2003, p. 61)

No desenvolvimento das entrevistas, procedimento metodológico fundamental de minha pesquisa, optei por uma abordagem semiestruturada com questões definidas anteriormente num *roteiro de perguntas*, e que me permitiu interferências com informações relevantes para incentivar as lembranças no pesquisado. O roteiro consta da página 107, e teve o objetivo de proporcionar um direcionamento maior dos assuntos nos quais quis focar. Nesse roteiro indiquei sugestões de perguntas de meu interesse. Busquei na entrevista obter informações sobre as infâncias dos velhos moradores pela necessidade de dados não eficazmente encontrados em fontes bibliográficas e documentais, como também, não atendida somente com o trabalho de observação. Com a *escuta sensível* (BARBIER, 1993) nas entrevistas, também foi possível captar as expressões corporais dos sujeitos da pesquisa, gestos e reações foram bem relevantes. As entrevistas foram gravadas, com autorização escrita por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido encontrado na página 106 e a transcrição do todo o material encontra-se na página 108, no Relatório de Entrevistas do Morro do Alemão (REMA). Procurei deixar os entrevistados confortáveis, focando no pensamento de Bosi, quando ressalta que a entrevista ideal é aquela que permite a formação de laços de amizade. Partindo do pressuposto que a pesquisa tem como objetivo as memórias de infâncias de velhos moradores, busquei nessas lembranças, utilizando o questionário, a relação desses sujeitos com as brincadeiras infantis, com a família, com a escola, com o espaço da favela, com a Educação Popular, com o trabalho na infância. Que lições se pode tirar das memórias de velhos moradores que viveram suas infâncias no Morro do Alemão?

É importante salientar que antes de escolher o primeiro entrevistado – agosto de 2017, estudei minuciosamente a história da favela, busquei informações sobre os antigos moradores do Morro do Alemão e as memórias registradas pelas pesquisas do Instituto Raízes em Movimento, no jornal local Voz das Comunidades e também visitei algumas vezes a BEM – Biblioteca Escolar Municipal João Ribeiro – Olaria/Ramos. De porte das informações sobre o Morro do Alemão, estudei o perfil do primeiro entrevistado, anteriormente apresentado a mim

por um pesquisador do Raízes. Ainda pouco segura, subi a ladeira íngreme da Av. Central e encontrei o Seu Betinho, um senhor educado e gentil que carinhosamente me recebeu em sua casa.

Durante a produção de dados, o pesquisador dá sentido às narrativas e obtém significados muitas vezes embebidos de suas próprias vivências. Buscando em Barbier (1993), os conceitos da *escuta sensível*, me deparei com a relação entre pesquisado e pesquisador, numa busca pelo conhecimento, pelo sentido e significado de suas lembranças. Para o autor a noção de escuta sensível tem a ver com escutar/ver, apoiando-se na empatia, sentir o universo afetivo, o imaginário para compreender suas atitudes, comportamentos, ideias e valores. Segundo Barbier, ouvir sem preconceito não significa associar-se ao outro; a escuta real e verdadeira não anula a discordância daquele que ouve. A escuta sensível viabiliza a observação de um mundo novo, o mundo do outro. A alteridade nessa relação dialógica estabelece a construção de si mesmo a partir do outro e da coletividade. Nas relações com o outro, valorizar o que ele tem a dizer e interagir com essa informação possibilita outras práticas no cotidiano. Isso posto, não cabe julgamentos, comparações, interpretações num caminho à aceitação incondicional do outro. A partir daí, as relações dialógicas seguem na busca do ouvir aquilo que pode ser dito, o dizível, sem rótulos para que essas experiências se transfigurem em conhecimento para as gerações seguintes.

Observar o cotidiano e estabelecer relações não é uma missão fácil. Nesse aspecto, a narrativa é um reforço precioso para começar a pesquisar dados importantes que possam trazer as lembranças de uma vida. Entre uma conversa⁸ e outra, vão se desenhando as imagens do passado. Assim:

O cotidiano, antes de ser um objeto definido, constitui um campo de estudos aberto a inúmeras possibilidades metodológicas de abordagem; [...] penso o cotidiano como um caminho que nos conduz aos campos de estudo da epistemologia, da história, da antropologia, da escola e também, curiosamente, aos rituais de comensalidade, às formas de sociabilidade, aos processos de identificação, às táticas de sobrevivência, às cerimônias e aos festivais, às performances corporais, enfim, ao campo da produção cultural no âmbito da vida social (ROCHA, 2014, p.168).

Buscando compreender o cotidiano da favela investigada, pôde-se provocar a reflexão e documentar as memórias (individuais e coletivas) de moradores do Morro do Alemão, num mergulho naquele universo, abordando os processos diários de produção da vida na favela, as atividades desenvolvidas durante as suas infâncias, as experiências. Procurei tecer uma rede

⁸ A questão da entrevista como conversa. A entrevista, em um determinado momento, vai ganhando a forma de conversa, na medida em que a pesquisadora permite-se ouvir a fala do outro (pesquisador) para além dos limites do roteiro de perguntas. A conversa abre espaço para outros diálogos nesse caminhar epistêmico.

de conhecimento a partir das histórias de vida, identificando as dificuldades e as possibilidades de superação diante da violência ali presente, alinhado à falta de políticas públicas eficazes.

Iniciei esse momento da dissertação, fazendo uma reflexão sobre outras epistemologias; diferentes saberes, que foram revelados no movimento de registro das narrativas, memórias de infância de velhos moradores da favela do Morro do Alemão – RJ; o cotidiano de outrora, os lugares de memórias, as alegrias e tristezas da infância na favela e os processos formativos revelados nessas reminiscências. Isso tudo traz à mente o texto de Chauí (1982) sobre a hegemonia da ciência e o pouco valor dado aos conhecimentos que dela não derivam.

Vivemos num mundo dominado por aquilo que a ideologia dominante convencionou designar como “progresso tecnológico”. Resultado da exploração física e psíquica de milhões de homens, mulheres e crianças, da domesticação de seus corpos e espíritos por um processo de trabalho fragmentado e desprovido de sentido, da redução de sujeitos à condição de objetos socioeconômicos, manipuláveis politicamente e pelas estruturas da organização burocrático-administrativa, o “progresso” sequestra a identidade pessoal, a responsabilidade social, a direção política e o direito à produção da cultura por todos os não-dominantes (CHAUI, 1982, p.56).

No texto “Da Arte à Ciência: a morte do educador”, Chauí discute entre outras questões, a constatação de que vivemos num mundo no qual “o vínculo entre o saber e o poder tornou-se indissolúvel, não sendo mais possível manter o alibi dos liberais, isto é, de que o saber é mal usado pelo poder. Identificaram-se” (Ibid, p.59). Ressalta as maneiras antidemocráticas de lidar com o pensamento, sendo criados mecanismos de impedimento ao direito de produção de cultura, de acesso aos produtos da cultura, ficando o indivíduo reduzido a mero executante do saber, excluído da sua elaboração. Observa-se no discurso de Chauí, a transformação da arte de ensinar em ciência manipuladora, não mais um simples lembrar, conhecer, reconhecer, mas um “progresso científico” que nos dirá como “ver, tocar, sentir, falar, ouvir, escrever, ler, pensar e viver”. Buscando o diálogo com Chauí, ponderei sobre a sobrevivência do pensar vindo da troca de experiências, da arte de ensinar/aprender de forma compartilhada. A autora me desperta a atenção quando faz uma reflexão sobre o discurso e práticas científicas que se apropriam de regras de exclusão e inclusão, reforçando a divisão social. Afirma também que a ciência é um “poderoso instrumento” de dominação, visto que é “fonte de intimidação” (CHAUI, 1982, p. 58). Ressalta com propriedade, a interposição da ciência entre a experiência real de cada sujeito e a sua vida onde se encontra sempre presente, a fala do especialista:

Entre nosso corpo e nossa sexualidade, interpõe-se a fala do sexólogo, entre nosso trabalho e nossa obra, interpõe-se a fala do técnico, entre nós como trabalhadores e o patronato, interpõe-se o especialista das “relações humanas”, entre a mãe e a criança, interpõe-se a fala do pediatra e da nutricionista, entre nós e a natureza, a fala do ecologista, entre nós e nossa classe, a fala do sociólogo e do politólogo, entre nós e nossa alma, a fala do psicólogo (muitas vezes para negar que tenhamos alma, isto é, consciência). E entre nós e nossos alunos, a fala do pedagogo (CHAUÍ, 1982, p. 58).

Inúmeras vezes, as falas desses especialistas geram em nós um sentimento de insegurança, arma potente da dominação e do controle, “determinando o que cada um de nós deve ser para, simplesmente, poder ser”, pondera Chauí.

Ao focar nos conhecimentos produzidos em regiões e espaços populares como a do Morro do Alemão, valorizei a narrativa de memórias de seus moradores e identifiquei-me com o “pensamento abissal”⁹ de Boaventura de Souza Santos (2010), quando este critica a posição da ciência moderna quanto ao conhecimento advindo do outro lado da linha que a separa dos demais conhecimentos, classificando-os como “incomensuráveis e incompreensíveis por não obedecerem aos critérios científicos de verdade”. Assim, para a modernidade,

Do outro lado da linha, não há conhecimento real; existem crenças, opiniões, magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjetivos, que, na melhor das hipóteses, podem tornar-se objetos ou matéria-prima para inquirição científica (SANTOS, 2010, p. 34).

Entendo que a epistemologia capitalista utiliza ainda fortes dispositivos de controle e coíbe o direito à outra concepção de cultura, não monolítica, bem como desvaloriza a produção cultural das classes populares. Quanto mais longe do saber, mais sob controle as camadas populares estarão. A ciência contemporânea hegemônica visa produção e o fortalecimento do sistema capitalista, deixando para trás a constituição de sujeitos pensantes, críticos. Pelos caminhos da favela, observei que ali há um solo fértil de criatividade e cultura, nascidas em lugares não reconhecidos como espaços legítimos da produção do saber e do conhecimento.

Nas conversas com os sujeitos da pesquisa fui descortinando o passado em histórias ainda não registradas. Dialogando com Carlos Skliar (2001), defendo o papel epistêmico e relacional da conversa.

Conversar, sim, porém, não apenas de um e/ou do outro e/ou de nós. Conversar,

⁹ Boaventura de Souza Santos, sociólogo português, divide o mundo em países desenvolvidos e subdesenvolvidos e por meio de uma linha invisível (linhas cartográficas da Era Colonial) ressalta a dominação econômica, política e cultural e a hierarquização dos saberes no pensamento moderno ocidental (pensamento abissal), excludente dos conhecimentos não científicos.

talvez, sobre o que fazemos, sobre o que nos passa naquilo que fazemos, sobre essas “terceiras outras coisas” das quais se constitui e configura o ato de educar, tanto como qualquer outro ato relacional. Conversar (SKLIAR, 2011, p.29).

Em seu texto “Conversar e Conviver com os Desconhecidos”, Skliar (2011, p.27) define que conversar “é um convite, não para explicar nem para compreender, mas para transcorrer e devir eternamente em sua escarpada geografia. Como errar e como o amar, conversar é humano”. O autor fala da dificuldade que existe em conversar uns com os outros, ressaltando a falta do diálogo, as poucas palavras e a incapacidade da escuta da linguagem dos demais.

Cabe ressaltar que a língua é o suporte de uma dinâmica social e funciona como interação entre o indivíduo e a sociedade, pois é através dela que homens e mulheres transmitem suas ideias e pensamentos. As lembranças surgidas por meio de conversas perpassam as histórias de vidas, quebrando silêncios, deixando desnudas as imagens do passado que certamente (re)constroem o grande mosaico da vida na favela.

Linguagem, num sentido amplo, é qualquer sistema de sinais que usamos para nos comunicar. É o meio de expressão das diferentes formas comunicativas (cores, figuras, movimento, ritmo, forma, volume), ou seja, a representação do pensamento. Linguagem num sentido restrito é a faculdade que os humanos têm de exprimir seus estados mentais por meio de um sistema de sons vocais chamados língua (RIBEIRO, 1982). A língua desempenha um papel social marcante, determinando muitas vezes, a condição social de uma pessoa, julgada pela sua maneira de falar. Falar bem significa falar o que a sociedade espera, isto é, utilizar a *norma culta*.

O linguista Marcos Bagno (2007), resalta o preconceito linguístico e afirma que há uma discriminação sobre os diferentes modos de falar dos indivíduos que é visto com naturalidade na sociedade brasileira. Bagno nos ajuda a pensar na questão da linguagem como instrumento de distinção e de dominação pela população dita culta. Divido com o linguista a mesma opinião com relação à linguagem e sinalizo os diferentes falares dos moradores de favelas e/ou indivíduos oriundos de regiões mais empobrecidas. Não dominar as regras gramaticais não deveria ser motivo de humilhação, desvantagem, inferioridade e segregação.

[...] elevar o grau da própria autoestima linguística: recusar com veemência os velhos argumentos que visem menosprezar o saber linguístico individual [...]. Parar de acreditar que “brasileiro não sabe português”, que “português é muito difícil”, que os habitantes da zona rural ou das classes sociais mais baixas “falam tudo errado” (BAGNO, 2007, p. 114).

Essa postura com respeito à língua tem um fundo histórico, marcado pelo latim como a língua de poder, hegemônica, cuja gramática era usada para valorização da hierarquia política e cultural, imposta às demais variações e que deveria ser vedada à plebe. A história registra exemplos de imposição da língua do conquistador para derrubar o orgulho nativo do conquistado que ficava reduzido à oralidade e acabava por perder sua autenticidade. Essa questão nos remete mais uma vez à Boaventura de Souza Santos (2010): a cultura do colonizador suplantando a do colonizado; “a epistemologia que conferiu à ciência a exclusividade do conhecimento válido, traduziu-se num vasto aparato institucional [...] e foi ele que tornou mais difícil ou mesmo impossível o diálogo entre a ciência e os outros saberes” (SANTOS, 2010, p.17).

No artigo “Em Torno de uma Educação Menor: Variáveis e Variações”, Silvio Gallo (2013) em seus *postulados*, ressalta as possibilidades infinitas da língua e seu caráter político, chamando de linguagem maior, aquela tomada como hegemônica, que implica em relações de mando e obediência. Afirma que “uma língua só pode ser maior quando se cristaliza em regras e gramaticalidades, mas o faz justamente para regular e tentar impedir seus usos menores” (2013, p.6). Compartilho da ideia do autor quando defende a valorização da linguagem menor, entretanto não excluindo a linguagem maior, pois a sua existência possibilita a existência da outra. Trata-se apenas da valorização de novas possibilidades e singularidades.

Consideramos de muito valor os saberes advindos dos moradores do Alemão, o conhecimento a partir de sua realidade, construindo um espaço melhor, num trabalho conjunto e de parceria com aquele coletivo.

A ligação preconceituosa que se faz entre violência e favela nos leva ao equívoco maior de achar que o fim da violência está associado ao fim da favela. Buscando o seu valor, os acontecimentos nas memórias de infâncias desvelados tentarão construir uma história através do diálogo com aquele território. Para o antropólogo francês Jean Rouch (ROUCH, 2003 apud GONÇALVES, 2014, p.158), “o conhecimento não é mais um segredo roubado para ser mais tarde consumido (...). É o resultado de uma busca interminável onde etnógrafos e etnografados se encontram num caminho que alguns de nós já chamam de antropologia compartilhada”. É a alteridade de Rouch, a busca do conhecimento ao se colocar no lugar do outro, a desconstrução do lugar do sujeito/objeto. Nesse sentido, os sujeitos da pesquisa, os antigos e velhos moradores desempenham o papel principal, abrindo espaço para suas ansiedades, desejos e memórias.

As experiências humanas se dão a partir de relações sociais. As memórias trazem algo do passado que alcança o presente e dialoga com ele, tomando forma e sentido. As memórias podem gerar um conflito quando há apropriação de algo que não lhe pertence, por conseguinte, surge o silêncio e o não dito - são as memórias subterrâneas, aquelas escondidas e que vêm à tona em momentos pontuais, como um segredo guardado no fundo de uma caixa durante anos. As reminiscências proibidas, indizíveis, vergonhosas são cuidadosamente guardadas, individualmente ou em grupo e muitas vezes passam despercebidas.

No texto “Memória, Esquecimento, Silêncio” (1989), Pollak destaca que ao estudar os excluídos, marginalizados pertencentes às minorias, utilizamos a história oral e as memórias subterrâneas desses indivíduos, reabilitando a periferia e a marginalidade. Pontua que a referência ao passado funciona como um elo, mantendo o grupo coeso dentro da sociedade a que pertence. Pollak apresenta em sua pesquisa, as memórias individuais e coletivas de dissidentes russos, vítimas do *estalinismo* e que reescreveram sua história, denunciando os crimes que ficaram guardados e surgem como um “sopro de liberdade”. Trouxe também as feridas dos sobreviventes dos campos de concentração na Alemanha e Áustria, reveladas em suas memórias, silenciadas, mas não esquecidas e por fim ressaltou o silêncio dos soldados franceses recrutados à força pelo exército alemão nazista, numa experiência dificilmente dizível, a memória envergonhada de uma geração perdida. Todas essas memórias (individuais e coletivas), lembranças proibidas, indizíveis e vergonhosas podem passar despercebidas, geralmente se opondo à memória nacional, aquela gravada na memória do povo, a mais legítima das memórias coletivas. Para Pollak (1989):

Na ausência de toda possibilidade de se fazer compreender, o silêncio sobre si próprio – diferente do esquecimento – pode mesmo ser uma condição (presumida ou real) para a manutenção da comunicação com o meio-ambiente [...] (POLLAK, 1989, p.13).

As memórias podem ser constituídas de lembranças de acontecimentos vividos pessoalmente e de acontecimentos vividos por outros, uma memória passada por tabela, por meio de elementos não situados no espaço-tempo da pessoa que ouve, mas que nutre um sentimento de pertencimento aos fatos narrados – memória herdada.

Colocadas essas questões, na sequência, começo a desfolhar as histórias advindas das memórias dos sujeitos envolvidos em meus estudos, decompondo suas experiências, conhecendo as infâncias do Morro do Alemão e desvelando as contribuições que as memórias de velhos e antigos moradores trazem para a(s) infância(s) na favela pesquisada.

4.1 Conhecendo velhos moradores e sua relação com o Morro – infância(s) e histórias de infância(s)

Seria vão voltar as costas ao passado para só pensar no futuro. É uma ilusão perigosa acreditar que haja aí uma possibilidade. A oposição entre o futuro e o passado é absurda. O futuro não nos traz nada, não nos dá nada; nós é que, para construí-lo, devemos dar-lhe tudo, dar-lhe nossa própria vida. Mas para dar é preciso ter, e não temos outra vida, outra seiva a não ser os tesouros herdados do passado e digeridos, assimilados, recriados por nós.

Simone Weil

Assumo que em meu longo processo de pesquisa e mergulho no campo, ocorreu um pouco de hesitação na escolha dos sujeitos, sendo esta sempre uma decisão difícil, mas na arquitetura da pesquisa, em seus contornos iniciais, optei por moradores antigos, com mais de cinquenta anos e que tivessem passado a infância ou acompanhado infâncias no Morro do Alemão. Preferi, antes de agendar a primeira entrevista, estudar a história da região, a origem, os conflitos, as infâncias. Obtive informações históricas importantes em visitas feitas à Biblioteca Escolar Municipal de Ramos e ao Instituto Raízes em Movimentos, sendo este o responsável por apontar o primeiro pesquisado. Não tinha ideia que ao iniciar as atividades de uma pesquisadora aprendiz, estava também registrando em minhas memórias, momentos especiais que fariam eternamente parte de mim e das minhas reminiscências. Com o meu bloco de anotações, o termo de autorização e o gravador, subi o Morro do Alemão, levada por um moto táxi que me deixou no ponto máximo onde é permitido chegar qualquer transporte: em frente à Estação Morro do Alemão do Teleférico. Dali em diante somente uma escadaria interminável e os pensamentos que bailavam na minha mente, imaginando como seria o encontro com o Seu Betinho e a nossa *conversa*. Para essa primeira entrevista, não levei o roteiro, preferi experimentar uma conversa, sem muito compromisso com o conteúdo. A partir daquela primeira entrevista, organizei o roteiro e tentei fazer uso dele nos demais encontros.

A partir desse dia, as minhas subidas foram conduzidas pelos moto-taxistas do Alemão e pelo transporte alternativo (Kombi) do Seu Caetano, que conheci no primeiro dia em que fui a um evento no Instituto Raízes em Movimento, o 12º Circulando: Diálogo e Comunicação –

“Reinventividade da Favela”, em dezembro/2016. Fiquei bastante afetada pela organização e objetivos do evento que trazia como mote, a resiliência, a capacidade de reinvenção da favela, a partir da falta e da negação.

Abro aqui um especial espaço para falar do Seu Caetano, sendo sempre a primeira pessoa a me recepcionar no Morro do Alemão, em dias de entrevista ou eventos na favela. Muito simpático, comunicativo e conhecedor do lugar foi um dos entrevistados e também o responsável por quatro das outras oito entrevistas que fiz no Morro do Alemão. Conversava com os seus passageiros e falava sobre a importância da pesquisa e da ética que acompanhava os conteúdos a serem narrados.

Vale também deixar registrado que alguns encontros foram cancelados por movimentação policial, incursões inesperadas e tiroteios. Durante as operações policiais, paira sobre a favela uma tensão extrema devido à violência que cerca esse tipo de movimentação, com constantes trocas de tiros cujos alvos são, muitas vezes, vítimas que não possuem qualquer relação com o tráfico de drogas. Nesses momentos, o pânico se apodera dos moradores que deixam de ir trabalhar, o comércio fecha totalmente suas portas, as crianças deixam de ir à escola e as que já se encontram lá, tentam se proteger juntamente com os professores e profissionais que encontram no chão, o seu abrigo. A “bala perdida”, tão presente na favela, acha sempre um corpo inocente para se alojar. Uma triste realidade vivida pelos moradores da favela do Morro do Alemão e por tantas outras pertencentes às grandes metrópoles.

Como se trata de histórias de infâncias de moradores de uma área de risco, achei conveniente e também a pedido de alguns dos entrevistados, levar a transcrição das gravações para uma prévia autorização de modo a se sentirem seguros com relação ao material a ser publicizado. Portanto, as narrativas constantes do presente trabalho foram autorizadas pelos envolvidos. Houve também o cuidado na alteração dos nomes verdadeiros dos pesquisados para preservar as suas identidades, conforme solicitação prévia. Elaboramos um dossiê sobre a vida de cada entrevistado para mostrar a sua relação com o Morro do Alemão. Os locais utilizados para as nossas entrevistas foram escolhidos de acordo com a vontade do entrevistado: Seu Betinho, D. Elvira e Rosemary, D. Dedé e D. Joana, nas respectivas residências e o Seu Caetano, Seu Zé Antônio, Seu Carlinhos e D. Nilda, na entrada do Morro do Alemão, numa padaria chamada Flor do Alemão, muito conhecida na favela.

Durante o processo de busca das infâncias nas lembranças dos velhos moradores percebi o quanto a temática, as narrativas e questões da pesquisa me afetavam diante das

histórias de adultos e crianças em uma época ainda viva em mim, mas uma realidade vista sob outro ângulo, num outro viés. Na pesquisa, cabe-nos observar, ouvir sem julgar.

Dialogando com Bosi (1994), percebi atentamente a leveza e sensibilidade do seu texto e pude notar o envolvimento da autora com os sujeitos pesquisados, expresso na citação:

Nessa pesquisa fomos ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto quando ouvíamos, registrávamos, sendo como que um instrumento de receber e transmitir a memória de alguém, um meio de que esse alguém se valia para transmitir suas lembranças. (BOSI, 1994, p.38)

Bosi em suas entrevistas enxerga e colhe o melhor dos seus entrevistados e desvenda uma cidade (São Paulo), por vezes bem distante daquela registrada na história oficial. Seu olhar procura entender a velhice e sua função social. Acredito ter tentado me aproximar do olhar de Bosi (1994) fundamentada em seu referencial, buscando enxergar afetivamente os velhos entrevistados e as suas infâncias no Morro do Alemão.

Início esse momento do trabalho, trazendo as informações acerca do recorte e delimitação dos sujeitos de pesquisa e das entrevistas realizadas. Foram entrevistadas nove pessoas, sendo cinco mulheres e quatro homens, com idades que variaram de 52 a 88 anos. As entrevistas duraram em média quarenta e dois minutos, num total de seis horas e dezoito minutos de gravação. As transcrições foram muito importantes para o aprofundamento e complexificação dos dados como também esclarecimento de dúvidas que surgiram durante a interpretação das anotações feitas durante os encontros. Vale frisar que as narrativas não seguem uma ordenação cronológica dos acontecimentos. Há falhas nas sequências devido a fatores, na maioria das vezes, relacionados às tensões e conflitos que acompanharam determinadas passagens das narrativas. “E há passagens borradas de difícil restauração (BOSI, 2003, p.63)”. Pensando aqui em Whitaker (2005), na transcrição das gravações, optei por usar as normas gramaticais, mesmo que algumas falas não fossem fiéis às regras. Porém procurei dar às palavras o ritmo que elas possuíam na oralidade. Conservei uma ou outra expressão relevante como dado a ser analisado.

E no processo de transcrição das narrativas produzidos nos encontros de entrevistas, observei que muito do que foi aprendido e apreendido por esses velhos na época de suas infâncias, incluindo também a adolescência, originou-se na observação de atividades e práticas desenvolvidas por aqueles que os cercavam. Nesse sentido, busquei uma reflexão sobre as ações educativas que despertaram nesses sujeitos desejos de conhecer, saberes que se ampliariam com a chegada da vida adulta. Nas análises dos depoimentos, constatei que os conhecimentos dos ofícios de sapateiro, costureira, pedreiro, marceneiro, padeiro, artesão

entre outros, dos sujeitos da pesquisa lhes foram passados dos antigos aos mais jovens; um saber transmitido para além dos limites da escola. Pensando sobre essa experiência, considere nesse contexto, os conceitos de emancipação intelectual e educação popular encontrados nas obras de Paulo Freire (1997) e Jacques Rancière (2002). Em espaços de pobreza econômica e abandono pelo poder público como o Morro do Alemão, a emancipação intelectual torna-se um desafio e se faz necessária. De modo geral, para os moradores dessa favela, somente parece ter valor a educação escolar adquirida na escola tradicional e de fato essa é uma ideia na qual, todos são orientados a acreditar (RANCIÈRE, 2002). Há de se investir na igualdade das inteligências na contramão daquilo que é imposto às camadas mais pobres da sociedade. Trata-se aqui de um mecanismo de despertar a curiosidade, a criatividade, a emancipação e os diálogos intergeracionais podem contribuir nesse movimento de troca de conhecimento por uma educação libertadora, no sentido dado por Freire. Não se pretende aqui levantar bandeiras em direção à transformação da cultura e da educação popular em uma arma contra as forças hegemônicas da ciência, entretanto entendemos que o valor da cultura popular leva-nos aos caminhos da liberdade humana, no sentido mais forte da palavra e consciência do seu lugar na sociedade para essa classe trabalhadora.

Por que não estabelecer uma necessária intimidade entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade (FREIRE, 1997, p.34)?

Analisando os depoimentos e refletindo sobre a citação de Freire, o que mais chama a atenção é a baixa escolarização dos velhos moradores entrevistados no Morro do Alemão. Observamos também que os seus filhos e netos, nos dias atuais buscam os educadores populares das ONGs que atendem à região, onde recebem aulas de lutas (artes marciais), instrumentos musicais, preparação para concursos públicos e vestibulares, culinária, etc.

Concordando com o pensamento freireano (1987) e dialogando com ele, acredito que a formação política do indivíduo não deveria estar desagregada da sua formação pedagógica e vida cotidiana, ou seja, teríamos uma pedagogia voltada para os atores sociais, trabalhada “*com*” eles e não “*para*” eles.

Abaixo, segue um **quadro – resumo**, contendo informações sobre os moradores do Morro do Alemão entrevistados.

Quadro 4 – Moradores do Morro do Alemão - Entrevistados

NOME	IDADE	GÊNERO	PROFISSÃO	ESCOLARIDADE	TEMPO DE MORADIA NO MORRO DO ALEMÃO
Roberto Gonçalves (Seu Betinho)	65 anos	Masc.	Aposentado	Ens. Superior	65 anos
Caetano Gomes (Seu Caetano)	62 anos	Masc.	Motorista de transporte alternativo	Ens. Fundamental	60 anos
Elvira Barbosa (Dona Elvira)	88 anos	Fem.	Aposentada	Analfabeta	63 anos
Rosemary Barbosa (Rosemary)	52 anos	Fem.	Copeira	Ens. Fundamental	52 anos
José Antônio Costa (Seu Zé Antônio)	57 anos	Masc.	Gari Comunitário	Ens. Fundamental	57 anos
Carlos Eduardo Ribeiro (Seu Carlinhos)	64 anos	Masc.	Aposentado	3ª série – Ensino Fundamental	64 anos
Deolinda Machado (D. Dedé)	83 anos	Fem.	Aposentada	7ª série – Ensino Fundamental	67 anos
Nilda Nascimento (D. Nilda)	60 anos	Fem.	Aposentada	7ª série – Ensino Fundamental	60 anos
D. Joana Barbosa (D. Joana)	77 anos	Fem.	Pensionista	4ª série – Ensino Fundamental	57 anos

Fonte: A autora, 2018.

4.1.1 Seu Betinho e o sonho de salvar as crianças do Alemão

O dia me parecia tão bom para um encontro e aquela tarde de sábado, marcaria o início do contato com os velhos moradores do Morro do Alemão. No Instituto Raízes em Movimento fui apresentada às pesquisas atualmente em desenvolvimento e tive acesso ao material de memórias organizado por jovens estudantes da Escola Estadual Tim Lopes que através do Projeto Raízes Locais, coletaram dados e trabalharam com entrevistas na comunidade. Sendo assim, já na semana anterior, havia anotado o telefone de contato de alguns moradores da favela que se encaixavam no perfil que eu havia traçado para os sujeitos iniciais na missão de colher as memórias de infâncias.

Então, debaixo do sol brando da tarde de sábado, 26 de agosto de 2017, sem qualquer roteiro previamente pensado para aquele dia, entrei na favela, na busca da Igreja Evangélica

Aliança Eterna, onde o Seu Betinho, meu primeiro “parceiro” de conversa, trabalha na missão de pastor entre outras. Fui tão carinhosamente acolhida pelo Seu Betinho, um senhor de 65 anos, que foi logo me contando que nasceu e se criou ali no Morro do Alemão. Sua mãe, vinda de Pernambuco e seu pai, de Minas Gerais se conheceram no Rio de Janeiro e decidiram construir a família ali naquela favela. Sendo assim, Seu Betinho conhece toda a região e as fases pelas quais a favela atravessara.

Nem chegamos a entrar na Igreja que ainda estava fechada àquela hora da tarde, então fui convidada a visitar a sua casa que ficava ali perto da Igreja e logo começamos um descontraído bate-papo sobre os tempos antigos no Morro do Alemão do passado ainda tão presente em sua memória.

É aposentado por invalidez, há seis anos fez uma cirurgia na coluna, resultado de uma vida inteira de trabalho braçal, com transporte de cargas. Trabalha desde quatorze anos de idade. Teve oito irmãos e depois de largar a escola na infância, conseguiu na fase adulta finalizar o ensino médio ingressando posteriormente na Faculdade de Teologia, terminando com quarenta e oito anos de idade. É casado e tem três filhos que também moram no Morro do Alemão.

Está sempre envolvido em projetos sociais e tem um ótimo relacionamento com os pesquisadores do Raízes em Movimento. Tem um sonho de salvar as crianças da favela, com educação e tenta empreender atividades no alto do Morro. Já fez um pequeno parquinho, montou uma piscina para as crianças nos finais de semana e há três anos montou uma biblioteca ao lado da sua Igreja.

4.1.2 Seu Caetano – levando alegria no transporte alternativo

Acordei cedo, arrumei umas coisas e decidi visitar o Morro do Alemão. Iria até o Instituto Raízes em Movimento em busca de alguns contatos já que no dia anterior, as minhas entrevistadas, Tia Lídia e Dona Elvira haviam transferido o nosso encontro para o sábado posterior. Então decidi ir ao Alemão de qualquer forma na busca de outros sujeitos para a pesquisa naquele dia 28 de outubro de 2017. Passados uns dias, a Tia. Lídia desistiu de dar a entrevista, o que foi uma pena. Ela parecia ter muitas boas histórias a contar.

Durante o percurso para o Alemão, lembrei-me de um senhor, muito simpático, chamado Caetano, motorista de Kombi (transporte alternativo) e que me deu dicas de como

encontrar o Instituto Raízes em Movimento em uma das minhas primeiras visitas à favela. Então, logo que cheguei, resolvi procurá-lo no ponto de espera dos transportes que levam os moradores de baixo para cima e vice-versa na longa Av. Central, principal via dentro da favela. Logo que o vi ao lado da Padaria Flor do Alemão, o reconheci e expliquei a minha pesquisa e a possibilidade de entrevistá-lo. Ele de imediato concordou e logo foi me dizendo que não gostava muito dessa “coisa de entrevista”, mas concordou com a gravação e assinou o termo de consentimento que ofereci. Ele tem 62 anos e reside no Morro do Alemão desde dois anos de idade quando chegou com os seus pais vindos de Campos dos Goitacazes.

Já trabalha há bastante tempo com o transporte alternativo aqui no Morro do Alemão e é bastante respeitado e querido, principalmente pelas crianças. Somente aprendeu a dirigir aos 37 anos e hoje tem orgulho do seu trabalho pioneiro na favela. Mais jovem, já trabalhou em obras e passou por muitas privações. Abandonou a escola muito cedo, para ajudar a família com o seu trabalho. É casado há trinta e oito anos e tem três filhos. Teve uma infância difícil, numa família de oito irmãos. Hoje é evangélico e se diz feliz com a vida que tem no Alemão.

4.1.3 Dona Elvira e sua filha Rosemary – a vida difícil na favela

Sábado, 04 de novembro de 2017, acordei cedo, fui ao Morro do Alemão encontrar com o Seu Carlinhos, porém ele não apareceu para a entrevista agendada, então conversei um pouco como Seu Caetano (em frente à Padaria Flor do Alemão), que me apresentou a algumas pessoas, possíveis sujeitos da pesquisa e como já beirava às 11h, resolvi ir ao encontro da Dona Elvira, senhora muito animada, vizinha do Seu Betinho e que já me esperava para dar a entrevista sobre as suas memórias de infância no Morro do Alemão.

Com 88 anos, vive no Alemão desde 1954. O nosso encontro foi na varanda ampla da sua casa. Fiquei muito feliz com a presença da sua filha Rosemary, de 52 anos e da neta Rita de 30 anos que também iriam contribuir bastante para o levantamento das memórias das infâncias do Morro do Alemão. Ela é natural da Paraíba e chegou ao Alemão com a filha mais velha ainda bem pequena, a pedido do seu marido que já morava no Rio de Janeiro, trabalhando como polidor de mármore. Já morou em várias casas aqui no Alemão e há 45 anos conseguiu comprar a casa onde mora hoje. Ainda lembra-se do “velho Leonardo” (o Alemão), antigo dono dos lotes da favela. Rosemary, copeira hospitalar, é uma das sete filhas da D. Elvira e mora com a mãe. Contou das dificuldades do Morro na época em que chegou,

sem água, tudo muito longe e que as filhas abandonaram a escola muito cedo. Rosemary lembra com saudade das brincadeiras de infância com as irmãs e das festinhas de São João e Carnaval.

D. Elvira lavava e passava roupa para fora para ajudar o marido nas despesas de casa. É analfabeta e gostaria de ter tido oportunidade de estudar. Para ela, a vida sempre foi muito difícil na favela. Falando das histórias de dor e também de alegria, contou-me dos partos com a parteira e da solidariedade dos vizinhos.

Foi bastante interessante compartilhar do seu ótimo humor e apreciar a sua memória impecável.

4.1.4 Seu Zé Antônio – lembranças do futebol no campinho do Morro

Quarta-feira, 22 de novembro de 2017 não houve aula na FFP/UERJ e por isso resolvi ir até o Morro do Alemão, buscar mais entrevistados para a pesquisa. Encontrei com o Sr. Caetano no ponto das Kombis, e lá, fui apresentada ao Sr. Zé Antônio, que ao ouvir do Seu Caetano quem eu era e qual a minha razão de estar ali, foi prontamente se colocando a minha disposição para contar as suas infâncias na favela.

Ficamos ali mesmo, sentados numas cadeirinhas da Padaria e Lanchonete Flor do Alemão, onde também fica o ponto final das Kombis que levam e trazem os moradores do ponto mais alto da favela.

Seu Zé Antônio tem 57 anos é gari comunitário há vinte anos, mas já trabalhou em ônibus, supermercado, e obras. Reside próximo ao Teleférico e veio morar no Morro do Alemão em 1960, com um mês de nascido com os pais vindos de Minas Gerais. De uma família de oito irmãos, me contou histórias de uma educação rígida, pai ex-pracinha (2ª Guerra – Itália - 1944) e muita diversão. Frequentou a escola até a sexta série e a abandonou para começar a trabalhar e ajudar nas despesas.

Ele tem cinco filhas e sete netos. É viúvo. A esposa faleceu há quatro anos. Contou muitas histórias de diversão, de uma infância feliz, segundo ele, mas também histórias de sofrimento no cotidiano da favela onde era difícil conseguir água e comprar o gás. Lembrou com muita saudade das comidas das festinhas juninas e já na adolescência, das festinhas americanas, evento em que todos os participantes traziam as bebidas e as comidas, como contribuição. O futebol lá no alto do Morro, segundo o Seu Zé Antônio, era muito bom

porque depois as crianças podiam desfrutar do banho na nascente que hoje está aterrada.

4.1.5 Seu Carlinhos – saudades do casarão mal assombrado

Quarta-feira, quase hora do almoço, terminei minha conversa com o Sr. Zé Antônio e vi o Seu Carlinhos chegando à Padaria Flor do Alemão. Fiquei muito animada, pois há duas semanas não conseguia agendar a entrevista com ele e finalmente estava ele ali de frente para mim. Ele puxou uma cadeira de bar e ficou observando eu me despedir do Seu Zé Antônio. Rindo, foi logo falando que de hoje essa entrevista não passava. Preparei o gravador e começamos a conversar sobre as suas memórias de infância.

Seu Carlinhos tem 64 anos de idade, é separado e tem um único filho, Paulo, hoje com 30 anos e não tem netos. Mora na Av. Central. Nasceu no Morro do Alemão pelas mãos de uma das parteiras do local.

O pai era de Campos do Goytacazes e a mãe era do Piauí, e se encontraram aqui no Rio de Janeiro. O pai era deficiente físico. Ele foi engraxate junto com o pai, perto da Estação de Trens em Ramos; aprendeu o ofício com o pai. Trabalhou em obras e foi motorista de caminhão.

Ele tinha sete irmãos e conta com alegria as suas histórias de infância no Morro do Alemão, envolvendo brincadeiras, aventuras e mistérios no casarão da Estrada do Itararé, ao lado dos irmãos e dos amigos da favela. Nunca pensou em sair dali para outro lugar.

É aposentado há dezesseis anos, devido a uma cardiopatia que o impossibilitou para o trabalho de motorista de ônibus, sua última profissão antes do problema de saúde. Conseguiu terminar a terceira série do ensino fundamental e depois de algumas tentativas sem sucesso, abandonou a escola de vez.

4.1.6 Dona Dedé – a paixão pelo Morro e pelo samba

Manhã de segunda-feira, 28 de maio de 2018, oitavo dia da Greve Nacional dos Caminhoneiros (Caminhoneiros Autônomos, Confederação Nacional dos Transportadores Autônomos, União Nacional dos Caminhoneiros dos Brasil, Associação Brasileira de

Caminhoneiros), cujo movimento reivindicava a redução no preço do diesel, redução dos impostos, isenção de pedágio entre outros direitos negados não somente a eles, mas ao povo brasileiro como um todo.

Perto da Padaria Flor do Alemão, encontrei o Seu Caetano em companhia da D. Dedé, uma senhora de estatura baixa, com um sorriso bonito, carregando uma sacola com peixe, que seria preparado para o almoço. Muito falante, me convidou para acompanhá-la até a sua casa, na Rua do Meio, onde ela conversaria comigo sobre as suas memórias. Levadas pela Kombi do Sr. Caetano, ela foi me contando que adora carnaval e que saía em três Escolas de Samba: a Unidos da Tijuca, a Imperatriz Leopoldinense e o Salgueiro. Contou-me que mora com uma filha especial. Saltamos da Kombi e começamos a caminhar pelos becos do Alemão e conversar sobre a vida dela e da família ali na favela. Depois de uma longa escadaria, entramos numa ruela e logo estávamos no portão da D. Dedé. A casinha pequena, mas bem aconchegante, nos sentamos no sofá da sala e começamos a conversa. Ela muito festiva, foi logo me dizendo que tinha 83 anos e que a comemoração dos seus 80 anos foi um *festão*. Teve seis filhos, mas somente três estão vivos. Nasceu em Maceió, casou por procuração e veio para o Morro do Alemão com quinze anos. O marido, nessa época, trabalhava na Light (Empresa de Serviço de Eletricidade-RJ) e era 15 anos mais velho que ela. Também teve todos os filhos com a parteira com exceção de uma que nasceu no hospital. Contou a vida sofrida com o marido que tinha o hábito de bebida. Os filhos cursaram até a nona série, ensino fundamental para começarem a trabalhar, mas hoje tem uma neta formada em Administração de Empresas. Adora samba e mostra com orgulho os troféus que recebeu da Escola de Samba Unidos da Tijuca, onde desfila até hoje.

Hoje é aposentada, mas já trabalhou em diversos lugares: Supermercados Casas da Banha, Fábrica de Bolsas e Banco Central, fazendo faxina. Contou sobre a infância de brincadeiras, mas sem recursos; uma infância pobre. E confessou que foi mais feliz depois da morte do marido, que a maltratava. Contou a história da filha com problemas emocionais e que por isso não reconhece os seus filhos como naturais e isso a deixa muito triste.

4.1.7 Dona Nilda – saudade da tranquilidade e paz do passado

Decidi retornar ao Morro do Alemão naquela quarta-feira, 30 de maio de 2018, ainda bastante confusa com a situação do transporte no Rio de Janeiro, no décimo dia da Greve

Nacional dos Caminhoneiros. Os protestos continuavam em todo país, porém o movimento começa a perder a força. O Governo Federal dava sinais de reavaliação das políticas de preços junto à Petrobras. Havia notícias de que 87% dos brasileiros apoiavam a greve dos caminhoneiros e começavam a surgir denúncias sobre as cobranças abusivas de alguns postos de gasolina.

Logo cedo, cheguei ao Morro do Alemão e com o pensamento positivo, conversei com o Seu Caetano sobre a greve, a bravura daquela classe e os reflexos do desabastecimento no seu transporte alternativo.

Havia uma senhora, D. Nilda, no ponto das Kombis, esperando alguém e o Seu Caetano fez questão de me apresentar e foi logo explicando para a senhora quem eu era e o que eu estava fazendo lá, naquele dia em desalinho a com situação da greve.

Ela gentilmente aceitou em dar o seu depoimento e falar suas memórias de infância, porém estava preocupada com a chegada de um rapaz contratado para levá-la a uma consulta médica e também a Secretaria de Segurança Pública apanhar a segunda vida da sua carteira de identidade que ficara pronta. Contou que nasceu e se criou no Morro do Alemão e tem 60 anos de idade. Teve três filhas que também foram criadas ali. Não conseguiu fazer o ensino médio, parando na oitava série para trabalhar. As filhas fizeram o ensino médio, menos a menor que possui uma disritmia e não conseguiu seguir. Não fizeram faculdade, mas viveram numa época em que a favela era menos violenta. Lembrou-se do seu tempo de criança e das brincadeiras num espaço aberto com poucas casas e muita vegetação. Sente saudades daquela paz.

4.1.8 Dona Joana – as matinês do Clube Dezoito e o Bar da Jacutinga

Dois de julho de 2018, dia de vitória da Seleção Brasileira de Futebol sobre o México na Copa do Mundo da Rússia, ponto facultativo e aproveitei a tarde livre para voltar ao Morro do Alemão para visitar a D. Joana, cuja neta, Cristiane, conheci durante o jogo de futebol naquele dia, quando fomos apresentadas por uma amiga em comum. Começamos a falar sobre o nono dia em que os meninos da Tailândia continuavam presos num caverna, sem condição de resgate, um drama que o mundo estava acompanhando com preocupação. Contando sobre o estudo das infâncias no Morro do Alemão e os objetivos da pesquisa, ela prontamente me convidou para entrevistar a sua avó, moradora há anos da favela do Morro de Alemão e que

adorava contar as histórias e peraltices de infâncias e certamente iria adorar conversar comigo.

Acompanhando Cristiane, subi o Morro por tantos becos e vielas que não saberia voltar sozinha. D. Joana, uma senhora de 77 anos, me recebeu em sua pequena casa e me contou que veio de João Pessoa, com 20 anos de idade. O marido também nasceu na Paraíba, mas já morava no Rio de Janeiro há bastante tempo. Teve quatro filhos, mas um faleceu. Sua primeira moradia na favela foi num barraco de estuque. Possui uma filha especial, que somente começou a andar aos cinco anos de idade. Orgulha-se de ter conseguido que a filha evoluísse e se tornasse uma pessoa independente. O marido era pedreiro e depois que ele morreu, ela começou a trabalhar como doméstica. Estudou até a quarta série do ensino fundamental e o marido era analfabeto, não tendo nenhuma escolaridade. As suas crianças não foram muito longe. Abandonaram a escola antes de finalizar o ensino fundamental. Ilustrou sua narrativa com histórias de festas, de brincadeiras e também de dor e sofrimento. Falou do carnaval na matinê do Clube Dezoito (Olaria), da marcha de Sete de Setembro na Rua Uranos e da reunião com a família e amigos no final de semana para tomar uma cerveja com churrasquinho, chamado de “Bar da Jacutinga”, encharcando suas memórias de alegria, trabalho e festa.

Lanço um olhar sobre os sujeitos entrevistados nessa pesquisa e suas narrativas, histórias de infância no Morro do Alemão e penso nas histórias de vida contadas por Evaristo (2017), Bosi (1994) e Oliveira (2011). Narrativas de sujeitos sociais, que encontraram em seu cotidiano a força de luta para superar os diversos obstáculos enfrentados pelas classes populares desse país. Refletindo sobre os textos desses autores, vislumbro pontos de convergência nas narrativas: as experiências de vida cercadas de muita afetividade. Nesse trabalho de memória, o afeto esteve presente, cercando as histórias contadas pelos velhos/antigos moradores do Morro do Alemão. A afetividade também estava presente nas belas histórias sobre netos e seus avós, apresentadas na pesquisa de Oliveira, na relação pesquisador/pesquisado nas lembranças de velhos apresentadas por Bosi e na relação familiar e com o lugar nos becos da favela narrada por Evaristo.

No movimento das entrevistas fui conhecendo cada sujeito da pesquisa e descobrindo em suas narrativas, histórias singulares e percursos comuns, envolvendo afetividade, solidariedade e superação.

4.2 Contribuições das vozes da favela para as infâncias/educação infantil

[...] Deixa eu te contar/ A história não conta/ O avesso do mesmo lugar/ Na luta é que a gente se encontra/ [...] Desde 1500 tem mais invasão do que descobrimento/ Tem sangue retinto pisado/ Atrás do herói emoldurado/ Mulheres, tamoios, mulatos/ Eu quero um país que não está no retrato/ [...] Salve os caboclos de julho/ Quem foi de aço nos anos de chumbo/ Brasil, chegou a vez de ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês.

História para ninar gente grande – Deivid Domêncio e Cia – Trecho do Samba-Enredo da Mangueira 2019

O trecho do samba-enredo nos remete aos heróis brasileiros não reconhecidos pela História e que participaram grandiosa e muitas vezes, anonimamente na luta pela liberdade e independência real do nosso povo. Menciona a figura dos Caboclos e Caboclas, ainda hoje presentes nas comemorações da Independência da Bahia, o Dois de Julho, tradição popular que resiste, na figura do velho indígena, guerreiro que esmaga a serpente da tirania e dominação que com o passar dos tempos passou da crítica ao colonialismo português para a crítica à elite e às classes dominantes da sociedade brasileira. Debruça-se sobre mulheres que ao longo da história se mostraram lutadoras por direitos de negros, mulheres e crianças; direitos humanos e que não constam da *História Oficial* do país como Luísa Mahin, escrava de origem africana, do povo Mahi, comprou sua alforria em 1812 e esteve à frente das revoltas e levantes de escravos na Província da Bahia nas primeiras décadas do séc. XIX, como a Revolta dos Malês (1835). E faz também referência à Marielle Franco, socióloga, feminista, militante pelos direitos humanos, defensora dos moradores de favelas e periferias, vereadora do Rio de Janeiro, mulher, negra, covardemente assinada em 14 de março de 2018. Ao refletir sobre tantos heróis anônimos na defesa de direitos humanos, o samba enredo discorre sobre as vozes dos entrevistados e questões trazidas em suas histórias de vidas, de verdadeiros guerreiros na luta por sobreviver e ser feliz no lugar onde nasceram ou escolheram viver. Essas vozes, assim como as vozes dos sujeitos entrevistados, me afetam e me fazem pensar no sentido político social de fazer pesquisa, de tomar a história a contrapelo, vendo a força dos (considerados) “fracos”.

Em nossa escuta sensível e atenta das entrevistas, percebemos e observamos durante

todo o processo, a questão do pertencimento/enraizamento desses velhos e antigos moradores ao lugar. Em diálogo com o pensamento de Weil, “uma árvore cujas raízes estão quase inteiramente roídas cai ao primeiro abalo” (1996, apud BOSI, p.416) e a opressão sofrida pela população da favela se não for revertida, tende a desatar os seus laços, ruir as raízes. A diversão dos bailes nas ruas da favela, os camelôs e seus objetos diversos e frutas, as conversas nos bares até altas horas, a velha rezadeira das crianças com “mau-olhado”, o sol na laje e o banho de mangueira, o samba e o funk presentes em cada esquina, o carro do gás, do ovo e o vassoureiro, a liberdade de ir e vir sem a forte vigilância militar, todos são sinais de pertencimento. A favela parece viver o medo e pede socorro

Ao pensar nos conceitos velhos e antigos, associo a palavra *velho* àquilo que já foi novo, que experimentou, mas que ora encontra-se enfraquecido, sem tanta vitalidade enquanto que a palavra *antigo* me remete àquilo que ainda está ativo, fascinante, pois não envelhece, a despeito do tempo. Nesse sentido os velhos moradores do Morro do Alemão trouxeram em suas narrativas o antigo, guardado dentro de si. Penso aqui nos depoimentos dos velhos registrados no livro de Bosi, quando diziam que ao contar suas memórias pareciam rejuvenescer e agradeciam por estar recordando e *burilando o espírito* (1994, p.39).

O livro infantil, Guilherme Augusto Araújo Fernandes da escritora australiana Men Fox (1995) me emocionou e me levou a imaginar a relação de amizade entre o menininho Guilherme Augusto e Dona Antônia e como *a Memória* ou a busca por ela, aprofundou os laços entre eles. A história é comovente por tratar do interesse e preocupação de uma criança ainda pequena, em trazer a alegria de viver a uma senhora, moradora do asilo ao lado da sua casa. Convivia diariamente com os velhos do lugar, entretanto precisava ajudar a sua amiga Dona Antônia, trazendo de volta a sua memória perdida. Usou para tal, objetos deixados de lado há muito tempo: conchas do mar, uma marionete, uma medalha que pertenceu ao seu avô, um ovo quentinho retirado do galinheiro e uma bola de futebol, *que para ele valia ouro*. De posse dos objetos trazidos por Guilherme Augusto, ela foi se lembrando de coisas que marcaram a trajetória de sua vida. Com aqueles objetos, o menino foi devolvendo à senhora o que considerava como algo precioso: a memória. A memória acende elementos capazes de reativar o passado, servindo como instrumento de interação social entre os sujeitos. Os objetos escolhidos por Guilherme Augusto eram antigos e significativos para o passado de Dona Antônia, repletos de valores simbólicos, tão presentes na vida cotidiana de todos nós. A relação intergeracional contribuiu para reconstruir a memória de Dona Antônia, numa troca de conhecimento e de verdadeira amizade entre uma idosa e uma criança. A diferença entre as idades não foi impedimento para que os laços de amizade prevalecessem nessa relação de

afetividade. Guilherme Augusto nutria sentimento de amizade por todos os idosos do asilo, sendo a Dona Antônia a sua preferida e nesse sentido, faço um diálogo com Oliveira (2011, p.335), quando pontua o ensinamento recíproco entre avós e netos durante as diversas atividades que praticam juntos e ressalta: “[...] as crianças puxam seus avós para brincar, olhando os mais velhos com igualdade e [...] não demonstrando vergonha alguma de ter pessoas idosas como companheiras”.

Nas lembranças dos velhos moradores do Morro do Alemão, deparei-me com histórias de avós e netos como a contada por D. Dedé (REMA, p. 149) que criou os netos da sua filha doente e que hoje tem uma relação muito especial com eles. Destaco também a relação de D. Joana (REMA, p. 156) com a neta Cristiane e com os bisnetos, a quem ajuda até hoje, tendo cedido uma casa que ganhou do sobrinho para tirar a neta e os bisnetos do barraco onde viviam passando privações. Destaco ainda a afetividade e a troca que existe na relação entre o Seu Betinho (REMA, p. 110) e as crianças do Alemão, para quem ele construiu uma biblioteca, um parque e diversas atividades para tentar livrá-los de seguir pelos caminhos da violência.

As lições estão presentes nas experiências do outro. Na relação de alteridade; absorver o conhecimento é atribuir a ele novos sentidos.

Para fins de melhor compreensão e diálogo com a fala dos moradores nas entrevistas, nesse primeiro momento de análise, optei por organizar as falas dos entrevistados em algumas categorias específicas: A(s) Infância(s), Os Lugares de Memória, A Família, O Trabalho na Infância, A Escola, A Educação Popular.

Tenho a perspectiva político-epistêmica de que essa forma de tratamento conceitual se apresenta como uma das leituras possíveis de se trabalhar com narrativas tão ricas e polifônicas. E, ao assumir o meu viés teórico-metodológico e a delimitação das categorias abaixo, sei que tal escolha pressupõe renúncias a outros possíveis referenciais de análise e compreensão das entrevistas.

A(s) Infância(s):

Compreendendo a criança como um ator social de direitos, analisei que as infâncias guardadas nas memórias das diferentes falas dos entrevistados, trazem experiências tão iguais às infâncias de hoje no que tange a criatividade, linguagens, curiosidade e ao mesmo tempo tão antagônicas quando analisamos a questão do reconhecimento dos seus direitos, muito mais pensados e realizados nos dias atuais, e a escuta de suas vozes especialmente as

infâncias das áreas pobres como a favela do Morro do Alemão, entendendo que ainda há muito que se fazer.

Já no primeiro pesquisado, Seu Betinho, notamos o amor pela infância e o lamento por vê-la perdida no Morro do Alemão de hoje. Em seu depoimento há uma vontade profunda em tentar salvar as crianças da favela *do mal* que as ronda, utilizando aqui, o seu vocabulário de pastor evangélico. Cuida com zelo de sua biblioteca e dos projetos que gostaria de pôr em prática para trazer aquilo que considera essencial para a criança da favela: amor, cuidado, atenção e educação.

Figura 5 – Biblioteca Roberto Gonçalves – Morro do Alemão



Legenda: Imagem feita durante uma visita à biblioteca em dezembro de 2017, fundada pelo Seu Betinho no alto do Morro do Alemão.

Fonte: A autora, 2017.

O seu sonho emociona e contagia. A mesma vontade é manifestada na entrevista com

o Seu Caetano. Afirma que se possuísse boas condições financeiras construiria um campo de futebol para as crianças do Morro.

A infância do passado era muito diferente da infância de hoje. Acho que a infância foi levada pelo progresso. Confesso que tenho quase que uma obsessão em fazer algo pelas crianças da favela. Elas não experimentam a fase de ser criança. De cara, é exigido delas uma responsabilidade que não deveriam ter. Como podem ser saudáveis, sadias se não conhecem como é ser criança (Seu Betinho, REMA, p 110).

Naquele tempo não tinham as oportunidades, os olheiros. Todos nós jogávamos bola, mas não tinha as chances de hoje. Eu digo para as mães das crianças daqui que se eu fosse uma pessoa com condições financeiras, o que eu faria? Eu poderia comprar uma área enorme, tanta área enorme por aí, podia ser até na Baixada Fluminense, e ali eu ia criar um campo de futebol, um espaço disponível para a educação das crianças porque os melhores craques de todos os tempos saíram das comunidades (Seu Caetano, REMA, p.116).

Nas infâncias do passado também observei uma liberdade para usufruir dos espaços da favela, ainda sem urbanização e sob uma violência velada, brincadeiras que se perderam com o passar do tempo e com a chegada da tecnologia. Trocavam experiências uns com outros, além do convívio com a natureza, os animais soltos na mata, sendo mais um componente daquele cenário de “aventuras”.

Na minha infância eu gostava muito de estar agarrado nos porcos dentro do mato. Agarrava na orelha e saía por dentro dos matos, cortando as costelas no capim navalha. Meu pai tinha uma criação de cabras e a gente todo dia de tarde tinha que ir atrás delas. Ele tinha muitas. Tinha uma cabra que meu pai gostava tanto que quando o carro matou atropelada, aqui embaixo, a Mimosa, meu pai chorou (Seu Carlinhos, REMA, p.143).

Quando eu cheguei aqui, era tudo mato. Não tinham essas casas, não, menina! Eu criava porco aqui atrás, criei muito porco, corria atrás dos porcos [...] (D. Dedé REMA, p..149).

Eu me lembro que quando criança, tinha uma árvore, uma mangueira assombrada. Do lado de lá da Itararé era só plantação de eucalipto. Ali as pipas voavam e às vezes as linhas agarravam no pescoço da gente e não sabíamos se estavam para lá ou para cá (risos). Eu me lembro das pedras lá em cima e um monte de cabrito e as crianças iam lá para caçar camaleão (Seu Caetano, REMA, p.115).

Na infância, brincávamos com os irmãos e com as crianças da vizinhança de pião, bola de gude, pipa, balão e tenho saudade das festas juninas, onde as mães se reuniam para fazer os remendos nas roupas; e uns compravam milho e outros, batata doce para colocar na fogueira. Faziam bolo de milho, de fubá com refrigerantes e sucos porque as crianças não podiam beber. Nós fazíamos o nosso Arraiá (risos) (Seu Zé Antônio, REMA, p.137).

Na época da gente aqui o que eu lembro mais eram as nossas brincadeiras. Da bagunça, mas a minha mãe nunca deixou a gente brincar na rua. A gente fugia e brincava (risos) e nós éramos muitas e então quando minha mãe dormia depois do almoço, saíamos para brincar. Mas era tudo aqui mesmo. Ali tinha uma lixeira e tinha uns espaços em que a gente brincava de pique, corda e assim ficava conversando até tarde. Era bem melhor porque não tinha esse tiroteio a toda hora. Quando nos juntávamos para pegar água, era uma diversão e muita bagunça. Juntávamos, eu, minhas irmãs e amigas, aquele monte de meninas até tarde da noite.

Carregar água na cabeça era muito divertido, era uma bagunça, nos molhávamos. Tudo era festa. A gente trabalhava, mas também se divertia (Rosemary, REMA, p.127).

Por outro lado, usufruíam de uma liberdade que hoje só existe na memória dos velhos entrevistados. Na favela, ainda encontram-se algumas brincadeiras do passado e atividades de rua, práticas mais dos subúrbios que dos bairros de classe média. Porém, o medo presente, torna difícil essas atividades ao ar livre, além do pouco espaço existente, marcas do crescimento da favela.

As brincadeiras infantis, em sua maioria, atividades na rua, ornamentavam a vida daquelas crianças usurpadas em tantos outros direitos que comprometeram o “viver a infância integralmente”. Tinham também a responsabilidade de se cuidarem e de cuidarem dos irmãos, de pensar na alimentação que era escassa, no sustento da família e rezar por dias melhores, um futuro aparentemente incerto. Nesse contexto, a escola também foi ficando cada vez mais longe da sua rotina.

Eu me lembro das dificuldades e que não tínhamos televisão, tá? Eu nunca tive o prazer de ir a um parque de divertimento... (pausa) [...]. Quando pequeno, eu saía para pedir pão duro nas casas aqui embaixo para comer, filha, na idade de nove, dez anos. Ali do outro lado tinha uma pracinha e quando a gente chegava ali, ficávamos lá brincando naquele parquinho, me perdia do tempo, ficava subindo e descendo nos brinquedos. Era ali, perto do viaduto de Ramos, perto da feira livre de sábado; ali tinha um parquinho. Era um divertimento para a gente. E pedíamos um pão de sopra, duro e também resto e comida para trazer para casa para os outros irmãos também comer. Não tínhamos café. Nosso café era assim: pegávamos o pão e molhávamos na água com açúcar numa latinha de Neston. Olha, uma infância duríssima (Seu Caetano, REMA, p.120)!

A necessidade é triste, às vezes comia papinha de farinha com café que minha mãe fazia para atravessar a dificuldade (Seu Betinho, REMA, p.111).

Procurando entender as infâncias da favela do Morro do Alemão, penso nos movimentos do passado e no esforço de tantos, na busca pela reinvenção daquelas infâncias e em como é difícil para a criança de hoje conviver com o lixo, a violência aberta, e não mais ter acesso aos espaços de mata, nascentes e liberdade para brincar de bola de gude, amarelinha, pique, pedrinha, corda, cama de gato, queimada, ciranda cirandinha, cabra-cega, carniça, roda, passa o anel, boneca de papel, pelada, pião, pipa, etc. brincadeiras presentes nas infâncias do passado e que ainda divertem crianças e jovens no campo e interiores. Essas brincadeiras tradicionais fazem parte do cotidiano, experiência que vai para além da diversão, pois envolve a vivência, a solidariedade, a amizade e os processos formativos, visto que por meio delas as crianças são inseridas num mundo de descobertas sem limites. Essas brincadeiras infantis fazem parte de uma cultura popular, transmitida pela oralidade e de

extrema importância na contramão de constante valorização da cultura dos jogos eletrônicos, televisão, computadores e modernidades que certamente têm deixado as calçadas e ruas vazias da gargalhada infantil, mesmo no cotidiano das infâncias das camadas populares.

Os lugares de memória

Era uma vez, uma viagem de retorno ao passado, que vai trazendo de volta a sensação do frescor da infância, das brincadeiras, e lugares especiais que têm o compromisso de guardar e preservar as memórias.

Como já foi ressaltado anteriormente, para Nora (1993), o lugar de memória tem uma “intenção memorialista”, uma vontade, aquilo que se perpetua à proporção que não é mais possível viver o que ele representa.

No diálogo com os velhos, antigos moradores do Morro do Alemão, observei alguns lugares-chave dentro da favela que se repetiram em diversas vozes. Há lugares no Morro do Alemão que de fato, não existem mais ou não na configuração antiga do passado, porém continuam vivos na memória dos moradores entrevistados. Em suas narrativas, os sujeitos falavam sobre a Praça da Árvore, das fontes d’água natural do Morro, onde as roupas eram lavadas, das festas feitas para as crianças todos os anos e até mesmo da figura da parteira, Dona Pedrina, que esteve presente na memória coletiva da maioria dos sujeitos da pesquisa.

A Praça da Árvore foi muito importante para aquelas crianças e até hoje continua sendo um ponto de referência mesmo sem uma existência física porque somente restou da Praça, a árvore.

Eu lembro sempre da Praça da Árvore que era um lugar considerado um ponto de encontro das crianças e adultos. A árvore ainda existe, mas está tão velhinha e sem o verde que a acompanhava há 60 anos. Nas noites quentes do verão no Rio, ninguém conseguia dormir nas casas sempre bem abafadas, sem ventiladores e ar condicionados como têm hoje, então todas as crianças e adultos se reuniam na Praça da Árvore, levando suas esteiras de palha e ficavam lá até bem tarde, relaxando na brisa agradável que corria enquanto as crianças brincavam por ali até o cansaço chegar (Seu Betinho, REMA, p.109).

Minhas filhas, elas brincavam ali no pé de goiaba, de corda, de boneca, mas aqui não tinha espaço para festa só lá para os lados da Central (Rua Central) então eu levava elas lá para baixo para ver as festas lá. Eu sempre ia para as festinhas juninas e as outras que aconteciam lá em cima na Praça da Árvore (D. Dedé, REMA, p 152).

Então era um espaço onde a gente brincava de corda, de pique. Era bom ficar embaixo da árvore que era fresquinho e as pessoas se reuniam ali. Colocavam esteiras para deitar, mas coisas para as crianças brincarem mesmo, não tinham. A gente é que inventava as brincadeiras. Era esse o nosso lazer já que não tinha televisão. A gente via televisão pela janela na casa dos outros (Rosemary, REMA,

p.128).

Figura 6 - Árvore sobrevivente da antiga Praça de Árvore



Legenda: Imagem feita durante a entrevista feita com o Seu Betinho em 26/08/2017.

Fonte: A autora, 2017.

Observa-se nas memórias narradas, a dificuldade em se conseguir água para beber, tomar banho, cozinhar e muitos dos sujeitos lavavam roupas “para fora” nesses espaços sempre tão distantes das casas. Os locais onde a água jorrava por brotos, nascentes ou torneiras improvisadas eram bastante frequentados por eles. Com suas latas na cabeça, acompanhados pelas crianças, transformavam aquele sofrimento em pura diversão. Hoje, outras atividades funcionam nos lugares onde antes a água era farta.

Nós íamos lá para a “mina”. Lá tinha uns poços e alguns lugares já tinha dono; tinha umas moradizinhas, um pessoal que tinha “mina” boa. Mas nós íamos para lá, no minador e lavávamos a roupa e pegávamos água para beber. Se não fosse ali, para a gente pegar água limpa, tínhamos que ir no Bombeiro (Quartel do Corpo de Bombeiro de Ramos). Fui muito no Bombeiro com as minhas filhas ou senão no Gás (D.Elvira, REMA, p.125).

Quando criança, a água da nascente também era para consumo doméstico numa época em que não havia saneamento nem água encanada no alto do morro (Seu Betinho, REMA, p.109).

Difícil de pegar água, que era conseguida somente no Choppinho (restaurante muito conhecido em Olaria), no Bombeiro (Corpo de Bombeiros em Ramos), no Gás (antigo depósito do Gás Brás em Ramos) (Seu Zé Antonio, REMA, p.138).

Figura 7 – Mulher e criança subindo o Morro carregando água



Fonte: A autora, 2017.

Os partos feitos pelas parteiras do Morro do Alemão sobressaíram nas falas de algumas das mães, principalmente das mais idosas, que não tinham alternativa para terem os seus filhos. Essa figura e sua missão também fazem parte da memória do Morro. A parteira mais citada pelos velhos do Alemão foi a Dona Pedrina, por quem todos nutriam um sentimento de respeito e gratidão.

Não todos. Eu tive...(pausa). Acho que quatro com a parteira e os outros no hospital. E eu passei mal depois que tive uma das meninas e meu marido teve que me levar para o hospital, antigamente tinha a SAMDU (Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência da década de 50) (D.Elvira, REMA, p. 130).

Desde que nasci. Nasci aqui no Morro do Alemão. Fui retirado da barriga da minha mãe pela parteira (Seu Carlinhos, REMA, P. 141).

Vou te dizer, não tinham muitas parteiras nessa parte aqui não, se te contaram isso é mentira. Tinha lá para trás, a D. Pedrina, ela fez muitos partos sim, mas a maioria tinha filhos no Getúlio Vargas (D. Joana, REMA, p.167).

Alguns entrevistados também mencionaram o campo de futebol que hoje não existe mais, e as festinhas que divertiam as crianças na época, como as Festas de São João, as Festinhas Americanas e os Gritos de Carnaval. Retomando os conceitos de lugar de memória de Nora (1993), por que não dizer que esses elementos também possam ser “lugares de memória” para os sujeitos que os têm no limiar do simbólico, imaterial, abstrato; na vontade de se perpetuar?

A família

É no núcleo familiar que as crianças estabelecem os primeiros ciclos de aprendizagem e conhecimento do mundo que as cerca. Na favela, as famílias tentam fazer o que julgam ser o melhor, para proporcionar sustento e educação à prole numerosa. Nas narrativas dos velhos moradores do Morro do Alemão, emergem lembranças de uma vida difícil, cercada de privações, moradia com espaços mínimos e sem infraestrutura onde a família tentava sobreviver, debaixo de goteiras, falta de água e luz e muitas vezes, violência doméstica. Essas famílias se constituíram por migrantes do nordeste, Minas Gerais e Campos dos Goytacazes, principalmente. Pessoas que vieram para o Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida. Alguns se conheceram na cidade e decidiram “formar a família” no Morro do Alemão, devido à proximidade dos locais de trabalho e do pequeno desenvolvimento que a região começava a apresentar.

Nas falas também foi observada a vontade das famílias em permanecer na favela, mesmo surgindo oportunidades de saírem de lá. Nas falas dos entrevistados, foi observado que as mães em sua maioria, trabalhavam em casa, lavando roupa para fora, ou eram domésticas e que contavam com os filhos(as) mais velhos para cuidar dos demais. Como nos depoimentos a seguir:

Não, minha mãe não trabalhava fora; era dona de casa e teve 18 filhos no total. Hoje somos 3 homens e 5 mulheres. A família é grande.[...] Morávamos todos juntos quando crianças, mas meu pai, que Deus o tenha em um bom lugar, não era muito presente. Não se preocupava muito com os filhos, quase todo ano nascia um e precisava comer e também se vestir. Ele tinha que dar um jeito (Seu Caetano, REMA, p.113)!

Nada! Não fazia nada (risos). Trabalhava para criar meus filhos, lavava roupa para fora. Porque naquele tempo, lavar roupa sem água era o maior sacrifício, mas nós éramos trabalhadeiras e queríamos ganhar o nosso dinheiro (D. Elvira, REMA, p. 125).

Minha mãe sofreu nesse morro. Descia para lavar roupa ali na Grota, no Gás e depois de seca trazia só para passar, as nossas roupas e também para fora. Lavava as roupas do pessoal da mercearia (Seu Carlinhos, REMA, p.146).

No começo, eu trabalhava em casa. Carregava água, fazia compra porque aqui não tinha nada. Aqui você botava um pé o outro já escorregava quando chovia. Caramba!! Assim mesmo eu saía correndo para buscar água para não dar água de chuva para eles beberem. Botava uma lata na cabeça e eles diziam: “Mãe você é maluca?” [...] naquela época era muito pouquinho, aí então eu comecei a trabalhar em casa de família. Depois que ele morreu, eu fui trabalhar, graças a Deus. Como eu ia viver e sustentar quatro filhos (D. Joana, REMA, p.157).

O machismo e a violência também se fizeram presentes nessas memórias. A

reprodução do modelo de mulher do séc. XIX Brasil-Colônia: mulher submissa, apenas com a função de cuidar da casa, do marido, dos filhos e sua devoção.

Terminou o primeiro grau e queria fazer o segundo grau em enfermagem em Irajá e então mandaram eu ir procurar a deputada Cidinha (Campos) que conseguiu uma bolsa de estudos numa Escola de Enfermagem em Irajá. Lá era chamada da Menina da Cidinha, mas depois inventou de casar e o marido não permitiu mais que ela estudasse, nem chegou a terminar. Ela já estava fazendo estágio em enfermagem quando abandonou porque o marido não deixou mais ela estudar, nem trabalhar. (D. Elvira, REMA, p.131).

Não sei ler, nem escrever. Naquele tempo os pais não botavam as filhas mulheres para estudar, não. As filhas mulheres, para não aprender a escrever para os namorados (D. Elvira, REMA, p.126).

Ele gastava o dinheiro com bebida e mulher! Era um safado! E eu trabalhava! Lavava tanta roupa para fora, passava. Um dia de sábado, minhas filhas já ficando tudo mocinha, ele ainda me deixou. Quando Lourdes teve a menina, ele falou que aqui dentro de casa não vou criar neto! Pois eu arrumei o dinheiro, fui buscar ela na maternidade com o meu filho e no dia em que ela entrou nessa porta com a filha nos braços, de noite, ele pegou um lençol, um toalha, uma peça de roupa e foi embora e disse: -“Nessa casa eu não entro mais”(D.Elvira, REMA, p.133)!

O meu pai era da roça, rígido com os filhos e tínhamos que fazer o que ele queria, pois tinha sido militar, serviu na guerra (Itália) e gostava de tudo certinho. Se fosse nove e noventa e nove não dava certo; tinha que ser um quilo (risos) e ninguém deu para coisa ruim (Seu José Antônio, REMA, p. 137).

Eu sou daquela época que se os pais estivessem com visita em casa, a gente não podia nem aparecer na sala. Uma vez, coloquei a cara assim na sala para ver quem tinha chegado, ele só me olhou. Depois que a visita foi embora, ele me chamou e disse: “agora a gente vai conversar”. Meu pai me batia sentado, eu correndo para lá e para cá, e ele me batendo só nas pernas.[...] Antigamente vendiam banha de um quilo no mercado e vinha num caixote que trazíamos para casa para fazer lenha para o fogão que ficava nos fundos da casa para esquentar água para tomar banho e fazer feijão. Pois ele pegou uma ripa daquelas e quando foi bater no meu irmão ele colocou a mão na frente e acertou na quina, abrindo a mão. Ele levou uns seis pontos de cada lado. Meu pai não escolhia lugar para bater, não. Ele também deu uma coça de fio de tomada de ferro na minha irmã e depois mandou minha mãe dar banho nela de água de sal grosso. Toda lanhada, a gente olhava e só via aquele vergão. (Seu Carlinhos, REMA, p 145).

Isso me botava para correr, menina, quando eu trabalhava nas Casas da Banha, onde me aposentei. Antes de ser Casas da Banha, era Mercarias Nacionais, não sei se você se lembra, e nessa época, eu querendo entrar para dormir e esse homem não me deixava, com uma faca na mão e meus filhos todos chorando e aí eu descia para dormir na casa de vizinhos ali para baixo. Ele gritava: “Vou segurar no seu caixão, miserável!” e eu dizia, vai nada, eu é que vou segurar no seu, peste! (Gargalhadas). [...] Chegava bêbado e eu via a hora dele me dá cacetada e eu querendo fazer a casa. Foi aí que não aguentei e fui para Olaria, morar com outra pessoa. Era uma vida dura! (D.Dedé, REMA, p.148).

Assim como a Lourdes que também é uma pessoa que ninguém tem raiva [...] Casou muito novinha e o marido nunca quis (que ela trabalhasse) (D. Joana, REMA, p.161).

Ele era trabalhador, mas bebia muito e maltratava os meninos. Ele pegava os meninos, mas eu tentava chegar na frente e tirava todo mundo de perto dele. Às vezes, à noite todinha, eles não dormiam. Ele escondia as comidas dentro do fogão e

não deixava eu dar de comida aos meus filhos. Não deixava acender uma luz, nós usávamos vela, né? (D. Joana, REMA, p. 162).

“Caetano eu vou te ajudar!” E como ela podia me ajudar? E eu dizia: você acha que alguém vai tomar conta do nosso filho igual a você? Você fica em casa. A obrigação minha é trazer o sustento para dentro de casa e você, cuidar do lar (Seu Caetano, REMA, p.119).

A gente chegava numa certa idade e tinha que escolher: ou estudar ou trabalhar. O meu pai bebia. Quando ele estava bom, ele dava o dinheiro para minha mãe. Quando ele bebia, ele gastava todo o dinheiro (Rosemary, REMA, 134).

Como constatado nos fragmentos das narrativas acima, o machismo estava presente nas relações onde o pai determinava tudo e mantinha o controle da família, ficando a mulher subordinada às suas ações e eventualmente intermediava ou decidia algumas questões no tocante à família. Houve também a presença da bebida, ponto de partida para desentendimentos e violência contra as mulheres e crianças. Apesar desses posicionamentos, encontrei nas narrativas, mulheres fortes, comprometidas com a criação dos filhos e guerreiras na luta pela sobrevivência, também provendo o sustento da casa.

O trabalho na infância

Constatei que alguns dos entrevistados deixaram claro em seus depoimentos a, muitas vezes, violenta saída da escola. A metáfora “evasão escolar” não dá conta da expulsão precoce das crianças faveladas, em especial dos meninos. A maioria foi obrigada a abandoná-la e começar a trabalhar para ajudar na renda familiar, desenvolvendo atividades como frete (carreto) em feiras livres, vendendo sorvete pela comunidade, engraxate, ajudante de obra. Observei esse fato, nos depoimentos de quase todos: Seu Caetano, D. Elvira, Seu Carlinhos, Seu Zé Antônio, Rosemary e seus irmãos que deixaram a escola ainda bem crianças para ajudar aos pais.

Olha como são as coisas: na adolescência, fui armador, trabalhava em obras e com ferragens, mas na infância muito difícil, sofrida, logo cedo, com oito anos, ajudava meu irmão mais velho a carregar as compras das madames nas feiras livres e ganhava gorjetas e esse valor ajudava a mãe a comprar alimentos, e a escola foi ficando para trás... (Seu Caetano, REMA, p. 113).

Meu filho com onze anos de idade, quando largava a escola, fazia carreto e ia à Grotá, comprava sorvete para revender. Trabalhou na oficina de madeira na Rua Diomedes Trota (Ramos) com 15 anos e trazia o dinheirinho para casa para ajudar nas despesas. Ele morreu com 41 anos (D. Elvira, REMA, p. 132).

Nas entrevistas, nota-se a pobreza econômica existente naquelas infâncias e a

necessidade de abandonar os estudos para ajudar em casa.

Se eles não trabalhassem não tinham uma roupinha para vestir, nem comida para comer. Eu tenho uma filha, Maria do Carmo, que trabalhou em casa de família, pegava às 8h da manhã e 4 horas ia estudar no Externato Pinheiro, com 12/13 anos. A irmã dela já trabalhava na casa da D. Ayde (D. Elvira, REMA, p.134).

Uma pegava uns tijolos, a outra pegava uma latinha de areia e ia juntando, juntando e então quando dava dez, trinta tijolinhos, o povo dava aquelas pratinhas e eles corriam tão felizes para comprar pipa e sacolé. Era sacolé e pipa! Pegavam os carrinhos, meu filho e os outros meninos daqui, faziam carrinhos de tábuas e iam fazer frete na feira, aquelas madames ou aquelas mulheres faziam compra e chegavam até no pé do Morro (D. Joana, REMA, p.159)!

O contexto escolar parecia não dialogar com seus desejos, além de não motivá-los a permanecer na escola e acabavam por perdê-la nessa disputa com o trabalho, na verdade, com pequenas tarefas em prol de um valor a mais na renda da família. A ajuda em casa era essencial. Tal qual a infância narrada por Martins (2009) as crianças, presentes nas memórias dos entrevistados trazem para a pesquisa a troca da liberdade infantil pelo compromisso do trabalho, o dever de trazer a fêria do dia que irá se transformar em comida para todos os membros da família. Em todas as narrativas registra-se uma história de trabalho na infância.

A escola

Observa-se a grande e muitas vezes, deliberada expulsão e saída precoce da escola, ainda no primário (primeiro segmento do ensino fundamental). Ultrapassavam a idade recomendada para o ano escolar e eram encaminhados a frequentar os cursos noturnos. A maioria desistia da escola e alguns somente retornaram à escola na fase adulta como podemos verificar nas narrativas:

Quando criança, frequentei a Escola Municipal João Barbalho em Ramos até a 6ª série. Essa era a escola pública mais próxima de casa. De 1965 a 1970 fui morar em Recife com meu irmão e larguei a escola. Somente aos 48 anos terminei o ensino médio e ingressei no Ensino Superior em Teologia (Seu Betinho, REMA, p.109).

Eu ia à escola, mas faltava muito e como eu nunca tinha o uniforme certinho para ir para o colégio e tinha aquele problema na hora do recreio. Também estudei ainda criança no Colégio Cardeal Leme em Ramos e na Escola Municipal Chile em Olaria. E aí o que acontecia? Devido a não ter uma condição de estudo, umas vestes, eu chegava no colégio e não me lembro de ter um uniforme completo para botar. Eu não tinha o conguinta, o tênis da época, então era difícil. Por que eu não permanecia no colégio? Não tinha a vestes certas e quando chegava a hora do recreio e eu ia brincar com os coleguinhas eu era rejeitado, por quê? Maus tratos! Eles não queriam brincar comigo e então eu me aborrecia. Eu fui expulso da Cardeal Lema e fui expulso da Chile. Naquele tempo as professoras e diretoras levavam pela orelha para secretaria da escola porque eu brigava com as crianças que não queriam brincar comigo devido a minha condição. Sofri preconceito, por não possuir uniforme.

Minha mãe nunca compareceu na escola para conversar com as professoras e nunca fez um bilhete para a escola. Era difícil, era duro. Onde eu fui firmar e tive uma oportunidade foi já adulto (Seu Caetano, REMA, p.114).

Meu pai era triste! Mamãe teve dez filhos, 8 mulheres e 2 homens; 6 se criaram e não podia matricular a gente porque papai não deixava. A menina mulher não precisava estudar não. Ainda hoje eu tenho isso comigo, um dia quando eu me casar, todos os meus filhos vão todos eles para a escola, nem que seja arrastando um chinelinho no pé, mas vai. Não pude dar mais, mas estudaram até onde pude. Ia levar, ia buscar. A minha filha que mora em Lucas, ela estudou longe e eu ia buscar, 11h da noite e Rosemary era a minha companheira e ainda é até hoje (risos). Essa só separa de mim quando eu morrer (Dona Elvira, REMA, p.127)!

A minha primeira escola foi a Escola Municipal João Barbalho, depois, a Escola Municipal Professor Mourão Filho, até a sexta série. Naquele tempo não tinha recurso, tive que parar para ajudar meu pai e minha mãe então, deixei a escola aos 17/18 anos, para trabalhar. Tinha que ajudar nas obras das casas daqui e depois fui trabalhar nas obras fora do Morro, em Bonsucesso, Olaria, Copacabana. (Seu Zé Antônio, REMA, p.137).

Meus irmãos eu não lembro mais onde estudaram. Eu estudei na Escola Municipal Padre Manuel da Nóbrega (Ramos) e depois na Escola Municipal Walt Disney (Ramos) e somente consegui terminar a terceira série e depois abandonei e não estudei mais. Não me interessei em estudar à noite (Seu Carlinhos, REMA, p.142).

Todos os entrevistados abandonaram a escola no Ensino Fundamental durante a infância. Alguns conseguiram retornar na adolescência e fase adulta e finalizar o Ensino Fundamental; somente o Seu Betinho conseguiu cursar o Ensino Superior. Aliada a outros fatores, a escola parecia não ser um ambiente atraente e ao final das contas a aprendizagem advinda das ruas, da família, dos adultos era a fonte de conhecimento. O conhecimento para alguns vinha de fora da escola, uma educação popular que cercava a infância e a adolescência na favela.

Outro ponto importante diz respeito ao entendimento de que a escolarização finalizava com o término da oitava série, ou seja, do Ensino Fundamental. Para os sujeitos da pesquisa, há uma concepção de “inatingível” atribuída ao Ensino Médio e “inexistente”, ao Ensino Superior. Parece algo distante demais para ser sonhado.

Estudei até a oitava série. Que era o tempo de escola de antigamente... (Rosemary, REMA, p. 127).

Naquele tempo, o estudo era mais rigoroso. Para você terminar o primário tinha que estudar até a oitava série; agora se estuda até a quinta série. Abandonei a escola com quatorze anos porque não me aceitaram durante o dia, queriam que eu fosse para a noite. Ainda tentei fazer o supletivo na Escola Municipal Professor Carneiro Ribeiro (Ramos), mas também desisti e acabei abandonando os estudos de vez (Seu Carlinhos, REMA, p.142).

Depois meu irmão saiu e eu dei continuidade até os 17 anos, já adolescente. Foi então que eu fui estudar à noite. Na Escola João Barbalho eu tentei fazer o ensino médio. O objetivo era o tão sonhado canudo (risos)! [...] Me lembro de quando voltei a estudar, à noite, pensava: eu tenho que estudar para pegar o meu diploma! Então voltei a estudar para terminar a quinta série (Escola Municipal Prof. Mourão

Filho) e pegar pelo menos o meu diploma que naquela época existia o certificado de conclusão do antigo primário, mas trabalhando e estudando fiquei reprovado em duas matérias, não deu para conciliar. Aquilo me chateou muito e então fiquei muitos anos sem estudar! (Seu Caetano, REMA, 113).

As crianças hoje são mais desenvolvidas, né? Antigamente não era assim. Hoje, todas as crianças têm acesso. Tem mais possibilidade de terminar. Antigamente não. Nós íamos lá, tínhamos as brincadeiras, mas tínhamos que sair. Mas as crianças são outras (Seu Zé Antônio, REMA, p.141).

Nota-se também a presença da figura da explicadora, sempre presente nos ambientes mais pobres, favelas e periferias. Responsável por executar as “tarefas de casa” junto às crianças e sanar dúvidas que ficaram das aulas formais.

Hoje, ela dar aulas particulares em casa, é uma explicadora. Tem os alunos dela em casa (D. Elvira, REMA, p.132).

A educação popular

Analisando as narrativas dos sujeitos entrevistados, valorizo os esforços individuais, entretanto, o mundo contemporâneo provocou a busca por uma felicidade individual, estimulada pela mídia, cultuando valores ligados ao corpo, ao consumo, ao sucesso pessoal e ao capital. O individualismo, a subjetividade contemporânea tem estimulado uma competição desenfreada e a construção de uma conduta, ligada à valorização exclusivamente do “eu”. As classes populares parecem também ser atravessadas pelas forças objetivas e subjetivas do mercantilismo de nossa sociedade capitalista contemporânea, onde o privado, o consumo, os comportamentos individualizados disputam “corações e mentes” com as concepções anticapitalistas presentes em ações e movimentos coletivos como, por exemplo, as do Instituto Raízes em Movimento. O esforço individual não dá conta dos ideais libertários na busca da superação, da conscientização, barreira forte contra o *desenraizamento* que está sempre rondando o espaço da favela.

Sendo assim, parece-me que dentro da favela, o esforço individual alia-se ao coletivo e a solidariedade alimenta a luta e as conquistas do grupal. O trabalho coletivo da Educação Popular no espaço da favela está no esforço de construção de outro mundo, apoio-me aqui no pensamento de Freire (1987) e encontro a parceria forte para prosseguir. É a busca de uma consciência de classe e compreensão da realidade nos saberes trocados com as múltiplas identidades que habitam a favela. Por sua natureza, a Educação Popular é dialógica e inclusiva, talvez indo num caminho diferente da escolarização formal. Possui princípios democráticos, amplos e acolhedores, tanto do ponto de vista político como epistêmico,

irreverência e dinâmica que permitem lutar por um lugar dentro do cenário da educação na favela. Uma educação voltada à conscientização de todos, mesmo quando nem todos estão conscientes de suas necessidades de educação e da transformação da Sociedade. É essencial a soma de todos os esforços para construir uma vida mais digna para as minorias em periferias e favelas, em ocupações, em assentamentos, no campo, etc. Um trabalho coletivo de Educação Popular longe dos doutrinamentos que tanto querem nos impor na contemporaneidade. O analfabetismo e a pouca escolarização não são fantasmas do passado que ecoam nas vozes dos velhos moradores do Morro do Alemão. São ainda a realidade da população pobre, moradores de periferias e favelas de todo o país. Compartilho também das experiências pedagógicas descritas por Rancière (2002) nas falas de Jacotot: “Não há ignorante que não saiba uma infinidade de coisas, e é sobre esta capacidade em ato que todo ensino deve se fundar” (2002, p.10). Compartilho ainda do pensamento de que a igualdade jamais vem após, como resultado a ser atingido. Ela vem antes; é o ponto de partida. “Os amigos da igualdade não têm que instruir o povo, para aproximá-lo da igualdade, eles têm que emancipar as inteligências”, visto que somos todos iguais. Pude constatar nas falas da D. Elvira e do Seu Carlinhos, uma capacidade e inteligência que independiam de sua escolaridade, como expressas nos trechos abaixo:

E eu não sabia ler nem escrever, mas eu andava por todo canto. Arranjava uma coisa para um filho, para outro... o que estava precisando, eu arranjava. E então eu pedi para ele os documentos que ia dar entrada no “pé na cova” (D. Elvira, REMA, p.133).

Estudei até a terceira série, mas é ruim de nego me enganar, hein (Seu Carlinhos, REMA, p. 142)!

As narrativas mostram a incidência da Educação Popular (alfabetização de adultos) presente nos cursos supletivos oferecidos para aqueles que abandonaram a escola e retornaram num outro momento da vida para tentar conseguir o sonhado “*diploma*”.

Expliquei tudo para a diretora, mas ela me deu um comprovante de que eu tinha concluído a terceira série e foi esse documento que eu levei para Escola Padre Manuel da Nóbrega, fazendo o supletivo, à noite, né? Eu comecei no meio do ano, eram duas vezes ao ano que a gente passava de série, um estudo fraco, mas no final do ano eu passei para a quarta série. Nessa época eu já estava com uns 40 anos. Depois é que eu fui terminar o primeiro grau na Escola Walt Disney (Seu Caetano, REMA, p. 114).

Muitas vezes, quando ficava difícil de arrumar serviço, cheguei a trabalhar em ônibus e em mercado (Casas da Banha), e nunca mais tive oportunidade de voltar aos estudos. Hoje não tem mais o MOBREAL, se tivesse eu ainda dava uma estudadinha, apesar da idade (risos) (Seu José Antonio, REMA, p.138).

[...] depois disso teve um outro rapaz lá da ONG que ofereceu para minha filha, uma

bolsa de 50%, mas aí ela engravidou e então eu paguei para ela fazer um curso de cabeleireira lá no SENAC e ela gostou muito. Terminou o curso e hoje tem um salãozinho e atende em casa (Seu Caetano, REMA, p. 123).

Antigamente a CUFA e a ACM (Central Única das Favelas/Associação Cristã de Moços) ajudaram muitas crianças no Alemão. Ofereciam cursos de datilografia, meio ambiente e encaminhamento para o PROJOVEM E FAETEC, onde Rita concluiu o ensino médio (Rosemary, REMA, 136).

Meu primeiro emprego de auxiliar de serviços gerais que aprendi quase por intuição (risos). Com os conhecimentos que peguei como ajudante de pedreiro, decidi fazer sozinho, as melhorias na minha casa. Hoje já não consigo mais devido ao meu problema de saúde (Seu Betinho, REMA, p. 109).

Eu aprendi com o meu irmão. Ele era encarregado de obra e é engraçado porque eu queria trabalhar de servente, ajudante, mais do que trabalhar com ferragem (Seu Caetano, REMA, p. 114).

A minha visão era essa: eu não tenho estudo, eu aprendi essa profissão então, tenho que morrer nessa profissão de armador, eu vou me dedicar ao máximo para não ser envergonhado e sobreviver através disso e aí então, ele chega e me oferece a carteira de habilitação (Seu Caetano, p. 117).

Sim. Pequeno, fui engraxate junto com o meu pai, lá perto da Estação (de Trens de Ramos); aprendi com ele. Eu boto sola num sapato, costurada na mão, não é só colada, não (Seu Carlinhos, REMA, p. 142).

Nas vozes dos entrevistados, observei um aprendizado não recebido na escola formal, visto que a abandonaram ainda na infância, mas conseguido na busca por seus ofícios, conhecimentos, cultura popular, porto seguro encontrados nos pais, tios(as), avôs(as), vizinhos, ONGs, Igrejas, Associações e tantos outros atores que dentro da favela buscam meios de apontar o caminho de igualdade numa sociedade que pressupõe-se justa. A informação aliada ao conhecimento faz a liga para a formação do sujeito crítico. Acredito que conhecer o passado, a sua base, as raízes, as histórias de vida, a experiência trazida pelos antigos, seja alicerce para o autoconhecimento e a compreensão do que pode ser feito na luta por direitos para as camadas populares.

Nesse segundo momento de análise, atentei para os registros das conversas com os sujeitos dessa pesquisa, percebendo as infâncias do passado, as relações que se estabeleceram a partir das indagações trazidas pela pesquisa, a educabilidade diante das diversas experiências e trajetórias de vida dos entrevistados. Penso sobre a chegada ao Morro do Alemão, as descobertas dos diversos saberes tatuados nas paredes de casas, barracos, palavras, gestos e memórias da favela, o desafiador dever da educação que tem por compromisso, ser libertadora e disseminar o valor da igualdade e da construção de uma consciência social no morador dessa favela.

Foram analisados, os lugares de memórias, a relação familiar, o trabalho na infância como meio de sobrevivência, a triste desistência da escola, e a urgência de uma educação

emancipadora para a população pobre da favela, que ressalte o seu valor e o seu lugar no mundo. Nas análises, reverberam as experiências de infância e da juventude dos moradores do Morro do Alemão assim como no texto de Evaristo (2017), histórias emocionantes dos diversos personagens reais que atravessaram o caminho da autora, como também personagens inventados para cobrir os buracos que ficavam em branco no exercício de rememorar, realidades contadas por ela em “Becos da Memória”. Evaristo no livro deu corpo às memórias da menina Maria-Nova e trouxe representações dos negros, subalternos, moradores de uma favela prestes a ser removida – *o desfavelamento* - fazendo também uma ponte nesse movimento, a relação entre a senzala e a favela. Por meio de breves relatos, trouxe grandes personagens, porém comuns dentro do cotidiano da favela a contrapelo dos romances tradicionais. Uma triste visão de como é ser negro numa sociedade que parece não respeitar as diferenças nela existentes. Pensei nas histórias dos sujeitos dessa pesquisa como nas histórias de Evaristo, genuínas e pulsantes. Pensei no desafio da escrita, e nas histórias compartilhadas, visto que história puxa história e estou aqui e agora tecendo e enredando os fios das diversas histórias que ouvi no Morro do Alemão.

As memórias de infâncias dessa favela foram cercadas de liberdade, num espaço ainda sem o domínio do tráfico de drogas, mas ao mesmo tempo vigiadas pela autoridade da família patriarcal, onde o pai/marido exercia autoridade sobre todos da família. Seu Zé Antônio trouxe a memórias das ordens do pai militar, ex-combatente (Guerra na Itália), educação rígida, e das punições que o pai destinava a ele aos irmãos pela desobediência. Seu Carlinhos narrou uma convivência cercada de aprendizado com pai e das brincadeiras com porcos e cabras, transmitindo na sua fala, uma alegria ao contar as travessuras aos lados dos animais, dos irmãos e amigos, entretanto também teve um pai muito rigoroso e que agredia bastante com fio de ferro elétrico e pedaços de madeira e que a mãe não tinha muito que fazer, mesmo quando o marido machucava as crianças ao ponto do sangrar. “*Meu pai não escolhia lugar*” (Seu Carlinhos, REMA, p. 146). Apesar da autoridade, narrou também uma história bonita sobre o pai, que criava cabras e tinha carinho por uma em especial, a Mimosa. Ao ver o animal morto, vítima de atropelamento, o pai chorou de tristeza (Ibdi, p. 143). D. Elvira trouxe uma vida de muito trabalho lavando roupa para criar os filhos, contou que o marido não era uma pessoa fácil (D.Elvira, REMA, p. 133) e gastava todo o dinheiro com bebida e mulheres e que não aceitou a gravidez de uma das filhas, ainda adolescente. E esse foi o motivo dele ir embora de casa, deixando os filhos todos para ela prover. Foi proibida de ir à escola pelo pai, para evitar namoros escondidos, quando jovem e se arrepende em não ter aprendido a ler quando teve oportunidade. D. Dedé (Ibid, p.148) e D. Joana (Ibid. p. 162)

também narram histórias de violência doméstica provocada, na maioria das vezes, por machismo, estimulado pela bebida, principal vício dos maridos narrados nas histórias. Assim como no romance de Evaristo, os bares eram o fim da noite dos pais/maridos nas memórias de alguns dos antigos moradores, deixando o ambiente da casa bastante vulnerável e as infâncias estavam na linha tênue dessas relações. Dialogando com Evaristo, o ambiente da favela do seu livro também era nutrido pelo mesmo mal.

O dia acabava e os que voltavam do trabalho tentavam esquecer o cansaço, parando junto daqueles que levavam um vadio viver. [...] O samba, o som, a alegria voavam alto. Era preciso cantar! Abriam a boca tão escancaradamente que se viam as falhas de dentes [...]. O hálito de cachaça vinha quente de dentro de alguns. [...] O sorriso era bonito porque vinha de lá de dentro, vinha da inocência da ilusão de estar sendo feliz (EVARISTO, 2017, p. 72).

Ao ouvir as histórias de diversão das crianças ao irem buscar água e lavar roupas com as mãos nas torneiras tão distantes da favela me transportei para as cenas narradas por Evaristo (2017). A visão das mulheres lavando roupas para fora, roupas quarando ao sol, crianças brincando nas águas das torneiras, memórias vivas em Seu Carlinhos (REMA, p. 147) e D. Elvira (Ibdi, p.125).

Quando eu estava para brincadeira, preferia a “torneira de baixo”. Era mais perto de casa. Lá estavam sempre a criançada amiga, os pés de amora, o botequim da Cema, em que eu ganha sempre restos de doces.[...] A torneira, a água, as lavadeiras, os barracões de zinco, papelões, madeiras e lixo. Roupas das patroas que quaravam ao sol. Molambos nossos lavados com o sabão restante (EVARISTO, 2017, p. 16).

Observo também nas histórias de infâncias do Morro do Alemão a responsabilidade dos filhos mais velhos no cuidado e criação dos irmãos menores:

Lourdes também foi transferida para o Clovis (Escola Municipal Clóvis Beviláqua), mas saiu para tomar conta dos irmãos. Eles também estudaram na Escola Municipal João Barbalho (D. Joana, REMA, p. 159).

A bagagem ensinante das histórias é enorme, lutas contra a fome e a miséria; contra a violência, o presente vício da bebida, o abandono e preconceito; a infância trocada pelo trabalho e a escola que talvez, não tenha feito o “dever de casa” na vida daquelas crianças tão vivas nas memórias. O Morro do Alemão tem memórias! Não perderam a capacidade de sonhar e apenas desejam ser felizes no lugar que consideram seu. Penso na violência que inúmeras vezes empurram a infância da favela para o mundo do crime e reflito sobre a ideia de que talvez, os sujeitos que transitam para a violência foram violentados na sua liberdade. Quem vive a infância, celebra a liberdade do processo criador, se comunica com o outro e com o mundo.

O Morro do Alemão está incorporado em seus moradores que são atravessados pelo pertencimento/enraizamento a ele. As narrativas coletadas nesta pesquisa traduzem o desejo de permanecer àquela favela até o final da vida. Ao longo dos depoimentos, observa-se o apego à casa, aos amigos, ao lugar e nenhum sentimento de arrependimento por terem ficado no Morro.

Foi muito bom crescer aqui. Lembro da casa em que vivi até os seis anos de idade, depois dessa época me mudei para a casa que é a mesma onde vivo até hoje, na Conselheiro Ribas. Essa casa já passou por várias modificações e ampliações para dar abrigo aos novos membros da família que iam chegando (Seu Betinho, REMA, p. 108).

Primeiro pelo amor pelo Alemão e outro que com o que o meu marido ganhava não dava para comprar casa em outro canto. Ele também não se interessava em sair. Ele gostava tanto desse Morro porque ele bebia e não queria sair daqui de jeito nenhum e foi aqui que eu tive meus filhos [...] D Elvira, REMA, p.127).

E eu vou sair daqui para que? Chegar em outro lugar, fazer novas amizades? Tive uma época em que eu fui para Araruama, mas não gostei, vendi e voltei para cá. Lá era muito mato e eu não sou bicho para ficar só dentro do mato (risos). Fiz umas amizades lá também, mas prefiro o Alemão, nascido e criado aqui; é onde eu tenho raízes (Seu Carlinhos, REMA, p.142)!

Eu não penso e nunca pensei em sair daqui, só ganhando na mega sena (risos) e então, teria que me adaptar em outro lugar, é outro esquema! Mesmo que ganhasse na loteria, não sairia não. Eu gosto daqui. Criado aqui e acho que não saio mais não. Somos uma família (Seu Zé Antônio, REMA, p. 136).

Eu gosto de morar aqui. Já pensei em me mudar porque não aguento mais essas escadas para subir e chegar até aqui. São muitas escadas no morro. Já estou acostumada nesses anos todos. Pessoal todo já me conhece, né? Só essa escadaria é que é horrível. A rua em que estou é muito boa, eu adoro a Rua do Meio (D. Dedé, REMA, p. 149).

Olha, eu gosto de tudo daqui, moça, tudo, tudo, tudo. Não tenho do que reclamar do meu Morro (D. Nilda, REMA, p.154).

As infâncias narradas transmitem alegria, apesar da falta de recursos, da saída precoce da escola, da pobreza, do trabalho na infância, muitas vezes agressões sofridas e preconceitos ao longo do caminho. As dificuldades pela pobreza descrita por eles, incluindo a carência de alimentos e outros elementos básicos estiveram presentes durante o processo de desenvolvimento infantil daqueles pequenos e que agora em outro momento da vida, abrem o coração e compartilham com a pesquisadora as suas memórias. Essas memórias das infâncias e da vida na favela do Morro do Alemão servem também para aflorar os momentos e circunstâncias que envolveram fatos alegres, engraçados como também, desventuras. Observei que nessas recordações surgem acontecimentos vividos por eles, por pessoas próximas e também por lugares e que nutrem um sentimento de pertença àquele espaço.

Relendo as narrativas sobre a saída precoce da escola, vivenciada por todos os

entrevistados, experienciadas por eles e/ou por seus filhos, encerro esse capítulo com a experiência da personagem Maria Nova em *Becos da Memória* (EVARISTO, 2017, p. 73), uma menina que já não tinha sinais de embrutecimento, olhava o mundo real, ao seu redor, com olhos emancipados e que prometeu que um dia escreveria todas as memórias da favela num potente romance.

Nesta época, ela iniciava seus estudos de ginásio. Lera e aprendera também o que era casa-grande. Sentiu vontade de falar à professora. Queria citar, como exemplo de casa-grande, o bairro nobre vizinho e como senzala, a favela onde morava. Ia abrir a boca, olhou a turma e a professora. Procurou mais alguém que pudesse sustentar a ideia, viu a única colega negra que tinha na classe. Olhou a menina, porém ela escutava a lição tão alheia como se o tema escravidão nada tivesse a ver com ela. Sentiu certo mal-estar. Numa turma de quarenta e cinco alunos, duas alunas negras, e, mesmo assim, tão distantes uma da outra. Fechou a boca novamente, mas o pensamento continuava. *Senzala-favela, senzala-favela* (EVARISTO, 2017, p. 73)!

Senzala-favela é um grito que ainda ecoa nesses espaços, no cotidiano de vidas sofridas, de muito trabalho e privações. As histórias narradas vão construindo o cenário por meio de pequenos fragmentos como as vidas descritas por Maria-Nova (EVARISTO, 2017), mostrando a condição social desprivilegiada, “subalterna”, levando a favela para junto da senzala.

CONSIDERAÇÕES FINAIS, EMBORA PROVISÓRIAS: PENSANDO OUTROS DIÁLOGOS

Às vezes não sei onde ela quer chegar. Os senhores compreendem. Um sujeito como eu, passado pelo corrimboques do diabo, deve ter muitas coisas no quengo. Mas essas coisas atrapalham-se: não há memória que segure tudo quanto uma pessoa vê e ouve na vida. Estou errado?

Graciliano Ramos

A epígrafe apresenta a fala do personagem Alexandre do livro de Graciliano Ramos (2013), *Alexandre e outros heróis* que, sentado num banco no alpendre da sua pequena casa, no sertão do Nordeste, fumando um cigarro de palha, aos domingos e dias santos contava histórias aos moradores das redondezas. Narrativas de sua mocidade, histórias improváveis e duvidosas, contando sempre com a memória de sua mulher, Cesária, pronta a confirmar e completar as falas do marido. Com “seu olho torto e que falava cuspidando a gente”, o personagem Alexandre de Graciliano Ramos (p. 9, 2013) trouxe-me à lembrança o *contador de estórias*, histórias do folclore brasileiro, tão importantes na junção do real e do imaginário. E refletindo sobre esse narrador, segui no caminho ao encontro dos personagens/sujeitos e, diferentes do personagem de Ramos, suas histórias são reais e transformadoras. No percurso da pesquisa, reconheci em mim, um dos participantes da audiência que atentamente ouvia as histórias contadas pelo personagem Alexandre, porém distintamente, nessa *prosa*, ouvi histórias vivas, reais que me permitiram ver com mais clareza, as lutas travadas pelos moradores de favelas pela sobrevivência. Dialogando com Oliveira,

Fui incluído neste passeio e, não obstante tenha apenas percorrido breve etapa, também aprendi, também mudei, também fui reeducado. Vendo de dentro, mas sendo de fora, pude talvez divisar com mais nitidez o mover-se dos sujeitos (OLIVEIRA, 2011, p. 371).

Nesse movimento, também chegaram histórias bonitas, de brincadeiras ao ar livre, o contato com a natureza, com os animais, vegetação e banhos nas nascentes. O cotidiano dessas pessoas revelou-se muito mais rico do que a vida numa dura rotina de quem vive na opressão (OLIVEIRA, 2011, p. 371).

Ao finalizar esse trabalho de dissertação, faço uma reflexão sobre as diversas lutas contra o preconceito, contra a desigualdade na busca do sonho de liberdade. Trouxe para o

texto não somente o ponto central da pesquisa, as Memórias de Infância que se falam e suas lições na favela do Morro do Alemão, mas também os fios que foram se tecendo dentro das histórias narradas, tocando em questões necessárias e urgentes à nossa sociedade tão injusta. A luta das camadas populares, a violência tão presente no território da favela, o direito à educação e a uma vida feliz. A minha inquietação está presente na tentativa de transformar as vozes dos velhos moradores em produto, em ferramenta na luta por direitos que urgem ser alcançados.

No diálogo com as narrativas dos entrevistados, pude observar no material de pesquisa que muito foi revelado sobre as histórias de infâncias na favela do Morro do Alemão. Memórias que podem contribuir com a valorização das infâncias em áreas faveladas, principalmente através do combate ao grande preconceito existente entre áreas do asfalto e da favela, e da ideologia persistente no senso comum de que todo mundo que mora em favela é bandido ou malfeitor. E também, no diálogo com Malaguti (2011), constatei a lamentável naturalização da truculência exercida pelas forças policiais na implantação da “*ordem*” para a questão criminal, num processo de pacificação comprovadamente falido, como discorreu a autora em seus estudos. O processo de pacificação de 2010 no Complexo do Alemão não deu conta da violência e os órgãos públicos não conseguiram atingir o objetivo. A polícia invadiu a favela, porém o médico, o assistente social, o psicólogo, o esporte, o professor e o saneamento básico, continuaram do lado de fora nessa estrutura.

Ao aprofundar o material produzido nos encontros, chamou-me a atenção a liberdade de uma infância rica em brincadeiras, a despeito do peso do trabalho na infância e a difícil e ausente relação com o direito à escola. Como bem ressaltado no texto de Martins (2009, p.127), “*as crianças trabalham desde muito cedo na vida, frequentemente em tarefas consideradas pesadas e, portanto, de adulto [...], há uma falsa infância.*”. Nesse sentido, as crianças nas memórias dos moradores parecem também possuir uma responsabilidade que as direciona a aceitar a “*ocupação do tempo de infância pelo trabalho*”.

O mundo contemporâneo carrega o peso de segregar, classificar e categorizar os seres humanos. Ao pesquisar as infâncias e seus processos formativos em áreas consideradas de “risco” na cidade do Rio de Janeiro, deparo-me com a falta do poder público e com o esforço de seus moradores na busca da superação e da obtenção de direitos nessa disputa desigual.

Em seu texto “Violências cotidianas na escola e a defesa da vida: Quando desmatar pode ser bom” (2015a), a pesquisadora de Infâncias Tavares aponta, em um de seus recortes, para a conscientização da desnaturalização das *desigualdades intra e inter sociedades*. Afirma que as desigualdades de todos os níveis vêm se ampliando, tornando *a vida de uma imensa*

maioria no planeta ameaçada de perda de sua humanidade e faz um paralelo com a realidade brasileira. Nesse sentido e dialogando com o texto de Tavares (2015a), pactuamos com a constatação da infância de meninos e meninas colocada em risco e que seguem pelos caminhos da violência, resultado da injustiça social e perda de direitos principalmente nos ambientes mais pobres. As crianças, moradoras das favelas, têm seus direitos negados e enfrentam preconceitos cada dia mais visíveis sendo desvalorizadas e ignoradas em seus saberes e potencialidades. Conhecer as brincadeiras de infâncias de antigos moradores do Morro do Alemão pode contribuir para desenvolver a imaginação e o desejo de pertencimento aos espaços nos quais essa socialização acontece se transformando em lugares de memórias (NORA, 1993). Atentamos para o fato de que as memórias dos velhos moradores podem trazer uma grande contribuição para infância de hoje, principalmente com relação às suas experiências de (re)existências, à luta pela vida, às suas brincadeiras, à valorização de atividades lúdicas simples, histórias do passado e que não ficaram registradas; grandes nomes da favela e não somente aqueles produzidos e lembrados pela mídia, como os traficantes do Morro. A relação intergeracional (BOSI, 1994; OLIVEIRA, 2011) parece produzir esse efeito. O passado trazendo experiência, criatividade, alegria para o universo infantil no presente. As lembranças são oportunidades de ler os acontecimentos do passado com outra motivação. É a união dos pedaços do vivido que ficou na memória daquele que o testemunhou.

Registro também as visitas feitas ao Instituto Raízes em Movimento, permitindo-me participar das pesquisas lá desenvolvidas e em muito contribuíram para o fluir da pesquisa e nessa parceria me encontrei com a Educação Popular presente nos seus projetos, trazendo cidadania aos jovens das escolas públicas que o frequentam e desenvolvem trabalhos sobre as memória do Alemão. Num resgate das histórias locais, os adolescentes e crianças vão conhecendo suas raízes e me apropriando de Weil (1996 apud Bosi), quando as raízes estão firmes não se abalam. As atividades patrocinadas pelo Raízes bem como aqueles da Igreja do Seu Betinho têm uma importância visceral para os moradores, principalmente para as crianças que aguardam com muita ansiedade a realização dos eventos como as Festinhas Juninas e Natalinas das quais tenho participado ativamente nesses últimos dois anos.

Passando algumas tardes em companhia do Seu Betinho e suas crianças na Biblioteca Roberto Gonçalves no alto do Morro, pareceram-me tão claros os benefícios das relações intergeracionais. Bom de ver e de participar. As infâncias se falam. A partir desse diálogo entre os velhos e as crianças se constroem relações, troca de conhecimento numa afetividade recíproca. Entendo que dos diversos níveis de relações sociais, as intergeracionais constituem um dispositivo na construção de laços emocionais desenvolvimento de traços individuais. A

convivência entre gerações pode provocar transformações em ambos os grupos. Numa época em que vislumbramos a perda da infância para a criminalidade, pensamos em reaver através das lembranças "os bons tempos de criança". Essa articulação do passado com o presente, visando um tempo outro, carregado de futuros, busca entender as atividades infantis como ato formador, a preparação de um indivíduo emancipado, cidadão. Na favela, um lugar de diversidade, brincar e viver a inocência são muito mais que um direito, são também possibilidade de fruição e liberdade.

Nas análises feitas sobre as narrativas dos sujeitos da pesquisa, contei com a importante contribuição de Conceição Evaristo (2017), unindo as suas escrituras às minhas. Os becos do Alemão possuem quase que a mesma geografia dos *Becos da Memória* de Evaristo e contribuíram fortemente nas análises das histórias de vidas aqui contadas. Pude observar o enraizamento que atravessa o viver dos moradores, tão presentes nas entrevistas: "*Olha, eu gosto de tudo daqui, moça, tudo, tudo, tudo. Não tenho do que reclamar do meu Morro (D. Nilda, REMA, p.153)!*"

As entrevistas, procedimento metodológico utilizado para a escuta dos sujeitos da pesquisa, apontam que os idosos sentem nas brincadeiras um momento libertador, considerando os momentos mais felizes em suas memórias de infâncias. Essas crianças constroem seus laços na relação com o outro e que as marcam para o resto da sua formação. Nesse processo, acredito que a relação intergeracional estabelece o fio condutor para o autoconhecimento e seu lugar no mundo. Para os velhos do Morro do Alemão, ter vivido a infância parece mesmo, com todas as dificuldades e precariedade, uma epifania libertadora. Aqui, aponto também o diálogo feito com Lucia Rabello de Castro (2013) que me fez refletir sobre a questão da fragilidade nas relações intergeracionais na sociedade contemporânea. A autora e seus pares discutem o adultocentrismo que parece tomar conta da infância atual, num lugar onde a técnica está substituindo a experiência, base para a relação adultos/velhos e crianças, discutida e valorizada nessa investigação.

Ao dar lições, os antigos e os velhos moradores do Morro do Alemão pareciam continuar a exercitar a si próprios como sujeitos *sentirpensantes*¹⁰, mobilizados pela vitalidade de suas memórias e histórias. Assim, o famoso "quem ensina instrui-se" aparece de forma significativa na produção de vida. Nessa luta por uma educação conscientizadora e por igualdade de inteligências, conceitos apoiados em Freire (1987, 1997) e Rancière (2002.),

¹⁰ Conceito usado pelo escritor e jornalista uruguaio Eduardo Galeano (2005 – *O Livro dos Abraços*) para definir que a linguagem que diz a verdade é a linguagem *sentipensante* – capacidade de "pensar sentindo e sentir pensando".

encontrei nas memórias narradas saberes e aprendizagens construídos no cotidiano da favela, adquiridos na educação informal, ou na vontade de conhecer. A educação popular (VALLA, 1986; TAVARES, 2015, 2017) com sua característica de estímulo ao diálogo e troca de experiências, participação ativa do cidadão na vida social, política e econômica da sociedade, com a valorização dos saberes e culturas populares possivelmente permitiria que as camadas populares se fortalecessem, ganhando consciência cidadã, frente à instabilidade do devir, num momento de tamanha negação à felicidade humana. Como chegar nesse lugar dentro da favela, diante da imensa desigualdade social e falta de serviços públicos? Encontram apoio nas ações das Associações de Moradores, Igrejas e ONGs (como o Instituto Raízes em Movimento), mas faltam políticas sistemáticas do Estado para que os moradores do Alemão possam viver em paz, com maior dignidade e reconhecimento do direito à cidade (TAVARES, 2015).

Em suas narrativas, os antigos moradores entrevistados do Morro do Alemão trouxeram histórias reais, vividas por eles/elas, algumas memórias subterrâneas (POLLAK, 1989), que criam redes de pertencimento/enraizamento (BOSI, 1994 WEIL, 1996), trazendo experiências vividas, lidando com a miséria, as tristezas e as alegrias que fazem parte da constituição do ser. Foram elencadas histórias do passado, do nascimento da favela, da falta de luz, de esgoto e da precariedade das moradias e da alimentação. Foram ressaltadas as infâncias e também a violência doméstica tendo como pano de fundo um machismo encontrado ainda no interior da favela investigada. Encontrei histórias de mulheres fortes, destemidas e que souberam lutar pelo que acreditavam e pela sobrevivência.

Ao rever o trabalho e todos os passos dessa caminhada, os procedimentos teóricos-metodológicos adotados, pude compreender que produzir o presente trabalho de pesquisa foi como pintar um quadro, sendo os pincéis, os sujeitos da pesquisa e as tintas foram as histórias contadas pelos entrevistados. A escuta sensível (BARBIER, 1993) foi a minha inspiração. No meio da obra, percebi que a mistura das diversas tintas é que dava o real sentido ao que estava sendo revelado na tela. Essa pluralidade de cores e tons despertou em mim um potente querer, olhar, ouvir escrever (OLIVEIRA, 2000). O Morro do Alemão hoje faz parte de mim, fiz amigos e tenho muito interesse em continuar estudando e participando dos projetos sociais lá desenvolvidos. Projetos que passei a conhecer a partir da pesquisa ora finalizada, mas não esgotada.

Ao chegar ao fim desse trabalho de dissertação, tenho a certeza que ainda há muito que fazer e escrever na luta pelos direitos das crianças da favela do Morro do Alemão e de

tantas outras, porém esse é mais um caminho para chamar a atenção para aspectos importantes sobre a vida na favela, os desdobramentos e reflexos nos pequenos que lá residem.

Da varanda da minha casa, fico a contemplar o Morro do Alemão, refletindo sobre todas as histórias que ouvi e escrevi, ouvi e aprendi, ouvi e gostaria que outros ouvissem também. Essas *escrevivências* (EVARISTO, 2017) confirmam que nem tudo se aprende na escola. A tradição é conhecimento. O tempo vivido, tempos de infância que se mesclam com a infância de hoje, propondo imensas possibilidades de pensar a vida em outras bases. Ao terminar, mesmo que de forma provisória este trabalho, realizado num tempo de barbárie (BENJAMIN, 1987) e precarização do direito à vida, os(as) velhos(as) moradores (as) do Morro do Alemão parecem ainda nos dizer com a força de suas histórias e memórias: nossas crianças são meninos e meninas que querem ser felizes, têm direitos, têm dignidade, têm direito à uma vida feliz. E ao escutá-los na força de suas vozes, repito em alto e bom som: sim, todos nós, homens, mulheres, velhos e velhas, jovens e crianças do povo têm direito à vida e à felicidade. Que lutemos com elas!

Figura 8 – Vista do Morro do Alemão



Legenda Visão do Complexo do Alemão a partir da varanda da pesquisadora
Fonte: A autora, 2018.

REFERÊNCIAS

- ALVES, N. *Cultura e Cotidiano Escolar*. Revista Brasileira de Educação. Ed. ANPED/Ed. Autores Associados, nº 23, 2003.
- ALVES, Nilda. *Lembranças em imagens*. In: PASSEGGI, Maria da Conceição e BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (orgs.). *Narrativas de formação e saberes biográficos*. Natal: EDUFRN, S.Paulo: Paulus, 2008: 175 – 195.
- ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3ª Edição. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2005
- ARROYO, Miguel. *Pedagogias em Movimento – o que temos a aprender dos Movimentos Sociais?* In.: Revista Currículo em Fronteiras, v.3, nº 1, pp 28 – 49. ABdC. Jan/Jun,2003.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico. O que é, como se faz*. São Paulo. Ed. Loyola, 2007
- BARBIER, René. *A escuta sensível em educação*. Revista da ANPED – Cadernos ANPED nº5 – p. 187, Caxambu, 1993.
- BATISTA, Vera Malaguti. *O Alemão é muito mais complexo*. In: Rev. Justiça e Sistema Criminal, v.3, n.5, p. 103-125. Curitiba: FAE Centro Universitário. jul/dez 2011.
- BENJAMIN, Walter. *O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: Obras Escolhidas. Magia e técnica, arte e política. V.1. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. *Sobre o conceito da História*. In: Obras Escolhidas. Magia e técnica, arte e política. V.1. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª Ed. São Paulo. Companhia das Letras,1994.
- _____. *Simone Weil: a condição operária e outros estudos sobre a opressão*. 2ª Ed. Revisada. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.
- _____. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003
- CAMPOS, Andreilino. *Do quilombo à favela – a produção do “espaço criminalizado no Rio de Janeiro”*. 2ª Ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2007.
- CASTRO, Lucia Rabello de. *O futuro da infância e outros escritos*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.
- CAVALCANTI, Flávia G. *Cidade Falada. Percepções da vida urbano no Complexo do Alemão/RJ*. In Anais do XVII ENANPUR, São Paulo, 2017.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é ser educador hoje? Da arte à ciência: a morte do educador*. In: BRANDÃO, Carlos R. (org.). *O Educador: vida e morte*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1982.

COUTO, Patrícia Brandão, RODRIGUES, Rute Imanishi. *Texto para discussão: A gramática da moradia no Complexo do Alemão: história, documentos e narrativas*. Brasília: IPEA, 2015

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2017

FOX, Mem. *Guilherme Augusto Araujo Fernandes*. Tradução de Gilda de Aquino. São Paulo: Brinque-Book, 1995.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*, 17ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. *Pedagogia da Esperança – Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GALEANO, Eduardo. *O Livro dos Abraços*. Porto Alegre L & PM Editores, 2005.

GALLO, Silvio. *Em Torno de uma Educação Menor: variáveis e variações*. In: 36º Reunião Nacional da ANPED, Goiânia, 2013.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

KRAMER, S; LEITE, M.I. (org.). *Infâncias: Fios e Desafios da Pesquisa*. Campinas, São Paulo, Papyrus, 1996.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, nº 10. São Paulo, dez-1993.

NÓVOA, Antônio. *Cartas a um jovem investigador em educação*. In.: Investigar em Educação - Revista da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. IIª série. Nº3. Porto: SPCE. 2015.

MARTINS, José de Souza. *Regimar e seus amigos: a criança na luta pela terra e pela vida*. In: Fronteira-A degradação do Outro nos confins do humano. Martins, J.S., São Paulo: Contexto, 2009.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. *Vidas compartilhadas: Cultura e relações intergeracionais na vida cotidiana*. 2ª Ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. 2.ed. São Paulo. Editora UNESP, 2000.

PEREZ, Beatriz Corsino; JARDIM, Marina Dantas. *Os lugares da infância na favela: da brincadeira à participação*. Revista Psicologia e Sociedade [online]. V. 27, n.3, pp.494-504. ABRAPCO, Porto Alegre. 2015.

PINHEIRO, Alan Brum, BENETTI, Pablo, et al (Org.). *Complexo do Alemão – Uma*

bibliografia comentada. Rio de Janeiro: PROURB/UFRJ e Instituto Raízes em Movimento, 2017.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.2, n.2, 1989.

POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

RAMOS, Graciliano. *Alexandre e outros heróis*. 57ª Ed. P. 38. Rio de Janeiro: Record, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Tradução de Lilian do Valle. Belo Horizonte. Autêntica, 2002.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RJ, 2008.

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Gramática aplicada da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. do Autor, 3ª ed., 1982.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução Alain François et al. Campinas SP – Editora da Unicamp, 2007.

ROCHA, Gilmar. *A caminho da escola: reflexões sobre o cotidiano como método*. In: TOSTA, Sandra Pereira; ROCHA, Gilmar. *Diálogos sem fronteira: história, etnografia e educação em culturas ibero-americanas*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2014.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENEZES, Maia Paula. *Epistemologias do Sul*. São Paulo. Cortez Editora. 2010.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova*. São Paulo: Hucitec, EDUSP, 1978.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. *Modos de saber, modos de adoecer: o corpo, a arte, o estilo, a história, a vida, o exterior*. P. 15-16. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

SILVA, Jailson de Souza; BARBOSA, Jorge Luiz. *Favela Alegria e Dor na Cidade*. Rio de Janeiro. Ed. SENAC, 2005.

_____. *As favelas como territórios de reinvenção na cidade*. Cadernos do Desenvolvimento Fluminense, n. 1, Rio de Janeiro: UERJ-Fundação CEPERJ-IPP, 2013.

SKLIAR, Carlos. *Conversar e conviver com os desconhecidos*. In: FONTOURA, Helena Amaral (org.). *Políticas Públicas, Movimentos Sociais: desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões*. Rio de Janeiro. Ed. ANPEd Nacional, 2011.

SPOSITO, Marília Pontes. *A ilusão fecunda, a luta por educação nos movimentos populares*. São Paulo. Ed. Hucitec, Edusp, 1993.

TAVARES, Maria Tereza Goudard. *Violência cotidiana na escola e a defesa da vida: quando desmatar pode ser bom!* In.: Silva, Catia A. da; Campos, Andreilino de Oliveira. *Metrópoles e*

invisibilidades: da política às lutas de sentidos da apropriação urbana. Lamparina. Rio de Janeiro. 2015a.

_____. *Educação popular e movimentos sociais contemporâneos: algumas notas para reflexão*. In: Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, V.24, n. 43, p.49-51, 2015 b.

_____. *Educação Popular e a contemporaneidade do pensamento de Paulo Freire na Educação Brasileira*. In: CASTRO, Amanda M; MACHADO, Rita de Cassia F. Educação Popular em debate. 1. ed. Jundiaí, SP: Paco, 2017.p. 95-114.

Texto consultado em https://pt.wikipedia.org/wiki/Telef%C3%A9rico_do_Alem%C3%A3o.
Imagem do site: <http://diariodorio.com/historia-do-complexo-do-alemao/> - acesso em 16/08/2017

Texto consultado em: <http://www.stellabortoni.com.br/index.php/entrevistas/1414-maios-bagoo-fala-sobai-paiiooiiito-lioguistio-78894042> - acesso em 10/09/2017

Textococonsultadoem:portalgeo.rio.rj.gov.br/website/.../3402_pop_dom_fav_2010_1018%20fa vela.xls – acesso IBGE em 22/08/2018.

Texto consultado em https://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADsa_Mahin – acesso em 29/11/2018.

VALLA, Victor Vincent. *Educação e Favela – Políticas para as favelas do Rio de Janeiro, 1940-1985*. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1986.

VELHO, Gilberto. *Cultura popular e sociedade de massas: uma reflexão antropológica*. Piracema Revista de Arte e Cultura. Instituto Brasileiro de Arte e Cultura - MEC – Rio de Janeiro, 1993.

WHITAKER, Dulce Consuelo Adreata. *Análise de entrevistas em pesquisas com histórias de vida: questões metodológicas*. In: WHITAKER, D. C. A., VELÔSO, T. M. G. Oralidade e subjetividade: os meandros infinitos da memória. P. 55 – 67. Campina Grande: EDUEP, 2005.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Faculdade de Formação de Professores
Programa de Pós-graduação em Educação.
Processos Formativos e Desigualdades Sociais

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a), liberar fotos de meu arquivo pessoal, se necessário for, com o objetivo de participar na pesquisa de campo referente ao Projeto/Pesquisa intitulado “Infâncias que (se) falam: Memórias de infâncias de moradores de uma favela carioca”, desenvolvido pela mestrandia do Programa de Pós-graduação em Educação: Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, KEILA MARIA DE ARAÚJO SILVA, CPF nº 766.547.297-49, tel: 994877026, email: keilaprourb@gmail.com. Fui informado(a) ainda, de que a pesquisa é orientada pela Prof. Dr. Maria Tereza Goudard Tavares, professora da IES.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos dos estudos que, em linhas gerais referem-se à coleta de dados concernentes às memórias de infâncias, às histórias de vida e aos processos formativos no Morro do Alemão – RJ.

Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), sendo a minha colaboração feita de forma anônima, por meio de entrevistas, a serem gravadas a partir da assinatura desta autorização.

Fui informado de que posso me retirar desse estudo/pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto o recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Rio de Janeiro, de

201

Assinatura do participante: _____

Nome:

CPF nº

Assinatura do pesquisador: _____

APÊNDICE B - Questionário para as entrevistas



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Faculdade de Formação de Professores
Programa de Pós-graduação em Educação.
Processos Formativos e Desigualdades Sociais

PESQUISA: Infâncias que (se) falam: Memórias de infâncias de moradores de uma favela carioca

PESQUISADORA: Keila Maria de Araujo Silva

LOCAL: Morro do Alemão – Rio de Janeiro

Questões:

- Identificação:
Nome - endereço – idade – profissão – escolarização.
- Relação com o lugar:
Desde quando mora no Morro. Alemão;
Vantagens e desvantagens de morar no Morro. do Alemão;
O que fez você permanecer no Morro. do Alemão.
- Estrutura familiar:
Pai – mãe – esposa/marido – filhos – netos
Relação com eles no passado e hoje
- Dados de infância:
Como era o Morro do Alemão na sua infância;
O que as crianças costumavam fazer para se divertir. Que brincadeiras;
Como era a relação com a escola ou outros ambientes de formação;
Ao lembrar-se da infância o que mais se destaca em sua memória, de bom e de ruim;
Qual a relação com o trabalho na sua infância. Exercia alguma atividade.
De que lugares no Morro do Alemão você lembra com mais afetividade;
O que você acha da educação de hoje; na família e nos ambientes escolares.

APÊNDICE C - Relatório de entrevistas do Morro do Alemão - rema**Transcrições das gravações**

Nome: **Roberto Gonçalves**

Idade: 65 anos

Data: 26/08/2017

Local: Residência do entrevistado – Morro do Alemão - RJ

Duração: 01h18min

Pesquisadora: - *Há quantos anos o senhor mora do Morro do Alemão?*

Seu Betinho: - *Eu moro há aqui há 65 anos, nasci e cresci no Morro do Alemão.*

Pesquisadora: - *Como foi passar a infância aqui no Alemão?*

Seu Betinho: - *Foi muito bom crescer aqui. Lembro da casa em que vivi até os seis anos de idade, depois dessa época me mudei para a casa que é a mesma onde vivo até hoje, na Conselheiro Ribas. Essa casa já passou por várias modificações e ampliações para dar abrigo aos novos membros da família que iam chegando. Hoje nessa casa, mora a minha família; esposa e uma das filhas e na casa dos fundos moram o meu filho e a família dele, esposa e um filho. A terceira filha mora na casa onde eu nasci.*

Pesquisadora: - *Qual é a sua profissão?*

Seu Betinho: - *Hoje sou aposentado por invalidez... mas, não sou incapaz (risos); por causa do trabalho com transporte de mercadorias, onde carregava bastante peso durante muitas horas. Comecei a trabalhar com quatorze anos de idade e passei por várias atividades; firma de artefatos de couro, prestador de serviço da CEDAE (Companhia Estadual de Água e Esgoto do Estado do Rio de Janeiro) e transporte de cargas que me levaram a adquirir três hérnias de disco, resultando em uma cirurgia de coluna há seis anos. Hoje, tenho dificuldade para andar e faço uso de muletas para me auxiliar na locomoção. Meu primeiro emprego foi de auxiliar de serviços gerais que aprendi quase por intuição (risos). Com os conhecimentos que peguei como ajudante de pedreiro, decidi fazer sozinho, as melhorias na minha casa. Hoje já não consigo mais devido ao meu problema de saúde.*

Pesquisadora: - *Como era o Morro do Alemão na sua infância?*

Seu Betinho: *Ali naquele lugar onde tem os sobrados e a minha Igreja, na década de 50/60, esse espaço era como uma savana. Muita vegetação e poucas casas espalhadas pelo espaço muito verde. Me sentia como um pássaro; livre. As crianças costumavam brincar numa*

nascente, que brota até hoje, deixando úmidos os quintais e paredes de muitas casas. Vem que eu vou te mostrar os fundos da minha casa e então você vai ver o fio de água limpa que escorre entre as pedras do muro. Essa água é coletada numa grande cisterna para usos diversos, em caso de escassez de água. Quando criança, a água da nascente também era para consumo doméstico numa época em que não havia saneamento nem água encanada no alto do morro.

Pesquisadora: - *Quantos irmãos o senhor tem?*

Seu Betinho: - *Éramos oito irmãos com uma diferença de mais ou menos dois anos entre nós. Hoje todos moram distantes do Alemão, em Santa Cruz, Campo Grande e o mais próximo em Bonsucesso. Havia um irmão, mais velho, somente por parte de mãe, que não morava no Rio. Ficou em Recife onde morreu muitos anos depois. Às vezes eu viajava até lá para visitar o meu irmão e depois do falecimento dele, continuei indo ver os sobrinhos que seguem morando lá. Aliás, já faz um bom tempo que não vou à Recife. Acho que já está na hora de voltar.*

Pesquisadora: - *Qual a sua escolaridade?*

Seu Betinho: - *Quando criança, frequentei a Escola Municipal João Barbalho em Ramos até a 6ª série. Essa era a escola pública mais próxima de casa. De 1965 a 1970 fui morar em Recife com meu irmão e larguei a escola. Somente aos 48 anos terminei o ensino médio e ingressei no Ensino Superior em Teologia.*

Pesquisadora: - *Que lugares aqui no Morro do Alemão o senhor lembra com mais saudade?*

Seu Betinho: - *Eu lembro sempre da Praça da Árvore que era um lugar considerado um ponto de encontro das crianças e adultos. A árvore ainda existe, mas está tão velhinha e sem o verde que a acompanhava há 60 anos. Nas noites quentes do verão no Rio, ninguém conseguia dormir nas casas sempre bem abafadas, sem ventiladores e ar condicionados como têm hoje, então todas as crianças e adultos se reuniam na Praça da Árvore, levando suas esteiras de palha e ficavam lá até bem tarde, relaxando na brisa agradável que corria enquanto as crianças brincavam por ali até o cansaço chegar. Somente numa casa tinha televisão, na casa da D. Luiza e Seu Frederico e nós corríamos para lá para assistir um pouco de televisão, a grande modernidade da época. Eu fico até emocionado quando lembro que não havia comércio aqui perto então subia o carro do leite, que chamavam de “fubiquinha”, que era quase um trenzinho com rodas quase uma bicicleta. Somente esse tipo conseguia subir! Vinha duas vezes na semana, junto com o carro da linguiça (risos).*

Pesquisadora: - *E da escola, o que o senhor se lembra?*

Seu Betinho: - *Eu achava a escola muito boa. Naquela época era mais atraente. Tinha uma*

noção maior de civilidade; cantávamos o hino nacional todo dia e havia um respeito pelas datas comemorativas como o Sete de Setembro, que era uma solenidade muito importante para nós que marchávamos com tanto orgulho na Praça das Nações em Bonsucesso, a Parada! Hoje não há mais essa motivação. Eu era feliz e não sabia.

Pesquisadora: - E as brincadeiras de infância?

Seu Betinho: - Lembro bastante dos heróis dos tempos de criança. Geralmente eram os personagens das novelas de rádio. As que eu mais gostava eram as radionovelas “O Anjo” e “Jerônimo, o herói do sertão” que faziam muito sucesso na década de 60. Alguém gritava e todo mundo corria e vibrava ouvindo as histórias na Rádio Nacional. Brincávamos de polícia e ladrão, expressando a nossa fantasia inspirada nos heróis com toda inocência do mundo. O progresso nos levou à regressão e a falta de sentimentos. Não há mais inocência nas crianças de hoje; nós éramos mais felizes, com todas as dificuldades que enfrentávamos. Vou te contar uma história de solidariedade aqui no alto do Morro. As casas aqui em cima do morro foram construídas em regime de mutirão, numa espécie de compromisso entre vizinhos, amigos. Todos envolvidos, adultos e crianças. O material de construção chegava até um determinado ponto da favela e dali em diante os moradores contavam com a solidariedade e amizade dos vizinhos para fazer chegar esse material a cada casa. Hoje ainda há certa dificuldade em subir com o material de obra e infelizmente esse serviço tem que ser pago, não há mais os vizinhos tão solidários como no passado.

Pesquisadora: - Ao lembrar-se da infância o que mais se destaca em sua memória, de bom e de ruim?

Seu Betinho: - A infância do passado era muito diferente da infância de hoje. Acho que a infância foi levada pelo progresso. Confesso que tenho quase que uma obsessão em fazer algo pelas crianças da favela. Elas não experimentam a fase de ser criança. De cara, é exigido delas uma responsabilidade que não deveriam ter. Como podem ser saudáveis, sadias se não conhecem como é ser criança? Tento por meio da igreja ajudar as crianças que moram aqui. Já tive um parquinho e uma piscina que funcionavam nos finais de semana, fazendo a alegria dos pequenos. Há três anos montei uma biblioteca ao lado da Igreja, a Biblioteca Roberto Gonçalves, meu nome, e tem funcionado com a ajuda do Instituto Raízes em Movimento, de voluntários e pesquisadores que me ajudam a mantê-la, porém não tenho mais energia e saúde para dar continuidade ao projeto. Preciso de ajuda para o projeto seguir e sei que a Biblioteca traz muitos benefícios para as crianças que a frequentam. As crianças da minha geração tinham limites, bastava o olhar dos pais para que elas entendessem a ordem. Era o respeito. Só vi uma vassourada uma vez que meu pai deu em

minha irmã. Na maioria das vezes a conversa resolvia todos os problemas. Meu pai trabalhava como fogueiro de caldeira numa empresa de processamento de carnes e a minha mãe cuidava das crianças. Vi meu pai ajudar muita gente como também foi ajudado nos momentos difíceis. A necessidade é triste, às vezes comia papinha de farinha com café que minha mãe fazia para atravessar a dificuldade. Os valores eram outros. O principal era o ser e não o ter e tudo isso foi embora com o progresso.

Pesquisadora: - *O que você acha da educação de hoje; na família e nos ambientes escolares?*

Seu Betinho: - *A educação tem que começar em casa, na família. A escola tem que voltar a ser boa e ser o complemento da educação de casa. Muita gente da minha geração deixou a escola para trabalhar e não voltou nunca mais. Criança é para ser criança, ontem ou hoje, isso é o certo. É por isso que tento levar esses valores por meio do meu projeto. É nisso que eu acredito.*

Nome: **Caetano Gomes**

Idade: 62 anos

Data: 28/10/2017

Local: Padaria e Lanchonete Flor do Alemão – ponto do transporte alternativo do Morro do Alemão

Duração: 01h23min

Pesquisadora: - *O senhor trabalha aqui no Morro do Alemão com o transporte alternativo há quanto tempo?*

Seu Caetano: - *Eu trabalho com a Kombi desde 96, numa luta danada. Já vai fazer 22 anos! Aqui eu ensinei aos meus filhos, ensinei aos sobrinhos, ensinei ao cunhado. Foi isso aqui que livrou muitos deles de se envolver em coisas ruins. Colocava eles de cobrador e ensinava como fazer. Sempre fiz esse mesmo trajeto daqui da Padaria até o ponto mais alto onde o transporte consegue chegar no Morro. Logo que comecei nessa atividade levei ao conhecimento do presidente da Associação, mas ninguém quer criar nada, não é? As pessoas querem encontrar as coisas prontas ou copiar o que o outro criou. Levei para o presidente a ideia de criar o transporte, conduzindo as pessoas daqui lá para cima porque não tinha uma condução na época. As pessoas subiam com as bolsas de compras e eu via o sacrifício. O que também me inspirou foi a Carioca Engenharia que fazia um trabalho aqui na comunidade. Levaram e instalaram duas caixas d'água lá para cima do Morro, lá no final e com a misericórdia de Deus, eu consegui auxiliar a companhia nesse trabalho de transporte dos*

trabalhadores e funcionários com uma kombizinha 74 e tinha também o canteiro de obras, onde é hoje a Vila Olímpica do Complexo do Alemão. Então pegava o pessoal da obra pela manhã ali e levava até onde dava para chegar. As pessoas começaram a ver isso e também começaram a usar o serviço. No início as pessoas tinham vergonha, mas depois ficou tudo certo.

Pesquisadora: - *Qual é a sua escolarização? Até que série o senhor estudou?*

Seu Caetano: - *Olha, eu fiz a nona série e comecei o primeiro ano do segundo grau e com três meses eu tive que parar por conta do trabalho porque o horário era 18:30h e eu não conseguia chegar.*

Pesquisadora: - *Quais as escolas em que o senhor estudou?*

Seu Caetano: - *Eu estudei o primeiro grau até a terceira série quando criança, Escola Municipal Padre Manuel da Nóbrega em Ramos. E retornei mais tarde para a Escola Municipal Mourão Filho, mas terminei a quinta série na Escola Municipal Walt Disney também em Ramos. Lá, fiz até a nona série. Na Escola Municipal João Barbalho (Ramos), fiz uns meses do primeiro ano do segundo grau. Durante o dia lá era a Escola Carciel e à noite era João Barbalho. Ali estudei somente três meses e tive que parar por causa do horário do trabalho. O diretor me falou: - “rapaz tranca a matrícula porque depois vai ficar mais fácil para você retornar”. Tranquei a matrícula há cinco anos e nunca mais voltei. Não conseguia parar o trabalho as 17:00h/18:00h ir para casa correndo e chegar lá às 18:30h. E então estou assim até hoje...*

Pesquisadora: - *Mas o senhor pretende retornar?*

Seu Caetano: - *Eu queria né? É um sonho e também é necessário. Estudar é sempre bom!*

Pesquisadora: - *O senhor nasceu no Morro do Alemão?*

Seu Caetano: - *Não. Eu nasci em Campos dos Goitacazes e vim para o Morro do Alemão com meus pais e tinha dois anos de idade. Meu pai nunca foi um pai que incentivava os filhos a estudarem. Meu pai não tinha estudo e não se preocupou em dar para os filhos. Com a idade de oito anos, eu tinha de estar no Colégio, estudando, mas não estava mais. O pai tem que ter essa preocupação com o filho. Eu tive essa preocupação com os meus filhos. Meu pai não teve condições de estudar, não teve oportunidade porque na roça era diferente. Apesar de tudo, ele tinha uma profissão, ele era tratorista. Hoje eu tenho isso no sangue, herdei isso, ser motorista, mas já vim aprender a dirigir com a idade de 37 anos, com um cunhado que me ensinou.*

Pesquisadora: - *Antes o senhor trabalhava em que?*

Seu Caetano: - *Olha como são as coisas: na adolescência, fui armador, trabalhava em obras*

e com ferragens, mas na infância muito difícil, sofrida, logo cedo, com oito anos, ajudava meu irmão mais velho a carregar as compras das madames nas feiras livres e ganhava gorjetas e esse valor ajudava a mãe a comprar alimentos, e a escola foi ficando para trás... Depois meu irmão saiu e eu dei continuidade até os 17 anos, já adolescente. Foi então que eu fui estudar à noite. Na Escola João Barbalho eu tentei fazer o ensino médio. O objetivo era o tão sonhado canudo!!! (risos)

Pesquisadora: - *E sua mãe, ela trabalhava fora de casa? Quantos irmãos o senhor tem?*

Seu Caetano: - *Não, minha mãe não trabalhava fora; era dona de casa e teve 18 filhos no total. Hoje somos 3 homens e 5 mulheres. A família é grande. Hoje por onde eu passo tem sempre um sobrinho me cumprimentando: - “A benção, tio!” e eu digo: Deus te abençoe! (risos). Às vezes nem sei de qual irmão é... Morávamos todos juntos quando crianças, mas meu pai, que Deus o tenha em um bom lugar, não era muito presente. Não se preocupava muito com os filhos, quase todo ano nascia um e precisava comer e também se vestir. Ele tinha que dar um jeito! Me lembro de quando voltei a estudar, à noite, pensava: eu tenho que estudar para pegar o meu diploma! Então voltei a estudar para terminar a quinta série (Escola Municipal Prof. Mourão Filho) e pegar pelo menos o meu diploma que naquela época existia o certificado de conclusão do antigo primário, mas trabalhando e estudando fiquei reprovado em duas matérias, não deu para conciliar. Aquilo me chateou muito e então fiquei muitos anos sem estudar! Depois disso resolvi que tinha que me dedicar a aprender a profissão de armador. Pensava: aprendendo a profissão, onde eu for eu vou me destacar E então fui indo, empurrando com a barriga. Aí chegou um período que eu pensei: poxa, eu me converti, eu vou ter que voltar a estudar. Anos depois, já evangélico, resolvi voltar e encontrei dificuldade para comprovar a escolaridade (1995/1996). Foi isso! Eu precisava da escolaridade para fazer os seminários, os cursos da igreja senão, não ia dar. Então eu resolvi voltar, mas tive dificuldade em pegar o comprovante na Escola Mourão Filho, pois já tinha passado tanto tempo que não conseguiram encontrar a documentação. Expliquei tudo para a diretora, mas ela me deu um comprovante de que eu tinha concluído a terceira série e foi esse documento que eu levei para Escola Padre Manuel da Nóbrega, fazendo o supletivo, à noite, né? Eu comecei no meio do ano, eram duas vezes ao ano que a gente passava de série; um estudo fraco, mas no final do ano eu passei para a quarta série. Nessa época eu já estava com uns 40 anos. Depois é que eu fui terminar o primeiro grau na Escola Walt Disney.*

Pesquisadora: - *Então quando pequeno o senhor não conseguiu concluir o primário?*

Seu Caetano: - *Não, com oito anos eu já não estudava mais, já ajudava meu irmão na feira. Eu ia à escola, mas faltava muito e como eu nunca tinha o uniforme certinho para ir para o*

colégio e tinha aquele problema na hora do recreio. Também estudei ainda criança no Colégio Cardeal Leme em Ramos e na Escola Municipal Chile em Olaria. E aí o que acontecia? Devido a não ter uma condição de estudo, umas vestes, eu chegava no colégio e não me lembro de ter um uniforme completo para botar. Eu não tinha o conguinta, o tênis da época, então era difícil. Por que eu não permanecia no colégio? Não tinha as vestes certas e quando chegava a hora do recreio e eu ia brincar com os coleguinhas eu era rejeitado, por quê? Maus tratos! Eles não queriam brincar comigo e então eu me aborrecia. Eu fui expulso da Cardeal Lema e fui expulso da Chile. Naquele tempo as professoras e diretoras levavam pela orelha para secretaria da escola porque eu brigava com as crianças que não queriam brincar comigo devido a minha condição. Sofri preconceito, por não possuir uniforme. Minha mãe nunca compareceu na escola para conversar com as professoras e nunca fez um bilhete para a escola. Era difícil, era duro. Onde eu fui firmar e tive uma oportunidade foi já adulto. Tive a chance de entrar no segundo grau e sonhar em ter uma formação.

Pesquisadora: - *Com quem o senhor aprendeu o ofício de armador?*

Seu Caetano: - *Eu aprendi com o meu irmão. Ele era encarregado de obra e é engraçado porque eu queria trabalhar de servente, ajudante, mais do que trabalhar com ferragem. Como armador, no tempo de frio e chuva é muito ruim e com sol era pior ainda, trabalhar em cima da laje com os ferros quentes, mas antes de me apresentar no quartel, eu pensei: eu tenho que me dedicar a essa profissão, senão vou ficar como ajudante para sempre. Quando eu comecei na obra eu preferia ficar no carrinho, carregando os materiais, pois usávamos luvas e eu era vaidoso, tinha minhas unhas bem cuidadas e o ferro escangalhava tudo. Teve um período que eu pensei: puxa, agora vai chegar à época de me apresentar no quartel, ou eu aprendo essa profissão ou vou ter que ficar servente para sempre. Aí me apresentei no quartel, serviço militar, fiz todos os exames e ia servir. Num período de um ano eu tinha aprendido a profissão de armador. Meu irmão levava as plantas para casa e eu olhava, olhava e pensava: isso eu não vou aprender nunca. Mas quando eu passei a me dedicar, aprendi. Num período de um ano, aprendi e quando meu irmão foi mandado embora da obra, fiquei no lugar dele. Então eu tive que ir para Vitória, período do alistamento, tinha que estar lá no dia 28 daquele mês, para saber qual o meu quartel e também fazer os últimos exames para servir. Minha mãe não queria que eu fosse servir porque eu trabalhava e ajudava ela casa. E eu tinha vocação, eu queria servir, mas no dia que eu tinha que retornar, não fui, fiquei e segui na profissão de armador.*

Pesquisadora: - *Como foi a sua infância aqui do Morro do Alemão?*

Seu Caetano: - *Eu me lembro que quando criança, tinha uma árvore, uma mangueira*

assombrada. Do lado de lá da Itararé era só plantação de eucalipto. Ali as pipas voavam e às vezes as linhas agarravam no pescoço da gente e não sabíamos se estavam para lá ou para cá (risos). Eu me lembro das pedras lá em cima e um monte de cabrito e as crianças iam lá para caçar camaleão.

Pesquisadora: - *E vocês soltavam pipas ali no casarão?*

Seu Caetano: - *Eu só subia ali para vender; ia lá quando vendia picolé. Eu descia por cima do muro e ali tinha um povoado, um povoadozinho e eu descia por ali para vender picolé pela região em frente ao Banco do Brasil. A vida toda sempre assim, trabalhando, graças a Deus!*

Pesquisadora: - *O senhor não brincava, não tinha brincadeira, não?*

Seu Caetano: - *Tinha sim (risos). A Estrada do Itararé era um beco, bem estreitinho, só passava um carro, na década de 60.*

Pesquisadora: - *Mas as brincadeiras? O senhor só me fala de uma infância de trabalho. E as brincadeiras?*

Seu Caetano: - *A gente brincava, tinha o lazer, mas tinha que se dedicar ao trabalho. Tinha que trabalhar para comer. Se não trabalhasse não tinha o que comer. Hoje digo para os meus filhos o valor do trabalho. Vi muitos garotos, criados com a gente morrerem, perderem o rumo no tráfico. É difícil não se envolver quando se é criança ou adolescente. Se influencia com os colegas. Cheguei a usar maconha com 17 anos, mas larguei tudo depois de uma tentativa de roubo; levei “uma carreira” e vi que não era para mim. Eu recusei a me envolver com drogas e roubo depois desse susto, decidi que não queria aquela vida. Avisei para os amigos: “se quiserem continuar meus amigos, nunca mais me chamem para fazer isso. Foi a primeira e a última!”. Depois disso parei até de fumar cigarro (risos) e eu fumava um maço e meio de cigarros!*

Pesquisadora: - *Quando o senhor entrou para a igreja evangélica.*

Seu Caetano: - *Eu não me lembro bem a data, mas já deve ter uns 16, 17 anos por aí. Eu já trabalhava no transporte e por influência da minha esposa que já estava buscando um propósito na Igreja e eu não era aquele esposo agressivo, nervoso. Eu sempre fui isso aqui, oh, trabalhador, sempre dedicado ao trabalho. Esse ali é o meu filho mais velho, que também trabalha aqui comigo no transporte.*

Pesquisadora: - *Quantos filhos o senhor tem?*

Seu Caetano: - *Tenho três filhos. Eu tenho aquele ali que é o mais velho, tem outro barbudinho que estava aqui também agora a pouco e a minha filha, que tem 24 anos. Perdi um filho com um aninho de idade. Eu nunca pensei em casar (risos). Eu gostava de namorar*

sem compromisso. Na época já existiam dez mulheres para cada homem. Fico pensando e hoje, quantas mulheres tem para cada homem (risos)? E eu era muito vaidoso e orgulhoso com relação a compromisso. Começava a namorar as meninas, mas quando chamavam para ir nas casas, eu dizia que tudo foi muito bom enquanto durou mais não ia dar mais. Eu dizia: olha, eu não sou essa pessoa que você está pensando, não quero compromisso, eu só quero liberdade! Também não era de esculachar ninguém. Minha mulher até diz que eu devo ter um montão de filhos por aí, mas não é bem assim. Hoje já tenho 38 anos de convivência com ela. Quando eu casei com ela, eu tinha 24 anos de idade e faltavam dois meses para o meu filho nascer. Ele foi testemunha do casamento (risos). E eu só casei porque tinha que casar, mas hoje eu louvo a Deus pela minha esposa, porque eu não via o que hoje eu vejo nela. Naquela época, eu queria era a liberdade, 24 anos e sempre trabalhei e gostei de andar arrumado. Eu pensava: já sou uma pessoa feinha, então eu quero trabalhar e andar com uma boa aparência para as pessoas olharem e dizerem: “poxa, ele é feinho, mas anda todo arrumado”. Toda semana eu comprava um pano diferente. A namorada até falava “não tenho como te acompanhar”. Naquela época, tinha o alfaiate, a gente mandava fazer roupa; até sapato também eu manda fazer. Eu trabalhava para isso: ajudar em casa e andar arrumado. Isso despertava o interesse de algumas meninas que me chamavam de “metido” (risos). Mas quanto às brincadeiras, cada brincadeira tinha uma época. Tinha a época da bola de gude, da pipa, de pião, do futebol, e eu jogava bem o futebol, mas nunca fui treinar em outro lugar. Naquele tempo não tinham as oportunidades, os olheiros. Todos nós jogávamos bola, mas não tinha as chances de hoje. Eu digo para as mães das crianças daqui que se eu fosse uma pessoa com condições financeiras, o que eu faria? Eu poderia comprar uma área enorme, tanta área enorme por aí; podia ser até na Baixada Fluminense, e ali eu ia criar um campo de futebol, um espaço disponível para a educação das crianças porque os melhores craques de todos os tempos saíram das comunidades. A gente vê muitos jovens se levantando no futebol e que saíram das favelas, mas não vemos uma pessoa com condições que possa trabalhar em cima disso. É um investimento! Seria muito bom. Às vezes, a gente mesmo se coloca para baixo. Naquela época não tinha nada. Hoje a gente vê o Campeonato das Favelas e temos a oportunidade de ver essa garotada boa. Lembro que eu ia ao Maracanã assistir aos jogos e a preliminar sempre era com um juvenil e eu ficava olhando e pensando: caramba, eu sou melhor que eles, se eu entrar naquele meio de campo, eu vou fazer muito mais que aquele garoto ali. Parecia que eles não tinham nada a ver com aquilo. Pareciam que não queriam estar ali. Nós não tivemos essa oportunidade.

Pesquisadora: - *Como o senhor veio parar no transporte alterativo?*

Seu Caetano - *Quando eu tive em mente de criar esse trabalho aqui, eu não tinha habilitação, não sabia dirigir. Vim aprender a dirigir com 37 anos de idade. Eu trabalhava na obra e o meu cunhado, sem saber dirigir, sem ter carro, um amigo chegou, e veja como são as coisas, esse amigo tinha conhecimento no DETRAN e perguntou se ele queria tirar a habilitação. Meu cunhado perguntou como era e ele disse que tinha que arranjar cópia da carteira de identidade, do CPF e o comprovante de residência. Ele providenciou tudo e rapidinho chegou a habilitação. Naquela época era aquela habilitação que durava muitos anos, né? Não tinha esses testes todos de hoje. Aí ele conversando comigo perguntou: “Então, Caetano, não quer tirar a habilitação, não”? E às vezes a gente procede de uma forma que se coloca para baixo, né? A minha visão era essa: eu não tenho estudo, eu aprendi essa profissão então, tenho que morrer nessa profissão de armador, eu vou me dedicar ao máximo para não ser envergonhado e sobreviver através disso e aí então, ele chega e me oferece a carteira de habilitação. Mas eu não sei dirigir, não tenho condição de comprar carro e eu tenho a minha profissão e quero viver dela! E ele me disse que se eu quisesse só era trazer as cópias dos documentos e por ele insistir, veja como são as coisas, eu concordei, tanto faz e tanto fez, e nem demorou muito tempo, chegou a habilitação e eu ainda trabalhando na obra com o meu irmão. Nessa obra em que eu estava, meu irmão era encarregado e ainda tinham dois ou três outros armadores e eu tinha vindo de meio-oficial para armador. Eles me chamavam de “Neguinho” e diziam assim: “Pô, Neguinho, tu já é armador já, você sabe trabalhar mais que eu”. Mas a diferença é que vocês já têm a classificação de armador e eu não tenho. A minha é meio-oficial de armador. Das outras firmas, eu tinha quatro a cinco assinaturas como meio-oficial de armador, mas comecei a me dedicar a aprender e trabalhar que os próprios engenheiros já estavam sentindo que realmente eu já merecia. Naquela época tinha um problema que era o “esquentar a carteira de trabalho” e em São Paulo acontecia muito isso. Eles até tiravam páginas de uma carteira e colocavam em outra e eu não fazia isso. Eu pensava quando a chefe achar que eu mereço, ela vai ter que me dá e eu sei que já estou merecendo. Passou algum tempo e ela veio e me classificou, mas tinha um teste e ela me passou o teste com plantas de obras dos filhos dela que estavam fazendo engenharia. Me deu uma planta e pediu para eu fazer a distribuição com a planta ali e eu fazendo tudo direitinho. Ela verificou e então passou um tempo, ela me classificou. Passados uns três meses à frente, ela mandou o meu irmão embora da empresa, e eu fiquei. Passou mais um tempo e eu pedi a ela alteração de salário. Meu irmão sempre falou comigo que eu queria ganhar muito e eu dizia se eu não valorizar o que eu sei, ninguém vai valorizar. Resumindo, ele foi e eu fiquei! Depois de um tempo eu fui pedir um reajuste e ela alegou que tinha me*

classificado agora e eu disse que ela havia me classificado porque eu mereci. Então falei: ou a senhora me dá um aumento de salário ou eu vou embora. E ela reclamou: “você vai fazer isso mesmo depois do que eu fiz por você”. E então depois de um tempo, ela me mandou embora. Passei por outras empreiteiras, daqui, dali, fui pra lá, vim pra cá, na minha dignidade, honestidade e valorizando o que eu sei. Trabalhei em vários lugares e até eu vim a ser comerciante. Saí da área de obra para o comércio, com esse meu cunhado que conseguiu tirar a minha habilitação Meu irmão, ainda trabalhando na obra, dizia para os colegas: “Meu irmão tem carteira de motorista!” E então meu irmão gozava dizendo “só falta o motorista porque a carteira, ele já tem!” (risos). Ele falava mesmo! Ele era muito sem-vergonha, às vezes até gostava de me colocar para baixo. Um dia, ele me chamou a atenção na frente dos rapazes da obra e eu chamei ele num reservado e falei: olha, você é meu irmão mais velho e eu te respeito, mas nunca mais você faça isso, nunca mais me chame a atenção na frente de amigos, porque eu posso me aborrecer e esquecer que você é meu irmão e o negócio não vai ficar legal. E depois disso, graças a Deus, acabou o assunto. E eu fiquei ali, com a habilitação e sem saber dirigir e até que chegou um período que ficou difícil a parte de obra e minha esposa grávida desse garoto em casa e eu não queria me casar, eu não me via casado e a minha mãe quando soube que a menina estava grávida de três meses, porque a irmã dela tinha feito o exame e me chamou na casa dela e me mostrou, dizendo que ela estava com três meses de gestação. A mãe dela era nordestina e ela não conheceu o pai; vivia com a mãe e o padrasto. Ela queria tirar o bebê com três meses, mas eu não deixei e pensei: puxa, tirar não! Filho não pede para vir ao mundo! Eu não pensava em casar, eu queria até assumir, mas não casar. Eu com 24 anos. Você acredita que a minha mãe pegou a minha certidão de nascimento, foi no cartório, deu entrada nos papéis e pagou o casamento e falou uma coisa que nunca esqueci: “filha dos outros não é cachorro. Eu tenho cinco filhas e eu espero que não aconteça com elas isso aí, então você vai casar”. Aí não teve jeito, casei sem ter nada. O relacionamento tem três etapas: a primeira é o namoro, para ver se realmente vai dar certo, aquela união; depois tem o noivado que é a fase do entendimento, aquela em que encontrou a alma gêmea. Eu pulei todas elas! E a terceira que é o casamento que completa aquele estágio. Agora é batalhar daqui para frente e preparar tudo para quando chegar o casamento está tudo preparado, os móveis, tudo direitinho. Não pensar em filhos até terminar de pagar todas as contas, mas as pessoas pensam nisso? Eu, como não tinha plano nenhum, passei os pés pela cabeça, casei e eu digo para senhora, o primeiro móvel que eu comprei foi o dormitório, não esqueço o nome dele: Bérغامo! E agora? Eu não tenho casa, mas a minha mãe me cedeu a cozinha da casa dela para nós morarmos. Passei três dias montando esse

móvel porque os caras não vinham e a mulher já quase tendo o meu filho e assim, eu fui morar na cozinha da minha mãe. E graças a Deus, minha mulher é excelente, uma mulher do lar, limpa, cuidadosa, e eu louvo a Deus a minha esposa. Mas até cair a ficha, foi um problema. Acredita que eu ainda arrumei duas namoradas? Namorei em casa e já casado (risos). Teve uma vez que eu cheguei numa obra, eu fui levar minha esposa em Del Castilho e ela fez um barrigão, parecia até que eram duas crianças. E o meu emprego era assim, eu trabalhava e quando saía ficava uns quinze dias descansando e aí eu pensava: hoje vou comprar o jornal e naquele dia eu já ficava empregado. Aonde eu ia, estavam precisando de armador. Chegava lá e perguntava: tá precisando de armador? E eles respondiam logo: “dá para começar amanhã?” Muitos olhavam e diziam: “esse neguinho aí é armador?” E eu chegava na obra e só escutava as marcações, né? No dia em que eu chegava, eles já me davam a planta de forma que era a planta de localizar o terreno e planta de ferragem e eu fazia aquele rascunhozinho no saco de cimento, eu tirava aquela parte limpa, fazia uma bancadinha e ali eu começava a tirar o meu desenho e como eu ia cortar a ferragem, como eu ia preparar os trilhos, dobrar e os caras ficavam olhando, “ih, esse neguinho é bom!” Eu trabalhei muito tempo na Ilha (do Governador) e o gabarito dali era de três andares, devido ao Aeroporto. Os prédios ali são baixos e o período de trabalho era de no máximo quatro meses que levava a minha parte de ferragens. Muitos empreiteiros, alegando que já tinham outros terrenos para pegar, me seguravam ali. Me colocavam para trabalhar no guincho subindo material de pedreiro, massa, mas tentavam me segurar até começar o outro trabalho. Isso era muito bom. Dava continuidade ao trabalho porque todos já me conheciam.

Pesquisadora: - *E como o senhor veio para aqui na Kombi?*

Seu Caetano: - *Teve um período que ficou difícil nas obras. Eu saí pedindo vaga até de ajudante porque eu tinha um filho em casa que dependia de mim. E quando ele chorava, minha mulher dizia: “Caetano eu vou te ajudar!” E como ela podia me ajudar? E eu dizia: você acha que alguém vai tomar conta do nosso filho igual a você? Você fica em casa. A obrigação minha é trazer o sustento para dentro de casa e você, cuidar do lar. Passamos um período com a minha mãe, depois na sala da minha sogra. Colocava um pano assim, como uma cortina e depois apareceu uma casa para alugar e eu não aceitei. Praticamente cria da favela e pagar aluguel? E segui, sempre batalhando e até de servente e ajudante de obra. Trabalhei também em transportadora carregando aquele barrilzinho de tinta, de 3 litros, vinha um amarrado com quatro. Carregava tudo para as obras e quando chegava em casa e a mulher reclamava: “Pára de se matar desse jeito? Olha como vocês está?” e eu dizia que não, isso é assim mesmo. O menino não pediu para vir ao mundo, não! Ela queria ajudar,*

mas eu nunca quis. Cada um, com seu cada um. Eu assumi a responsabilidade de chefe de família e você assume a responsabilidade de dona do lar. Eu quero chegar em casa e encontrar minha roupa direitinha, a casa arrumada e isso aí nunca eu precisei falar, eu só pensava, entendeu? E é assim até hoje. Ontem eu cheguei em casa e ela não estava, tinha ido para a igreja com a minha filha. Cheguei em casa, tomei meu banho, então ela chegou e perguntou: “quer que eu faça o que para você?” E é assim. Eu entro no quarto e ela leva no quarto o que eu quero comer. Às vezes, eu chego em casa e vou direto para o banheiro, ela pega a toalha, a cueca e leva para mim então o que eu quero mais da minha vida?

Pesquisadora: - *Da infância no Alemão, quais os lugares que o senhor lembra com mais carinho, mais afetividade e os momentos mais felizes?*

Seu Caetano: - *Eu me lembro das dificuldades e que não tínhamos televisão, tá? Eu nunca tive o prazer de ir a um parque de divertimento... (pausa) O que eu não tive do meu pai, eu fiz e até hoje faço para os meus netos. Se eu fechar os olhos amanhã ou depois, vou deixar esse legado para os meus netos. Quando pequeno, eu saía para pedir pão duro nas casas aqui embaixo para comer, filha, na idade de nove, dez anos. Ali do outro lado tinha uma pracinha e quando a gente chegava ali, ficávamos lá brincando naquele parquinho, me perdia do tempo, ficava subindo e descendo nos brinquedos. Era ali, perto do viaduto de Ramos, perto da feira livre de sábado; ali tinha um parquinho. Era um divertimento para a gente. E pedíamos um pão de sobra, duro e também resto e comida para trazer para casa para os outros irmãos também comer. Não tínhamos café. Nosso café era assim: pegávamos o pão e molhávamos na água com açúcar numa latinha de Neston. Olha, uma infância duríssima! Uma infância cercada de maus tratos, de fome e hoje Deus tem me dado a oportunidade de criar um trabalho pioneiro: esse de transporte. Eu sempre trabalhei! De ter encaminhado e ajudado meus filhos, sobrinhos, cunhados, tudo através de uma habilitação que eu não queria por me achar incapaz de pilotar, e Deus agiu ali de uma forma, porque Deus faz um plano na nossa vida que a gente só vai descobrir e perceber depois de muito tempo, quando a gente vai lá trás para trazer o antepassado para entender hoje. Eu faço isso porque no início desse trabalho eu levei ao conhecimento do presidente da Associação até porque ele me conhece desde garoto e eu falei com ele o que eu queria fazer.*

Pesquisadora: - *Teve que pedir a Associação autorização para fazer o transporte de passageiros aqui no Morro?*

Seu Caetano: - *Sim. Não podia colocar o serviço de transporte aqui sem levar ao conhecimento da Associação e pegar a autorização. Então o que eu fiz? Eu vou levar ao conhecimento do presidente sobre o trabalho que vou fazer aqui de transporte de*

passageiros, levando as pessoas lá para cima. Mas ele teria de me dar um papel timbrado com a autorização da Associação. Esse documento era preciso para mostrar para os moradores. Eu agi errado? Só que ele negou. Ele não autorizou. Por quê? Porque era uma Kombi 1974, comprei velha, caindo a porta e eu fiquei uns seis a oito meses fazendo a reforma do carro. E foi com esse carro reformado que eu consegui conduzir essas pessoas que prestavam serviço para a Carioca Engenharia. Eles fizeram duas caixas d'água lá atrás e depois quando foi aberta a pista lá por trás, eu passei a levar eles por lá.

Pesquisadora: - *Mas essas ruas aqui da Paranhos não tem acesso para chegar no alto do Morro. Eu até já perguntei para o Seu Betinho? Ele disse que não, pois tem uma pedreira impedindo o caminho.*

Seu Caetano: - *Então, eles fecharam. Lá atrás na pedreira, na época, foi aberta uma pista para subir os caminhões e eu levava os funcionários na Kombi. Às vezes, eu subia duas vezes e ficava lá. Quando dava a hora do almoço eu descia para pegar o almoço de todos e levava. Essas caixas d'água eram para atender a comunidade do outro lado, e depois ficou até desativada. Depois que a CEDAE chegou então tomou conta geral.*

Pesquisadora: - *E quando a Associação autorizou o serviço de transporte?*

Seu Caetano: - *A Associação não autorizou e com a concordância do chefe do Morro na época, eu comecei a fazer o serviço de transporte com a Kombi reformada. Devo também muito a Deus porque foi ele que abriu essa porta na época em que eu nem era cristão, mas com luta e muitas pessoas da igreja orando por mim, eu consegui criar esse trabalho. No início foi duro, mas com três meses e quinze dias no trabalho de transporte eu consegui comprar a segunda Kombi, com o fruto desse trabalho e isso despertou a inveja. Dei um pulo para uma Kombi 1977. E então fui puxando e ajudando a família. Chamei meu cunhado, com quem eu já tinha aberto um comércio lá no alto do Morro e esse comércio eu peguei caidinho e levantei. E quando eu me fixei aqui no transporte, meu cunhado trabalhava de ajudante de padeiro antes, mas ficou difícil e então ele veio para o comércio e eu falei com ele que iria ficar complicado nós dois juntos então, deixaria ele lá e ficaria somente no transporte. Deixei o comércio cheio de mercadoria e em três meses o cara acabou com tudo, faliu. Quando eu cheguei lá não tinha mais as mercadorias e então abasteci tudo outra vez. Peguei um caderno grande e anotei tudo, recomeçando e ele faliu de novo. Então falei com ele agora o melhor é vender o que restou e você vai aprender a dirigir e começar no transporte. O espaço do comércio que é meu e dele, resolvemos alugar para um rapaz que abriu uma padaria. Ele fez uma reforma e descontou no aluguel. Dificilmente acontece de a pessoa criar um trabalho semelhante a esse de transporte e abre mão de lucro para ajudar as pessoas. Fui eu quem*

criou isso aqui, poderia cobrar diárias, mas não fiz isso.

Pesquisadora: - *Mas todas essas Kombis são suas?*

Seu Caetano: - *Não, somente essa aqui. Por causa desse trabalho, eu já fiquei livre de morrer aqui três vezes!*

Pesquisadora: - *E por quê?*

Seu Caetano: - *Porque isso aqui incomodou a outras pessoas que queriam também. Eu criei, dei vagas, mas não ficaram satisfeitos, queriam também. Quando eu comecei aqui sozinho com meu carro 77, depois comprei uma mais nova e fui trocando. Depois comprei um fusquinha 79 e fui ensinando as pessoas da família a dirigir. Primeiro o meu cunhado, irmão da minha esposa. Fui chamando as pessoas mais próximas e depois as de fora. Mas o diabo é assim, ele dá com uma mão e quando ele apanha, ele puxar com tudo. E comigo não foi diferente. Então, chegou muita gente tentando fazer fofoca e me queimar no meu trabalho. Mas Deus já agindo não permitiu que algo de ruim acontecesse comigo. No ano de 1997 eu já estava aqui há um ano e seis meses, e então, comprei minha primeira Kombi zero.*

Pesquisadora: - *Voltando a falar sobre a infância e a escola, o que fez o senhor abandonar os estudos tão cedo quando criança?*

Seu Caetano: - *Várias coisas: o uniforme para ir para o colégio, aí eu faço uma pergunta? Será que também eram os pais que não tinham condição de comprar ou será um certo desinteresse dos pais em cuidar? Era como se fosse assim: botei no mundo agora eles vão dar o jeito deles... Meu pai não tinha carinho com a gente, não tinha uma visão da importância do estudo. A minha mãe ainda tinha um noção e ia empurrando daqui e dali, mas nós tínhamos que trabalhar. A infância era de trabalho para sobreviver, para comer e comer mal, não era para comer bem, era comer mal! Eu era o irmão abaixo do mais velho. Tenho um irmão com 65 anos e uma irmã com quase 70 anos, eu era o do meio, tenho irmãos mais novos que eu. Eu tentei dar uma educação melhor para os meus filhos. Os meus filhos, nascidos e criados aqui no Morro do Alemão, mesmo não tendo um bom grau de escolaridade, são pessoas de bem. Para minha filha, eu consegui pagar os estudos do segundo grau. Ela queria ser advogada e por meio da ONG SOS do Alemão, ela tentou conseguir uma bolsa de 100% na Faculdade de Direito na SUAM. Ela foi lá, fez a prova e tirou 9,5! Inclusive, encaminhei também uma colega dela que terminaram juntas, o segundo grau e coloquei também o meu sobrinho para fazer a prova, mas nenhum dos três foi premiado, não por incompetência, porque o meu sobrinho também tirou nota máxima, tudo na SUAM, e depois disso teve um outro rapaz lá da ONG que ofereceu para minha filha, uma bolsa de 50%, mas aí ela engravidou e então eu paguei para ela fazer um curso de*

cabeleireira lá no SENAC e ela gostou muito. Terminou o curso e hoje tem um salãozinho e atende em casa. Eu comprei para ela os equipamentos e materiais e ela atende na varanda da minha casa. Ela faz até propaganda no Face, do antes e depois. Infelizmente não conseguiram fazer a faculdade.

Pesquisadora: - *Quando saiu da casa da sogra, onde o senhor foi morar? O Morro já estava bem habitado?*

Seu Caetano: - *O Morro já estava totalmente habitado e aí eu consegui com minha cunhada, Deus a tenha, e o meu cunhado que tinham uma condição melhor que a minha porque ele trabalha nas Sendas (Supermercado da época), no setor de peixaria. Eles me ajudaram a ter a minha casa e as coisas depois começaram a melhorar.*

Pesquisadora: - *E a casa que o senhor morava na infância junto com os seus irmãos?*

Seu Caetano: - *A casa era uma tristeza. Era um quarto e nós dormíamos no chão. O banheiro era do lado de fora para atender oito crianças e dois adultos. Era uma pobreza total!! Lá em cima do Morro, no período em que eu morei, já tinham muitas casas, lógico que tinha muito mais espaço. Não era tão habitado como é agora. A rua não era larga como é. Mudou muito.*

Pesquisadora: - *Entrevistando o senhor aqui nesse espaço, sempre passa alguém e fala algo ou o cumprimenta. Percebo que o senhor é bem querido dos moradores, não?*

Seu Caetano: - *Sim, trato todos muito bem. Viu como esse senhor falou comigo? Ele sempre beija a minha mão! E nem tem muito tempo que conheço ele. Eu encontro com ele aqui quando sai para o trabalho ou quando toma a cervejinha por aí. Esse contato e amizade desperta inveja, incomoda muitas pessoas. As crianças não podem me ver. Chegam aqui com aquela alegria, aquele carinho. Foi algo que Deus colocou. Fiz muitas amizades com os pais através dos filhos, das crianças. É lindo, maravilhoso! Chegam os amigos e dizem que eu sou um babão de criança (risos)! Fazer o que? As crianças me amam (risos)! Olha que criança é verdadeira! Quando gosta, gosta de verdade.*

Pesquisadora: - *E os seus irmãos estudaram até que série?*

Seu Caetano: - *Não. Os meus irmãos não estudaram muito. A minha irmã mais velha ainda estudou, mas eu não sei até onde ela foi. Ela sempre foi inteligente e estudou e deu muito incentivo aos filhos também. Meus sobrinhos também são muito inteligentes! Um deles já está até fazendo a faculdade. Tenho um sobrinho que é gerente de vendas e aquele ali, é o meu cunhado, aquele que eu peguei na mão e trouxe aqui para esse negócio. Foi ele que faliu lá com o meu comércio (risos). Como administrador é muito fraco, melhor ficar na Kombi (risos). Ele tem um filho que já está bem encaminhado no futebol profissional. Tem 17 anos,*

mas acorda cedo todo dia e vai para o treino. A criança de hoje tem muito mais oportunidades que aquelas da minha época.

Pesquisadora: - *O senhor acha que faltou oportunidade para o senhor na fase criança/adolescente?*

Seu Caetano: - *Sim. Os meus pais não puderam me dar, não sei se foi desinteresse, ignorância, incompetência ou falta de amor, eu realmente não sei, mas independente disso porque eu não tive, eu procurei passar para os meus filhos, mesmo tendo a criação que eu tive, sem meu pai dando aqueles conselhos que um filho necessita, estão aí, meus três filhos, o mais velho com 38 anos, tem o abaixo dele que está com 32, e é pai também, e tem a minha filha, com 24 anos, tem dois filhos e mora comigo. Então uma educação que eu não tive, e é difícil a gente não ter uma educação exemplar, não ter um formação, mas criei bem meus filhos, dentro da comunidade e nenhum deles deu para o mal. Agradeço muito a Deus.*

Seu Caetano: - *Apesar do senhor não ter frequentado à escola, o senhor teve uma instrução. Alguém lhe ensinou a ser ferreiro, alguém lhe ensinou a dirigir.*

Pesquisadora: - *Eu fui aprender a dirigir já com 37 anos com o meu cunhado e na obra, eu me dediquei a não ficar somente naquele ofício. Na obra, eu aprendi a trabalhar de pedreiro, carpinteiro, devido ao conhecimento das plantas, aprendi a fazer a distribuição elétrica nas obras, mas não mexo com a elétrica, somente a distribuição dos pontos. Se me der uma planta e me mandar fazer a distribuição, eu faço. Lá na igreja, estão terminando uma obra, fazendo o primeiro andar e eu chamei um eletricitista e fiz todas as descidas e a distribuição geral fui eu quem fez.*

Pesquisadora: - *O senhor é o pastor da igreja?*

Seu Caetano: - *Não, eu sou um simples servo. Isso foi Deus que colocou e me guiou para construir um tempo. Nunca pensei! Na época que eu estava aqui na Igreja Universal, a primeira igreja onde eu comecei, eu fiz um voto que não sairia dessa igreja se não fosse pela vontade de Deus. Fiquei lá seis anos, mas entendi que Deus estava preparando outro lugar para mim. E foi assim que fui parar na Assembleia, um servo a serviço do bem.*

Nome: **Elvira Barbosa e Rosemary Barbosa**

Idade: 88 anos e 52 anos

Data: 04/11/2017

Local: Varanda da casa das entrevistadas – Morro do Alemão - RJ

Duração: 01h30min

Pesquisadora: - *Quantos filhos a senhora teve?*

Dona Elvira: - *Eu tive nove filhos e três abortos. Dos nove, morreram dois e hoje eu tenho sete filhas, todas meninas. Morreu o menino e uma mulher.*

Pesquisadora: - *E qual a sua profissão? A senhora trabalhava fora de casa? O que a senhora fazia?*

Dona Elvira: - *Nada! Não fazia nada (risos). Trabalhava para criar meus filhos, lavava roupa para fora. Porque naquele tempo, lavar roupa sem água era o maior sacrifício, mas nós éramos trabalhadeiras e queríamos ganhar o nosso dinheiro.*

Pesquisadora: - *E como fazia para lavar roupa aqui em cima, sem água?*

Dona Elvira: - *Nós íamos lá para a “mina”. Lá tinha uns poços e alguns lugares já tinha dono; tinha umas moradizinhas, um pessoal que tinha “mina” boa. Mas nós íamos para lá, no minador e lavávamos a roupa e pegávamos água para beber. Se não fosse ali, para a gente pegar água limpa, tínhamos que ir ao Bombeiro (Quartel do Corpo de Bombeiro de Ramos). Fui muito no Bombeiro com as minhas filhas ou senão no Gás. Quando não queríamos lavar roupa nem pegar água na mina; não íamos lá. Tínhamos medo porque era um capinzal da maior altura. Às vezes nos íamos ali para o “Ganha Pouco” que hoje é a Grotá. Lavei muita roupa ali.*

Rosemary: *Hoje é o Moto Táxi da Grotá. Funcionava tipo um chafariz, mas não com torneiras, Eram umas saídas de água ao redor.*

Dona Elvira: - *Ali também era esquisito, não tinha muitas casas, não. Tinha uma plantação de eucalipto lá pra os lados do gás. Eu não gostava de apanhar água lá porque era danado para acontecer as coisas. Uma menina daqui foi atropelada ali, ela e a filha. A filha dela morreu!*

Pesquisadora: - *Mas quando a senhora chegou aqui a Estrada do Itararé era bem estreitinha, não?*

Dona Elvira: - *Não era mais não. Era bem mais estreita do que hoje. Quando eu cheguei no Morro do Alemão só tinha na Estrada a ida, no caminho para São Cristóvão. A gente passava por ali porque vendiam peixe na Praia de Ramos e eu tinha a minha cunhada que morava lá. Quando eu vim do norte (Paraíba) para cá, eu não vim procurar o meu marido aqui no Morro, não. Eu vim procurar o meu marido na casa da minha cunhada na Praia de Ramos. Aí, eu fiquei por lá e no outro dia ela me chamou para comprar peixe e eu fui. Só tinha uma barraca assim e o resto era tudo água! Aquela Praia de Ramos era cheia de casinhas de tábuas.*

Pesquisadora: - *E o seu marido, trabalhava em que?*

Dona Elvira: - *Meu marido era marmorista, era polidor de mármore. Ele trabalhou em*

muitos cantos. Nesse meio de mundo, ele trabalhou até no cemitério (risos). Onde precisava, ele ia.

Rosemary: *Ele trabalhava numa oficina de mármore, então quando contratavam a oficina onde ele trabalhava, ele ia levando as ferramentas e fazia o serviço.*

Pesquisadora: *- Então, o seu marido veio primeiro e depois, a senhora. E era nessa casa que a senhora veio morar?*

Dona Elvira: *- Não, eu morei numa casa aqui em frente. Caiu, essa casa!*

Rosemary: *Eu me lembro da casa onde nasci e das outras casas eu também lembro. Minha mãe já morou em várias casas aqui. Eu lembro que eu nasci naquela casa ali da esquina.*

Dona Elvira: *- Nessa casa, eu morei 12 anos. Numa casa aqui atrás eu morei 6 meses e dali eu fui morar na D. Pedrina e fiquei 12 anos e depois vim para cá. E aqui eu tenho 45 anos.*

Pesquisadora: *- E os seus filhos, menos a mais velha, nasceram aqui no Alemão?*

Dona Elvira: *- Isso, a mais velha nasceu no norte e veio comigo. Os outros nasceram aqui.*

Pesquisadora: *- E onde eles estudaram?*

Dona Elvira: *- Rosemary estudou no Instituto Federal na Rua Antonio Rego*

Pesquisadora: *- E esse Instituto ainda existe?*

Rosemary: *Existe, mas com outros donos. Eu nem sei se os donos ainda são vivos. O dono mesmo quando morreu, eu ainda era adolescente.*

Pesquisadora: *- Era público?*

Rosemary: *Não, era particular. Na época da gente, aqui no Alemão não tinham tantos colégios públicos. Ou estudávamos como bolsistas ou quem tinha condições, pagava a mensalidade. E eu era bolsista.*

Pesquisadora: *- Então o Colégio somente tinha o nome Instituto Federal, mas na verdade era particular, é isso?*

Rosemary: *- Acho que Federal era somente no nome.*

Pesquisadora: *- O Seu Caetano me disse que existiam escolas boas aqui no entorno: a João Barbalho, Clovis Monteiro, Manoel da Nóbrega, Walt Disney, Mourão Filho. Umas bem distantes, mas outras bem próximas do Morro. Por que não estudaram lá?*

Dona Elvira: *- A minha filha e o meu filho e a outra filha estudaram lá, na João Barbalho.*

Rosemary: *Somente eu e mais duas irmã estudamos no Instituto Federal (Colégio Palácio Verde) e no Externato Pinheiro, também particular, estudaram mais três irmãs, com bolsa de estudos.*

Pesquisadora: *- Rosemary, você estudou até que série?*

Rosemary: *- Estudei até a oitava série. Que era o tempo de escola de antigamente...*

Pesquisadora: - *E a senhora, D. Elvira, estudou até que série?*

Dona Elvira: - *Não sei ler, nem escrever. Naquele tempo os pais não botavam as filhas mulheres para estudar, não. As filhas mulheres, para não aprender a escrever para os namorados. Meu pai era triste! Mamãe teve dez filhos, 8 mulheres e 2 homens; 6 se criaram e não podiam matricular a gente porque papai não deixava. A menina mulher não precisava estudar não. Ainda hoje eu tenho isso comigo, um dia quando eu me casar, todos os meus filhos vão todos eles para a escola, nem que seja arrastando um chinelinho no pé, mas vão. Não pude dar mais, mas estudaram até onde pude. Ia levar, ia buscar. A minha filha que mora em Lucas, ela estudou longe e eu ia buscar, 11h da noite e Rosemary era a minha companheira e ainda é até hoje (risos). Essa só separa de mim quando eu morrer!*

Rosemary: - *Ou eu, né? Eu falo para ela. Quem é que sabe? De repente, eu vou primeiro que ela. Quando a gente vai ninguém sabe...*

Pesquisadora: - *O que fez vocês continuarem aqui no Morro do Alemão?*

Dona Elvira: - *Primeiro pelo amor pelo Alemão e outro que com o que o meu marido ganhava não dava para comprar casa em outro canto. Ele também não se interessava em sair. Ele gostava tanto desse Morro porque ele bebia e não queria sair daqui de jeito nenhum e foi aqui que eu tive meus filhos, vivia no aluguel, pagamento aluguel; dormia com aluguel e acordava com o aluguel. Mas Deus me ajudou que comprei isso daqui. Já há 45 anos aqui! Hoje minha filha mora comigo. Criei aquela minha neta aqui. É minha neta, mais criei como filha. É a filha de Rosemary.*

Pesquisadora: - *E Rosemary você é casada, tem um companheiro?*

Rosemary: - *Eu sou viúva e tenho quatro filhos. Ela é a que mora aqui comigo, mas na casinha dela. Outros também moram aqui no Morro.*

Dona Elvira: - *E você trabalha em que?*

Rosemary: - *Hoje não estou trabalhando não, mas sou copeira. Já estou há dois anos sem trabalhar de carteira assinada.*

Pesquisadora: - *E o que você se lembra de mais marcante na sua infância aqui no Alemão?*

Rosemary: - *Na época da gente aqui o que eu lembro mais eram as nossas brincadeiras. Da bagunça, mas a minha mãe nunca deixou a gente brincar na rua. A gente fugia e brincava (risos) e nós éramos muitas e então quando minha mãe dormia depois do almoço, saíamos para brincar. Mas era tudo aqui mesmo. Ali tinha uma lixeira e tinha uns espaços em que a gente brincava de pique, corda e assim ficava conversando até tarde. Era bem melhor porque não tinha esse tiroteio a toda hora. Quando nos juntávamos para pegar água, era uma diversão e muita bagunça. Juntávamos, eu, minhas irmãs e amigas, aquele monte de meninas*

até tarde da noite. Carregar água na cabeça era muito divertido, era uma bagunça, nos molhávamos. Tudo era festa. A gente trabalhava, mas também se divertia.

Pesquisadora: - *Com quem você aprendeu a profissão de copeira, Rosemary?*

Rosemary: - *Olha, eu fui trabalhar numa firma, com 22 anos, mas antes disso, mais nova eu trabalhei no Supermercado Mundial, com 16 anos. Depois casei, tive a minha primeira filha, trabalhei nas Casas da Banha, e aí depois eu arrumei um trabalho de copeira, mas nem sabia direito o que era esse trabalho. Achei que era somente para lavar copos (risos). E então no próprio trabalho aprendi o serviço.*

Pesquisadora: - *Então você não aprendeu em nenhum curso aqui no Alemão?*

Rosemary: - *Não, naquela época não tinha nada disso aqui não! Hoje está bem melhor o oferecimento de cursos dados pelas ONGs. Então fui contratada por essa firma para a função de copeira e trabalhei lá dois anos servindo em rampa, depois foi para o hospital. Hoje sou copeira hospitalar, cuidando das dietas dos pacientes.*

Pesquisadora: - *Na infância, você se lembra da Praça da Árvore, como um lugar para brincar?*

Rosemary: - *Hoje, pra mim Praça é quando a gente tem brinquedos para brincar e lá não tinha. Era uma casa velha que caiu e ficou somente o chão, cercado por duas árvores. Hoje somente existe uma.*

Dona Elvira: - *A casa quando caiu ficou a laje no chão e as crianças brincavam nela.*

Rosemary: *Então era um espaço onde a gente brincava de corda, de pique. Era bom ficar embaixo da árvore que era fresquinho e as pessoas se reuniam ali. Colocavam esteiras para deitar, mas coisas para as crianças brincarem mesmo, não tinham. A gente é que inventava as brincadeiras. Era esse o nosso lazer já que não tinha televisão. A gente via televisão pela janela na casa dos outros.*

Dona Elvira: - *Eu somente fui ter televisão já morando nessa casa, quando minha filha e meu genro, que já eram casados, compraram um aparelho mais novo e passou a dele para mim, né? Antes disso, eu tinha um filho que gostava de ver, mas nós não tínhamos então, ele ia para a casa dos outros e, quando eu dava fé, ele voltava chorado, quando algo acontecia e não deixavam ele ver. E eu pensava que um dia Deus ia me ajudar a comprar uma televisão para vocês assistirem. Quando eu me mudei para essa casa, que era de meus compadres e que passaram para mim. Naquele tempo da COHABE, eles ganharam um apartamento e falaram para eu vir morar nessa casa. Eram 12 anos que eu morava ali, e então vim morar aqui nessa casa. Aqui eu comprei uma televisão, comprei geladeira porque eu comprava gelo para dar uma água fresca aos meus filhos. Meu marido não se interessava em comprar nada.*

Só reclamava e nunca foi na porta de escola para buscar um filho. Eu me criei sem saber assinar meu nome, mas meus filhos... Pelo menos escrever o nome, conhecer um ônibus. Iriam aprender a ler e escrever. Teve uma época em que o meu marido queria me ensinar, eu é que não botei nas ideias, eu podia ter aprendido. Ver o meu nome num canto e dizer: esse aí é o meu nome. Hoje eu reconheço o meu nome nas cartas, nos documentos que chegam: “Você pensa que me engana? Não me engana, não!”.

Pesquisadora: - *Qual o nome do seu marido? Quanto tempo ele tem de falecido?*

Dona Elvira: - *Sebastião. Dia 23 desse mês, vai fazer 11 anos de falecido. Tinha uma irmã mais nova que eu e que já morreu também com aquela doença.*

Pesquisadora: - *E aquela cunhada que morava em Ramos, com quem a senhora ficou quando veio da Paraíba?*

Dona Elvira: - *Hoje ela mora na Penha, é casada e tem um filho, Lourival, e é ele que manobra essa água aqui do Alemão. A água que chega até o alto do Alemão.*

Pesquisadora: - *E como vocês faziam para vir lá de baixo até aqui em cima do Morro.*

Dona Elvira: - *A pé, pra tudo: com lata d’água na cabeça, com material, para ir e voltar da escola. Tudo era muito longe e difícil*

Pesquisadora: - *E não é mais curto o caminho descendo por aqui até à Rua Paranhos, Rosemary?*

Rosemary: - *Sim. Todas essas saídas dão na Rua Paranhos. Pode descer por aqui, mas todas as coisas, a água, mercado, açougue, eram todas desse lado aqui, então ficou mais fácil usar esse lado para tudo. Por aqui nos descíamos somente para ir para escola.*

Dona Elvira: - *Mas tem uma pedreira impedindo essa passagem, não?*

Rosemary: - *Tem uma pedreira, mas ela não impede a passagem. Da para passar. Quando a gente desce e chega na metade do caminho, parece que acabou, mas aí tem o barranco e depois umas escadinhas. Era lá que antigamente, pegávamos água. Hoje os moradores preferem o acesso pela rua principal*

Pesquisadora: - *Eu vi na internet noutro dia e nem sei se é aqui perto, mas era uma pedreira com um lago e as pessoas nadando, mergulhando, se divertindo. Vocês conhecem?*

Rosemary: - *Existia sim. Era lá atrás mesmo, perto da Cascatinha. Anda muito até lá. Faz parte daqui, do Complexo porque é assim, dividiram muito esse Morro, chamando tudo de Complexo do Alemão. Antes era o Morro do Adeus, Morro da Baiana, Morro do Alemão, mas quando mapearam isso aqui, chamaram tudo de Complexo do Alemão, uma coisa só, um bairro, mas antigamente Alemão era somente isso aqui: da Itararé até o alto do Morro. Eu só fui uma vez ali naquele lago, mas faz muitos anos. A gente tem que subir o Morro do Alemão*

e descer pelo outro lado e aí saí nesse lago. Era um lugar muito bonito, a água limpinha, mas devido a vários acidentes por lá, drenaram e hoje não existe mais. Aquilo ali era um laser, né? O lago era fundo e com muitas pedras. Não era natural, surgiu durante uma explosão para retirar pedrinhas pequenas, e sendo então depois de explorado, uma nascente começou a brotar. As pessoas começaram a frequentar e os acidentes aconteceram. O lago foi drenado depois que aconteceram afogamentos no local. Trouxeram outras máquinas para drenar a água e num desses procedimentos uma pessoa foi sugada e o local, interditado. Eu só fui uma vez para ver como era e já tem uns sete anos e depois disso eu não voltei mais.

Pesquisadora: - *E carnaval, era bom aqui no Morro?*

Dona Elvira: - *Naquela época era muito bom. Íamos ao Clube Paranhos, ali embaixo e que existe até hoje. Tinha a matinê e minha irmã mais velha que já trabalhava fora, comprava pano para minha mãe fazer as fantasias. Ele tinha uma máquina de costura e fazia as fantasias para gente ir brincar o carnaval. Aqui na Rua dos Bombeiros, Rua Euclides Farias, eles fechavam para desfile de blocos e pequenas escolas de samba. Eles fechavam com aquelas cordas grandonas e grossas para impedir os carros de passarem.*

Dona Elvira: - *Logo quando eu vim morar aqui, essa ruazinha tinha uns senhores mais de idade, o pai de Paulinho, outro senhor, Seu Candinho, Seu Ary, Seu Amerquinho, Nelson, esses idosos botavam todos os anos uma festa aqui, mas aí começaram os tiroteios e então acabou tudo.*

Pesquisadora: - *Mas, essas festinhas eram somente no carnaval?*

Dona Elvira: - *Não, não eram no carnaval. Era no São João. Eles botavam todo ano. Esse ano eles tentaram botar uma besteirinha e nem foi para frente... Antigamente, a rua ficava enfeitada dali do início até embaixo do pé de árvore (Praça da Árvore). E as crianças ficavam a noite todinha aí brincando. Aquelas que não aguentavam vinham para casa dormir, mas os pais ficavam. Eu mesma ficava até tarde. Mas esse pessoal animado, metade já morreu. Os pais de Paulinho já morreram que moravam ali. Eles compraram quando abriu esse loteamento aqui pelo velho Leonardo que era o dono das terras do Morro do Alemão. Então todo mundo que morava de aluguel começou a comprar suas casas. Eu nem pude comprar porque eu estava grávida, já no meio de despejar então não pude cumprir minha palavra de comprar a casa. Deu a data para dar o dinheiro, mas meu marido não arranjou o dinheiro. Então tive que mudar para outra casa alugada. A proprietária, Dona Pedrina, era a parteira aqui de cima do morro.*

Pesquisadora: - *E a senhora teve os seus filhos aqui com a parteira?*

Dona Elvira: - *Não todos. Eu tive... (pausa). Acho que quatro com a parteira e os outros no*

hospital. E eu passei mal depois que tive uma das meninas e meu marido teve que me levar para o hospital, antigamente tinha a SAMDU (Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência da década de 50) aqui perto e eu já era freguesa de lá. O médico reclamou com ele sobre o perigo de deixar a mulher ter os filhos com curiosas. O médico disse ao marido que por causa disso, ele traria problemas para a minha saúde. Disse: -“Isso vai derrotar a sua mulher, é perineo, tá com isso, tá com aquilo. Se você tem seu INPS (Instituto Social do Seguro Social) por que não levou ela? Não deixe sua mulher ter filho em casa, na mão de curiosa. É o marido que tem que prestar atenção na mulher”. Ele passou um carão no meu marido. Meu marido falou para ele que eu me tratava, mas tínhamos outros filhos pequenos e que uma filha estava com bronquite e o doutor falou grosso com ele que deixasse a criança em casa e trouxesse a mulher para ter o bebê no hospital, era mais importante.

Pesquisadora: - *Então depois disso a senhora passou a ter bebê no hospital, na SAMDU?*

Dona Elvira: - *Aí depois disso, ele não me deixou ter mais em casa não. Toda vez que a gente estava esperando e passava mal, pegava o cartãozinho e sempre ia lá para o IAPI da Penha. Ele me levava para a SAMDU e eu só ia quando já estava bem perto de nascer, quando já estava nascendo, aí é que eu corria. Quando a derradeira nasceu, a minha mais velha já estava mocinha, aí eu já perdendo água, desci com ela e quando chegou ali perto da creche, ela falou: - “Mãe, não faz xixi aí não! As colegas estão vendo” e eu disse: -Filha, não posso fazer nada. Era chegar lá, ter o bebê e vir para casa. Graças a Deus, tive nove filhos e nunca tive nada grave, só uma febre, mas fiquei logo boa. Muitas coisas boas acabaram! Eu tenho uma filha que mora em Lucas e queria muito estudar mais. Terminou o primeiro grau e queria fazer o segundo grau em enfermagem em Irajá e então mandaram eu ir procurar a deputada Cidinha (Campos) que conseguiu uma bolsa de estudos numa Escola de Enfermagem em Irajá. Lá ela era chamada da “Menina da Cidinha”, mas depois inventou de casar e o marido não permitiu mais que ela estudasse, nem chegou a terminar. Ela já estava fazendo estágio em enfermagem quando abandonou porque o marido não deixou mais ela estudar, nem trabalhar. Hoje, ela dar aulas particulares em casa, é uma explicadora. Tem os alunos dela em casa.*

Pesquisadora: - *Quantos netos a senhora tem?*

Dona Elvira: - *São tantos que perdi a conta. Criei sete netos. Dois da minha filha que mora ali, dois da que mora aqui comigo e criei três da outra filha. Aturei muita coisa no casamento, trabalhei muito para os filhos estudarem, fiz crediários numa papelaria antiga de Ramos para os meus filhos estudarem, depois que o marido foi embora de casa. A filha da minha comadre, aquela que me passou a casa onde vivo hoje, era funcionária da papelaria e*

facilitava a compra de material para as crianças poderem estudar e até para os meus netos.

Pesquisadora: - *Na época das crianças pequenas era difícil alimentar, cuidar? Passavam necessidade?*

Dona Elvira: - *O meu marido não era uma pessoa fácil. Meu filho com onze anos de idade, quando largava a escola, fazia carreto e ia à Grota, comprava sorvete para revender. Trabalhou na oficina de madeira na Rua Diomedes Trota (Ramos) com 15 anos e trazia o dinheirinho para casa para ajudar nas despesas. Ele morreu com 41 anos. Eu sofri muito para criar meus filhos e graças Deus, consegui. Uma das filhas, Lourdes, com 16 anos se perdeu e ficou grávida solteira e o irmão ajudou bastante nessa ocasião. Chamou ela e disse para ela: -“vem para casa e quando tiver o filho você deixa com mamãe e vai trabalhar”. Essa neta já tem quarenta anos, mora em Niterói. E Lourdes depois de tempos teve mais dois filhos, um menino e uma menina. A menina, filha de Lourdes morreu também. Ela tinha diabetes. O menino se criou e está vivo.*

Pesquisadora: - *Então Lourdes teve bebê na adolescência e foi complicado para o seu marido?*

Dona Elvira: - *Sim. Quando ela estava para ganhar neném, eu cheguei e disse a ela que diziam que até quinze anos o pai tinha o direito de dar o documento para ganhar o neném, né? E falaram comigo: - Ela vai ganhar neném aonde? E eu respondi que não sabia ainda. Eu tinha que levar ela para algum canto para ganhar o filho. E então me disseram: - “Mas ela não é de menor? O pai dela tem que dar o direito para ela ganhar”. Quando ela já tava passando mal para ganhar a neném, aí eu falei com ele: -Oh, levanta homem, me dá a sua carteira para eu levar Lourdes e ele respondeu: -“ela vá atrás o macho dela!”. Era muito ignorante, sabe? Manda ela ir atrás do macho dela! Então o irmão, o finado Dorgival, que nessa época, tinha uns 20 anos, ele já trabalhava nessa oficina e disse:- “mãe, leva a minha carteira e leva ela”! Ela teve essa menina porque quem foi o responsável, foi ele, na Maternidade NS da Penha. Vida difícil! Se eu tivesse um marido que me apoiasse em tudo, eu não tinha sofrido não, não vivia nessa casa, não. Eu tinha uma casa boa, eu tinha uma vida boa. Eu não quis nem a pensão dele. Hoje eu só tenho a minha aposentadoria, que o governo me deu.*

Pesquisadora: - *Por que a senhora não pediu também a pensão do seu marido?*

Dona Elvira: - *Porque quando eu fui procurar, não tinha mais o direito.*

Rosemary: - *A aposentadoria da minha mãe foi um benefício que o governo deu para as pessoas com mais de 70 e a pensão do meu pai, ela nunca quis. Acho que ela tinha que fazer opção: ou ficar com a dela ou com a dele. Ela preferiu ficar com a dela.*

Dona Elvira: - *Eu fiquei até com raiva porque quando ele já estava com a idade bem avançada, aí eu mais minha filha, a outra, eu falei para ele: -“Sebastião, me dá seus papéis”. E eu não sabia ler nem escrever, mas eu andava por todo canto. Arranjava uma coisa para um filho, para outro... o que estava precisando, eu arranjava. E então eu pedi para ele os documentos que ia dar entrada no “pé na cova”. E ele ignorante dizia: -“Ah, você está doida que eu morra, né? Para pegar a minha pensão e comer com outro homem!” Aquilo me deu uma raiva e nem peguei o documentos. Falei com a minha filha que não ia mais. Um tempo depois o INSS me mandou uma carta dizendo que eu não podia ter os dois e eu pensei: “Não, deixa ele levar o dinheiro dele como ele!”. Ele gastava o dinheiro com bebida e mulher! Era um safado! E eu trabalhava! Lavava tanta roupa para fora, passava. Um dia de sábado, minhas filhas, já ficando tudo mocinha, ele ainda me deixou. Quando Lourdes teve a menina, ele falou que aqui dentro de casa não vou criar neto! Pois eu arrumei o dinheiro, fui buscar ela na maternidade com o meu filho e no dia em que ela entrou nessa porta com a filha nos braços, de noite, ele pegou um lençol, um toalha, uma peça de roupa e foi embora e disse: -“Nessa casa eu não entro mais!” Eu só olhei para ele e disse que não cuspiasse para cima porque ia cair na cara! Deixou eu, os filhos e o dinheiro que eu tinha era 150 cruzeiros que o meu menino ia receber. Eu chorei e entreguei a Deus. Passaram dois anos, mas sacudi ele na justiça. Rosemary era garota e ia com a caçula, que tem 45 anos, da mesma idade dessa casa aqui, aí eu recebi o salário de cinco. Apanhei tudo e levei na oficina, aí depois disso que já foi se chegando, sabe? O patrão dele era um grandão da polícia, chamou e conversou um monte de coisas com ele. E eu falei para ele: - Olha, o senhor me paga todo mês, o salário das crianças? E ele respondeu que todo mês pagaria. E eu disse ao patrão que ele não me dava nada e eu com essas crianças na escola, fiz até um crediário para essas cinco meninas mulher, todas de menor. Aí ele disse: -“Mas Seu Sebastião, o senhor está fazendo o que com o dinheiro das crianças? Tá botando no banco? E não dá a sua esposa? Pois a partir de hoje o senhor vai dar!” Depois disso o patrão botou ele na oficina do sogro, ele era bom trabalhador. Depois quando ele percebeu que eu iria ficar com o salário das crianças menores, cinco meninas, e até o patrão dele me apoiava, ele começou a tentar se chegar. No outro mês eu já estava recebendo, e ele já querendo se chegar. Um belo dia, ele apareceu pedindo ajuda depois de um acidente de trabalho, uma pedra caiu em cima dele. Chegou em casa, um menino batendo na porta, era umas seis hora da manhã. O meu filho foi atender e o menino falou: -“O teu pai mandou pedir uma camisa e mandou umas roupas para sua mãe lavar e pediu para ela ir na oficina porque ele foi acidentado e ela tem que ir lá. Quando eu cheguei na oficina, ele estava paralisado daqui até em baixo. Foi coluna! Uma pedra caiu*

por cima dele e ele foi tentar segurar. Passou quatro meses assim. Isso foi numa quinta-feira, no sábado ele estava na minha porta e ficou. A minha filha que morreu, não queria que eu aceitasse ele de volta, pelo gosto dela, eu não aceitava ele mais não. Mas o meu filho disse: - “Ele vai ficar! “Ele é nosso pai e marido dela, então ele vai ficar”! Eu disse a ele que ia ficar se tratar e quando tivesse bom, podia ir embora. E ele disse que somente iria embora para o cemitério e foi o que aconteceu, ele só saiu daqui para cemitério. Internou numa terça e na quinta-feira morreu. Ele bebia, tinha cirrose e diabetes. Depois que ele voltou para casa, ele ficou tão bom, voltou para trás. Parou de beber e passou a ficar mais dentro de casa, vendo as filhas ficando moças. Antes ele não queria nem que as filhas namorassem e depois era um homem melhor. O primeiro pagamento dele de aposentado, ele me deu e eu passei na padaria, comprei pão, duas caixas de manteiga, mandei fazer café e dei para os netos: - Comam meninos, o dinheiro do vovô (risos). Eu nunca quis o dinheiro dele, mas então uma das minhas filhas disse que a mãe de uma amiga tinha conseguido se aposentar e eu dei entrada nos documentos e com dois meses também me aposentei através de uma lei criada no governo Lula. Eu tive uma neta, que eu criei, era uma danada e me ajudou a dar entrada na aposentadoria, ela morreu.

Pesquisadora: - *Nenhum dos filhos conseguiu concluir o ensino médio?*

Rosemary: - *Só a minha irmã Conceição.*

Dona Elvira: - *É essa que eu falei com você, que estudou em Irajá, que estava fazendo enfermagem.*

Rosemary: - *Ela terminou na Escola Coronel Assunção.*

Pesquisadora: - *Rosemary, por que você não foi mais a frente e fez o ensino médio?*

Rosemary: - *A gente chegava numa certa idade e tinha que escolher: ou estudar ou trabalhar. O meu pai bebia. Quando ele estava bom, ele dava o dinheiro para minha mãe. Quando ele bebia, ele gastava todo o dinheiro. Então, a gente trabalhava ou estudava. Então parei de estudar com 15 anos e fui trabalhar.*

Dona Elvira: - *Se eles não trabalhassem não tinham uma roupinha para vestir, nem comida para comer. Eu tenho uma filha, Maria do Carmo, que trabalhou em casa de família, pegava às 8h da manhã e 4 horas ia estudar no Externato Pinheiro, com 12/13 anos. A irmã dela já trabalhava na casa da D. Ayde e a sogra dela precisava de uma menina. Penha, a filha que morreu, falou comigo que precisavam de uma menina para ajudar a D. Duva, lavando uma loucinha, fazendo umas coisinhas assim. Eu disse que ela estava estudando e não podia ir para lá. E a pedido da Penha, eu fui falar com eles. Conversei com o Seu Assis que ela pegava na escola às 4h da tarde e saía 8h da noite e eu não queria que ela saísse da escola.*

Mas eles combinaram comigo que dava para ela sair no horário para ir para a escola. A casa era na Rua da Igreja São Geraldo. Ela ia para lá de manhã e 3:30h ia estudar. Três filhos estudaram lá: Maria de Lourdes, Maria do Carmo e o finado Dorgival. Ele saiu da escola por causa da lei que quando fazia 14 anos não podia mais ficar lá. Ele ficou reprovado e não pôde ficar mais, então coloquei ele na Escola Municipal Chile e lá terminou o ginásio. Depois foi trabalhar. Eu criei meus filhos no maior sacrifício aqui. Todo dia eu falo, hoje em dia estão todos aí. Naquela época eu tinha cinco lavagens de roupa e Conceição trabalhava na Citycol. Depois disso ela trabalhou no Seu Teixeira, que era uma lojinha de móveis pequena. Um dia, eu conversando com ele, Seu Teixeira me perguntou se eu não conhecia alguém de confiança para colocar para trabalhar lá. Conceição foi para lá e somente saiu de lá casada. Eu melhorei a minha situação depois que as minhas filhas cresceram todas e começaram a trabalhar e eu botei meu marido na justiça e nunca mais tirei, mesmo quando ele já estava de volta em casa todo engessado. Antes disso, ele não vinha aqui em casa. As meninas traziam as roupas dele para lavar, mas ele não vinha. Quando Maria do Carmo estava fazendo quinze anos, as meninas resolveram fazer um almocinho para ela, quando eu dei fé, o meu filho disse: -“Mãe, oh mãe, o meu pai está ali querendo falar com você”. Ele me disse que precisava dos documentos porque estava acidentado e tinha que levar tudo no hospital, talvez ficasse internado. Meu filho convidou ele para entrar dizendo que a casa ainda era dele. Estava meu genro aqui, e a minha filha Conceição gostava dele demais. Era Deus no céu e ele na terra. Eu tinha uma almofadona, ela pegou e botou ele para se encostar ali. Estava sujo e a filha pediu para ele tirar e trocar por uma limpa que ainda estava aqui. Fez um chá e deu a ele e a minha filha Nina fomos fazer o almoço. Pelo gosto da minha outra filha Penha, ele nunca mais entraria aqui. Eu expliquei para ela que naquela condição eu não podia deixar ele do lado de fora, abandonado. Meu filho falou com ele que poderia ficar para se cuidar, mas quando ficasse bom, poderia procurar outro lugar para ficar. E ele respondeu: -“Eu agora só saio daqui por morte, meu filho”! E foi verdade. Eu falava com ele que no dia em ele morresse eu nem ia chorar mais. Já tinha chorado tudo na vida. Mas ainda sinto falta dele. Foi o meu primeiro namorado. Cinquenta e tantos anos juntos, né? Ele foi um pai ruim. Não deu valor aos filhos, mas os filhos deram valor a ele. Quando ficou internado todas queriam ficar lá com ele. Todo mundo caía em cima dele em cuidados. Elas foram muito boas para ele.

Pesquisadora: - *Rita e você conseguiu concluir o ensino médio? E os cursos oferecidos pelas ONGs aqui no Alemão?*

Rita: - *Hoje, tenho trinta anos, faço faculdade de enfermagem. e muitos cursos que foram*

implantados no passado no aqui no Alemão, não existem mais. No teleférico, hoje há um curso de Jiu Jitsu que é frequentado pelo meu filho Kawan, de 11 anos.

Rosemary: - *Antigamente a CUFA e a ACM (Central Única das Favelas/Associação Cristã de Moços) ajudaram muitas crianças no Alemão. Ofereciam cursos de datilografia, meio ambiente e encaminhamento para o PROJOVEM E FAETEC, onde Rita concluiu o ensino médio.*

Nome: José Antônio Costa

Idade: 57 anos

Data: 22/11/2017

Local: Padaria e Lanchonete Flor do Alemão – Morro do Alemão - RJ

Duração: 35min

Pesquisadora: - *O senhor sempre morou no Morro do Alemão?*

Seu José Antônio: - *Sim. Vim para cá com um mês de nascido. Estou há 57 anos aqui. Quando chegamos, não tinha água, não tinha luz, nem rua! Não tinham caminhos para andar, era só caminho pelo mato. Uma casa longe da outra. De noite, só víamos a luz do candeeiro aceso lá longe, iluminando a trilha.*

Pesquisadora: - *Do que o senhor se lembra da época de criança?*

Seu José Antônio: - *Eu lembro com muita saudade das festas americanas que fazíamos na época de infância e adolescente. Acho ótimo ter crescido no Alemão. Conheci muita gente boa. Inclusive tem um mês que faleceu um coroinha que viu a gente crescer e se criar, o falecido Seu Doca; eu fui criado praticamente na casa dele, chamava de Pai Doca, a esposa dele também era gente finíssima.*

Pesquisadora: - *Quais os motivos que fizeram o senhor ficar no Alemão?*

Seu José Antônio: - *Eu não penso e nunca pensei em sair daqui, só ganhando na mega sena (risos) e então, teria que me adaptar em outro lugar, é outro esquema! Mesmo que ganhasse na loteria, não sairia não. Eu gosto daqui. Criado aqui e acho que não saio mais não. Somos uma família. Sempre ajudei todo mundo e quando vim morar aqui, não tinham tantas casas, então faziam mutirão com os vizinhos e todos juntos carregávamos material para a construção das casas, os caminhos, o esgoto. Teve um coroa que trouxe luz aqui para a gente com outros que até já morreram: Seu Oscar, Seu Olívio, Seu Santos trouxeram luz para as casas ainda bem precárias. As festinhas americanas eram feitas na casa do vizinho, Sr. Nelson, que cedia a casa porque não deixava as filhas (meninas) saírem de casa (risos).*

Pesquisadora: - *De onde a sua família veio e quantos irmãos o senhor tem?*

Seu José Antônio: - *Nós viemos de Minas Gerais. Nós éramos doze filhos. Hoje somos nove, três morreram, uma moça e dois rapazes. Crescemos todos lá na mesma casa que era na Av. Central. A casa que eu moro, reformei, mas eu comprei de uma sobrinha há 12 anos. Eu morava de aluguel e ela me deu essa casinha para eu ir pagando em prestações e então eu aceitei, reformei e já moro há uns 12 anos.*

Pesquisadora: - *Como era a relação dos filhos com os seus pais?*

Seu José Antônio: - *O meu pai era da roça, rígido com os filhos e tínhamos que fazer o que ele queria, pois tinha sido militar, serviu na guerra (Itália) e gostava de tudo certinho. Se fosse nove e noventa e nove não dava certo; tinha que ser um quilo (risos) e ninguém deu para coisa ruim. Todo mundo trabalhador, eram padeiros, confeitiro, funcionários de mercado, pedreiros, motorista, gari, etc. Todos os filhos cresceram com boa índole, ninguém desviou graças a essa educação severa.*

Pesquisadora: - *E na infância, como vocês se divertiam e brincavam aqui no Morro do Alemão?*

Seu José Antônio: - *Na infância, brincávamos com os irmãos e com as crianças da vizinhança de pião, bola de gude, pipa, balão e tenho saudade das festas juninas, onde as mães se reuniam para fazer os remendos nas roupas; e uns compravam milho e outros, batata doce para colocar na fogueira. Faziam bolo de milho, de fubá com refrigerantes e sucos porque as crianças não podiam beber. Nós fazíamos o nosso Arraiá (risos)!*

Pesquisadora: - *E a escola, vocês frequentaram que escola?*

Seu José Antônio: - *A minha primeira escola foi a Escola Municipal João Barbalho, depois, a Escola Municipal Professor Mourão Filho, até a sexta série. Naquele tempo não tinha recurso, tive que parar para ajudar meu pai e minha mãe então, deixei a escola aos 17/18 anos, para trabalhar. Tinha que ajudar nas obras das casas daqui e depois fui trabalhar nas obras fora do Morro, em Bonsucesso, Olaria, Copacabana. Meu pai e o Seu Lula, um paraibano brabo, que me ensinaram a trabalhar com obra. Seu Lula ensinou muita gente a trabalhar em obra. Ele dizia que tínhamos que saber de tudo um pouquinho. Seu Lula se aposentou há uns 10 anos e voltou para o norte, mas deixou muita gente com a sua profissão e trabalhando. Hoje tem muito profissional bom aí que vive disso e aprendeu com ele a ser marceneiro, bombeiro, pedreiro, armador, etc.. Às vezes, ele deixava a gente fazendo uma obra e já ia para outra obra. Antigamente não tinha “embolso”, era estuque e nós ficávamos fazendo o estuque na parede, botava conduíte, parte hidráulica, eu manjo de tudo isso. Hoje, eu faço de tudo na Associação Comunitária já há 20 anos e quebro uma rua, conserto esgoto, faço manutenção das bombas e auxilio as equipes da CEDAE e Light nos consertos.*

Trabalhava nesse serviço, eu e outro rapaz, inclusive ele até operou há pouco tempo e está se recuperando. Muitas vezes, quando ficava difícil de arrumar serviço, cheguei a trabalhar em ônibus e em mercado (Casas da Banha), e nunca mais tive oportunidade de voltar aos estudos. Hoje não tem mais o MOBREAL, se tivesse eu ainda dava uma estudadinha, apesar da idade (risos).

Pesquisadora: - *Que lugares aqui do Alemão o senhor mais se lembra da época da infância.*

Seu José Antônio: - *Aqui no Morro da Baiana, tinha um casarão, onde costumávamos brincar e eu gostava muito de brincar aqui onde hoje é a COMLURB na Estrada do Itararé, porque tinha um balanço, com pneu bem grandão, era muito bom ali. O coroa que tomava conta do espaço dava água para gente e autorizava a gente pegar fruta nos pés e não brigava com a gente. Só não podia bagunçar, mas podia brincar a vontade. Ali para os lados da mangueira assombrada, eu não ia não, meu pai não deixava a gente ir. Aqui era muito bom brincar. Tinha um espaço lá trás chamado Matinha onde brincávamos bastante e já na adolescência, nós íamos lá para namorar e as mães iam lá buscar as filhas de vassoura na mão e eu me escondia ou saía correndo deixava só ela: vai você sozinha (risos)! Peguei a Estrada do Itararé estreitinha onde só passava um carro e não tinha muito movimento. Depois, com os governos Brizola e Marcelo Alencar, as estradas foram alargadas e muitas obras foram feitas no Morro. Era muito difícil para a gente carregar compras, material de construção, água, gás que eram levados do pé até o alto do Morro. Difícil de pegar água, que era conseguida somente no Choppinho (restaurante muito conhecido em Olaria), no Bombeiro (Corpo de Bombeiros em Ramos), no Gás (antigo depósito do Gás Brás em Ramos). Quando se tinha um dinheirinho, pagava para alguém ir buscar e quando não tinha, o jeito era ir buscar nas costas. Agora está tudo mais fácil. Com o passar do tempo, chegou muita gente nova no Morro, muita gente de fora, estranha e assim não existe mais a parceria de antes. Hoje, a gente vai falar sobre uma caixa transbordando, querem brigar, esse pessoal novo quer arrumar briga por tudo. Acabaram com a amizade, acabaram com tudo. Eles chegam querendo mandar e eu vou falando que quando eles chegaram, nós já estávamos aqui, então tem que respeitar. Chegou agora, filho! Depois de um papo aí fica mais tranquilo.*

Pesquisadora: - *E os seus irmãos, fazem o que hoje? E estudaram até que série?*

Seu José Antônio: - *Eu tenho um irmão que tem uma lanchonete lá em cima, tem outro que trabalha de porteiro, tem um motorista, uma irmã está aposentada, mas trabalhou muito tempo como figurante na Rede Globo e outra trabalhou em hotel. Está todo mundo bem, graças a Deus. Ninguém conseguiu ir para a faculdade. As irmãs terminaram o ensino médio porque o meu pai não permitia que elas trabalhassem. Elas ficaram na escola até a segunda*

ordem. Os irmãos tiveram que sair da escola para trabalhar. As escolas noturnas também facilitaram o acesso e assim elas conseguiram terminar. Depois, os governos que vieram acabaram com as escolas noturnas e não teve mais oportunidade para o pessoal da favela, acabaram com tudo! Hoje, é difícil entrar, só tendo uma pessoa que indique. A minha filha estudou e terminou, mas quando ela foi para a Tim Lopes (Colégio Estadual Jornalista Tim Lopes) ela foi através de amigo do Estado que conseguiu uma vaga para ela lá.

Pesquisadora: - *Quantos filhos o senhor tem?*

Seu José Antônio: - *Eu tenho cinco meninas (risos). Tenho 6 netos, não, são 7 netos, quatro netinhos e três netinhas.*

Pesquisadora: - *E sua esposa, trabalha fora de casa?*

Seu José Antônio: - *Não, minha esposa faleceu faz 4 anos. Ela estava internada. Teve problemas de diabetes e complicou. A família dela, a mãe, o pai era toda do norte, sergipanos e por isso ela costumava comer aquelas comidas fortes, pesadas e dizia que não ia parar de comer não, e “vou morrer, mas vou comer o que quiser” e mesmo com o problema ela não queria parar de comer, não. Eu conheci ela aqui no Alemão. Ela também era moradora do Morro, se criou aqui. Era uma daquelas minhas namoradas daqueles tempos, mas que deu certo. Ficamos trinta e três anos de casados. Minha filha mais velha tem 29 anos e mora em Niterói.*

Pesquisadora: - *E como era o seu relacionamento com suas filhas?*

Seu José Antônio: - *Tentei ser como meu pai. Quando criança a gente fugia para brincar e ele saía para bater na gente. Nós saíamos para a Mineira, Matinha, Jaqueira e quando nós voltávamos tarde, ele trabalhava à noite e quando ia trabalhar sem ver a gente, no dia seguinte quando chegava ele pegava a turma. Ele era vigia noturno e se aposentou assim. Durante um tempo foi muito difícil criar as minhas filhas aqui, mas com o passar do tempo, as coisas foram mudando e consegui controlar a situação. Passou a ser tranquilo lidar com todos aqueles problemas que apareceram durante um bom tempo. Tentei dar uma educação rígida para elas. O que eu comprava para uma, comprava para todo mundo ou então, não comprava. A infância delas também foi difícil como a minha. E eu fui o sétimo filho da minha família, não tinham televisão, Sky, nem nada. Lá atrás, era uma dificuldade para ver TV, e na época era aquele aparelho de madeira, de válvula, chamada de “rabo quente” (risos). Aqui no Morro, quem tinha uma daquelas, era considerado rico. Tínhamos que ver na casa do vizinho, pela janela daqueles com condição de ter o aparelho. Aqui no Alemão, a gente só conseguiu comprar muita coisa boa quando o Lula foi presidente. Ele liberou muita coisa. Podem falar o que for, mas se ele voltasse, eu votava nele outra vez! A nossa situação mudou.*

Ninguém é perfeito, né? Mas que ele fez, fez. A gente não podia comprar uma geladeira, um fogão, uma televisão. Agora, a gente chega na loja e escolhe quantas vezes quer parcelar. Hoje, eu tenho duas televisões, no quarto e na sala. A minha filha que mora em cima também tem uma. Tenho freezer e duas geladeiras. Mas antes, não tinha condição de comprar as coisas. Do Lula pra cá, melhorou muito. Podem falar o que quiser dele, mas ele é do lado do pobre. Lula ajudou muito o pobre. Um cara bom! Não éramos reconhecidos nos lugares, nas lojas. Antes nós tínhamos que ter uma pessoa para fazer as compras pra gente, que tivesse comprovantes, contracheques ou uma condição melhor que a nossa. Agora, não precisa nada disso; passo o cartão de vezes. O vendedor só pergunta: “quer parcelar em quantas vezes Seu Zé?”; E pronto. Ontem mesmo, comprei meu material de construção na Av. Suburbana; parelei de quatro vezes. O vendedor perguntou: “de quantas vezes?” Botou o cartão na maquininha e pá, pá, pá. Coloca aí de 4 vezes para ficar suave (risos), e eu comprei 22 m de piso para o banheiro de cima, rejunte, argamassa, paguei o frete que era em dinheiro e pronto. E chegou tudo direitinho, os meninos carregaram e pronto. Agora sim, estamos numa cidade, com água, luz, banco 24hs. Nós tínhamos também a loja do INSS, Correio, Loja de lanches, sobremesa e Loja de sorvete da Kibon no Teleférico e no dia de domingo, nós podíamos ir para lá tomar um sorvete, fazer um lanche, levar a família, mas com roubo do governo, foram tirando tudo isso. Acabou, até o nosso CRAS (Centro de Referência e Assistência Social) desceu, não está mais lá em cima do Morro como antes.

Pesquisadora: - *E o que é o CRAS?*

Seu José Antônio: - *O CRAS é o lugar onde a gente faz o cadastro dos benefícios como a bolsa família, atestado de pobreza, e um monte de coisas. É um Centro Público que ajuda os moradores aqui da favela.*

Pesquisadora: - *Qual a diferença que o senhor vê entre a escola de hoje e a escola da sua época?*

Seu José Antônio: - *As crianças hoje são mais desenvolvidas, né? Antigamente não era assim. Hoje, todas as crianças têm acesso. Tem mais possibilidade de terminar. Antigamente não. Nós íamos lá, tínhamos as brincadeiras, mas tínhamos que sair. Mas as crianças são outras. Antigamente as crianças tinham mais respeito. As professoras eram quase uma mãe para a gente, uma pessoa da nossa família. Hoje as crianças só faltam matar as professoras, agridem. Acabou, né? Quando ela (a professora) fazia aniversário, nós levávamos bolo, salgadinho, refrigerante. Organizávamos festinha surpresa. Levávamos tudo para a secretaria e cantávamos os parabéns para ela. Era como se fosse alguém da nossa família. Eu tinha uma professora no Mourão Filho, chamada Lúcia, que levava a gente para as festas*

na casa dela. O marido dela vinha buscar a gente para as festinhas do dia da criança, páscoa, natal na casa deles. Essa era como se fosse da minha família. Era bom! Nós tínhamos um campo lá em cima no alto da mata e no final de semana, sábado, domingo e feriado, nós fazíamos o nosso futebol lá. Fazíamos tipo um campeonatozinho. Era eu, meus irmãos, seu Caetano, toda a garotada daquela época. Comprávamos rede, bola e ainda tinha a nascente onde nós tomávamos banho. A água era geladinha, muito gostosa e depois de tanta obra, acabaram com tudo. Uma pena! Nessa era do governo Cabral foi aterrada. Eles acabaram com tudo o que era bom! Fui vizinho do Seu Caetano da Kombi e me lembro de como o pai dele me protegia de apanhar quando criança, perdoando as minhas traquinagens. Que infância feliz!

Nome: Carlos Eduardo Ribeiro

Idade: 64 anos

Data: 22/11/2017

Local: Padaria e Lanchonete Flor do Alemão – Morro do Alemão - RJ

Duração: 50min

Pesquisadora: - *O senhor é casado?*

Seu Carlinhos: - *Sou separado e não quero saber de morar com mais ninguém (risos)!/*

Pesquisadora: - *Quantos filhos o senhor tem?*

Seu Carlinhos: - *Tenho um filho registrado (gargalhadas) e vai fazer 30 anos dia 24 de janeiro.*

Pesquisadora: - *Desde que idade o senhor mora no Alemão?*

Seu Carlinhos: - *Desde que nasci. Nasci aqui no Morro do Alemão. Fui retirado da barriga da minha mãe pela parteira.*

Pesquisadora: - *É, eu já ouvi várias histórias das parteiras daqui do Alemão. Como os seus pais vieram parar aqui?*

Seu Carlinhos: - *Meu pai era de Campos e minha mãe era do Piauí. Se encontraram aqui no Rio de Janeiro formaram o casal. Meu pai era defeituoso de uma perna. Teve paralisia infantil com um ano e meio de idade.*

Pesquisadora: - *Qual era a profissão dele?*

Seu Carlinhos: - *Ele fez de tudo um pouco. Era pedreiro, carpinteiro, sapateiro, engraxate. Eu também fui engraxate e trabalhava com ele.*

Pesquisadora: - *O senhor aprendeu o ofício com ele?*

Seu Carlinhos: - *Sim. Pequeno, fui engraxate junto com o meu pai, lá perto da Estação (de*

Trens de Ramos); aprendi com ele. Eu boto sola num sapato, costurada na mão, não é só colada, não. Eu trabalhei de outras coisas. Fui ajudante de pedreiro, pedreiro, transporte; entrei como ajudante e conferente depois motorista de caminhão. Também fui motorista de ônibus. Eu sofri um acidente vascular no ônibus, depois que tinha largado do trabalho. Quando eu cheguei no ponto, comecei a passar mal. Acho que foi um infarto. Foi aí que eu me aposentei. Já tenho 16 anos de aposentado. Isso foi em 2001. Me aposentei como motorista. Mas trabalhei bastante. Meu pai fez um prédio aqui de três andares, eu e ele sozinhos e o PAC derrubou. E eu fiquei no prejuízo porque a minha casinha era humilde, mas não quiseram dar o valor, também um monte de ladrão... A minha casa tinha um quarto 4x4, a sala era 4x4 e a cozinha 5x4, eu fiz em cima, mas o prédio ainda não estava acabado, estava no tijolo ainda. Aí perdi tudo.

Pesquisadora: - *Quantos irmãos o senhor teve?*

Seu Carlinhos: - *Nós fomos em dez, mas só vingaram sete e hoje em dia eu perdi mais um irmão. Todos criados aqui no Alemão. Em 1950, meu pai morava lá em cima do Morro, nasci lá em cima em 1953. Com seis anos de idade, nós descemos mais aqui para baixo, na curva. Dali da minha casa para baixo, não existia mais nenhuma casa. Era só um caminho para a gente passar. Nós abrimos esse caminho para passar.*

Pesquisadora: - *E vocês estudavam aonde?*

Seu Carlinhos: - *Meus irmãos eu não lembro mais onde estudaram. Eu estudei na Escola Municipal Padre Manuel da Nóbrega (Ramos) e depois na Escola Municipal Walt Disney (Ramos) e somente consegui terminar a terceira série e depois abandonei e não estudei mais. Não me interessei em estudar à noite. Estudei até a terceira série, mas é ruim de nego me enganar, hein! Naquele tempo, o estudo era mais rigoroso. Para você terminar o primário tinha que estudar até a oitava série; agora se estuda até a quinta série. Abandonei a escola com quatorze anos porque não me aceitaram durante o dia, queriam que eu fosse para a noite. Ainda tentei fazer o supletivo na Escola Municipal Professor Carneiro Ribeiro (Ramos), mas também desisti e acabei abandonando os estudos de vez.*

Pesquisadora: - *Por que o senhor nunca saiu do Alemão?*

Seu Carlinhos: - *E eu vou sair daqui para que? Chegar em outro lugar, fazer novas amizades? Tive uma época em que eu fui para Araruama, mas não gostei, vendi e voltei para cá. Lá era muito mato e eu não sou bicho para ficar só dentro do mato (risos). Fiz umas amizades lá também, mas prefiro o Alemão, nascido e criado aqui; é onde eu tenho raízes! Meus irmãos não querem vir para cá e estão espalhados por perto. Tem três que moram ali para dentro do Grotão, uma que mora ali no Engenho da Rainha, todos por perto.*

Pesquisadora: - *E o senhor mantém contato com os irmãos?*

Seu Carlinhos: - *Tenho, mas eu não procuro não, só se me procurarem.*

Pesquisadora: - *E netos, o senhor tem?*

Seu Carlinhos: - *Até agora não. O meu filho está lá em casa. Apareceu agora com 30 anos para ficar nas minhas costas. Não procura fazer nada e quer que eu arranje um serviço para ele. Vai ficando aí, de fome não morre. Não quis estudar. Coloquei ele no Colégio Chile (Escola Municipal Chile), mas ele não se interessou, desistiu. Foi embora para o norte e agora voltou.*

Pesquisadora: - *E da sua infância, o que o senhor lembra?*

Seu Carlinhos: - *Na minha infância eu gostava muito de estar agarrado nos porcos dentro do mato. Agarrava na orelha e saía por dentro dos matos, cortando as costelas no capim navalha. Meu pai tinha uma criação de cabras e a gente todo dia de tarde tinha que ir atrás delas. Ele tinha muitas. Tinha uma cabra que meu pai gostava tanto que quando o carro matou atropelada, aqui embaixo, a Mimosa, meu pai chorou. Isso aqui melhorou muito. A Av. Central era apenas um caminho onde só passava um carro. Aquele Castelo (um casarão no Morro da Baiana) vinha cá no meio da rua e foi destruído junto com a pedreira (parte dela anda existe ao longo da Estrada) que foi cortada para o alargamento da atual Estrada do Itararé.*

Pesquisadora: - *O que se costumava fazer para se divertir, além de estar no mato com bichos?*

Seu Carlinhos: - *Na época não tinha televisão e na década de 70 que apareceu a primeira televisão, mas para ver colorida, tinha que colar um plástico na tela com várias cores, azul, amarelo, vermelho (risos), a gente ia para a casa do vizinho porque meu pai não podia comprar. A gente aproveitava para fazer sacanagem com os outros no meio da rua de noite: fazia aquelas cobrinhas com pano preto e aí botava lá do outro lado da rua assim, botava no poste e puxava daqui, assustando o pessoal que passava na rua. Um cara quebrou até um guarda-chuva no chão. Pintava e bordava nesse Morro. Tudo no escuro, não tinha luz. Era só a luz da lua.*

Pesquisadora: - *Quando o senhor saiu da escola com quatorze anos já começou a trabalhar?*

Seu Carlinhos: - *Eu ia para feira fazer carreto, tinha um carrinho de feira e trazia o dinheirinho para ajudar a minha mãe. Menino ainda, eu adorava andar de patinete, descia esse morro despinguelado, eu era da pá virada. Gostava de bola de gude, pião, só não gostava de correr atrás de pipa nem balão. Nunca gostei de pipa, andar com os meus dedos cortados do cerol que nem os garotos andavam na época, Deus me defenda! Desde a vez em*

que eu fui correr atrás de um balão e quase perdi meu pé, falei, é ruim de entrar no mato correndo. Pisei num gargalo de garrafa quebrada, só senti aquele troço gelado, quando eu saí do outro lado, era muito sangue. Já quebrei a cara, quando caí no trilho do trem. Aqui a marca, oh! Bati com a cara no ferro e quando saí do outro lado, isso aqui parecia uma janela aberta. Isso foi na travessia da linha férrea, que tinha ali embaixo para a gente atravessar para o outro lado da Estação. E tinham aqueles ferros para você passar, chovia e caiu um pingo de água no meu olho e eu fechei os olhos, mas ouvi a buzina do trem, saí correndo e esqueci que tinha aquela passagem de nível, de ferro. Bati e caí do outro lado. Levei quatro pontos à frio aqui no rosto. Já caí de amendoeira e também do andaime durante a obra de construção lá de casa, desci com o andaime, massa, tijolo. O andaime desmanchou comigo em cima, de uma altura de 4,5 metros, quando as madeiras se quebraram e me desequilibrei e caí de toda aquela altura. Nossa! Tá um calor da bexiga (risos)! Olha como o meu braço está descamando! Estou com esse problema de pele e está se espalhando para o corpo todo. Isso coça e no sol coça mais ainda. Não consigo marcar um médico nos ambulatórios públicos. Fui num postinho e o médico de lá me disse eu era má circulação. Foi na dermatologista e ela mandou fazer uma biópsia. Já estou com o papel há três meses e não consigo marcar. Vou morrer e não vai sair essa biópsia! Até o remédio é ruim de conseguir. Me tratei dez anos no PAM (Posto de Assistência Médica) de Del Castilho. Ia lá na farmácia e pegava o remédio para seis meses. Agora é essa Clínica da Família que não resolve nada. Sou diabético e hipertenso e não encontro os remédios para controle dessas doenças. Fico muito triste com isso, com a falência desse sistema de saúde. Fico sem esperança de ver a minha saúde melhorar!

Pesquisadora: - *Voltando à sua infância, me conta sobre o casarão que o senhor começou, mas não seguiu com a história.*

Seu Carlinhos: - *O casarão era ali. Tinha a estrutura no meio e a varanda dos dois lados e a gente via um velho de cabeça branca que ficava olhando a gente brincar. Nem sei se era um fantasma, mas eu via ele toda hora. A gente passava por ali para zoar os moleques com as pipas e também para caçar camaleão. Eu passava o dia quase todo lá em cima do Morro, e esse também era o caminho para ir para a escola. E ainda tem aquele caminho até hoje. Tinha pé de coqueiro e eucalipto. À noite, escutava gemidos e vi muita coisa quando passava por lá para ir para a escola. Já vi assombração ali na bica perto da mangueira. Quando eu estudava à noite, saía da escola e ficava de bobeira depois das 10h e então, e lá pelas 11h da noite, eu passei e tinha uma mangueira aqui e a bica era debaixo dessa mangueira e eu vi uma senhora lavando roupa, quase de madrugada. Pensei: - isso é lá hora de alguém lavar*

roupa? Estranhei e quando olhei de novo, tinha sumido.

Pesquisadora: - *Mas será que isso não era o seu medo, não?*

Seu Carlinhos: - *Não! Eu nunca tive medo de nada. Já até tentaram me matar e não conseguiram. Eu fui perguntar para um cara o que estava acontecendo e ele deu um tiro no meu joelho, mas com a graça do Senhor, não pegou. Se pega, hoje eu estava aleijado. Depois disso, fui numa curimba de uma colega e ela disse que eu fui salvo. Eu não tinha falado nada para ela. Fui lá só tomar uma consulta. Aí o santo que encostou nela, disse que eu fui salvo, não morri por causa de um pedaço de papel. Eu ando até o hoje com ele no bolso, quer dizer, com aquele não, já troquei, botei outro. O salmo 91, eu peguei uma folhinha que tinha esse dizer, e não sai mais daqui. Tá na minha carteira desde 2012. Esse aqui é o meu filho com dez anos. Essa é a foto do Paulo, que ultimamente só tá me fazendo raiva. A mãe dele quando foi embora eu estava assim como nessa foto, fique mal, bem magro. De 90 e poucos quilos passei para 60. Sofri com a separação do meu filho que ela levou. Paulo foi separado de mim quando tinha cinco. O garoto andava para cima e para baixo comigo, pô! Ele ficou vinte e poucos anos longe e mim. Ela ainda é viva, deve ter uns quarenta e poucos anos, ainda é nova e mora lá no norte, no Boqueirão, na Paraíba. Ela levou ele e quando o moleque começou a fazer besteira ela mandou ele de volta para eu tomar uma atitude. Foi difícil porque para mim, ele era um estranho. Hoje ele só está me fazendo raiva.*

Pesquisadora: - *E como era a sua vida em família, com seus pais e irmãos?*

Seu Carlinhos: - *Eu era muito levado e brigava na rua. Quando eu tinha uns treze anos, um moleque mexeu comigo e se escondeu atrás de uma cerca de madeira e ficou me olhando pela brecha. Eu joguei uma pedra que quase deixei o garoto cego. Pegou bem perto do olho, assim. Depois meti o pé para casa. E então chegou uma mulher arrastando o garoto com a cara cheia de sangue, falando: “Olha o que o seu filho fez no meu!”. O pai olhou e falou: - “Eu não vou bater no meu filho por causa do seu, não! Quando ele chega arrebitado aqui em casa, eu acabo de arrebitar ele para não chegar em casa com a cara quebrada”. Meu pai comprou o meu barulho (risos). Eu sou daquela época que se os pais estivessem com visita em casa, a gente não podia nem aparecer na sala. Uma vez, coloquei a cara assim na sala para ver quem tinha chegado, ele só me olhou. Depois que a visita foi embora, ele me chamou e disse: “agora a gente vai conversar”. Meu pai me batia sentado, eu correndo para lá e para cá, e ele me batendo só nas pernas. Eu já quebrei a cabeça da minha irmã, quando estávamos construindo a casa. Eu tinha uns seis anos e não tinha força. Fomos para o barranco, para derrubar o barranco. Eu estava sempre lá no meio. Eu levantei o enxadão para bater no barranco, minha irmã passou em baixo e eu não tive forças para segurar no*

alto. Ela caiu durinha, acertou no meio da cabeça e foi um sangueiro. Depois, ela ficou bem. Com medo, eu fugi e fiquei três dias na rua, com seis anos de idade, perambulando pelos becos. Mas a fome falou mais alto e eu voltei para casa e me escondi debaixo da cama. Meu pai me pegou, me arrastou e me bateu muito. Apesar de tudo e da educação rígida do meu pai, eu adorava aquela infância. Pegava carona no caminhão e empurrava os moleques lá de cima, era só me fazer raiva. Tinha dois colegas que ainda hoje a gente se fala e ali, aonde tem aquele espaço, era aberto e lá em cima tinha uma lixeira e um dia nós estávamos jogando bola de gude e os meninos eram gêmeos e eu magrinho, comi os dois na porrada e os irmãos mais velhos vieram atrás de mim. Eu descii o morro por aqui, despinguelado por dentro do lixo e eles não me pegaram.

Pesquisadora: - *Mas o que aconteceu no dia seguinte?*

Seu Carlinhos: - *No dia seguinte, estava tudo normal. Não era como hoje em dia que você faz um negócio com alguém e ele fica te caçando. Passou. Não foi naquela hora, acabou.*

Pesquisadora: - *O seu pai era rígido com todos os filhos?*

Seu Carlinhos: - *Sim. Numa época, quase ele decepou a mão do meu falecido irmão. Só porque ele viu o meu irmão passando a mão na minha bunda e perguntou: “Teu irmão é viado”? E era somente brincadeira. Antigamente vendiam banha de um quilo no mercado e vinha num caixote que trazíamos para casa para fazer lenha para o fogão que ficava nos fundos da casa para esquentar água para tomar banho e fazer feijão. Pois ele pegou uma ripa daquelas e quando foi bater no meu irmão ele colocou a mão na frente e acertou na quina, abrindo a mão. Ele levou uns seis pontos de cada lado. Meu pai não escolhia lugar para bater, não. Ele também deu uma coça de fio de tomada de ferro na minha irmã e depois mandou minha mãe dar banho nela de água de sal grosso. Toda lanhada, a gente olhava e só via aquele vergão. Lembra daquelas tomadas que enfiava no ferro de antigamente? E lá em casa também tinha um ferro à carvão! Um cheiro de brasa de carvão, pesado e a minha mãe, só lá. Minha mãe sofreu nesse morro. Descia para lavar roupa ali na Grota, no Gás e depois de seca trazia só para passar, as nossas roupas e também para fora. Lavava as roupas do pessoal da mercearia. A gente ia perto Estação de Ramos, onde tinha uma mercearia, uma quitanda, um açougue e domingo meu pai mandava a gente pegar a sobra de carne, toucinho e eu peguei muita batata estragada na mercearia. Minha mãe tirava a parte estragada e fazia comida pra gente o mês todo. E na quitanda que fechava meio dia no domingo, o homem mandava a gente levar as frutas, sobras e que iam para o lixo. Era resto de banana, goiaba, figo, e minha mãe fazia doce e do tomate, fazia massa. A gente foi tratado assim. Minha mãe colocava o torresmo no feijão e era muito bom. Já comeu broa de milho no bafo da panela?*

A que minha mãe fazia a gente comia de mão e passava a manhã toda na rua, sem sentir fome. Ela fazia assim: pegava a bacia, enchia de fubá, sal, água e deixava descansar, depois que secava, fazia o bolinho e botava no bafo. Naquele tempo não existia cuscuzeira. Hoje é tudo feito com milho. Ela tinha um jeito de fazer as comidas que era ótimo. Era uma cozinheira de mão cheia! Todo dia tinha sopa dentro de casa. Com as carnes e legumes, ela fazia sopa. Eu era muito olho grande e sempre pedia mais, não se lembrando dos outros. Então um dia quase ela me matou com um castigo. Ela trouxe a sopa quente, pegando fogo e me obrigou a tomar uma leiteira de dois litros de sopa. Nunca mais fui olho grande outra vez. Ela botava o meu prato, eu comia e quando ela perguntava: quer mais? Eu dizia: Não, senhora! (risos).

Pesquisadora: - *Ela também era rígida como o seu pai?*

Seu Carlinhos: - *Não. Eu já com os meus dezoito anos, meu pai me botava para fora de casa e minha mãe sempre ia atrás me buscar. Ela somente ameaçava: “Quando eu pegar vocês... Eu nunca levei uma tapa da minha mãe em compensação o meu pai batia demais. Era cada pescoço para perder o rumo. Ali, onde hoje é a Casa & Vídeo, funcionava uma padaria, boa, grande, muito bonita e tinha uma carrocinha que vendia leite na porta da padaria. Se lembra daquela garrafinha redondinha de leite Vigor da época? Então, eu com os meus irmãos descíamos o Morro e vínhamos encher três, quatro garrafinhas de vidro e o cara botava embaixo da torneirinha e enchia, e o meu pai, sempre rígido, ameaçava: “Vou cuspir no chão, se chegar e tiver seco, Deus me defenda”! Avisando que era para ir rápido e voltar. A gente tinha a mania de sair para comprar as coisas e ficava conversando, de conversa fiada. Eu falava para os moleques: não, não, não posso parar não. Às vezes, saía de casa falando o que tinha de comprar: comprar chave de fenda, comprar chave de fenda, comprar chave de fenda e numa distração, esquecia o que tinha de comprar quando chegava na loja (risos). Como esquecia as tarefas que tinha que cumprir por ordem do meu pai, eu passei até a escrever num papel para não dar problema. Eu sempre ajudei meu pai na obra em casa. Descia para dentro da vala, catando pedra e areia, cavei barranco e até fechava os buracos que tinham nos caminhos recém abertos dentro do Morro, naquela época. Sofri bastante mas tenho muita saudade da minha infância.*

Nome: **Deolinda Machado**

Idade: 83 anos

Data: 28/05/2018

Local: Residência da entrevistada – Morro do Alemão - RJ

Duração: 40min

Pesquisadora: - *Há quantos anos a senhora mora do Morro do Alemão?*

D. Dedé: - *Eu moro aqui há 67 anos, minha filha mais velha já tirou até o cartão de idosa. Vim para o Alemão com 15, quase 16 anos; me casei muito nova. Mas o peste já morreu cheio de cachaça, que se lasque ele, que se dane para lá! Olha ele ali, mulher, no retrato! Ele mais eu! Olha ele ali bonito, olha o bigode! (Apontando para um retrato já desbotado pendurado na parede da sala) - Isso me botava para correr, menina, quando eu trabalhava nas Casas da Banha (grande rede de Supermercado no Rio de Janeiro de 1955 a 1999), onde me aposentei. Antes de ser Casas da Banha, era Mercearias Nacionais, não sei se você se lembra, e nessa época, eu querendo entrar para dormir e esse homem não me deixava, com uma faca na mão e meus filhos todos chorando e aí eu descia para dormir na casa de vizinhos ali para baixo. Ele gritava: “Vou segurar no seu caixão, miserável!” e eu dizia, vai nada, eu é que vou segurar no seu, peste! (Gargalhadas).*

Pesquisadora: - *E a senhora veio de qual região do país?*

D. Dedé: - *Eu vim de Maceió, eu sou alagoana.*

Pesquisadora: - *E a senhora veio sozinha para o Rio ou com seus pais?*

D. Dedé: - *Menina, eu casei por procuração. Meu marido já estava aqui. Esse negócio de casamento por procuração é tudo a mesma coisa. Eu tenho a minha certidão de casamento tudo direitinho, com o nome do meu marido. Eu vim para o Rio de navio porque meu tio trabalhava na Marinha do Brasil, aí me trouxe. Veio fazer uma entrega aqui no Rio e me trouxe. Viajei oito dias, mocinha, mocinha, virgem ainda, com 15 anos. Meu marido já no Rio morava em Olaria. Ele nessa época já estava trabalhando na Light (Empresa de Serviço de Eletricidade-RJ), também veio de Maceió. Se fosse vivo teria 93 anos! Eu sou de 1935 e ele de 1925, ele era mais velho que eu dez anos e morreu com 68 anos.*

Pesquisadora: - *E quando a senhora chegou veio morar aqui nessa casa?*

D. Dedé: - *Não, fui direto para um barraco em Olaria e aí de lá, arrumamos isso aqui que era um grande terreno, com um barraquinho bem aqui.*

Pesquisadora: - *E vocês compraram o terreno do Sr. Leonard, o Alemão?*

D. Dedé: - *Nada, a gente alugou de outro, um barraquinho aqui. O quintal era muito grande!! De quatro em quatro anos em vou ao Norte, ver minha família. Minha mãe faleceu e eu nem pude ir ao enterro, foi tudo assim, às pressas. Meu pai também faleceu lá. Eu tenho irmãs, muitos sobrinhos que conversam comigo pelo zap. Eu não passei a infância aqui. Eu criei os meus filhos aqui.*

Pesquisadora: - *Até que série a senhora estudou?*

D. Dedé: - *Estudei até a sétima série lá em Maceió. E depois do casamento, constitui família e não pude mais estudar. Estudei no Grupo Escolar Silvestre Péricles, dentro de Maceió.*

Pesquisadora: - *Quantos filhos a senhora teve?*

D. Dedé: - *Tive seis filhos, mas só me restam três vivos. Morreram jovens, somente um que morreu há pouco. Em fevereiro fez um ano, tenho até o retrato dele para te mostrar.*

Pesquisadora: - *Eu gostaria de ver as suas fotos, principalmente as antigas com as crianças. Vou marcar um dia com a senhora para ver todas essas fotos.*

D. Dedé: - *Depois te mostro as fotos do casamento deles que está tudo aí, com todos os filhos, os netos, os bisnetos, todos.*

Pesquisadora: - *Quais as vantagens que a senhora vê em morar no Alemão?*

D. Dedé: - *Eu gosto de morar aqui. Já pensei em me mudar porque não aguento mais essas escadas para subir e chegar até aqui. São muitas escadas no morro. Já estou acostumada nesses anos todos. Pessoal todo já me conhece, né? Só essa escadaria é que é horrível. A rua em que estou é muito boa, eu adoro a Rua do 2. Quando eu cheguei aqui, era tudo mato. Não tinham essas casas, não, menina! Eu criava porco aqui atrás, criei muito porco, corria atrás dos porcos e ainda ia buscar mongonga (vasilha, recipiente) na cabeça, carregando água, com o maior barrigão, era um sofrimento, mulher!*

Pesquisadora: - *E as suas crianças nasceram aqui no Alemão?*

D. Dedé: - *Eu nunca fui ao hospital! Nem sei o gosto de ter no hospital, ganhei tudo em casa menos uma. Tive com a comadre Pedrina, já falecida. Foi ela que aparou esses filhos todos. Teve uma, a Sueli, que na hora, meu marido foi buscar a comadre e quando ela chegou aqui, chamou o meu marido na cozinha e disse que não estava conseguindo porque a criança estava em pé e então fomos todos para o hospital. Ela foi comigo e meu marido. Então só essa é que foi no hospital. Mas a criança morreu de um tombo, quando precisei ir à feira e deixei com uma vizinha. Ela levou um tombo, bateu com a cabeça e deu meningite.*

Pesquisadora: - *Então essa não é a filha especial que mora com a senhora? Como foi que essa filha ficou assim? A senhora me disse que ela nasceu perfeita.*

D. Dedé: - *Ela nasceu perfeita. Tem segundo grau e tudo. Ficou doente de repente, depois que o meu marido morreu. Ele brigava muito comigo, ela se atracava com ele, batia nele e era um inferno. Ela fugia de casa, arranhou cinco filhos e eu é que criei todos. Todos eles me chamam de mãe e não de vó. Hoje tenho 11 netos, 12 bisnetos e 4 tataranetos. Todos moram por aqui. O meu filho nem vem saber se eu estou viva ou morta e se o caixão já saiu, mas os netos me encontram na rua e é um tal de “a benção vó”, chega me dá até ódio (risos).*

Pesquisadora: - *Então me conta como era a infância dos seus filhos lá no passado.*

D. Dedé: - *Oh, meu Deus! Todos criados aqui nessa casa. Matriculei todos naquela escola pública, perto do Banco do Brasil, na Rua da Imperatriz, a EM Professor Carneiro Ribeiro, eu dormia lá para arrumar vagas para eles. Vinha para casa para arrumar a comida, a marmitta do infeliz, assim ele ia trabalhar e me deixava em paz (gargalhadas).*

Pesquisadora: - *Seu marido trabalhava em que?*

D. Dedé: - *Bombeiro hidráulico. Trabalhou esses anos todos e só saiu para se aposentar e aí foi pior e o meu sofrimento. Chegava bêbado e eu via a hora dele me dá cacetada e eu querendo fazer a casa. Foi aí que não aguentei e fui para Olaria, morar com outra pessoa. Era uma vida dura! Depois disso, arrumei uma internação para ele com um pessoal lá da SAMDU (Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência da década de 50), que tiveram pena de mim Tudo isso por causa da bebida. Era muito sofrimento. Por fim, ele morreu na Estrada do Quitungo num hospital que tinha ali, o Santo Antônio. E eu, mesmo trabalhando, ia lá para visitar ele. Ele morreu, mulher, há 25anos e depois disso melhorou um pouco a vida. Só vim me levantar depois que esse homem morreu, sinceramente! Porque com ele eu não vivia não, eu vegetava. Às vezes, me agredia aqui dentro de casa. Não me deixava sair e ia atrás de mim dentro da Imperatriz (Escola de Samba) e as amigas me escondiam, avisando “lá vem ele ali com uma garrafa de cachaça e uma faca na mão!” Ah, colega, era um sofrimento. As meninas diziam: “agora ele já foi; Dedé, ele já foi”. E eu saía do meio das baianas, assim. Que marido é esse! Brincadeira isso? As colegas me levavam para dormir nas casas delas. Quando eu me lembro, olha, olha... nem um móvel eu tinha para dormir.*

Pesquisadora: - *E as crianças, ficavam com quem?*

D. Dedé: - *Eles ficavam todos dentro de casa, já eram crescidinhos, né? Um tomava conta do outro. Diziam: “Mãe não suba não, que meu pai está com a faca querendo matar a senhora!! Aí de lá mesmo, me agarrava com a bolsa a caçar uma dormida!*

Pesquisadora: - *E as crianças todas estudavam na Escola da Rua da Imperatriz?*

D. Dedé: - *Sim! Como era mesmo o nome daquele colégio na Rua da Imperatriz, hein? (Ela perguntou para um vizinho que estava sentado na varanda da casa). Ali, perto do Banco do Brasil, até hoje tem aquele colégio e eu dormia ali para matricular eles.*

Pesquisadora: - *E eles estudaram até que idade? Até que série?*

D. Dedé: - *Aquela ali se formou; (apontando para o retrato dos três filhos vivos, pendurado na parede da sala), a Jurema, ela se formou. A neta também se formou.*

Pesquisadora: - *Os filhos, primeiro. Os filhos fizeram até que série?*

D. Dedé: - *Os filhos foram até a nona série e depois tiveram que sair para arrumar trabalho*

porque o marido não dava nada em casa para gente comer. Tiveram que sair para caçar emprego para arrumar alguma coisa para gente comer, senão não tínhamos.

Pesquisadora: - *Então, nenhum deles conseguiu fazer o ensino médio?*

D. Dedé: - *Não, não. Eu não podia pagar, mulher. E nem na pública, eles conseguiram.*

Pesquisadora: - *Os netos se formaram?*

D. Dedé: - *Tenho uma neta já formada! Acho que foi administração. Nascida e criada aqui no Alemão. Um dos meus netos, o que morreu de câncer, era sargento do 24 BIB do exército (Batalhão de Infantaria Blindado do Exército). Deixou um casal de filhos lindos. O menino já fez quinze anos e moram em Parada de Lucas, depois que o meu neto casou, foi morar lá. Eles falam comigo pelo zap. As netas, de vez em quando, estão ligando para mim: “Vó, você está bem? Vamos aí à sua casa”. Olha os meus troféus que ganhei pela Unidos da Tijuca (escola de samba - apontando com orgulho para a estante da sala)! Naquela época era mais fácil para sair e voltar dos ensaios, mas hoje não tem mais isso. Hoje, eu saio mais cedo, com meu dinheiro certo no bolso, pego o taxi e bora para a Unidos da Tijuca.*

Pesquisadora: - *E senhora é aposentada?*

D. Dedé: - *Sou aposentada. Trabalhei em muitos lugares: nas Casas da Banha, Fábrica de Bolsa, Banco Central fazendo faxina, isso tudo eu trabalhei para chegar o meu tempo para aposentar, né? Isso tudo na luta. Comecei a trabalhar logo cedo. Meu marido não trazia nada, bebia todas e eu precisava trazer o sustento da família. Também tenho a pensão do meu marido, era o certo, pois era casada com ele. Todos depois foram casando e fiquei aqui sozinha com a minha filha doente.*

Pesquisadora: - *E como as crianças se divertiam aqui, brincavam nessa casa, quando pequenos?*

D. Dedé: - *Eles brincavam aqui com pique, jogava bola, brincava de bola de gude.*

Pesquisadora: - *E naquela época não existiam outras atividades aqui no alto do morro para as crianças ou cursos como os oferecidos hoje pelas ONGs, SENAI, SENAC, etc.?*

D. Dedé: - *O meu neto, sim. Esse que morreu, uma coisa horrível, no dia da minha festa de 80 anos. Olha só as fotos da festa! (Apontando para as fotos do álbum da Festa dos seus 80 anos). Olha os meus netos e bisneto, como são lindos! Esse é o meu neto que está doente, deu derrame no braço e te falei que fui visitar. Essa é minha neta, uma das filhas da minha filha doente, que eu também não sei quem é o pai. Essa aqui é minha amiga da velha guarda, dançando mais eu no salão! Esses são vizinhos aqui do morro!*

Pesquisadora: - *Nossa! Que bonito seu vestido, elegantíssimo!*

D. Dedé: - *Tive que alugar. Nem sujei para poder entregar. A gente vai comprar essas coisas*

nada; eu hein! Essa é daqui do morro, dali de cima. Essa aqui já é bisneta! Essas são as netas! Essa já é neta da minha filha doente. Aqui a minha filha dançando com a minha presidente (da Escola de Samba). Esse aqui é outro filho dela, me chama de mãe e mora lá na Rua Central, Caetano conhece ele. Essa aqui é vizinha. Essa aqui é a turma da Tijuca. Esse aqui é o meu genro, marido da minha filha. Era muita gente! O espaço era grande. Esse é o meu caçula e essa é a esposa dele. Os netos estão todos aqui. Olha o que o presidente da Unidos da Tijuca me mandou de presente,(mostrando uma placa comemorativa).

Pesquisadora: - *D. Dedé, o que as meninas faziam para se divertir, para brincar? As meninas perto do Seu Betinho me falaram das festinhas que eram feitas lá na praça da árvore. Vocês faziam festinhas aqui também.*

D. Dedé: - *Minhas filhas, elas brincavam ali no pé de goiaba, de corda, de boneca, mas aqui não tinha espaço para festa só lá para os lados da Central (Rua Central) então eu levava elas lá para baixo para ver as festas lá. Eu sempre ia para as festinhas juninas e as outras que aconteciam lá em cima na Praça da Árvore. Puxa, lutei para criar esses filhos. Tinha dia que não tínhamos o que comer! Nós sofríamos muito até esse homem (marido) morrer. Lutei para criar esses filhos e os filhos dessa que arrumou filho na rua, sem saber quem eram os pais e eu para baixo e para cima para resolver coisas no juiz.*

Pesquisadora: - *Quantos anos ela tinha quando engravidou? A primeira gravidez?*

D. Dedé: - *Ela era solteira, nunca casou. Ela teve seis filhos. Eu criei cinco e um, eu descobri quem era o pai, lá em Pavuna, fui lá entreguei para ele criar. Hoje já é um rapagão, de vez em quando ele vem aqui e eu digo para ela: - Sandra, olha o teu filho aí e ela disse: - “filho? E eu reconheço essa peste, nada”. Foi assim que ela respondeu para o menino. Assim é como trata os filhos. Ela não gosta dos filhos não. Imagina só o sofrimento... (emoção).*

Pesquisadora: - *A senhora mal sabia quem eram os pais das crianças? A senhora sabe o que houve com ela para ficar assim já adolescente? Ela engravidou depois que apresentou os problemas mentais?*

D. Dedé: - *Ela tinha uns quinze anos quando fugia de casa, eu no trabalho e ela já desorientada e nunca soube dizer quem eram os pais dos filhos. Quando nasceu a caçula dela, o juiz me mandou levar ela para aquele hospital rosa lá perto da apoteose no Centro e foi lá que operaram ela, senão estava a casa cheia de menino aí. Ela ia fazer quinze ainda quando teve o primeiro filho. Eu nunca soube de fato o que aconteceu com ela para ficar com esses problemas mentais, desorientada.*

Pesquisadora: - *Seus netos abandonaram a escola ou conseguiram terminar o ensino médio?*

D. Dedé: - *Tenho 12 netos, 11 bisnetos e 4 tataranetos. Os meus netos estudaram mais que os*

filhos. Todos terminaram o ensino médio, mas alguns vivem com dificuldade hoje. Eu sempre tento ajudar um ou outro com feijão, arroz e o que posso.

Pesquisadora: - *Que lugar aqui do Alemão que a senhora tinha mais carinho, mais afetividade lá do passado, da época que a senhora chegou ao Morro?*

D. Dedé: - *Aqui todos os lugares eram bons. Hoje eu gostaria de arranjar uma casinha lá em baixo, vontade não me falta porque não aguento mais subir essa escadaria. Eu subo de moto ou na Kombi (risos).*

Pesquisadora: - *Algum filho estudou em escola particular?*

D. Dedé: - *Não. Eu nunca tive condição. Um bisneto estuda em escola particular. Quem paga é o pai.*

Nome: Nilda Nascimento

Idade: 60 anos

Data: 30/05/2018

Local: Padaria e Lanchonete Flor do Alemão – Morro do Alemão - RJ

Duração: 15min

Pesquisadora: - *D. Nilda, quantos anos a senhora tem?*

D. Nilda: - *60 anos.*

Pesquisadora: - *E há quanto tempo a senhora mora no Morro do Alemão?*

D. Nilda: - *60 anos, nasci aqui. Nasci na Associação (do Bairro)*

Pesquisadora: - *Quantos filhos a senhora teve?*

D. Nilda: - *Eu tive três filhas*

Pesquisadora: - *E todas moram no Alemão?*

D. Nilda: - *Não, mas todas nasceram no Morro do Alemão.*

Pesquisadora: - *Nasceram com a parteira?*

D. Nilda: - *(Risos) Uma nasceu no Hospital Getúlio Vargas, as outras, no Hospital Fernando Magalhães, nenhuma de parteira. Todas cesárias.*

Pesquisadora: - *Mas hoje elas não moram mais no Morro do Alemão?*

D. Nilda: - *Não, hoje elas não moram mais aqui, mas todas foram criadas aqui.*

Pesquisadora: - *Quais são as vantagens que a senhora vê em se morar no morro do Alemão?*

D. Nilda: - *Olha, eu gosto de tudo daqui, moça, tudo, tudo, tudo. Não tenho do que reclamar do meu Morro!*

Pesquisadora: - *Foi esse clima que fez a senhora e sua família permanecerem no Alemão ou foi outro motivo?*

D. Nilda: - *Eu sempre gostei daqui. Minha mãe me criou aqui, me casei aqui e quis criar minha família aqui.*

Pesquisadora: - *O que as suas crianças faziam aqui para se divertirem?*

D. Nilda: - *Elas brincavam, estudavam iguais a qualquer outra. Brincavam muito de pique esconde, pulava corda, amarelinha, jogava bola nos espaços da favela. Era uma vida muito tranquila naquela época. Hoje acabou a tranquilidade e as crianças não podem mais fazer isso como antes*

Pesquisadora: - *E elas estudaram aonde?*

D. Nilda: - *Elas estudaram na Escola Carneiro Ribeiro (Escola Municipal Prof. Carneiro Ribeiro) na Rua Prof. Lacê em Ramos e terminaram o ensino fundamental. Do Jardim até a oitava série.*

Pesquisadora: - *E elas fizeram o ensino médio?*

D. Nilda: - *O segundo grau elas fizeram à noite. São formadas. Menos a caçula porque ela tem um problema de disritmia e não conseguiu continuar, parou na terceira série.*

Pesquisadora: - *Nenhuma delas fez faculdade?*

D. Nilda: - *Não. Nenhuma delas fez faculdade.*

Pesquisadora: - *E senhora, trabalha?*

D. Nilda: - *Não hoje, não. Sou aposentada e trabalhei com serviços gerais e assim me aposentei.*

Pesquisadora: - *Como era o Morro do Alemão na sua infância?*

D. Nilda: - *O Alemão era ótimo. Sem tanta violência como se vê hoje, a gente tinha uma infância boa, com dificuldade, mas boa.*

Pesquisadora: - *A senhora frequentou a escola?*

D. Nilda: - *Só até a sétima série. Depois tive que trabalhar para ajudar em casa.*

Pesquisadora: - *O que a senhora e as crianças da sua época faziam para se divertir?*

D. Nilda: - *As brincadeira de sempre. Muito mato e poucas casas, então tínhamos um espaço grande para brincadeiras. Quando fui crescendo frequentava o samba, sempre gostei de farra.*

Pesquisadora: - *Vamos marcar para terminarmos a entrevista?*

D. Nilda: *Vamos, sim!*

O motorista da D. Nilda chegou e a entrevista teve de ser interrompida. Ela ficou de marcar para retomarmos, mas não foi possível continuar. Acredito que a D. Nilda desistiu por medo de prosseguir. Ainda tenho esperança de voltar a conversar com ela, afinal ela nasceu no Alemão e criou a sua família lá.

Nome: **Joana Barbosa**

Idade: 77 anos

Data: 02/07/2018

Local: Residência da entrevistada – Morro do Alemão - RJ

Duração: 01h07min

Pesquisadora: - *D. Joana, quantos anos a senhora tem?*

D. Joana: - *Vou fazer 77 agora em outubro.*

Pesquisadora: - *Há quantos anos a senhora mora no Morro do Alemão?*

D. Joana: - *Eu acho que na minha cabeça assim, eu cheguei aqui em 1961, vindo de João Pessoa – Paraíba; cheguei com 20 anos, acho que foi. (57 anos no Morro do Alemão).*

Pesquisadora: - *Quantos filhos a senhora teve?*

D. Joana: - *Tive quatro filhos.*

Pesquisadora: - *Todos aqui no Alemão?*

D. Joana: - *Todos aqui no Alemão. Morávamos ali em cima, num barroco de estuque. Tive duas meninas e dois homens, um é o pai de Cristiane.*

Pesquisadora: - *São todos vivos?*

D. Joana: - *Não um morreu com 24 anos. Tem o pai dela (Cristiane) e uma filha casada que mora aqui na Santa Terezinha. Todos moram no Morro do Alemão. Todos nasceram aqui, graças a Deus. O pai dela é que mudou daqui. Essa aqui é a minha caçula, (apontando para Conceição, que ficava atenta à conversa).*

Pesquisadora: - *Quais as vantagens que a senhora vê em viver no Morro do Alemão? Por que a senhora viveu e ainda vive no Alemão?*

D. Joana: - *Eu vivo no Morro do Alemão e sou feliz aqui. E passei cinco anos fora. Três anos em Minas e não gostei. Passei dois anos em Bangu e como pagava aluguel estava me apertando muito e aí meu sobrinho ganhou um apartamento e me deu uma casa que, aliás, foi onde eu deixei ela (Cristiane). A minha vizinha ganhou um apartamento, aí me botou aqui nesse lugar e eu adoro esse lugar.*

Pesquisadora: - *Quando a senhora veio para cá os lotes ainda estavam sendo vendidos pelo antigo proprietário, o Alemão?*

D. Joana: - *Não, quem tomava conta era um povo que se chamava Avelino, a família Avelino era quem tomava conta e aí me vendeu o lote por cinco cruzeiros, naquela época, né? Eles moravam ali na Jaqueira e ainda hoje existe essa tal de Jaqueira. Ele é que mandava, vendia, cobrava os aluguéis e o barraco do meu marido e do meu cunhado, que era também meu primo. Eram cinco cruzeiros esses barracos e não tinham luz.*

Pesquisadora: - *E vocês vieram de onde, de qual estado?*

D. Joana: - *Vimos de João Pessoa na Paraíba e eu com vinte anos.*

Pesquisadora: - *E a senhora veio com o seu marido de João Pessoa.*

D. Joana: - *Não. O meu marido já estava aqui há muitos anos. Eu vim na intenção de trabalhar, mas aconteceu de eu ficar com ele, casei com ele, graças a Deus e fui levando a minha vida, né?*

Pesquisadora: - *Quando a senhora saiu do Alemão e foi morar em Minas Gerais e depois Bangu, a senhora já estava casada com ele?*

D. Joana: - *Já era viúva já. Fiquei viúva muito cedo. Minha filha mudou para Minas e então botou na cabeça que eu tinha que ir também. Meu genro vendeu minha casa, mas eu não me dei lá no ambiente. Aí na volta, fiquei primeiro em Bangu, perto do meu filho, mas pagando aluguel já não dava, ficava muito grosso, ganhando pouco e ele também. Aí foi o tempo que meu sobrinho me deu essa casa lá em cima (do Morro). Fiquei morando lá. E depois minha vizinha me deu essa e então passei a outra casa para ela (Cristiane), graças a Deus. Eu adoro esse lugar!*

Pesquisadora: - *Antes a senhora morava lá com a Cristiane?*

D. Joana: - *É, morava lá perto da Cristiane. O barraquinho dela era ruinzinho, coitadinha e foi uma bênção meu sobrinho ter arrumado um apartamento e ter me jogado lá, porque ela com os filhos dela, chovia, eu ficava... vou dizer uma coisa para você, eu tenho essa idade, mas eu esquento muito com minha família! Peço muito a Deus para viver porque o que eu puder fazer, eu faço. Eu quero todo mundo junto. Acho que é por isso que eu sou feliz! Ainda agora, eu estava conversando ali sobre o meu sobrinho aí da frente (pausa), a senhora é crente? Não, né? Escute mesmo assim. Ele tem um bendito de um cachorro. Ontem eu com a minha sobrinha, descobri que o cachorro está morrendo à mingua debaixo do porão. Aquilo é uma vida. Aí eu me juntei com a minha sobrinha ali, peguei um cano, botei dentro de uma vasilha, peguei uma caneca d'água, para jogar e cair lá para o cachorro beber. Ela devagarzinho botou comida para o cachorro e hoje eu liguei para a mãe dele e disse: "Olha eu me admiro, teu filho não tirar exemplo da mãe, fazendo o que ele está fazendo na casa dele, eu não aceito!!" É um bicho, mas um bicho é uma vida. Ele é meu sobrinho, é sobrinho de um primo meu, mas todos nessa família me consideram como tia e irmã. Vieram também do nordeste. A minha família já está toda aqui! Foi vindo, foi vindo, foi vindo porque a família mora lá, só Deus é que sabe... e aí os filhos vão vindo e depois vão trazendo, fica melhor para dar de comida para seus pais aqui. Já morreu meu pai, que era meu pai de criação e a minha mãe de leite. Vieram todos, todos!*

Pesquisadora: - *E o seu marido, trabalhava em que?*

D. Joana: - *Ele era pedreiro. Quando eu vim para cá, ele já trabalhava de pedreiro, com obra.*

Pesquisadora: - *E a senhora, trabalhava com o que?*

D. Joana: - *No começo, eu trabalhava em casa. Carregava água, fazia compra porque aqui não tinha nada. Aqui você botava um pé o outro já escorregava quando chovia. Caramba!! Assim mesmo eu saía correndo para buscar água para não dar água de chuva para eles beberem. Botava uma lata na cabeça e eles diziam: “Mãe você é maluca?” Não, vocês não vão tomar água da chuva, não. Eu botava uma lata só para eles beberem. Tinha um filtro de barro e então eu juntava a água da chuva para cozinhar, tomar banho, lavar roupa e quando não chovia aí então tinha que pegar água lá na rua. Nunca peguei um pano molhado, fedorento a xixi para botar nas minhas crianças.*

Pesquisadora: - *E era bastante longe para pegar água! Era no ponto do moto táxi de hoje.*

D. Joana: - *Sim. Era longe, no moto táxi, no bombeiro. Muito longe. Quando estavam construindo esses prédios ali (Conjunto habitacional da Rua Delfim Carlos em Olaria), eu já estava aqui. Isso aqui tudo era uma mata, aquela vagem e eu dizia meu Deus parecia que eu estava na Paraíba. Quando os prédios foram feitos eu já estava aqui. Aqueles prédios ali da invernoada. Não tinha nada ali não, só tinha só umas casinhas dos policiais que foram colocadas a baixo. Isso tudo há muitos anos, muitos anos. Vi fazerem a fundação, os caminhões de pedras porque aquilo tudo ali era água. Meu irmão era vigia de lá da obra e eu pegava água lá. Em todo canto eu pegava água.*

Pesquisadora: - *E depois que o seu marido morreu a senhora ficou com a pensão dele?*

D. Joana: - *Fiquei, mas naquela época era muito pouquinho, aí então eu comecei a trabalhar em casa de família. Depois que ele morreu, eu fui trabalhar, graças a Deus. Como eu ia viver e sustentar quatro filhos? E essa daqui (Conceição) não andava e somente com cinco anos é que ela operou; tem até a cicatriz na perna, tudo para ela conseguir andar. Eu lutei muito para deixar ela assim, do jeito que ela está hoje. E não me arrependo, eu consegui.*

Pesquisadora: - *E ela é muito bonita mesmo! E a senhora, estudou até que série?*

D. Joana: - *Lá no norte, eu nem lembro mais... mas aí foi o tempo que eu fui trabalhar na casa de família, porque lá no norte com 10, 11 anos, a gente já saía para trabalhar na casa de família, eu não tinha ninguém por mim. Quando eu estudei melhor foi quando eu trabalhava de dia e estudava à noite. Eu de menor, o povo me adorava e eu estudava de noite. Naquele tempo acho que era a segunda série. Estudou e sabia ler, já estava bom!*

Pesquisadora: - *A senhora estudou mais ou menos até a quarta série? Uns quatro anos?*

D. Joana: - *Sim. Mais ou menos isso. Eu ficava olhando as garotas e toda vida as garotas foram fáceis, entendeu? Não eram como hoje porque os pais sempre prendiam, mas então hoje, elas vão para o baile do galo, da galinha, está tudo liberado.*

Pesquisadora: - *E o seu marido estudou até que série?*

D. Joana: - *Ele não queria saber de nada. Nunca estudou. Mas ele era assim: eu pegava uns papeizinhos quando ele estava parado, eu anotava num papel ele ia procurar emprego. Ele não sabia de nada. Nem ler, nem escrever. Ele sabia contar, tudo era com ele. Não frequentou a escola, mas tinha uma boa cabeça.*

Pesquisadora: - *E as crianças, estudaram em quais escolas?*

D. Joana: - *Os dois mais velhos estudaram na Escola Municipal Chile, aquela da Praça (Praça Belmonte) que antigamente tinha uma passagem por baixo e a gente tinha até medo das crianças caírem naquele canal. Hoje é uma bênção. A Conceição, como era em escola especial, estudou perto da Escola de Samba Imperatriz, na Escola Municipal Professor Alfredo Ribeiro e depois ela foi estudar lá em Ramos, mas do outro lado e parou porque ficou muito longe e era difícil para eu levar, buscar e chegava do trabalho, cansada e aí não tinha condição. Então ela parou. Assim mesmo ela escreve tudo; os documentos dela foram todos tirados por ela.*

Pesquisadora: - *Mas ela terminou o ensino fundamental?*

D. Joana: - *Não, não. Ela foi até a quinta série.*

Pesquisadora: - *E os outros?*

D. Joana: - *Eles estudaram direitinho depois se enjoaram e todo mundo saiu! A Lourdes saiu para toma conta deles (crianças). Antes eles (os mais velhos Augusto e Lourdes) quando vinham da escola era assim: Lourdes ia para escola e Augusto ficava com os outros. Quando Augusto ia para a escola, Lourdes ficava tomando conta dos irmãos. Se revezavam. Entendeu?*

Pesquisadora: - *Quem era o mais velho?*

D. Joana: - *Augusto é o mais velho. O pai da Cristiane é o Augusto. Pedro foi o que morreu?*

Pesquisadora: - *Lourdes também foi transferida para o Clovis (Escola Municipal Clóvis Beviláqua), mas saiu para tomar conta dos irmãos. Eles também estudaram na Escola Municipal João Barbalho. O Pedro morreu cedo com 24 anos.*

D. Joana: - *Nenhum deles fez o segundo grau. Tiveram que sair da escola para olhar os irmãos e trabalhar. Lourdes também casou cedo, foi cuidar do marido, foi para lá para o cantinho dela. Ela passou um tempo em Minas, mas voltou, já está aqui. Lá também não dava não!*

Pesquisadora: - *Então, agora estão todos aqui?*

D. Joana: - *Agora estão todos aqui, graças a Deus!*

Pesquisadora: - *E o que as crianças faziam quando eram pequenas para brincar, tinham alguma atividade? Existia alguma outra atividade aqui no alto do Morro? Numa época colocaram uma escolinha do SENAI lá perto da Rua Conselheiro Ribas!*

D. Joana: - *Não, na época que meus filhos estudavam aqui nunca teve ajuda para as crianças. Eles iam para a escola, voltavam para casa para tomar conta dos outros e eu, toda vida fui uma mãe coruja. Eu vinha, dava banho, forrava um pano lá no chão e botava todo mundo para deitar. O mais danadinho era o pai dela (Cristiane) que dizia: “mãe, eu vou nos meus amigos”, que era aqui, o garoto daqui vizinho. Ele brincava, via televisão. A primeira pessoa que comprou televisão nesse Morro foi ele, esse senhor que morava aqui nessa casa e era preto e branco e também um rapaz lá na Jaqueira. Mas ele (filho) ficava dentro de casa. Ele vinha para cá para ver televisão. Na casa do Seu Antônio.*

Pesquisadora: - *E nessa época aconteciam festas aqui em cima do Morro?*

D. Joana: - *Tinha sim, divertimento aqui. Eu alcancei muita festa lá no campo. Era o time de futebol com os jogadores. A dona da Associação era responsável pelas festinhas, juntava todo mundo, comprávamos frutas, fazia sopa e muitas coisas. A única, que eu lembro que fazia alguma coisa pelas crianças naquela época era ela que se chamava Rita, mas os outros nada faziam. Tinha também o Beto lá de baixo que ajudava muito as crianças. Trazia roupas, feijão, essas coisas, cobertor para esse povo. Quando fizeram isso eu não estava nem aqui no Morro e quando eu cheguei, o pessoal me falou.*

Pesquisadora: - *E as crianças na época, ajudavam os adultos? Eu soube de histórias ótimas das crianças ajudando na construção dos barracos aqui do Alemão.*

D. Joana: - *Sim. Sempre ajudavam. Uma pegava uns tijolos, a outra pegava uma latinha de areia e ia juntando, juntando e então quando dava dez, trinta tijolinhos, o povo dava aquelas pratinhas e eles corriam tão felizes para comprar pipa e sacolé. Era sacolé e pipa! Pegavam os carrinhos, meu filho e os outros meninos daqui, faziam carrinhos de tábuas e iam fazer frete na feira, aquelas madames ou aquelas mulheres que faziam compra e chegavam até no pé do Morro! Hoje a gente não vê essa garotada fazer isso, não vê não! Antigamente aquela era uma garotada trabalhadora, mas também o pai e a mãe botavam ali e hoje... Agora tem bolsa família, ninguém quer mais carregar um tijolo. Noutro dia eu vinha com duas bolsas e aí pedi para um menino para trazer e ele disse: “eu mesmo que não vou não”.*

Pesquisadora: - *Então os meninos viam o trabalho como diversão?*

D. Joana: - *Sim! Eles faziam aqueles carrinhos de tábua e iam todos na sexta-feira para a*

feira, numa alegria! Era, era...

Pesquisadora: - *E as festas? E as festas juninas não aconteciam?*

D. Joana: - *Tinham as festas juninas. O rapaz que ainda hoje trabalha aqui botando água, o abridor de água para gente aqui em cima, era o rapaz que fazia a festa junina. Ali em cima tinha um botequim, um barzinho e era lá que ele fazia.*

Pesquisadora: - *E o que é essa história de “abrir a água”? A água aqui em cima não vem diretamente para vocês?*

D. Joana: - *Ele é quem abre a água para chegar aqui. Hoje mesmo eu já lavei roupa com a água que caiu.*

Pesquisadora: - *E as meninas faziam o que? Brincavam de que?*

D. Joana: - *As meninas ajudavam bastante. Traziam as latinhas com água lá de baixo. Ajudavam o pai. E brincavam de boneca, mas dentro de casa.*

Pesquisadora: - *Então nenhum dos seus quatro filhos chegou ao ensino médio, somente no fundamental?*

D. Joana: - *Sim. Eles ficavam em casa, brincando e tomando conta uns dos outros, porque antigamente, eu não podia levar filho para o trabalho, né? O pai tinha vontade de levar o mais velho para trabalhar, mas não podia e aí ficavam em casa. Graças a Deus, deu para levar a vida!*

Pesquisadora: - *E eles começaram a trabalhar cedo?*

D. Joana: - *Cedo! Começaram a trabalhar cedo para ajudar. O primeiro a trabalhar foi o pai de Cristine. Aqui não tinha nada para estimular as crianças. Não tinha nem posto de saúde perto. Nós íamos para Ramos à pé! Juntávamos eu com os meninos aqui, minha irmã com filhos dela e a rua todinha fazia um mutirão e íamos todos para o médico lá Praia de Ramos, íamos à pé e voltávamos à pé.*

Pesquisadora: - *Tinha uns carros pretos, que chamavam de “baratinhas” que iam da Estação de Ramos até o Posto da Praia de Ramos do outro lado da Av. Brasil.*

D. Joana: - *Mas cadê o dinheiro para gente pagar? Ninguém tinha não (risos). Tínhamos que ir andando. Ia todo munda à pé para tomar vacina, onde hoje é o Piscinão de Ramos. Juntavam um monte de crianças e era uma confusão na hora de atravessar a rua. A vida era puxada!!!*

Pesquisadora: - *E aqui em cima era muito mato mesmo?*

D. Joana: - *Era! Quando eu cheguei aqui só tinha um barraquinho aqui, outro lá em cima onde ainda mora o Beto e o meu que também era lá em cima um barraquinho de estuque. Ali onde tem a igreja, morava D. Joana que era crente, e os poderosos que tomavam conta da*

terra e diziam que era deles. Já morreram todos. Parece que só tem um familiar deles que mora ali embaixo, duas sobrinhas, mas os que moravam por aqui se acabaram todos.

Pesquisadora: - *E as crianças nem depois de grandes quiseram estudar à noite?*

D. Joana: - *Quiseram nada! Quiseram não! Depois que começaram a trabalhar, não quiseram mais.*

Pesquisadora: - *E o que os seus filhos fazem hoje. Em que eles trabalham?*

D. Joana: - *Meu filho trabalha de pedreiro e Lourdes é do lar.*

Pesquisadora: - *E o seu filho aprendeu a profissão de pedreiro com o pai?*

D. Joana: - *Não; ele não aprendeu com o pai. O pai morreu. Ele aprendeu sabe com quem? Com o padrinho dela (Cristiane), o sogro da minha filha. Você acredita nisso? Aprendeu a bulir com luz, com elétrica, tudo com o sogro da minha filha. Quando Cristiane nasceu, Augusto sempre foi muito parado então eu arrumei esse casal para padrinhos dela e foi com quem ele aprendeu a fazer as coisas. Parece até uma mentira, né? Esse senhor faz de tudo, serviço de carpintaria, obra e o meu filho faz também de tudo, não é Cris? Bota piso, pinta parede e aprendeu com esse coroa, que adorava ele. Acho que ninguém tem raiva daquela criatura, não. Do pai dela. É do bem. Assim como a Lourdes que também é uma pessoa que ninguém tem raiva. Tudo é brincadeira e vai levando a vida dela e vamos indo.*

Pesquisadora: - *A Lourdes nunca trabalhou fora não?*

D. Joana: - *Não. Casou muito novinha e o marido nunca quis. Ele também aprendeu com o pai. É carpinteiro. O meu genro entende de tudo numa obra. O pai, ele com 10, 12 anos já levava par trabalhar. O pai trabalhava de carpinteiro numa escola grande ali em Ramos, que hoje está acabada. Não era o Pio XI (Instituto Pio XI). Eu também já havia trabalhado lá na limpeza. Acho que morreu todo mundo de lá. No ano retrasado estavam distribuindo cesta básica e eu peguei uma lá.*

Pesquisadora: - *E carnaval? As crianças brincavam carnaval?*

D. Joana: - *Eles não iam brincar, não. Eu levava eles para ver no Clube Dezoito (Olaria). Eu pegava eles três, Augusto, Lourdes e Pedro e levava para ver a matinê.*

Pesquisadora: - *E o Clube Paranhos que é mais próximo?*

D. Joana: - *Não existia. O Dezoito é mais antigo que o Clube Paranhos.*

Pesquisadora: - *As marchas de Sete de Setembro?*

D. Joana: - *Naquele tempo tinha os desfiles das escolinhas, hoje é que não tem mais. Tinha desfile na Rua Uranos e eles iam.*

Pesquisadora: - *E a alimentação? Era difícil alimentar toda a família?*

D. Joana: - *Olha, eu acho que hoje está mais difícil. Hoje para quem não tem cabeça, tá*

pior. Na época do meu marido, ganhávamos pouco, mas as mercadorias eram mais baratas. Você comprava um frango e não era por peso, era por unidade. Chegava nas Casas da Banha e no Merci (supermercados da época), você chegava lá, pegava aquele frango que era vendido por unidade. Hoje é um franguinho deste tamanho, e você manda pesar.

Pesquisadora: - E o seu marido? Como era a convivência com as crianças?

D. Joana: - Ele era trabalhador, mas bebia muito e maltratava os meninos. Ele pegava os meninos, mas eu tentava chegar na frente e tirava todo mundo de perto dele. Às vezes, à noite todinha, eles não dormiam. Ele escondia as comidas dentro do fogão e não deixava eu dar de comida aos meus filhos. Não deixava acenderem uma luz, nós usávamos vela, né? Porque não tínhamos luz. E então depois, eu abria a porta da cozinha, acendia uma vela, pegava um pratinho de comida – eu não gosto nem de lembrar (chorou com essa lembrança). Ele me jogava para dormir do lado de fora e fechava as portas. Eu me escondia no banheiro, que era no quintal. Augusto pulava a janela e me levava um lençol e ele dizia ao menino: “fica aí com a tua safada!”. Meu filho também sofreu junto comigo, era o mais velho.

Pesquisadora: - E seu marido, morreu como?

D. Joana: - Um dia ele chegou e colocou as minhas roupas todas do lado fora de casa. Nesse domingo, ele não estava bêbado não, menina! Era sem-vergonhice mesmo do safado. A Lourdes foi e disse assim: “Oh mãe, meu pai tirou suas roupas todas do guarda vestido e jogou tudo lá na frente”. Ele jogou tudo, registros, os documentos todos jogados e eu fiquei olhando assim e naquela época tinha aquela bacias grandes de alumínio para lavar roupa e então eu peguei tudo enchi a bacia com tudo e a Conceição, tinha uns três anos e nem andava. Aí eu me sentei e fiquei olhando e pensando: nessa casa eu não durmo mais. Fiquei com aquilo na minha cabeça. Oh minha N. S. da Penha para onde eu vou com meus filhos? Aí mandei: escolham seu pai! Mas ninguém quis. Então, tinha uma coroa que morava aqui e até já morreu, ela tinha um barraquinho de tábuas e quando ela soube o que ele tinha feito comigo, ela me chamou para lá. Ficamos morando com ela, mas não tinha nem um canto para dormir, não tinha cama, não tinha nada, era um barraquinho velho. Era aqui onde fizeram essas casas. Eu fiquei lá pensando na vida, com fome, sem ter um leite para fazer, sem nada para comer. Aí um vizinho chegou e disse: “Oh, D. Joana, tem uma moça que está dando um sofá. Ela está perguntando se a senhora conhece uma pessoa que queira.” Eu quero eu disse. E uns rapazes todos desceram para buscar para mim e outra vizinha trouxe um fogão duas bocas e eu botei lá o fogão. No outro dia fui trabalhar e deixei a Lourdes lá cuidando das coisas. E então, ela trouxe um botijão de gás que toda vida eu tive dois, um ligado e outro cheio; e o Augusto pegou e quando o pai chegou em casa começou a gritar:

“quem foi o ladrão que me roubou aqui?!” Então a minha vizinha falou com ele: “fui eu que abri a porta, entrei aí e tirei o botijão para Joana fazer comida para as crianças”. Então ele acalmou, mas no outro dia, ele abriu a janela e botou tudo abaixo: o fogão, as comidas e entornou tudo, aquele pouquinho de feijão, tudo foi jogado fora. Então, o Sergio, que era garoto, me chamou para dar parte dele, mas eu não quis, disse não vamos dar parte (polícia) dele não: amanhã eu arrumo tudo de novo e dou para os meus filhos. E eu ia trabalhar e comprava o que dava: era pé de galinha, pescoço de galinha, garganta de porco, fazia aquela comidinha. Quando era no sábado, minha filha dizia: “Augusto, hoje tem carne” e era o pescocinho da galinha e eu morria de rir. A vida era muito dura! Tinha vezes em que eu na minha irmã e meu irmão criava muita galinha, aqui mesmo no Alemão, lá em cima. Então eu trazia aquelas bandejas de ovo e eles escolhiam. Botava para um, botava para o outro. Quando tinha mais, eu botava dois, eles escolhiam.

Pesquisadora: - E o seu marido deixou a senhora ficar lá, no barraquinho?

D. Joana: - Ele ficou morando na minha casa e ficava enchendo o meu saco no barraquinho e dizia: “Olha, eu vou vender a casa e vou-me embora. Tá pensando que vou deixar a casa para você botar homem aqui dentro?” Mas graças a Deus, ele foi embora para o norte e morreu para lá, um ano depois. E então, eu conheci uma pessoa que me ajudou muito. Eles (os filhos) sabem como ele foi bom amigo, cuidou dos meus filhos, nunca deixou faltar comida para eles, graças a Deus. Pagou aluguel para mim na rua, fora do Morro, para eu cuidar da Conceição, que não andava. Depois comprou um barraco lá em cima e o meu filho construiu a casa, que depois eu vendi. Ele foi um padrasto muito bom para as crianças.

Pesquisadora: - E do seu marido, a senhora nem soube dele no norte?

D. Joana: - Quando eu soube que ele havia morrido, já fazia uns quinze dias. Quando o José (o padrasto) assumiu a gente, as crianças eram pequenas. A Conceição tinha uns quatro anos, Augusto tinha onze, Pedro tinha uns seis anos e Lourdes 10. A Lourdes considerava mais ele que o pai.

Pesquisadora: - O José trabalha em que?

D. Joana: - Ele era porteiro.

Pesquisadora: - E onde está José?

D. Joana: - José foi embora. Eu mandei José embora no dia que Conceição estava fazendo dezoito anos. Noutro dia ele esteve aí querendo voltar, mas eu disse que não queria mais ele não. Não quero mais ninguém. Agora é só eu, meus filhos, meus netos e pronto. José foi melhor para mim que o meu marido, aquele traste que bebia e vinha me perturbar. José bebia, mas quando bebia ficava melhor!

Pesquisadora: - *E o que fez a senhora desgostar do José?*

D. Joana: - *Não sei. Deu um negócio na minha cabeça e mandei ele ir embora. Meu neto tinha um aninho e hoje já tem vinte três, então, olha como já tem tempo... E não quis mais saber de ninguém não. Mas ele foi maravilhoso.*

Pesquisadora: - *Então ele comprou a casa onde Cris mora hoje?*

D. Joana: - *Não, essa casa, eu comprei quando eu já estava sozinha. Ele primeiro alugou lá na Rua Santa Terezinha, fora do Morro e depois ele comprou o barraco, “o ninho de amor”, lá o alto do Morro, onde eu fui muito feliz! Tem gente que diz que quem não tem sorte com o primeiro marido, também não tem sorte com o segundo. Caramba, isso é um engano; a gente é que pensa essa bobeira. Não é assim não! Eu falo isso para elas verem. E olha que era um amor de visita, pois ele tinha família e não estava direto com a gente. Lavar cuequinha, não! Enjoei depois de dezoito anos morando com ele, mas amava ele de verdade. Nem pelo meu marido eu tive a paixão que eu tive por José. Com o José eu me divertir bastante. Conheci tantos lugares bonitos. O meu marido só queria beber, carregar água para casa, fazer compra e só, era a obrigação. A mulher era fogão e lata d'água na cabeça. Graças a Deus, hoje tem tudo aqui em cima, não precisa mais disso, mas antigamente era fogo. Ele não ensinava nada, nada, nada para os meninos e se não fosse eu que estava em cima ali, meu Deus, por ele, as crianças não sabiam nem escrever o nome. E ele jurava: “Oh, a Lourdes está crescendo, se ela arrumar um macho antes de eu morrer, eu mato tu e mato ela!” É a ignorância, né? E você vai ver filho crescer nada! Eu vou me separar de você! E quando Lourdes começou a namorar, graças a Deus, ele já estava longe.*

Pesquisadora: - *Que lugar aqui do Alemão que a senhora considera importante e está na sua memória, aquele que a senhora lembra com carinho?*

D. Joana: - *Aqui no Morro do Alemão tem tanta coisa boa, mas um lugar que adorava, adorava era o Botequim da Antônia, que também morava lá em cima no barraco, ela tem um botequinzinho ali e ficava aberto vinte e quatro horas. Ficava eu, meu genro, minha filha, às vezes meu filho e minha nora, comendo um bifinho com cervejinha. Hoje não dá para fazer isso mais não. E ela falava: “Oh, Joana, é só para vocês que eu faço isso”!*

Pesquisadora: - *E do samba da Imperatriz, a senhora nunca frequentou?*

D. Joana: - *Não, nunca gostei de ir ao samba. O meu divertimento era assim, depois que fiquei com o José era mais dentro de casa. Na folga dele, gostava de fazer aquele panelão, era churrasco, comprava cerveja, ele gostava muito. Lá no barraquinho de estuque, lá em cima, todo sábado eu botava um forro na minha casa e o povo já botava o apelido de “Bar da Jacutinga”! Era eu, minha irmã, uma cunhada e cinco vizinhas que eu tinha. Era a noite*

todinha. Nós dançávamos, brincávamos e nunca ninguém chegou para reclamar. Todos os vizinhos dançavam. Os meus colegas antigos, que já até morreram, traziam bebidas e colocavam na minha geladeira velha, amarrada com barbante. As crianças já grandinhas também ficavam lá tomando guaraná e brincando com outras crianças das vizinhas e minhas sobrinhas. Você não via um homem daqueles chamar um palavrão. Hoje em dia, bebe e já perde o respeito. Antigamente era bom demais. Eu bebia pouco porque tinha que olhar as crianças e era a minha casa, né?

Pesquisadora: - *Então todos gostavam do bar da Jacutinga?*

D. Joana: - *No domingo, só ficavam as pessoas de casa e então eu falava: Bora Filomena, (a nora) agora é nós! Cristiane, vai ali comprar um dorflex e ela dizia: “dorflex, vó?”, sim, uma skol, garota (gargalhadas)! A casa tinha um tampão na frente e nós sentávamos ali e era muito bom para mim e continua sendo, estamos todos com saúde, e é o que importa.*

Pesquisadora: - *E os seus netos, alguém fez faculdade?*

D. Joana: - *Que faculdade que nada! A faculdade de Cristiane foi o filho, o primeiro filho! Um dia eu cheguei na casa de Augusto, eu não esqueço disso nunca. Lourdes, sempre foi muito cuidadosa com as coisas, então ela colocou um telefone lá em casa, caso eu precisasse de alguma coisa. Um dia Conceição ligou para mim e disse: “Mãe, Cristiane está aqui! Eu acho que ela está buchuda”. Deixa eu chegar em casa que resolvo isso. Quando eu cheguei ela disse que o pai não queria ela e eu falei: como é? Não quer você? Pega as suas coisas e vamos embora. Cheguei lá e fui falando: Como é que é Augusto? Porque aconteceu isso com a sua filha você vai jogar ela na rua. Se um dia acontecesse isso com uma filha minha, eu não ia jogar ela na rua, não. Não estou certa? Quanto aconteceu isso com a Lourdes, os meus patrões falaram: “D. Joana, e a Lourdes, Tá com ele?” Botei ela nos braços dele. Ele comeu que tome conta! Assim vai ser com ela. Você tem que chamar ele e falar. Então vieram os pais do rapaz e falamos é assim e assim, você agora vai tomar conta da minha neta, falei. Quando aconteceu com a Lourdes, eu falei a mesma coisa. Da minha filha, você vai tomar conta. Agora é responsabilidade sua. E eu só descobri que a Lourdes estava namorando porque a Conceição falou. E ele tomou conta, tá besta, rapaz? Se depois não der certo, então é outra coisa. E agora, ele se separou dela (Lourdes), vai com Deus e a Virgem Maria, mas deixou a casa boa para ela. Ela tem dois filhos que moram com ela. O filho agora está trabalhando e vão levando a vida.*

Pesquisadora: - *Então ninguém fez faculdade, nem filhos, nem netos? Os bisnetos ainda são pequenos.*

D. Joana: - *Quem sabe eu não vou ter esse orgulho com os bisnetos. Mas ninguém fez até*

agora. O pai lutou, lutou muito para o filho da Lourdes fazer a faculdade quando vieram de Minas, ele terminou o curso (ensino médio) aqui, mas ele nunca quis seguir nos estudos. Agora está trabalhando, ajuda em casa, é um dono de casa. Já trabalhou em mercado. Era assim, você quer umas compras e ele anotava e vinha trazer na sua porta. Esse foi o primeiro emprego dele. E tem o dinheirinho que ele ganha lá e gasta lá mesmo e então compra uma carne moída, um peito de frango. Agora ele está fazendo academia que estava muito gordo e disse: “Tá vendo vó, olha como estou ficando magro”! É uma bênção! Eu disse Lourdes teu filho nasceu num dia feliz porque ele é muito bom, não é por ser meu sangue, mas é um bom filho. A Lourdes também fez por merecer. Lá em Minas, os meninos da escola diziam: “olha lá, carioca, lá vem a tua mãe”. Ela chegava lá e resolvia. Na escola, tinha que estudar, lá em Minas fazia muito frio, lá faz frio! Mas ela dizia para ele: “você primeiro vai buscar o pão, tomar o café e descer para a sua escola”. A mesma coisa ela faz com a mais nova de onze anos. Tá com dor de cabeça? Toma dipirona e vai para escola. Ela nunca bateu num filho. Eu também nunca bati nos meus filhos e eu pensava assim: meus filhos já não têm carinho de pai, não tem brinquedo para brincar, para que eu vou bater nos meus filhos? E brigo com Cris (neta) quando ela quer bater nos filhos dela. Eu tô errada? E essa daí (Conceição) vai fazer quarenta anos em novembro, essa é que eu nunca bati mesmo! Era a caçula, e precisando de cuidados especiais. Lembro que um dia que eu saí para tratar dela e até dormi na casa da minha patroa, na R. Major Rego, o meu vizinho falou: “não sei o porquê que D. Joana vai andar com essa menina, ela nunca vai ficar boa”! Pois eu botei ela sentadinha na Associação, voltei e perguntei: o que foi que o senhor falou? Ele disse: “Não D. Joana, tô brincando”. Passou, passou, passou um dia eu fui na Grota, e encontrei com ele na feira e ele olhando para ela disse: “Oh, Lourdinha, como você vai”? Eu olhei bem para cara dele e disse: essa aqui não é Lourdinha, não! Essa aqui é Ceicinha (Conceição), aquela que você falou que nunca ia ficar boa. Olha ela oh! Mas eu andei muito para tratar ela. Os ônibus eram poucos e ninguém dava lugar para sentar. Levava ela na Ortopedia, ao lado da Cruz Vermelha. Era um INPS grande. Botava a minha bolsa aqui e botava ela aqui, porque não ia no colo de ninguém até uma certa altura e quando o povo ia saltando, então eu me sentava. E bem cedinho e tinha que pegar o ônibus do outro lado, o 497, mas não me arrependo não; deu tudo certo.

Pesquisadora: - E a senhora teve seus filhos onde? No hospital ou com a parteira?

D. Joana: - Foi no hospital. Quatro cesárias. Vou te dizer, não tinham muitas parteiras nessa parte aqui não, se te contaram isso é mentira. Tinha lá para trás, a D. Pedrina, ela fez muitos partos sim, mas a maioria tinha filhos no Getúlio Vargas. Os meus foram três no Hospital

Maternidade Fernando Magalhães e a última no Hospital Maternidade Carmela Dutra. Eu pegava água num poço que tinha lá perto da D. Pedrina, para trazer para casa, mas não tive filho com ela. E quanto à escola, nenhum dos filhos fez o segundo grau. Hoje é mais fácil, tem bolsa família, tem sapato, tem roupa de colégio e antigamente não tinha nada disso. O sapato de Augusto que ficava perdido eu passava para Lourdes, que era aquele kichute. Hoje não, as crianças dizem que não querem aquele sapato porque é feio. A mochila ainda serve, mas vai para o lixo porque eles já não querem, mas aí os pais vão e compram novos. E naquele tempo eu não comprava não. Você vai com esse e é com esse! Antigamente, quem disse que uma criança ia para a escola de chinelo? Não ia, não ia, não senhora! Eu me lembro de que uma ocasião o Augusto machucou o pé, coitadinho e foi com um chinelinho, voltou para casa e quando eu cheguei na porta do Colégio ela falou assim: “Olha, mãe, ele não vai vir. Só quando ele puder calçar o sapato. Hoje é meia suja, é sem sapato no pé. Hoje não estuda quem não quer. Antigamente era tudo muito correto. Se as meninas estavam subindo as saias, tinham que descer! Passam crianças na frente com umas blusas que os meus panos de chão são mais limpos. Com água e sabão em casa, essas crianças vão assim para a escola. Hoje todo mundo tem um tanquinho e até máquina. Quem tinha isso antigamente para fazer tudo isso para os filhos? E naquela época a blusa era de um pano bem fininho, secava no ventinho, com botão na frente e bolsinho. Eu adora quando eu arrumava meus filhos tudo direitinho para irem para a escola. Hoje em dia, a gente vê isso aí!

Pesquisadora: - *E Conceição não teve mais como estudar?*

D. Joana: - *Não pude manter a Conceição na escola, porque eu trabalhava numa casa de família no Jardim Botânico, trabalhei lá por onze anos, foi essa família que me ajudou muito no tratamento médico dela. Era muito longe para levar e buscar na escola especial. Meus filhos não me deram trabalho, só quem me deu trabalho foi ela, que teve problema no parto, mas eu lutei, lutei e em nome de Jesus, está ela aí, bem, bonita. Ela já até operou o braço que era mais torto. Se lembra Cristiane, de quando ela operou o braço? Ela chorava muito e então eu tirei o gesso e no dia seguinte levei um carão do médico. “Não mãe, não era para tirar”. E então colocou o gesso de novo. A perna ela já havia operado com cinco anos. Eu trabalhava e Lourdes tomava conta de tudo. Eu tive tanta sorte que um dia ela estava sentadinha numa pedra do lado da sobrinha de Antônio, brincando em cima de uma pedra. Lourdes tirou ela de lá para dar banho e nesse momento veio uma bala e por pouco não acertava ela. Não foi Deus mesmo que salvou ela? Lourdes chegou a passar mal. Quando ela pegou a irmã, a bala veio. A bala acertou de raspão a outra criança que estava ao lado dela, sentada na pedra. Mas ficou bem, já é casada hoje. Quando eu estava grávida de Conceição,*

olhe só, família sempre se mete: “ah, que ninguém faz quatro cesárias” e aí eu dizia: gente cala a boca, a gente só chora quando vê o cara dentro do caixão! E então, eu fui na Igreja N.S. da Conceição e fiz um pedido: Se a minha filha nascesse normal e eu vencesse essa quarta cesária porque eu tinha três filhos para dar conta, eu colocaria o nome dela de Conceição. Aí então veio. Ela teve problema, mas eu venci e coloquei o nome de Conceição. Eu agradeço muito a Deus, pela vida, por acordar todos os dias.